



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

JOSÉ CLOVIS DOS SANTOS

**LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO
PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO**

MAMANGUAPE – PB

2024

JOSÉ CLOVIS DOS SANTOS

**LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO
PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, em conformidade com a área de concentração Linguagens e Letramento e com a linha de pesquisa Estudos Literários, do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

Orientador: Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas

MAMANGUAPE - PB

2024

Catálogo na publicação Seção de catalogação e Classificação

S2371 Santos, José Clovis Dos.

Literatura de cordel na escola : uma proposta de mediação para a formação de leitores em turmas do 8º ano / José Clovis Dos Santos. - Mamanguape, 2024.
228 f. : il.

Orientação: Sávio Roberto Fonseca de Freitas.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEE.

1. Letramento literário. 2. Literatura popular. 3. Cordel. 4. Formação do leitor. I. Freitas, Sávio Roberto Fonseca de. II. Título.

UFPB/CCAEE

CDU 37:82

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ CLOVIS DOS SANTOS

**LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO
PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO**

Pesquisa apresentada à Universidade Federal da Paraíba – UFPB, no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas.

Orientador – PROFLETRAS/UFPB



Prof.º Drª Luana Francisleyde Pessoa de Farias (UFPB)



Prof.º Dr.º José Veranildo Lopes da Costa Junior (UFPB)

MAMANGUAPE-PB

Dedico esta conquista acadêmica a DEUS, que sendo meu refúgio e fortaleza, inspirou-me a construção deste feito; e a meu PAI (*in memoriam*), com quem aprendi a ser o que sou, e quem sempre me há de ser um exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta árdua caminhada, contratempos e imprevistos aconteceram, mas a vontade de vencer me fez forte e firme no propósito que me foi dado. Por isso, em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida e a habilidade de escrita, porque neste tempo, Ele me fez maravilhas e me inspirou a cumprir a missão que me foi confiada. A Ele toda a honra, toda a glória e todo o louvor!

Aos meus pais que sabiamente souberam respeitar minhas escolhas profissionais, sempre me proporcionaram o dom de cultivar o que Deus me deu de mais digno e gratificante: a sabedoria. A eles meu respeito e minhas sinceras desculpas por, às vezes, fazer-me ausente em alguns momentos das suas vidas.

Aos meus alunos (as) do 8º ano, da escola Dr. Flávio Maroja Filho, que me inspiraram e me ajudaram a realizar o que antes era apenas um sonho, meus mais sinceros agradecimentos.

Aos amigos e amigas da Turma 08, pelo companheirismo, cumplicidade, apoio e inspiração durante todo este tempo de caminhada, meu respeito e confiança.

Aos nossos doutores (as): professores e professoras do PROFLETRAS-UFPB, Campus IV, que, com muita maestria, paciência e sabedoria, souberam nos guiar ao longo de todo o curso. e, de modo muito especial, ao meu orientador - Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas - por sua preciosa orientação. A estes, meus sinceros votos de aplausos.

Por fim, aos colegas de profissão, amigos (as) e demais colaboradores que me proporcionaram instantes de inspiração e se dispuseram a partilhar comigo deste momento tão ímpar e tão gratificante.

Imagem 1: Desenho do estudante PG



Fonte: Arquivo do pesquisador (2023)

Abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância. Porém, há que se pensar de que modo efetivá-la tendo em vista a formação de leitores.

(Marinho; Pinheiro, 2012, p.13).

RESUMO

Diante da problemática do ensino de leitura na educação básica (anos finais) e das dificuldades do professor frente às limitações do livro didático no que diz respeito ao ensino da literatura, como também do fraco desempenho dos alunos na aula dessa disciplina, a presente pesquisa se situa no campo das investigações sobre formação do leitor através da literatura de cordel. Tem por objetivo geral promover a formação de leitores em turmas de 8º ano do ensino fundamental, por meio do letramento literário, a partir do cordel paraibano de Leandro Gomes de Barros. A metodologia utilizada é da pesquisa de campo, de natureza qualitativa, de caráter explicativo e intervencionista, com vistas a proporcionar aos discentes outras possibilidades de ensino da literatura no ensino fundamental. Desse modo, foi realizada uma pesquisa-ação, cujos dados foram coletados através de dois questionários aplicados com os integrantes da pesquisa, os quais foram posteriormente analisados sob critérios qualitativos, e da observação participante como forma de identificar como esses sujeitos lidam com o texto literário na aula de literatura. Para comprovar ou refutar o sucesso do método adotado, foi elaborada uma sequência didática básica de leitura, seguindo as orientações de Rildo Cosson (2021), tomando como referência o cordel História de Juvenal e o Dragão para promover o letramento literário dos alunos de uma escola pública municipal na cidade de Santa Rita - PB. Para este fim, a pesquisa foi subsidiada pelas contribuições de Antonio Cândido (2004), Santos (2016), Maia (2007) e a BNCC (2018) sobre Literatura e ensino; Pinheiro (2004) sobre Pesquisa em literatura; Marinho e Pinheiro (2012) e Negreiros (2016), a respeito da Literatura de cordel; Yala (1995), referente à Cultura popular; Bragatto e Lajolo (1995), Foucambert e Martins (1994), Silva (2006) e os PCN (1998), sobre Leitura e formação de leitores; Kleiman (1995) e Freire (2002) sobre Letramento; Cosson (2021), Antonio Candido (2014), Zappone (2008) e Zilberman (1997) referente ao Letramento literário, além de outros estudiosos da temática citados na presente pesquisa. Quanto ao método de análise dos dados obtidos, foi utilizado o proposto por Bardin (1977), que auxiliou na compreensão da realidade pesquisada. Os resultados obtidos foram significativos, pois houve avanços na sala de aula - maior assiduidade, interesse e participação dos alunos nas atividades de leitura e de produção de textos, com destaque para as habilidades de escuta, fala e escrita. Ficou constatado que explorar as potencialidades do cordel atreladas a práticas sociais de letramento constitui um meio interessante e eficaz para promover o letramento literário na aula de literatura. Como consequência disso, o professor pesquisador também consegue ter uma atitude mais reflexiva e crítica sobre a própria prática docente e se sente motivado para buscar caminhos que o ajudem a aperfeiçoar seu trabalho pedagógico de forma a participar mais efetivamente do processo de emancipação dos alunos.

Palavras-chave: Letramento literário. Literatura Popular. Cordel. Formação do Leitor.

ABSTRACT

Given the problem of teaching reading in basic education (final years) and the teacher's difficulties faced with the limitations of the textbook with regard to teaching literature, as well as the poor performance of students in the class of this subject, the present research is situated in the field of investigations into reader formation through cordel literature. Its general objective is to promote the formation of readers in 8th grade classes of elementary school, through literary literacy, based on the Cordel Paraibano by Leandro Gomes de Barros. The methodology used is field research, qualitative in nature, explanatory and interventionist in nature, with a view to providing students with other possibilities for teaching literature in elementary school. In this way, an action research was carried out, whose data were collected through two questionnaires applied to the research participants, which were later analyzed using qualitative criteria, and participant observation as a way of identifying how these subjects deal with the literary text in literature class. To prove or refute the success of the method adopted, a basic didactic reading sequence was created, following the guidelines of Rildo Cosson (2021), taking as a reference the cordel *História de Juvenal e o Dragão* to promote the literary literacy of students at a school municipal public service in the city of Santa Rita - PB. To this end, the research was supported by the contributions of Antonio Cândido (2004), Santos (2016), Maia (2007) and BNCC (2018) on Literature and teaching; Pinheiro (2004) on Literature research; Marinho and Pinheiro (2012) and Negreiros (2016), regarding Cordel Literature; Yala (1995), referring to popular culture; Bragatto and Lajolo (1995), Foucambert and Martins (1994), Silva (2006) and the PCN (1998), on Reading and reader training; Kleiman (1995) and Freire (2002) on Literacy; Cosson (2021), Antonio Candido (2014), Zappone (2008) and Zilberman (1997) regarding literary literacy, in addition to other scholars on the subject cited in this research. As for the method of analyzing the data obtained, the one proposed by Bardin (1977) was used, which helped in understanding the reality researched. The results obtained were significant, as there were advances in the classroom - greater attendance, interest and participation of students in reading and text production activities, with emphasis on listening, speaking and writing skills. It was found that exploring the potential of cordel linked to social literacy practices constitutes an interesting and effective means of promoting literary literacy in literature classes. As a consequence of this, the research teacher is also able to have a more reflective and critical attitude about his own teaching practice and feels motivated to seek ways that help him improve his pedagogical work in order to participate more effectively in the process of student emancipation.

Keywords: Literary literacy. Popular Literature. Cordel. Reader Training.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CAE - Centro de Ciências Aplicadas em Educação

CNE - Conselho Nacional de Educação

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPE - Projeto Político Escolar

PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras

UFPB - Universidade Federal da Paraíba.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Desenho do estudante PG.....	07
Imagem 2 - Leandro Gomes de Barros, “pai do cordel no Brasil”	53
Imagem 3 - Capa do cordel “História da Princesa da Pedra Fina”	57
Imagem 4 - Um convite às oficinas de leitura.....	80
Imagem 5 - Um convite à leitura.....	94
Imagem 6 - Capa do cordel “História de Juvenal e o Dragão”	98
Imagem 7 - Antenados na leitura.....	102
Imagem 8 - Lendo e produzindo sentidos.....	108
Imagem 9 - Mãos à obra!.....	111
Imagem 10 - Compartilhando experiências de leitura.....	113
Imagem 11 - Socializando a leitura.....	115
Imagem 12 - Socializando a leitura.....	115
Imagem 13 - O cordel pede voz.....	116
Imagem 14 - Todos pelo cordel.....	117
Imagem 15 - Despedida do grupo.....	117
Imagem 16 - Desenho da estudante AA.....	122
Imagem 17 - Desenho do estudante PG.....	123
Imagem 18 - Desenho do estudante RK.....	123
Imagem 19 - Desenho do estudante MV.....	124
Imagem 20 - Desenho do estudante JR.....	124

SUMÁRIO

1 DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
2 DA LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL PARAIBANO.....	18
2.1 A LITERATURA E SEU ENSINO: LEIS A ABORDAGENS TEÓRICAS.....	18
2.1.1 Os PCN de linguagem e o trabalho com a leitura literária.....	19
2.1.2 A BNCC e o ensino da literatura.....	21
2.2 REPENSANDO AS PRÁTICAS DA LEITURA LITERÁRIA NO ESPAÇO ESCOLAR.....	24
2.3 COMPREENDENDO O LETRAMENTO.....	28
2.4 LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA.....	30
2.5 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA POPULAR PARA PROMOVER O LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	34
3 DA LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES.....	39
3.1 LITERATURA ORAL E POPULAR.....	39
3.2 LITERATURA DE CORDEL: QUE LITERATURA É ESTA?.....	43
3.3 O CORDEL: SÍMBOLO DE COMUNICAÇÃO E DE RESISTÊNCIA POPULAR.....	50
3.4 LEANDRO GOMES DE BARROS: A VOZ DO CORDEL PARAIBANO	52
3.4.1 Sobre o poeta Leandro Gomes de Barros.....	53
3.4.2 A História de Juvenal e o Dragão	54
3.4.3 A História da Princesa da Pedra Fina.....	57
4 DAS QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	61
4.1 O TIPO DE PESQUISA.....	59
4.2 O TRABALHO DE CAMPO	60
4.3 O CONTEXTO DE APLICAÇÃO DA PESQUISA.....	61
4.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	65
4.4 A SELEÇÃO E O MÉTODO DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	63
4.5 OS PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS.....	65
4.5.1 A revisão bibliográfica.....	65
4.5.2 A observação participante.....	66
4.5.3 As oficinas pedagógicas de leitura.....	67
4.6 O RELATO E A ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	67
4.6.1 A discussão dos dados coletados anterior à mediação.....	68
4.6.2 A proposta mediadora de leitura literária- Oficinas.....	80
4.6.2.1 A descrição das ações mediadoras de leitura.....	81
4.6.2.2. Os objetivos dos encontros de leitura.....	90
4.6.2.3 A metodologia adotada nos encontros de leitura.....	88
4.6.2.4 O período de elaboração e de aplicação da sequência básica de leitura.....	90
4.7 O CADERNO PEDAGÓGICO: UMA FERRAMENTA DIDÁTICA.....	91

5 DA PESQUISA EM AÇÃO.....	93
5.1 O RELATO DE EXPERIÊNCIA: DISCUSSÃO DAS OFICINAS E DOS DADOS OBTIDOS.....	93
5.1.1 Oficina I - Iniciação à leitura literária.....	93
5.1.2 Oficina II - Introdução à leitura da obra abordada na pesquisa.....	98
5.1.3 Oficina III - Lendo e formando leitores.....	101
5.1.4 Oficina IV - Um momento de releitura da obra.....	108
5.1.5 Oficina V - Vivenciando a leitura: momento culminância	112
5.2 A DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS POSTERIOR À MEDIAÇÃO.....	118
5.3 AS CONQUISTAS E CONTRIBUIÇÕES DO 8º ANO PARA O APRIMORAMENTO DO LETRAMENTO LITERÁRIO	122
6 DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICES.....	138
ANEXOS.....	159

1 DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de apresentarmos qualquer proposta de leitura para o ensino de literatura, seria ilógico iniciar esta pesquisa, sem ao menos termos consciência de três questões cruciais que perpassam o ensino dessa disciplina na escola pública de ensino fundamental (anos finais) e, com as quais nos deparamos diariamente no cotidiano da sala de aula.

No que diz respeito à primeira questão, diríamos que é bastante comum escutarmos de colegas professores que os alunos não têm interesse ou não possuem o hábito da leitura devido à baixa formação escolar e, na maioria das vezes, falta de conhecimento da família, isto é, a pouca familiaridade desses alunos e de seus familiares com a leitura do texto literário fora da escola.

A segunda questão se relaciona à atuação inadequada do professor de Literatura sobre o texto literário na sala de aula, quanto ao despertar no aprendiz o interesse e o gosto pela leitura literária na perspectiva da formação de um leitor reflexivo e competente. Isso se deve muito à forma de como o ensino da literatura vem sendo conduzido, há bastante tempo - de forma homogênea e mecanizada - e com base em interpretações já preestabelecidas sobre texto literário, seja pelo professor da disciplina e/ou pelos manuais didáticos de literatura adotados em nossas escolas.

A terceira questão trata da proposta do livro didático, no que diz respeito ao ensino da literatura na escola básica (anos finais), a partir da fragmentação da obra literária, e da centralidade do ensino da leitura com ênfase na análise linguística.

Somado a isso, a escola básica contemporânea parece ainda não ter acompanhado a necessidade de se adequar às exigências dos novos leitores, como também ainda não deixou claro o real valor da literatura como um instrumento potencializador e mobilizador capaz de transformar realidades e humanizar ações humanas.

Sobre este cenário que perpassa o ensino da literatura, Zilberman (1991) afirma que a dinâmica do processo da leitura literária, na sala de aula, ocorre de forma reprodutora e seletiva, ou seja, é de costume na aula de literatura se apreciar obras já consagradas pela tradição, por serem considerados textos modelos de uso correto da linguagem e, portanto, dignos de serem imitados e/ou reproduzidos pelos leitores.

Com base no exposto e ante o desestímulo dos alunos sobre o ensino da literatura, no que diz respeito à leitura e à escrita do texto literário na escola pública de Ensino Fundamental (anos finais), desenvolvemos nessa pesquisa atividades de escuta, leitura e escrita do texto

literário, a partir de textos da Literatura Popular, com o objetivo de promover a formação de leitores críticos, por meio de práticas de letramentos.

Por letramentos, entendemos os mais diversos usos que o leitor (aluno) fará da leitura e da escrita como mecanismos de práticas sociais para vivenciar diferentes modos de participação e de interação social, seja na família, na escola, no trabalho, em suas atividades cotidianas ou em outros ambientes coletivos por onde circula. Com base nisso, construímos nossa proposta de mediação de leitura para formação de jovens leitores, a partir da literatura popular de cordel, com foco no letramento literário.

De acordo com Cosson (2021, p.67), entende-se por letramento literário, “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. A partir disso, trabalhar com o cordel, enquanto texto literário na aula de literatura, significa ampliar as experiências individuais, coletivas e subjetivas do aluno, proporcionando-lhe novas possibilidades de ver, ler e entender o mundo em que ele vive.

Por literatura de cordel, entende-se um texto literário popular, escrito em versos frequentemente de forma rimada, originado de relatos orais e depois impressos em folhetos. Tal literatura é considerada uma das mais belas e importantes manifestações da cultura popular brasileira. Na presente pesquisa, elegemos a literatura de cordel como uma ferramenta pedagógica de grande valor sociocultural e possível de ser utilizada como objeto de ensino, na aula de literatura, com vistas a promover o letramento literário.

Com ela, trazemos ao palco das discussões sobre o ensino de literatura e o espaço da sala de aula algumas reflexões didático-pedagógicas sobre a importância e função da literatura popular como fator importante para promover o letramento literário de jovens leitores, tendo em vista o que nos diz Bragatto (1995, p.14) sobre a “fruição dos fatores múltiplos do texto literário”.

Com o texto literário, aprende-se, reflete-se, compara-se, discerne-se, questiona-se, investiga-se, imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se, vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão linguística, adquire-se a cultura, contrasta-se com as mais diferentes visões de mundo.

Nesta perspectiva, o trabalho com o texto literário na escola carece de mais espaço, por isso, a literatura precisa ocupar um espaço central no currículo escolar. Na maioria das práticas, ainda constatamos no espaço escolar o texto literário em toda sua complexidade e riqueza expressivas, visto e trabalhado como mero pretexto para alguns estudos sobre teorias gramaticais, tipologias textuais, ou ainda sobre compreensão de algumas habilidades de leitura.

Para fugirmos dessa postura redutora de sentidos impostas ao ensino da literatura, e superarmos algumas dessas dificuldades mecanicistas impostas à leitura do texto literário, em

sala de aula, é preciso que o professor de literatura, além de habilidoso, esteja imerso no processo de letramento literário e tenha uma sólida formação teórico-científica que o possibilite aliar a teoria à sua prática profissional docente, no diz respeito ao ensino dessa disciplina.

É também de responsabilidade desse professor a consciência de que formar sujeitos-leitores é, sem dúvida, um ato de aprendizado social que envolve indiscutivelmente novas formas de pensar a realidade, ultrapassando o mundo da palavra escrita. Assim, participam dos valores e aprendem a associá-los às coisas e às situações em que se realiza a leitura. Também se ampliam com a literatura as possibilidades das relações afetivas e efetivas entre autor/livro/leitor, porque o ato de ler extrapola os limites da semântica e das subjetividades individuais.

Por isso, cabe ao professor, na condição de orientador e mediador desse tipo de leitura, na sala de aula, extrapolar as barreiras do preconceito linguístico no que se refere a algumas abordagens reducionistas dadas à poesia popular, e possibilitar ao aluno momentos de apropriação do texto, criando com ele um ambiente de trocas de experiências, no nosso caso, com a literatura de cordel.

Mediante a grandiosidade e a expressividade da literatura popular, nossa pesquisa defende um ensino de literatura voltado para a formação do leitor crítico com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental por meio da literatura de cordel com foco no letramento literário. Contudo, para que estas atividades de leitura sobre ensino da literatura, voltadas para a formação de leitores, ganhem visibilidade científica no meio acadêmico, necessitam serem planejadas e sistematizadas com base em técnicas e métodos da pesquisa científica. Nessa perspectiva, residem a importância e a aplicabilidade da metodologia da pesquisa.

Para Marconi (2010), não existe ciência sem métodos científicos, por isso, é importante que a presente proposta tenha considerado esse pré-requisito metodológico e tenha construído seu referencial teórico a partir de leituras que nos serviram como instrumento norteador de base teórica, metodológica e científica. De acordo com o método científico adotado, a escolha do conteúdo e das informações aqui selecionadas, baseou-se na leitura prévia de livros, teses, dissertações, artigos científicos e em outros trabalhos acadêmicos que versam sobre o tema em questão.

Para embasar nossos questionamentos, alicerçamos nossa pesquisa à luz das contribuições de Antonio Cândido (2004), Santos (2016), e Maia (2007), sobre literatura e ensino; Pinheiro (2004), Marinho e Pinheiro (2012) e Negreiros (2016), sobre literatura de cordel; Yala (1995), sobre Cultura popular; Bragatto e Lajolo (1995), Foucambert e Martins

(1994) e Silva (2006), sobre leitura e formação de leitores; Kleiman (1995), Freire (2002), sobre letramento; Cosson (2021), Cândido (2014), Zappone (2008) e Zilberman (1997), sobre letramento literário.

Entretanto, paralelamente a este referencial teórico, também fundamentamos e direcionamos nossa pesquisa com base nos estudos e orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN - (1998) e da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), documentos oficiais que definem o conjunto progressivo de aprendizagens sobre o ensino de linguagem (literatura) para os anos finais do ensino fundamental.

Diante de tantas mudanças por que passa o ensino dessa disciplina, as quais exigem que o professor procure ampliar seus conhecimentos com base em métodos científicos, nossa pesquisa está estruturada a partir da seguinte indagação: o cordel na sala de aula possibilita, por meio do letramento literário, o desenvolvimento das habilidades e competências que transformam o corpo discente do ensino fundamental em leitores críticos e competentes, cumprindo assim o objetivo dos PCN da área de Linguagem, Código e suas Tecnologias?

Refletindo-se sobre esta indagação, traçamos a seguinte hipótese: o trabalho com o gênero cordel em sala de aula promove a formação do leitor crítico e reflexivo, por meio do letramento literário, desenvolvendo práticas de leitura capazes de aprimorar seus conhecimentos prévios e habilidades e competências leitoras.

Nesse sentido, com base nesta questão geral, elaboramos os objetivos da pesquisa a partir de uma pesquisa sistemática, regulada em uma análise qualitativa dos principais conceitos relacionados ao objeto de estudo, apresentando como objetivo geral: promover a formação de leitores em turmas de 8º ano, por meio do letramento literário, a partir do cordel paraibano de Leandro Gomes de Barros. Para alcançá-lo, delimitamos os seguintes objetivos específicos:

- Apresentar aos alunos, participantes da pesquisa, o cordel e suas possíveis contribuições literárias para o ensino da literatura no ensino fundamental anos finais;
- Despertar a sensibilidade artística, a imaginação, a criatividade, o gosto pelo texto literário e o pensamento crítico dos discentes do 8º ano através da literatura de cordel;
- Desenvolver oficinas de leitura com cordel, a fim de que o aluno possa aprimorar as competências e habilidades de leitura e interpretação do texto literário a partir da obra Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros, por meio do letramento literário;
- A partir das contribuições da Poesia Popular, e da Literatura de Cordel, elaborar um caderno pedagógico como produto final da pesquisa, por meio das oficinas de leitura.

Nessa perspectiva, a importância da presente pesquisa se justifica por considerar a relevância da literatura de cordel para a formação de leitores críticos/reflexivos no ensino fundamental por meio do letramento literário. Além disso, ela também servirá de base teórico-científica para embasar outras pesquisas e futuras discussões metodológicas acerca desse tema.

No que se refere à natureza da vertente metodológica, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho intervencionista em turmas de 8º ano, com vistas a um novo olhar sobre o tratamento dado à leitura do texto literário na aula de literatura, possibilitando ao aluno-leitor vivenciar novas experiências de letramento literário através do cordel. Assim sendo, é elaborada inicialmente a partir de uma pesquisa sobre o Estado da Arte, o presente estudo poderá, por meio do letramento literário, dinamizar e efetivar o processo de formação leitora desses discentes através da poesia popular.

Em relação à sua estrutura, a presente pesquisa se organiza em torno de seis capítulos, sobre os quais discorreremos resumidamente a seguir.

Nas considerações iniciais, apresentamos e discorreremos, de forma objetiva, sobre a temática, o objeto de estudo, os objetivos, o referencial teórico, a estruturação e o percurso metodológico da pesquisa.

No capítulo “Da literatura e letramento literário no ensino fundamental Paraibano”, discorreremos sobre literatura e ensino de acordo com algumas leis e abordagens teóricas, práticas de leitura literária no espaço escolar, letramento e letramento literário na escola, cultura popular e suas contribuições para o ensino de literatura na perspectiva da formação de um leitor crítico, e competente.

No capítulo “Literatura de cordel na sala de aula: contribuições para a formação de leitores”, dissertamos inicialmente sobre literatura oral e cultura popular, literatura de cordel e o cordel como símbolo de comunicação e resistência popular. Na sequência, apresentamos o cordelista e poeta Leandro Gomes de Barros, e os cordéis de sua autoria: Juvenal e Dragão, obra objeto de estudo da presente pesquisa, e a História da Princesa da Pedra Fina, que também integra o presente estudo.

Na sequência, temos o capítulo “Questões metodológicas da pesquisa”, no qual apresentamos o percurso metodológico da pesquisa e seus respectivos desdobramentos: tipo de pesquisa, trabalho de campo, a caracterização do contexto educacional, a seleção e o método de identificação dos participantes, os procedimentos de geração de dados, o relato e análise dos dados coletados - anterior à aplicação da pesquisa - e a proposta mediadora de leitura literária,

finalizando-o com a apresentação do caderno pedagógico como uma ferramenta didática de apoio pedagógico para uso do professor na aula de literatura.

No capítulo “Da pesquisa em ação”, apresentamos o relato e a discussão das oficinas, a discussão dos dados coletados - posterior à aplicação da pesquisa - a proposta de mediação da leitura literária e as conquistas dos alunos do 8º ano sobre formação de leitores, a partir dos relatos e discussões dos dados que corroboram a hipótese da dissertação, por meio das oficinas de leitura.

Por fim, no capítulo “Das considerações finais”, apresentamos a síntese geral acerca do estudo: os resultados obtidos e os efeitos da pesquisa na escola, nas aulas Literatura, na vida dos alunos e na prática do professor-pesquisador. As limitações da pesquisa, suas possibilidades de aprofundamento futuro, suas conquistas e contribuições para promover o letramento literário no ensino fundamental no que diz respeito à temática pesquisada, após a aplicação da pesquisa.

2 DA LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL PARAIBANO

Neste capítulo, discorreremos sobre a literatura e seu ensino de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Base Nacional Curricular Comum (2018), sobre algumas práticas da leitura literária no espaço escolar, sobre letramento e letramento literário na escola, cultura popular e suas contribuições para o ensino de literatura na perspectiva da formação do leitor crítico e competente.

A partir de alguns questionamentos sobre o ensino da leitura literária no ensino fundamental anos finais, pensamos em como a aula de literatura poderá se tornar um espaço de construção de identidade sociocultural e cognitiva de nossos discentes, por meio da poesia oral e popular, a partir da literatura de cordel.

Nesta perspectiva, este tema tem sido motivo de muitas inquietações, da minha parte, no que diz respeito, principalmente, ao ensino da leitura e interpretação do texto literário na aula de literatura. Diante dessa realidade e do desestímulo dos alunos, principalmente sobre práticas da leitura literária, levantamos a seguinte questão: como o cordel poderá influenciar e/ou viabilizar o ensino de literatura em turmas de 8º ano do ensino fundamental?

Esta questão nos reportou à seguinte reflexão: poder formar leitores críticos é sonho de todos nós professores. Promover esta formação através do letramento literário é, sem dúvida, uma questão de humanização que a poesia popular pode nos proporcionar. É possibilitar também a este leitor o desenvolvimento da criação e da expressão artística, mediante sua capacidade de se comunicar por meio dessa arte tão expressiva e representativa da cultura popular brasileira, que denominamos de literatura de cordel.

2.1. A LITERATURA E SEU ENSINO: LEIS A ABORDAGENS TEÓRICAS

No trabalho com a linguagem poética, na sala de aula, e mais precisamente com a poesia, os textos a serem selecionados devem ser aqueles que contemplem os usos práticos e artísticos da linguagem literária. Partindo da lógica de que a língua se realiza em situação de interação humana e precisa de um suporte material concreto, acreditamos que a poesia popular de cordel pode ser uma ferramenta pedagógica importante para a realização do ato discursivo, na aula de literatura, na perspectiva do letramento literário.

Sob esta óptica, cabe, pois, à escola, enquanto instituição educativa que é, viabilizar o acesso do aluno ao trabalho com a literatura, através de uma maior diversidade de textos de

modo a ampliar seu horizonte de leitura. Nessa perspectiva, o trabalho com a literatura popular, na escola, pode contribuir com o desenvolvimento da oralidade de nossos alunos. Neste processo, o letramento literário, no que tange à sua funcionalidade, ganha função, forma, conteúdo e estilo num ato de interatividade humana via sala de aula, por meio da literatura de cordel.

Com base no exposto e partindo do princípio de que a literatura de cordel está vinculada à cultura de um povo, podendo-se tornar objeto de ensino na aula de literatura, visto ser uma ferramenta didático-pedagógica de grande relevância dialógica e literária para a formação do leitor proficiente, defendemos nesta pesquisa que:

- a) o cordel possa nortear o processo de ensino e aprendizagem da leitura literária no Projeto Político Escolar (PPE) das escolas públicas da educação básica (anos finais); e
- b) que também se torne objeto contínuo e sistemático do conhecimento nesta fase de ensino na perspectiva de promover o letramento literário na aula de literatura.

Isto porque quando, na literatura, dominamos um gênero textual, não dominamos apenas uma forma literária: aprendemos a realizar objetivos específicos numa dada situação discursiva em determinado contexto de comunicação humana (no nosso caso específico, a própria sala de aula). Assim, apropriação do ensino da literatura popular pelo aluno poderá contribuir com a construção de sua identidade pessoal como também poderá torná-lo bom leitor.

A literatura é isto: é mudança, é transformação, diversidade, pluralidade e liberdade de criação. Ela sempre está e estará aberta ao novo, ao atual e ao vir a ser não admitindo, portanto, que o leitor/escritor se prenda a determinadas fórmulas textuais preestabelecidas.

Nessa mesma perspectiva, no tópico seguinte, apresentamos algumas reflexões e questionamentos acerca do ensino da linguagem literária, na sala de aula, a partir da proposta dos PCN de linguagem para o ensino de literatura no ensino fundamental.

2.1.1 Os PCN de linguagem e o trabalho com a leitura literária

O ensino de linguagem, nas últimas décadas, seja na escola ou nas universidades, vem sendo alvo de diversas discussões, principalmente no que diz respeito ao ensino das habilidades de leitura e escrita literárias. No palco destas discussões, de acordo com PCN (2001), o ensino destas competências e o grande déficit de aprendizagem de nossos discentes residem no ensino fundamental.

Por isso, para que o trabalho com a linguagem esteja de acordo com os PCN (2001, p.44), “[...] a seleção dos conteúdos a serem trabalhados no ensino fundamental deve e passa a ser feita com base nas habilidades [...] de fala, de escuta, leitura e de escrita”.

Com isso, no trabalho com a oralidade na aula de linguagem, a língua pode ser tomada como objeto de estudo, e, por extensão, o texto literário, que também passa e deve ser tratado como objeto de ensino, na aula de literatura, nos anos finais da educação básica. Entretanto, uma proposta de estudo, a partir do texto poético, exige de nós, professores de literatura, um planejamento pedagógico com base em “atividades sistemáticas” de fala, de escuta e de reflexão sobre o ensino da literatura, com foco no letramento literário.

Como exemplo desta proposta de trabalho com a linguagem literária na escola, podemos citar aqui, seminários, debates, dramatizações, rodas de conversa, oficinas de leitura, gincana cultural, saraus poéticos, entre outras. Então, por que também não elegermos a literatura popular como objeto de estudo, na aula de literatura, no ensino fundamental?

A partir desta concepção de leitura, de escrita e de trabalho com o texto literário, a literatura de cordel precisa e também pode sistematicamente ser objeto de ensino e de aprendizagem de leitura em sala de aula. No que se refere ao quesito oralidade, por exemplo, ela poderá contribuir para acelerar o processo ensino da leitura dos discentes por meio de práticas de letramento literário. Assim, o tratamento dado à leitura do texto literário, na aula de literatura, implica também, segundo os PCN (2001, p.78) “[...] uma atividade permanente de formulação e verificação de hipóteses sobre o funcionamento da linguagem [...]”.

No geral, pela proposta dos PCN, o texto passa a ser objeto de conhecimento e reflexão, o que o faz ser, do ponto de vista linguístico e social da língua, um instrumento de acesso do indivíduo à sua plena participação numa sociedade globalizada e letrada como a nossa.

Entretanto, por se tratar de uma grande diversidade de gêneros presentes entre nós, sejam eles orais ou escritos, precisamos (antes de sistematizarmos qualquer proposta de trabalho de leitura com esses gêneros), atentar para duas questões de ordem metodológica:

- a) com quais textos devemos trabalhar na aula de literatura?
- b) que critérios utilizarmos ao fazer a escolha destes textos?

De acordo com os PCN (1998, p.24) no trabalho com os gêneros textuais em sala de aula de educação básica:

os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de forma de pensamentos mais elaborados e abstratos, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para uma melhor participação numa sociedade letrada.

É, portanto, nesta perspectiva, que apresentamos, no próximo tópico, a BNCC, seus objetivos e a sua proposta para o ensino de literatura no ensino fundamental, na perspectiva da formação do leitor por meio do letramento literário.

2.1.2 A BNCC e o ensino da literatura

A BNCC (2018) é um documento de caráter oficial, criado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), que estabelece o conjunto sequencial e progressivo de aprendizagens a serem desenvolvidas pelos alunos, durante a sua escolaridade, no ensino fundamental na área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.

Mas o que realmente precisamos saber sobre a proposta da BNCC para o ensino de literatura? Na verdade, esse é o mais novo desafio enfrentado cotidianamente por nós, professores de literatura, na educação básica de todo o país: conhecer e aplicar essa Base Nacional Comum Curricular e, de acordo com ela, entender como articular os conhecimentos da área de Linguagens, Código e suas Tecnologias, por meio de uma proposta metodológica de ensino de literatura, que realmente atenda às necessidades dos discentes da escola básica - o que, nas últimas décadas, tem rendido diversas críticas e discussões sobre como vem sendo conduzido o ensino de literatura - de forma homogênea e mecanizada - e com base em interpretações já preestabelecidas sobre texto literário, seja pelo professor da disciplina e/ou pelos manuais didáticos de literatura, que são adotados em nossas escolas.

Enquanto documento oficial, a BNCC, assim como os PCN, defende um ensino centrado na preparação do estudante para lidar com a linguagem em suas mais diversas situações de uso. Ensino esse que está centrado em estudos sobre os mais diferentes textos com ênfase na oralidade, na leitura, na produção textual e análise linguística.

Sobre o ensino de literatura, a BNCC nos orienta a trabalhar com o texto literário na aula de literatura. É nessa perspectiva que entra o papel do professor de literatura na condição de orientador e mediador do processo da leitura e da escrita do texto literário. Acerca do ensino de literatura, no seu campo artístico literário, a BNCC (2018, p.138), assim se manifesta:

Trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita.

Assim sendo, cabe à escola viabilizar aos seus alunos o acesso ao ensino de literatura através de uma maior diversidade de textos, inclusive o cordel que, por suas múltiplas possibilidades de ensino, precisa ser melhor explorado no espaço escolar, na aula de literatura.

Para isso, é de fundamental importância uma proposta de ensino de literatura, na escola pública de ensino fundamental, que rompa com esta visão tradicionalista e reducionista, no que diz respeito à leitura do texto poético. É preciso um ensino de leitura literária em que professor e aluno possam trabalhar juntos, e em que o professor seja o mediador entre o aprendiz (aluno) e o saber, entre o sujeito e o objeto do conhecimento investigado.

Com relação à escola pública, ela precisa estar aberta à liberdade de leitura e de escrita. É preciso ser mais receptiva ao novo, à cultura do povo, ao texto poético e ao ensino da literatura, principalmente da literatura popular.

Em “Porque ensinar literatura”, Perrone-Moisés (2006, p.27-28), justifica os motivos pelos quais se deve ensinar literatura na escola, tendo em vista sua importante contribuição para a formação do sujeito leitor.

[...] por que ensinar literatura? [...] 1) porque os textos literários são aqueles em que a linguagem[...] atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; 2) porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; 3) porque a literatura é um instrumento de conhecimento e de autoconhecimento; 4) porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outros mundos, outras histórias e outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é um motor das transformações históricas; 5) porque a poesia capta níveis de percepção, de fruição e de expressão da realidade que outros tipos de texto não alcançam.

Assim, acreditamos ser preciso abrir as portas da escola para o conhecimento e para a literatura, a fim de que nossos jovens passem a ser agentes de seu processo de ensino e aprendizagem, vivenciando novas experiências com texto poético. Acreditamos também que através da arte literária nos tornamos mais sensíveis e enxergamos o mundo numa perspectiva mais humanizada. Literatura é arte e sendo arte, ela forma, transforma, humaniza e sensibiliza o homem.

Também, de acordo com a teoria histórico-cultural Vygotskyana (1993), a formação do indivíduo se dá nas interações sociais. Isto implica dizer que a aprendizagem de leitura do texto literário se dá através da mediação entre os indivíduos, envolvidos no processo de construção do conhecimento e o seu objeto de ensino. Por assim ser, no ambiente escolar, também não poderia ser diferente, uma vez que nele, as ações de leitura se constroem por meio de ações compartilhadas com base na realidade do aluno, e com foco no diálogo.

Nesta perspectiva, conclamamos que as nossas escolas de ensino fundamental se tornem um laboratório de leitura, porque, embora sejam elas espaços de democratização do conhecimento, ou pelo menos deveria ser, é nela onde as práticas de leitura ainda enfrentam resistência e onde o texto literário segundo os PCN (1998, p.26), ainda “[...] é usado como pretexto para questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores críticos [...]”.

A respeito dessa formação de leitores, por meio ensino do texto literário, Santos (2016, p.34), em sua dissertação de mestrado sobre a literatura popular na sala de aula: uma proposta para o ensino de leitura literária, pontua: “cabe à escola vivenciar em seu projeto de ensino a formação do leitor literário, trazendo sempre em seus objetivos o trabalho a literatura na perspectiva da conscientização dos sujeitos [...]”.

Neste sentido, a importância do ensino de literatura para a formação de um leitor crítico no ensino fundamental é, sem dúvida, um fator indispensável aos múltiplos letramentos, se considerarmos, para isto, a fruição de sentidos múltiplos do texto literário e a capacidade de formar e humanizar que tem a nossa literatura, como bem enfatiza Antônio Cândido (1995).

Entretanto, para isso, é necessário, também, que os alunos estejam bem motivados e que o professor, na condição de mediador deste processo, tenha consciência de que o despertar para o aprender reveste-se de uma forte relação afetiva. Uma relação entre aluno / leitor / livro, não vigiada como nos diz Bragatto (1995, p.31): “[...] que não seja vigiada”, mas de liberdade de maneira que haja entre eles uma “[...] afetiva e efetiva convivência com o livro”, num ambiente de trocas de experiências com o texto poético.

Desse modo, no trabalho de ensino e de mediação da literatura, segundo Zilberman (1997, p.24),

ao professor cabe o detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado.

Diante do exposto, e como um caminho possível para superar esta problemática sobre ensino de literatura, na escola pública de ensino fundamental, por meio do letramento literário, defendemos uma proposta de vivência de leitura literária, a partir da literatura oral e popular (o cordel), com foco na formação de um leitor crítico/competente em turmas de 8º ano, por meio de metodologias de ensino com foco no letramento literário, a partir da poesia popular, de Leandro Gomes de Barros.

Para isto, e diante das inúmeras possibilidades de temas que nos oferece essa literatura acerca do universo literário a ser trabalhado, fizemos opção pela literatura de cordel, por se tratar de um tema de grande relevância artístico e cultural e possível de ser explorado, no espaço da sala de aula, através de oficinas de leitura.

2.2 REPENSANDO AS PRÁTICAS DA LEITURA LITERÁRIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Neste tópico, discorreremos sobre os desafios, perspectivas e possibilidades do ensino da leitura literária no cotidiano da sala de aula de ensino fundamental, a partir das reflexões e orientações de Bragatto (1995); Foucambert (1994); Santos (2016); Antonio Cândido (1995); Lajolo (1993) e Zilberman (1997).

A importância de se trabalhar o texto literário na aula de literatura é, sem dúvida, do ponto de vista epistemológico, fator indispensável à formação de um leitor crítico e competente, tendo em vista a fruição de sentidos múltiplos e a dinamicidade do texto literário.

Nesta perspectiva, desenvolver no aluno a sensibilidade para o trabalho com o texto literário, na aula de leitura/literatura, é, sem dúvida, um exercício que deve ser estimulado e exercitado a partir dessa relação com a obra literária.

Nesta relação leitor/texto, Foucambert (1994, p.30) assim se posiciona:

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Esta atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu.

Assim, entendemos que o ato de ler textos literários não se limita ao simples ato de decifrar enigmas. Ler ultrapassa o mundo da palavra dita e escrita. Deste mundo, participam os valores que aprendemos associar às coisas como também às situações em que se inserem o texto e o leitor, e, portanto, concretiza-se o ato da leitura.

Por isso, é de fundamental importância que se desenvolvam, no ambiente escolar, atividades sistemáticas de leitura, a partir da literatura popular, porque embora seja a escola um espaço de democratização e socialização do conhecimento, ou pelo menos deveria ser, ainda é lá onde as manifestações populares enfrentam resistência e onde também ainda persiste, no currículo escolar, a velha dicotomia entre cultura erudita e cultura popular.

Se é verdade que de acordo com o grande crítico literário Antonio Cândido (1995): "[...] a literatura sempre fala alguma coisa a qualquer pessoa", nós nos perguntamos: por que não levarmos então a poesia de cordel para a sala de aula?

Em resposta a esta nossa inquietação, Santos (2016, p.34), em sua dissertação de mestrado sobre a “Literatura popular na sala de aula: uma proposta para o ensino de leitura literária”, assim se posiciona

Cabe à escola vivenciar em seu projeto de ensino a formação do leitor literário trazendo sempre em seus objetivos o trabalho com a literatura na perspectiva de conscientização dos sujeitos para essa função social que se encontra inserida no contexto geral da literatura e do seu ensino.

Concordamos com ela e acrescentamos: cabe ao professor, na condição de orientador e mediador da leitura literária na aula de literatura, extrapolar as barreiras do preconceito linguístico e de abordagens meramente gramaticais dadas ao texto literário no livro didático, e mesmo na sala de aula quando, muitas vezes, servimo-nos do texto literário para tais fins.

Sendo assim, precisamos possibilitar aos alunos momentos de apropriação do texto literário, criando com eles um ambiente de trocas de experiências de leitura com o ensino da literatura. Sob este ponto de vista, e levando em conta a capacidade que tem a literatura de dialogar e de humanizar, nós, enquanto professores de literatura, precisamos dar mais importância aos estudos com o texto literário na sala de aula.

Faz-se importante, também dizermos que, ao lado dos textos considerados clássicos, e que, por isso mesmo, trabalhados na escola, também precisam circular na sala de aula outros textos de menor prestígio do ponto de vista da escola, sobretudo, aqueles desvalorizados em função de sua origem popular, como é o caso da literatura de cordel. De acordo com Cagliari (2005, p 160),

De tudo o que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação. É o prolongamento da escola da vida, já que a maioria das pessoas, no seu dia a dia, lê muito mais do que escreve. Portanto, deveria se dar prioridade absoluta à leitura no ensino de literatura desde a alfabetização.

Por isso, a formação do leitor literário (leitor crítico/reflexivo), na escola, ainda carece de mais espaço na sala de aula. Nela, o trabalho com a literatura precisa ocupar um espaço central no currículo escolar, uma vez que, segundo Cândido (1995), a literatura tem um grande potencial humanizador devido ao seu relevante caráter formativo. Se isso é mesmo verdade, acreditamos nesse poder da literatura para a formação de leitores críticos, a partir do trabalho com o cordel. Este trabalho, além de ser uma atividade humana necessária e insubstituível, passa a ser também uma espécie de força motriz que nos impulsiona para o progresso e para a conscientização do sujeito leitor e sua identidade cultural.

Corroborando esta ideia, Lajolo (1993, p.106), assim explica:

[...] por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer a sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela e tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque precisa ler muitos.

Isso é verdade, concordamos; mas também é verdade que a escola ainda se mostra resistente a estas mudanças. É na escola onde presenciamos, em muitas situações, o texto literário em toda sua complexidade e riqueza expressiva ser ainda visto e tratado como mero pretexto para estudos gramaticais e algumas habilidades de leitura. Infelizmente, é nesta perspectiva e sob esta percepção acerca do ensino de literatura, que muitas de nossas escolas públicas ainda trabalham hoje. Nelas, os espaços reservados à leitura literária, quando há, ainda são muito restritos.

Por isso, é inaceitável que a escola e alguns dos professores, em pleno século XXI, ainda se mantenham presos a metodologias tradicionalistas e tecnicistas de ensino da literatura. É necessário ler para inovar. É preciso formar para ler.

Conforme o que defendemos, nas considerações iniciais, a problemática do ensino de literatura, na escola pública, não recai apenas na falta de leitura dos discentes nem na escassez de recursos textuais favoráveis à prática do letramento literário no livro didático, mas também no quesito formação leitora do professor dessa disciplina, no que diz respeito à sua vivência com o texto literário e, conseqüentemente, na maneira como este ensino vem sendo conduzido na escola básica.

Nesta perspectiva, Maia (2007, p.35) afirma que em se tratando do ensino de literatura na nossa escola pública, ainda há um grande distanciamento entre a teoria e a prática dos profissionais de ensino dessa disciplina com relação ao trabalho com o texto literário porque:

o fraco desempenho do professor como leitor (de obras literárias, de livros sobre literatura para crianças e jovens, sobre linguagem, sobre análise literária e sobre leitura) constitui-se o ponto nevrálgico do problema, pois, como afirma Suassuna, 'Assim como ocorre com o aluno e com a população em geral, também o professor tem se caracterizado por uma prática de leitura travada, motivada pelas condições concretas em que ele exerce sua prática profissional'.

Nesse ponto, concordamos com Maia, ao observarmos as práticas de leitura literária em nosso cotidiano escolar. Entendemos que os maiores conflitos, no processo do ensino de literatura na escola, ainda parecem residir em parte e, conforme aponta essa pesquisadora, na formação dos professores de leitura/literatura.

Saviani (2009) também alerta para o fato de que o caminho para superação dessa realidade, no campo educacional, reside, em grande parte, no ato de educar para a vida e para a cidadania. Contudo, parece-nos ser esta uma difícil tarefa que precisa ser pensada e construída

com base em competências e habilidades, que exijam de nossos professores de literatura uma sólida qualificação técnica e profissional para lidar com essas diferentes situações de ensino no cotidiano escolar.

Corroborando este mesmo pensamento, Gadotti (1992, p.4) afirma que “[...] educar significa capacitar, potencializar para que o educando seja capaz de buscar respostas para suas próprias perguntas, além de formar para a autonomia”. Por isso, entendemos que tanto a formação docente quanto a formação de leitores também precisam e devem ser trabalhadas de forma mais dinâmica e efetiva, com foco no processo de construção e compartilhamento da leitura literária.

Nesse compartilhar, segundo Gadotti (1992, p.4).

Espera-se que professor do século XXI tenha paixão de ensinar, que esteja aberto para sempre aprender, aberto ao novo, que tenha domínio técnico-pedagógico, que saiba contar histórias, isto é, que construa narrativas sedutoras para seus alunos. Espera-se que saiba pesquisar, que saiba gerenciar uma sala de aula, significar a aprendizagem dele e de seus alunos. Espera-se que saiba trabalhar em equipe e que seja solidário.

Entendemos que a formação docente do professor de literatura exige qualificação e preparação técnico pedagógica no sentido de que sua prática educativa seja exercida de forma mais efetiva. Para isso, é preciso que haja um sério comprometimento desse profissional com a formação leitora do aluno incentivando-o à prática da leitura colaborativa e da contação de histórias na aula de literatura.

Esta formação deve também estimular no professor uma perspectiva tanto crítica quanto reflexiva sobre o ensino de literatura na escola básica. Mas ela não se constrói apenas por acumulação de títulos, e sim através de um constante trabalho de reflexão e aprimoramento da sua própria prática docente e identidade pessoal.

Também temos a consciência de que este quesito não constitui objeto de análise de nossa pesquisa e nem é do campo específico da literatura, porém como elencamos o quesito formação de professores (nas considerações iniciais) como um fator essencial para o ensino da literatura, o que também reflete no aprendizado da leitura nessa fase de ensino, trouxemos para nosso texto essa pequena reflexão através do pensamento desses teóricos e estudiosos da pedagogia: Saviani e Gadotti. Por isso, julgamos ser necessária tal reflexão.

A partir destas reflexões, a presente pesquisa também objetiva proporcionar aos discentes do 8º ano algumas reflexões pedagógicas acerca de um ensino de literatura mais dinâmico e construtivo, e não desconectado da realidade da sala de aula, por meio da poesia popular de cordel. Contudo, para superarmos possíveis dificuldades impostas por algumas

práticas mecanicistas de leitura e atividades redutoras de sentidos do texto literário na aula de literatura, é preciso que o professor dessa disciplina, além de habilidoso e experiente, conheça seu objeto de ensino e saiba aliar a teoria à sua prática educativa na perspectiva de construção de uma nova proposta metodológica de ensino da literatura, respeitando-se, nesse construir, todas as etapas do processo de construção.

Antonio Cândido (2002, p.85), por exemplo, nos diz que “[...] a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver”. Assim, entendemos que nela estão expressos os mais profundos e diversos sentimentos humanos, os quais também possibilitam ao homem não somente refletir sobre sua própria existência, mas também reavaliar suas decisões acerca de si mesmo, ou mesmo sobre os espaços em que ele vive e atua coletivamente.

2.3 COMPREENDENDO O LETRAMENTO

No tocante ao ensino de leitura e escrita, essa escola, enquanto instituição de ensino e formadora de opinião, elegeu uma variante linguística de forte prestígio social como padrão de ensino da língua. Como nos diz Suassuna (1995, p.19) “[...] a fonte da crise é o próprio modelo de escola no qual se encaminha a pedagogia da língua.”

De acordo com Freire (2002), há séculos, essa escola tem se caracterizado por esta visão elitista da educação, fazendo do processo de escolarização e alfabetização de nossos discentes um privilégio de poucos e insucesso de muitos. Como consequência dessa escolha, o direcionamento dado ao ensino da literatura, de forma mecanizada, na sala de aula, tem levado o aluno a deixar a escola, movido por uma certa aversão à aula de literatura. Nisso nos parece residirem alguns entraves que, de certa maneira, perpassam ainda hoje o ensino dessa disciplina e, por conseguinte, a não progressão do trabalho com a leitura literária no ambiente escolar.

Embora, tenhamos percebido que ultimamente a escola pública venha se destacando ao favorecer à transformação social, via políticas de inclusão e de oportunidades educativas, esta velha forma de pensar a educação literária e o ensino de linguagem, calcada na imposição de velhas práticas de leitura, ainda é para nós, professores de literatura, um dos grandes entraves quando tratamos do quesito formação de leitores.

Por isso, precisamos entender o processo do letramento como a realização de uma prática social de leitura para além do processo de alfabetização, conforme nos orientam alguns documentos oficiais. De acordo os PCN (1998, p.19), cabe à escola preparar o aluno para que ele seja “[...] capaz de interpretar os diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a

palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações”. Trabalho que a escola ainda deixa muito a desejar. O aluno ainda parece longe de atingir esse objetivo, uma vez que, na maioria das situações de comunicação, ainda predomina na sala de aula a leitura que a escola e o professor entendem como adequada. Ou seja, o aluno parece de certa forma não participar do processo de escolha dos textos selecionados para leitura na aula de literatura.

De acordo com Brum e Fuzer (2019, p.174 -178), podemos observar que a BNCC (2018) nos traz quatro representações para a conceituação do termo letramento no ensino fundamental. Vejamos :1) letramento como ação participativa; 2) letramento como gênero discursivo e digital; 3) letramento como diversidade cultural; e 4) letramento como uso de diferentes linguagens.

Isto nos leva a entender que letramentos são os diversos usos que o indivíduo faz dos processos de leitura/escrita nas mais diversas realizações da língua e práticas sociais da linguagem, enquanto que a alfabetização se refere ao processo de aquisição do domínio desses processos de leitura e escrita. Leitura que o aluno deve aprender a exercitar.

Nesse sentido, Martins (1994, p.32-33) explica:

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.

Concordamos com Martins que o hábito da leitura é, em geral, interpretado como a decodificação daquilo que está escrito. Ler se fundamenta na consciência humana e permanente de que todo texto constitui, na realidade, um ato de comunicação, ato que faz do leitor um sujeito ativo e produtor de outros textos, os quais, por sua vez, remetem a outros textos, formando uma cadeia textual ou não.

O ato de ler textos literários constitui-se, nessa lógica, um aprendizado social que envolve indiscutivelmente, formas de pensar a realidade como nos disse Paulo Freire (2002, p.12): “[...] a leitura do mundo precede à leitura da palavra”. Esse ato, percebido dessa forma, faz com que o sujeito-leitor seja capaz de realizar inferências, correlacionar saberes, questionar, criticar, concordar ou mesmo discordar. Em outras palavras, o leitor se transforma e como consequência modifica o mundo em sua volta. Nesse sentido, segundo Colomer (2007), é necessário ouvir o aluno sobre como ele ler, o que também implica assegurar a formação profissional docente sobre esse tipo de prática na sala de aula, como também formar os

educadores sobre que critérios usar para selecionar os textos ou as obras a serem trabalhadas na aula de leitura/literatura.

Nessa lógica, se tomarmos o ensino de literatura como um processo de construção social e coletivo de sentidos, e compreendermos a leitura do texto literário como prática social e como um fator relevante para o ensino do letramento literário, a escola poderá garantir ao aluno o livre acesso ao exercício da cidadania plena e sua inserção no mundo social, através da leitura na aula de literatura.

De acordo com Kleiman (1995, p. 19), o termo letramento se refere a “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Práticas estas que envolvem, de alguma forma, a escrita.

Segundo Souza (1992, p.22):

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Entretanto, se tomarmos o ensino de literatura como um processo de construção social e coletivo de sentidos, e compreendermos a leitura do texto literário como prática social e como fator relevante para o ensino do letramento literário, a escola enquanto instituição formadora de leitores garantirá ao aluno possibilidades de acesso ao exercício da cidadania plena e sua inserção no mundo social da leitura e escrita literária. Com isso, podemos compreender que o letramento, como prática significativa de sentidos da leitura para o aluno, poderá iniciá-lo em outras práticas de letramentos, a partir de sua vivência diária com outros tipos de leitura dentro e fora da escola.

2.4 O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA

Neste tópico, chegamos ao letramento literário, foco central de nossa pesquisa. No contexto acadêmico, seus estudos são recentes, mas por meio de algumas publicações e relatos de experiência de pesquisadores e professores, já podemos observar alguns resultados bastante positivos no que diz respeito à formação do leitor literário. Para Zappone (2008, p.52),

Se considerarmos a literatura como um tipo de escrita que se especifica e se distingue de outros tipos de escrita, o conceito de letramento mostra-se bastante produtivo para o entendimento de alguns aspectos que tangem os modos de produção, recepção e circulação da literatura e conseqüentemente, seu ensino.

Nesta acepção, podemos trabalhar com o texto literário com vistas ao letramento literário do indivíduo e de sua formação leitora, respeitando-se, para isso, as especificidades desta modalidade textual, que, de certa forma, a tornam diferente de outras modalidades de texto.

Para resgatar o interesse pelo ensino da leitura literária, de acordo com Cosson (2021, p. 23), “[...] é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária”. Ainda segundo o autor: “[...] o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos” (Cosson, 2021, p. 34).

Por esta perspectiva, é necessário considerar a atualidade dos textos, diversificando-se autores, obras e gêneros a serem trabalhados: para isso, o professor é o responsável direto para conduzir o aprendiz nesse trabalho e o letramento literário se apresenta como proposta para um novo olhar acerca do ensino de literatura. Nele, é preciso abrir espaço para o leitor se apropriar do texto e atribuir-lhe novos sentidos, transcendendo os limites de tempo e espaço.

Além disso, possibilitar ao discente experienciar leituras voltadas à prática do letramento, através da literatura popular é, de certa maneira, ir de encontro aos métodos de ensino, que tradicionalmente dominam o espaço da sala de aula na escola tradicional. Isso ocorre, porque o letramento literário não se limita ao estudo de determinadas práticas sociais de leitura, tampouco se restringe ao universo dos textos valorizados pela tradição canônica, ou seja, o cânone não deve ser o único suporte textual quando se pretende trabalhar a literatura com vistas à formação de leitores.

Em linhas gerais, segundo Zappone (2008, p.53) “[...] o letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade”. Entendemos assim que o letramento literário é bastante abrangente, não se limitando apenas ao estudo de determinadas práticas e funções sociais de leitura e escrita do texto literário.

Ao estudarmos a história da evolução do homem e das sociedades, por exemplo, é perceptível a presença da literatura nas mais simples e diversas manifestações artísticas da linguagem literária. Entendemos que além de sua função estética, a literatura também é portadora de uma função social e educativa, a partir da qual ela se põe a serviço da humanidade no que diz respeito ao direcionamento de algumas atitudes humanas (sociais e/ou coletivas) com vistas à humanização.

Nesta perspectiva, o letramento se caracteriza pela utilização da tecnologia em práticas sociais de leitura e de escrita no cotidiano do sujeito que faz uso dessas práticas. Nesse sentido, segundo Soares (2003), não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la nas ações. Entendemos, assim, que o letramento literário é bastante abrangente, não se limitando apenas ao estudo de determinadas práticas e funções sociais de leitura e escrita do texto literário.

É, pois, ainda nesta lógica, que Cosson (2021, p.30) assim se posiciona:

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário tem a função de nos ajudar a ler no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Visto por este ângulo e de acordo com Barbosa, Rovai (2012, p. 47) “[...] o trabalho com a literatura deve ainda hoje - e sempre - ocupar um lugar central no currículo de Língua Portuguesa”, melhor dizendo, é preciso que o ensino da literatura seja calcado na leitura e na interpretação de textos que atendam essencialmente aos fins desse tipo de leitura tendo em vista o letramento literário.

É preciso ainda, segundo Cosson (2021, p.23), que também “[...] se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, tais como a crítica, a teoria ou a história literária”. Isso porque o letramento literário busca trabalhar com temas atuais sejam esses contemporâneos ou não e assim poderá compartilhar os interesses dos alunos, durante a execução das atividades, realizadas em sala de aula. Atividades essas que se bem planejadas e executadas surtirão efeitos positivos e impulsionarão o processo de ensino e aprendizagem da literatura, resultando, assim, na efetivação do letramento literário.

Entretanto, de acordo com Silva (2006, p. 516):

[...] essa leitura (ainda) é trabalhada no espaço escolar tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação, o que coloca o aluno diante de uma tarefa árdua: é preciso ler para fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler visa cumprir tarefas escolares. [...] e a escola parece não estimular a função interativa das práticas de leitura, ao privilegiar atividades que desmotivam o aluno e provocam a aversão dos educandos ao mundo dos livros.

Infelizmente, há ainda, na escola, professores que ainda veem e tratam o aluno como um leitor passivo diante da leitura e da interpretação de uma obra, planejando atividades que estimulam a decodificação do texto com o objetivo de apenas extrair informações básicas sobre o texto objeto de leitura, como por exemplo, título da obra, nome do autor, caracterizar personagens e tipos de narrador.

Durante o processo de leitura e de escrita do presente estudo, me deparei com um interessante artigo intitulado - “O papel do professor como formador de alunos leitores: texto e leitor construindo conhecimento”, da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, com a seguinte reflexão:

O professor precisa garantir em seu planejamento que o texto literário entre como objeto de análise e interpretação, mas também como prática social, resgatando a dimensão frutiva da literatura. O aluno deve desenvolver-se como leitor autônomo, com preferências, gostos e história de leitor. Assim, seja qual for a tipologia ou gênero em estudo, o texto literário pode e deve ser trabalhado permanentemente, uma vez que é elemento fundamental na construção da competência leitora e na formação do hábito leitor do estudante. (São Paulo, 2010, p. 35-36).

Para a eficácia e efetivação desse trabalho com o texto literário, na sala de aula, na perspectiva de promover o letramento literário, é preciso que o professor não só pense, organize e sistematize seu planejamento, atentando para os objetivos e metodologias usadas, mas também considere o contexto em que se insere a escola e seus alunos.

Acreditamos e compartilhamos da ideia de que o ensino da literatura não se limita apenas ao ontem, e nem também ao hoje, mas, sobretudo, na sua ampla possibilidade do vir a ser. É nessa lógica, que o texto literário nos possibilita, de forma singular, a oportunidade de nos colocar de frente, segundo Goulart (2007, p. 64), “[...] com a grandeza e a fragilidade do ser humano, a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, e de que nossos espaços e relações podem ser outros.”

Se é possível através do ensino da leitura literária na escola se desenvolver e aplicar uma metodologia de ensino de leitura centrada na formação de um leitor crítico e competente, mediada pela literatura, é isso que nos permite dizer, neste estudo, que a literatura popular de cordel se põe não só a serviço do letramento literário, mas também a serviço da libertação do homem nas suas mais diversas manifestações de linguagem.

É sobre este leitor competente, finalidade básica de formação da escola, que os PCN de Linguagens (1998, p.70) afirmam:

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender as suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre e outros textos já lidos.

É, portanto, na escola e nesta fase do ensino que o direito à literatura, defendido por Antônio Cândido (1995), precisa ganhar força, ocupar espaço e desempenhar a função que lhe é reservada, na perspectiva de promover o letramento literário. Isso porque a literatura

humaniza e transforma, e sendo ela um direito social indispensável à humanidade, no que diz respeito à compreensão das relações pessoais, sociais e coletivas do indivíduo, ela precisa, por assim ser, integrar o currículo escolar do ensino fundamental (anos finais). Nesta acepção, Cândido assim explica (2004, p. 177):

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde as formas mais simples.

Assim também acontece com o processo de leitura e construção da escrita do aluno. Ele pensa, joga as palavras no papel e tenta organizá-las na tentativa de dar sentidos ao texto conforme suas experiências de leitor.

Em resumo, para o sucesso do letramento literário, é necessário considerar a atualidade dos textos, diversificando-se autores, obras e gêneros a serem trabalhados. O professor é o responsável por conduzir o aprendiz nesse trabalho. O letramento literário se apresenta como proposta para um novo olhar acerca do ensino de literatura. Nele, é preciso abrir espaço para o leitor se apropriar do texto e atribuir-lhe novos sentidos, transcendendo, assim, os limites de tempo e espaço em que se constrói e /ou se desconstrói a ação do ato de ler e produzir literatura.

2.5 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA POPULAR PARA PROMOVER O LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

De acordo com Bosi (1996, p.16),

[...] cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social. Mas para haver cultura é preciso antes que exista também uma consciência coletiva que, a partir da vida cotidiana, elabore os planos para o futuro da comunidade. Tal definição dá à cultura um significado muito próximo do ato de educar. Assim sendo, nessa perspectiva, cultura seria aquilo que um povo ensina aos seus descendentes para garantir sua sobrevivência (BOSI, Apud Sílvia e Sílvia, 2006, p.16).

Promover a valorização da diversidade cultural, o respeito às diferentes culturas e modos de ser e de viver de um povo, com vistas ao processo de construção de identidades com base na construção dos conceitos de identidade e de pertencimento fazem da cultura um instrumento de transformação social e coletiva. Também compreendemos a cultura como um processo de ampla significação ética e coletiva que representa o conjunto das tradições, crenças e costumes de determinado grupo social de indivíduos (família, escola e igreja) ou em sentido mais amplo, de uma sociedade.

Para Correia (2008, p.137)

Sem dúvida a aparente redescoberta da cultura como categoria chave na relação de ensino-aprendizagem manifesta-se como um dos caminhos contemporâneos possíveis de incluir na escola grupos sociais cujas culturas dela estiveram ausentes. Nesse caso, não se trata de simplesmente incluir e fazer parte, mas do significado tácito (implícito) e simbólico que essa manifestação de grupo tem em termos daquilo que a cultura representa para a aprendizagem do aluno na escola.

Nessa perspectiva, é importante se entender que o termo cultura pode ser entendido como um vocábulo de significação plural e bastante complexo, que se estende desde os domínios da filosofia, passando pelas ciências, pelas belas artes até a educação. Nesse sentido, Holanda (2020), em seu pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, registra que no seu uso corrente, o termo cultura significa não apenas “saber e estudo”, mas também “elegância e esmero”. Segundo Arantes (1981, p.9):

Nas sociedades estratificadas em classes, essas esferas da ‘cultura’ são, na verdade, atividades especializadas que têm como objetivo a produção de um conhecimento e de um gosto que, partindo das universidades e das academias, são definidas entre as diversas camadas sociais como os mais belos, os mais corretos, os mais adequados, e os mais plausíveis.

O que depreendemos disso é que parece existir, de fato, nessa lógica, uma relação paradoxal entre ambas vertentes culturais. De um lado, o conceito de cultura erudita do ponto visto do cânone como pura e verdadeira sob a égide do sistema capitalista. De um outro, a cultura popular como sendo a cultura do povo e, por isso, talvez, ser considerada pela classe dominante, grotesca e pitoresca.

De acordo com Gullar (1980, p.23),

Quando se fala em cultura popular, acentua-se então a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses afetivos do país. De agir sobre a cultura presente procurando transformá-la, entendê-la, aprofundá-la. O que define a cultura popular [...] é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação, como de transformação social.

Concordamos com a tese de Gullar (1980, p.23), de que “[...] a cultura popular tanto pode ser instrumento de conservação, como também de transformação social”. Acreditamos que se levada à sala de aula, e bem apresentada ao aluno, ela poderá despertá-lo para o hábito e o gosto pela leitura literária como um fator de transformação pessoal, social e coletiva, na aula de literatura. A escola enquanto espaço de convivência de diversidades e de diferentes culturas, torna-se o local ideal para se trabalhar com esses sujeitos, a valorização dessas diferenças respeitando-se sua especificidade cultural.

E escola, conseqüentemente, a educação, como espaço em que as contradições sociais se manifestam, converte-se em um dos cenários do multiculturalismo. A presença das múltiplas culturas no ambiente escolar, mas a convivência entre as múltiplas culturas não é a convivência ambiente escolar e é fator importante no contexto que estamos

tratando. Essa convivência é resultado das interações humanas, seja por processos de colonização, migração, êxodos, guerras (Freitas, 2001, p.90).

Entretanto, nesse contexto, ouvir fará muita diferença. Segundo os pesquisadores de cultura e literatura popular Ayala e Ayala (1995):

Para aprender a riqueza da literatura popular ou de qualquer outra manifestação da cultura popular, aprendi que é preciso estudar com os olhos e ouvidos atentos. Tenho constantemente afirmado que a cultura popular é um fazer dentro da vida [...]. (Ayala; Ayala, 1995, apud Pinheiro, 2003, p.94).

Com o tempo, essa riqueza cultural, antes presente na memória coletiva de um povo, apreciada, aprendida, contada, recontada e transmitida de geração em geração, de forma oralizada, aparece tempos depois sob forma escrita e divulgada por uma categoria de escritores populares chamados cordelistas.

Hoje, garantido seu lugar de destaque em espaços acadêmicos, passa a ser vista de forma menos preconceituosa, torna-se objeto de pesquisas acadêmicas, principalmente no campo da educação em que passa a ser objeto de investigação científica, na sala de aula, para corroborar o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e fruição literária de crianças e adolescentes.

Nessa perspectiva, Pinheiro (2007, p.39) declara que:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura - e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.

Não podemos, pois, esquecer que, na contemporaneidade, a velocidade da disseminação da informação e a inserção novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIDIC), no campo da ciência da linguagem, têm trazido ao cotidiano do professor de educação básica e do aluno uma extensa e complexa diversidade de textos representativos da cultura e da literatura popular favoráveis a práticas do letramento. Textos possíveis de serem explorados na sala de aula, conforme apregoam alguns teóricos e documentos oficiais que tratam do ensino da literatura, a exemplo da BNCC, bastando que estes textos sejam situados e escolhidos de acordo com os objetivos da leitura pretendida e com o nível de escolaridade da turma.

A convivência dos alunos com estes textos mediados pelos novos suportes textuais juntamente com as mudanças tecnológicas por que passa a sociedade contemporânea, exige da escola pública e, principalmente, do professor de literatura um olhar crítico-reflexivo sobre o ensino dessa disciplina na perspectiva de preservação da cultura regional e da construção de

uma identidade local, com foco no letramento literário. O importante é fomentar debates na aula de literatura, explorando o conteúdo desses folhetos como destacam os pesquisadores Marinho e Pinheiro (2012, p.129-130):

Encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates, discussões em sala de aula. Qualquer que seja o método de abordagem do texto literário, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado.

O acesso do aluno a este universo de textos/conteúdos agora é mediado por estes novos suportes textuais, juntamente com as transformações sociais e tecnológicas por que passa a sociedade contemporânea com relação ao acesso à informação, em tempo real, na perspectiva de preservação da cultura popular e da construção de uma identidade plural.

Nesse contexto, o cordel como gênero do discurso contribuirá para a formação do leitor crítico e competente, possibilitando-lhe o domínio desses conteúdos, por meio do letramento literário. O professor poderá, por exemplo, explorar, nas variantes, o conceito de moralidade e de religiosidade do povo brasileiro e mesmo incentivá-los a ler os poemas.

De acordo com Correia (2008, p129-130),

E o ambiente escolar se mostra rico na variedade de sujeitos, cada um com expectativas e história de vida, visão de mundo diferentes e conhecimentos diversos, que precisam ser aceitos e respeitados independentemente de sua origem sócio histórico e cultural. Trabalhar com cultura popular na escola firma nossa identidade cultural. Numa perspectiva social crítico-reflexiva, a cultura popular se caracteriza por uma grande consciência revolucionária, o que em outras palavras, significa uma forma de interação coletiva mais humana e reflexiva sobre uma dada realidade social.

Como formas de cultura a ser trabalhadas no espaço escolar, a cultura popular deve ter espaço garantido na sala de aula. Manifestações culturais como carnaval, festas de São João, artesanato, maracatu e frevo, danças e músicas folclóricas, culinária, literatura de cordel, cantoria de viola, coco de roda, dentre outras formas de manifestações artísticas e culturais da linguagem devem e podem ser exploradas na aula de literatura. Ainda de acordo com Correia (2008, p.129-130),

Com efeito, a cultura escolar precisa então saber incorporar novos saberes à sua cultura, a qual se entende ser composta por uma complexidade geral e outra específica. Da primeira, fazem parte as práticas, os saberes, as normas, materiais, comportamentos e, vinculados a estes, modos de ser, de pensar, valores, a organização e a dinâmica interna da escola, rituais, a arquitetura que, além do aspecto estético, dimensiona o uso dos espaços pelos alunos e professores. Da segunda, fazem parte os saberes oriundos das disciplinas ou os conhecimentos que devem ser ensinados pelos professores, os quais também possuem saberes vinculados estritamente ao campo pedagógico e que orientam e dinamizam esse fazer. Por outro lado, os docentes também estão de posse de saberes próprios às suas áreas de conhecimento que se

relacionam-se inter-relacionam com outros de caráter profissional e socialmente construídos.

Trazer para a sala de aula um pouco dessa cultura - crenças, danças e músicas, mitos e lendas, culinárias, vestimentas, brincadeiras, comidas típicas - significa, de alguma forma, valorizar, respeitar e ensinar a nossas crianças e adolescentes valores e os saberes de nossa história e, ao mesmo tempo, valorizar a diversidade e promover o respeito às diferenças culturais e regionais independentemente de cor, de crenças, de língua ou de classe social. Sobre este ponto, Correia (2008, p.137) também afirma:

Sem dúvida a aparente redescoberta da cultura como categoria chave na relação de ensino-aprendizagem manifesta-se como um dos caminhos contemporâneos possíveis de incluir na escola grupos sociais cujas culturas dela estiveram ausentes. Nesse caso, não se trata de simplesmente incluir e fazer parte, mas do significado tácito (implícito) e simbólico que essa manifestação de grupo tem em termos daquilo que a cultura representa para a aprendizagem do aluno na escola.

Além disso, a cultura popular ajuda na construção de identidades, do senso de coletividade e de sensação de pertencimento. A literatura estabelece elos entre a aprendizagem do aluno e sua inserção no mundo da leitura e da literatura. A educação cultural na escola ensina a valorizar pessoas e respeitar diferentes pontos de vista. Assim, o aluno que aprende a conviver com a diversidade cultural, de certa forma, apresenta e desenvolve mais facilmente habilidades para resolver problemas e desafios não só na vida pessoal ou na família, mas também no espaço da sala de aula.

No capítulo seguinte, dissertamos sobre o surgimento e a importância da cultura popular com foco na literatura de cordel e suas possibilidades didático-pedagógicas de leitura literária para promover a formação do leitor crítico e competente, por meio do cordel no ensino fundamental.

Se a literatura de cordel traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se traz questões humanas que interessam não apenas ao grupo a que esteve ligado em seu nascedouro, certamente ela poderá ter um significado para outros leitores, uma vez que apresenta uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidas de vivências interiores, de percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana, sobre determinadas instituições ou sobre fenômenos da natureza (Alves, 2013, p. 38).

Tudo isso nos mostra que vale a pena inserir a literatura de cordel nas aulas de leitura, mas para isso, é preciso trazer os estudantes pela adesão, ou seja, despertá-los de forma lúdica para essa leitura, fazendo com que esses sujeitos se sintam protagonistas das atividades de leitura.

3 DA LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Diante dos mais novos desafios e dificuldades por que passa o ensino da literatura e frente às novas mudanças sociais, que impulsionaram o surgimento de novos suportes textuais e metodologias inovadoras de ensino, discorreremos neste capítulo sobre literatura oral e cultura popular, sobre literatura de cordel e o cordel como símbolo de comunicação e resistência popular. Apresentamos também o poeta cordelista Leandro Gomes de Barros e os cordéis de sua autoria: a História Juvenal e Dragão, obra objeto de estudo da presente pesquisa, e a História da Princesa da Pedra Fina, que também integra o presente estudo.

3.1 LITERATURA ORAL E POPULAR

Sobre literatura oral, entendemos que ela se refere a um conjunto de textos quer sejam em prosa, ou quer sejam em versos, transmitidos oralmente, a exemplo dos contos, lendas, mitos, adivinhações, provérbios entre outros, e que se apresentam diferentemente do falar cotidiano. Contudo, para alguns segmentos sociais de nossa sociedade, este tipo de literatura, tradicionalmente conhecida como literatura popular, segundo Galvão (2001), ainda continua sendo um dos seus únicos meios de contatos com a escrita, com a leitura e o impresso.

Historicamente, de acordo com Jack Goody apud Cascudo (2012, p.17),

A preocupação com o registro de textos de tradição oral tem início no século XVII, na Europa, quando foram feitos os primeiros registros de narrativas orais [...] no âmbito de pesquisas que buscavam uma “literatura primitiva” vinculadas às da história ocidental.

Desta forma, podemos assim dizer que a literatura oral se identifica com as origens da literatura escrita. Conforme ainda esta mesma autora, o primeiro registro desta literatura em nosso país, data de 1876, com a publicação de "O Selvagem", de autoria de Samuel Couto de Magalhães sobre o índio brasileiro. Todavia, o registro do termo literatura oral só aparece em 1952 com o livro *Literatura Oral no Brasil*, de autoria de Luiz da Câmara Cascudo. Nesta mesma obra, segundo entendemos, Cascudo (2012) também atribui à literatura oral todos os autos populares, as danças dramáticas, as jornadas pastoris, as louvações de lapinhas, cheganças, bumba-meu-boi, Fandango, Congo, o mundo sonoro e policolor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva.

Como se percebe, no que tange à temática da literatura de cordel, são muitas as possibilidades de trabalho com esta literatura no espaço escolar. A diversidade de temas oferece

ao educador um universo literário riquíssimo e adequado ao desenvolvimento de projetos sobre literatura popular. Por ser uma das mais antigas e expressivas formas de transmissão dos contos de fadas, essa literatura se faz bastante presente em nosso cotidiano, uma vez que, por sermos humanos, temos habilidades naturais de fazer uso da comunicação oral para ensinar, explicar ou mesmo entender determinadas situações que nos acontecem.

Anteriormente à escrita, essas narrativas se davam, além da palavra não escrita, sob forma de imagens, gestos e até mesmo de expressões. Com a invenção da escrita, porém, essa tradição memorialista de que as histórias orais sobreviviam, foi se tornando menos importante, principalmente na modernidade. A verdade é que, em todos os tempos ou mesmo lugares, esta tradição oral tem acontecido, isto é, se tem contado histórias. Narradores (contadores de histórias) têm "ajustado" suas palavras em suas "contações" de histórias, em pronto atendimento ao momento e ao desejo de seu público ouvinte (audiência). Neste sentido, de acordo com Estés (2005, p. 20),

Os contos são moldados de muitos modos. Para mim, que ouvi na infância muitos de nossos contos de formas orais mais simples e toscas imagináveis, tenho os ouvidos primeiro na tradição oral em lugar de lê-los, porque sei que o bom contador acrescenta suas próprias intuições.

Como observamos nesse relato, o narrador não busca memorizar um conjunto ou sequência de textos. Ele parece vivenciar e dá vida aos fatos, os quais se movimentam ou se recompõem em sua memória de forma dinâmica, viva e bem mais expressiva do que na leitura de um texto escrito. Pensando assim, o tópico seguinte nos traz algumas considerações a respeito do surgimento e da importância de se trabalhar a literatura popular no ensino fundamental. De acordo com alguns autores, conforme citaremos, literatura popular é:

Aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na peculiaridade de suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico. (Aguiar; Silva, 1994, p.116)

De fato, é isto o que fazem os repentistas, os cordelistas, os emboladores de coco, os trovadores nordestinos e contadores de histórias em seus repentes e emboladas durante suas apresentações artísticas sobre temas locais, regionais ou mesmo nacionais, principalmente no Nordeste brasileiro.

Neste capítulo, tecemos algumas considerações sobre o surgimento da literatura popular que, como uma forma de manifestação leiga, mas independente do sistema de comunicação eclesiástico, só aparece no Ocidente a partir do século XII. Ela se caracteriza, sobretudo, por ser uma linguagem regional, em oposição ao latim, na época, língua oficial não apenas da Igreja Católica, mas de toda a Europa Cristã. A este respeito, Luyten (1983, p.17) destaca que, “[...] a

literatura popular medieval é uma oposição à oficial da Igreja Católica. Ao passar dos anos, ela vai se fortalecendo e dá lugar a focos de línguas nacionais como o italiano, o francês provençal e o português galaico”.

No entanto, no decorrer do tempo, e com o surgimento de outras línguas nacionais, nascem também outros núcleos de expansão da cultura regional, que até então se limitavam às regiões dos rios Reno e Danúbio, chegando posteriormente ao norte da Europa e da Inglaterra. Assim, a partir desses núcleos, a cultura regional se espalha para o restante da Europa e, como consequência, ainda de acordo com este mesmo estudioso/pesquisador “[...] esses núcleos vão se tornar fontes de produção de cultura regional, transportada para o resto da Europa, por intermédio dos menestrelis, trovadores e jograis, três categorias de poetas andarilhos. [...]” (Luyten,1983, p.17).

Destacamos também que, no final do século XVIII, após a Revolução Francesa, nasce, de alguma forma, com a ascensão da burguesia, uma certa aproximação entre cultura erudita, até então privilégio de poucos, e a cultura popular, antes sem muita aceitação no meio acadêmico. O que bem ilustra esse processo de mudança é, por exemplo, o que ocorre com a música clássica sobre a qual Luyten (1983, p.18) explica que:

Antes da ascensão da burguesia, havia somente música de câmara (...). Depois, para atender às novas e maiores camadas do poder, foi necessário que se inventasse a orquestra sinfônica (...) e mais tarde ainda, conjunto de corais acoplados a cenários elaborados: as óperas.

Uma das formas de manifestação dessa literatura popular é a literatura de cordel que por ser popular, trata, portanto, de assuntos que interessam ao nosso povo. Nesta pesquisa, entendemos que esta literatura (por extensão, literatura oral) aqui no Brasil, tendo em vista suas origens portuguesas, virou, possamos assim dizer, sinônimo de cordel, o qual concentra no Nordeste brasileiro seu principal foco produtor. A este respeito, Marinho e Pinheiro (2012, p. 18-19) nos dizem que:

A expressão literatura de cordel foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal, eram chamados de cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados [...]. Os folhetos de cordéis portugueses, diferentemente dos folhetos brasileiros, eram escritos e lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população; advogados, professores, militares, padres, eram consumidos coletivamente médicos, funcionários públicos, entre outros. Em muitos casos, os cordéis eram comprados por pessoa letrada e lidos para um público não letrado, situação que se reproduz no Brasil [...].

Assim como as canções populares, o cordel também se modernizou, atualizou-se e acompanhou a evolução do tempo e temas. Segundo Evaristo (2007, p. 121), “[...] o fato é que

a Literatura de Cordel continua acompanhando as mudanças e inovações ao longo do tempo, incorporando alguns elementos novos e mantendo outros." Assim sendo, levá-la para sala de aula não visa apenas formar poetas, e sim leitores, repito, proficientes leitores.

Entre nós, histórias tais como fábulas, parábolas, mitos, contos, lendas e romances de cordéis nos fascinam pela presença do maravilhoso, do extraordinário e, sobretudo, do sobre humano. Hoje, na contemporaneidade, elas ainda vivem eternizadas na memória de seu público, que, por muitas vezes, se faz presente entre nós como atores, cantores, rappers, comediantes ou mesmo apresentadores de programas culturais e radialistas, como por exemplo, a cantoria de viola, ritmo tão presente e eternizado na memória do sertanejo paraibano.

Todavia, estas histórias tinham e ainda têm um caráter peculiar. São histórias que vêm de geração em geração. Aquelas que mais nos atraem são as que parecem ser intermináveis, como por exemplo "As Mil e uma Noites" e tantas e tantas outras mais¹

Foi também neste mesmo cenário que passei a ter meus primeiros contatos com a poesia de cordel. Ainda jovem adolescente e único leitor fluente na família sempre lia à noite, durante os serões que fazíamos na fabricação de vassouras de palha de carnaúba (meus pais fabricavam e comercializavam esse tipo de vassoura). Os cordéis eram comprados por meu pai na feira livre de Santa Luzia - PB.

Romance de cordéis como "A Princesa da Pedra Fina" e "Juvenal e o Dragão", cordéis estes objetos de estudo em nossa pesquisa, são dádivas que de fato me tornaram um leitor que hoje faço questão de divulgar esta memorável literatura aonde quer que vá. Assim foi toda a minha infância. De um lado, minha avó paterna e minha mãe como fantásticas contadoras de histórias, de outro, meu pai como admirador e incentivador do cordel e da cantoria de viola, e no centro, eu como um atento ouvinte do contar histórias e um assíduo leitor de cordéis.

Portanto, sob esta perspectiva articulada com a proposta dos PCNs de Língua Portuguesa, é pertinente a valorização de estudos com ênfase na literatura oral como uma maneira de iniciar nossos alunos ao mundo da leitura literária com base em guias orais, como o cordel, canções, parlendas e mesmo outras histórias do folclore brasileiro e suas crenças.

Como exemplo de trabalhos com a oralidade, pensemos no exercício da leitura expressiva em sala de aula. Essa leitura em voz alta como alternativa estratégica e no intuito de

¹ Isto me lembra também o fato de quando ainda criança, eu escutava minha avó contando-me muitas e longas histórias que quase não acabavam mais. Eu as ouvia sem imaginar que, anos depois, no curso de Letras na Universidade Federal da Paraíba-UFPB, eu as encontraria registradas em livros, e com um detalhe: todas (e embora fossem elas as mesmas histórias) apresentavam algumas mudanças em seu foco narrativo, mesmo que fossem pequenas alterações. Com isso, a emoção batia e a alma se renovava.

os alunos compreenderem o texto, poderá ser realizada através do cordel por diversas vezes e em momentos diversos, valorizando a nossa cultura popular como nos ensina Helder Pinheiro: “[...] o cordel é para ser lido e pede voz”.

Com isso, compreendemos que, através dessa literatura, o aluno também poderá valorizar a prática da leitura e da escrita literária na escola, uma vez que educar para o exercício da leitura, é também responsabilidade da escola. Assim sendo, levar a poesia de cordel para sala de aula, não visa formar poetas, e sim leitores.

Contudo, para que isso se torne realidade, em nossas escolas públicas, de ensino fundamental, faz-se preciso, em primeiro lugar, compreendermos o verdadeiro significado e importância da prática de leitura de cordéis no espaço escolar, de tal forma que os professores possam, em parceria com seus alunos, articular várias estratégias de estudo sobre o texto literário à sua prática didático-pedagógica, através de oficinas literárias de leitura, mas tudo isso sem preconceito linguístico, é claro.

A importância da leitura do texto literário na formação de leitores é, sem dúvida, um fator indispensável ao letramento literário devido à fruição de sentidos múltiplos do texto poético. De acordo com Bragatto (1995.p.14), com o texto literário:

[...] aprende-se, reflete-se, compara-se, discerne-se, questiona-se, investiga-se, imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão linguística, adquire-se a cultura, contrasta-se com as mais diferentes visões de mundo.

Diante deste contexto, este trabalho, em sala de aula torna-se um processo plurissignificativo, árduo, lento, contínuo e também coletivo. Tudo isso porque ele requer, além de habilidade, esforço e paciência beneditinos.

Sobre este trabalho de leitura do texto literário na sala de aula, anos finais da Educação Básica, a BNCC (2018), no seu campo de atuação artístico-literário, nos orienta a trabalhar com os gêneros literários. Nesta perspectiva, os gêneros priorizados para o ensino de literatura, nesta fase de ensino, está a literatura de cordel, sobre a qual discorreremos neste próximo tópico.

3.2 LITERATURA DE CORDEL: QUE LITERATURA É ESTA?

O cordel, como é conhecida hoje, literatura popular em verso, é o registro escrito da cultura do povo humilde do Nordeste do Brasil, arraigada em seu processo formativo. No meu modo de ver, este tipo de literatura é um dos principais documentos da cultura brasileira, mesmo sendo da cosmovisão do homem comum. Por meio dele pode-se conhecer as raízes culturais de muitos brasileiros. (Curran, 2011, p. 13-14).

Assim, apresentamos neste tópico acerca do trabalho com poesia popular, um gênero da esfera literária, o cordel e suas possibilidades de ensino de literatura no espaço de sala de aula.

Na cultura popular brasileira, o ato de contar histórias foi e ainda é muito presente entre nós. Histórias essas que se caracterizam como narrativas reais ou mesmo imaginárias. Como suporte textual que é, o cordel registra essas narrativas em forma de versos, as quais são levadas ao povo e a outras localidades como informação, conhecimento, deleite ou reflexão. Esta poesia popular, segundo Helder Pinheiro (2012, p.83) “[...] põe em questão diferentes aspectos da sociedade e pode funcionar, como qualquer outra literatura, como instrumento de deleite e reflexão”.

A diversidade temática, ofertada e abordada pelo cordel, possibilita ao sujeito leitor ter acesso a uma infinidade de histórias, realizar viagens fantásticas, informar-se acerca de temas político-sociais, conhecer figuras lendárias do folclore brasileiro dentre tantos outros mais.

Segundo Negreiros (2016, p.01), essa literatura:

Sugere a interação entre a arte e o professor, a escola, o aluno e a cultura popular de diferentes épocas até a contemporaneidade, possibilitando também o contato da linguagem popular com os acontecimentos reais de uma região. Este contato com elementos mais próximos da realidade do aluno e dos professores pode contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois o vocabulário usado na Literatura de Cordel é ou pode ser mais semelhante à linguagem cotidiana do aluno, tornando a compreensão dos textos mais fácil.

É nesta perspectiva que justificamos e direcionamos a nossa escolha pelo cordel como objeto de investigação literária no ensino fundamental e suas contribuições pedagógicas para promover o letramento literário, em turmas de 8º ano, numa escola pública no município de Santa Rita - PB.

Como sabemos, o surgimento dessa literatura está ligado à divulgação de histórias tradicionais, isto é, de narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando-as e transmitindo-as de geração em geração. São os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras, de viagens, como também de conquistas marítimas.

Segundo Luiz da Câmara Cascudo (1939), estes folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e logo depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No Nordeste brasileiro, sua forte presença tem raízes lusitanas. Aqui, no Brasil, inicialmente, muitos autores desses folhetos eram também cantadores e improvisadores de versos, que em suas viagens pelas fazendas, vilarejos ou pequenas cidades sertanejas, faziam a divulgação de seus próprios folhetos, nome pelo qual o povo se refere à literatura de cordel até os atuais.

Com o tempo e a criação de empresas particulares, houve então uma mudança no seu sistema de divulgação. Assim, as obras passaram a ser vendidas por folheteiros, ou revendedores empregados por eles. Dessa forma, os autores de folhetos poderiam ficar mais tempo em um mesmo lugar, divulgando suas produções folhetinescas.

A verdade é que atualmente o poeta popular ainda continua sendo o representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida, não lhe havendo limites de temas a serem explorados/cantados. Todavia, entre as expressões de cunho popular, a poesia, em especial, o cordel, ocupa ainda entre nós um lugar de destaque tanto pela sua diversidade de temas, quanto pela sua dinamicidade, musicalidade e força de expressão. Cremos residir aqui mais um dos motivos pelos quais devemos levar o cordel à sala de aula, na perspectiva de promover o letramento literário.

Entretanto, também adquirimos consciência de que ensinar literatura, em escola pública, ainda é hoje um grande desafio para muitos professores da educação básica, e, ainda mais, quando se trata do tema formação de leitores e letramento literário. Tema este que tem me causado muita inquietação, ao longo de duas décadas de experiência em sala de aula, no ensino fundamental, na rede pública municipal de ensino de Santa Rita -PB, cidade lócus da presente pesquisa.

Neste trabalho com a poesia popular, visamos desenvolver atividades de leitura (oral e/ou escrita) a partir de textos da nossa literatura no ensino fundamental, através de oficinas de leitura de cordéis, com enfoque no letramento literário. Dessa forma, pretendemos com isso, possibilitar ao aluno-leitor um maior contato com uma grande diversidade temática como bem afirma o grande literato e dramaturgo Ariano Suassuna (1962, p.01): "[...] a literatura popular em versos do Nordeste brasileiro pode ser classificada conforme os seguintes ciclos: o heroico, o maravilhoso, o religioso ou moral, o satírico e o histórico". Trabalhar com literatura de cordel, na sala de aula, não significa apenas ler ou reler em voz alta, mas também, brincar e degustar os versos, sem aquela velha "preocupação acadêmica" com a forma estrutural dos poemas.

Assim, com o passar do tempo e o andamento das atividades de leituras propostas, os alunos mesmos se encarregarão desta descoberta. Eles perceberão gradativamente, por exemplo, a rima e a métrica. O que está em jogo aqui, além do contato com o texto, é a oralidade do aluno, a partir de sua vivência com a leitura de cordéis. Nesse sentido, Pinheiro (2004, p.105) afirma: "[...] nada de imposição. Para quem pensa em trabalhar a cultura popular na escola a partir da experiência oral da criança, isso nos parece de fundamental importância".

Sobre essa experiência com a literatura popular, o grande poeta Manoel Bandeira (1990, p.33-34), afirma:

O meu primeiro contato com a poesia sob a forma de versos terá sido provavelmente em contos de fadas, em histórias de carochinhas [...]. Aos versos dos contos de carochinhas devo juntar algumas cantigas de roda, algumas das quais sempre me encantaram, como ‘Roseira, da - me uma rosa’ e ‘O anel que tu me deste’ [...], falo destas porque as utilizei em poemas [...], enfim versos de toda a sorte que me ensinava meu pai.

Embora nossa tradição escolar tenha, por muito tempo, negado os valores e a importância desta literatura no currículo escolar, percebemos claramente neste depoimento do poeta Bandeira o quanto é importante a experiência com a literatura popular. Assim como essa literatura foi um fator decisivo na carreira literária de um grande escritor filho da aristocracia, como o poeta Bandeira, poderá também ser fator importante no processo de letramento literário de nossos jovens leitores.

Entretanto, acreditamos que um outro fator indispensável ao sucesso deste tipo de atividade deve ser considerado. De acordo com Pinheiro (2004, p.106), uma questão metodológica para quem pesquisa ou pretende trabalhar com a poesia popular na sala de aula, é com relação ao ouvir:

Ouvir! Talvez esteja aí, uma questão metodológica de maior importância para quem deseja trabalhar com a poesia popular. Abrir os ouvidos para os ritmos, para as falas, para os versos que viajam de boca em boca na experiência do povo. Pode haver aí muita beleza a que não damos muita atenção.

Para este tipo de trabalho, é preciso, no entanto, se ter “uma atitude humilde”, nada de preconceito. A este respeito, Pinheiro (2004, p.107) também nos orienta: “[...] e ouvi-la pressupõe uma atitude humilde, nada preconceituosa com a cultura do povo. Atitudes preconceituosas nos fazem deixar de saborear tantas belezas”.

Compreendemos, com isso, que quando trabalhamos com a poesia popular, em sala de aula, a humildade é de fundamental importância. Valores como estes devem ser despertados em nossos alunos. Devemos, portanto, fazer com que eles entendam que o conhecimento científico se faz com diálogo e, diálogo com outras áreas ou outras formas do conhecimento. Neste processo, a competência leitora do aluno em muito depende de o poder fazer e de ser ouvido, e de diálogo com o outro que o produziu. Sendo assim, cabe à escola garantir esse uso da linguagem, do novo e dos mais diferentes gêneros textuais em seu Projeto Político Escolar.

Nessa lógica, o cordel, na condição de texto literário e de fácil acessibilidade ao nosso sujeito leitor, deverá ter seu espaço reservado no ensino da literatura. Segundo os PCN (1999, p.145), através dessa literatura podemos: “[...] recuperar, pelo estudo do texto literário, as

formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial”.

Assim, o trabalho com a poesia popular de cordel, na aula de literatura, é também mais uma importante e grande oportunidade para se trabalhar, por exemplo, a interdisciplinaridade proposta pelos PCN (1999, p.88): "o conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo o conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos [...]".

Assim, as outras áreas do conhecimento poderão ser trabalhadas de “forma harmônica”, respeitando-se as especificidades de cada uma delas, bem como as diferenças e semelhanças entre língua oral e língua escrita, conforme propõe este mesmo documento (1999, p.145): "Articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus diálogos sociais, contextuais e linguísticos".

Mediante o exposto, fica mais do que evidente a urgência e a importância de se desenvolver na escola um trabalho com a literatura popular de cordel, a qual antes de qualquer coisa nos exige "uma atitude humilde e a arte de saber ouvir", pois trabalhar com esta literatura é estar aberto às novas experiências a cada leitura que se faz de um texto.

Corroborando esta mesma ideia, é também sobre esta poesia, em sala de aula, a que Moisés (2012, p.06) também se refere:

Refiro-me à poesia em sala de aula, que é onde ela precisa estar, mas onde deve, acima de tudo, ser tratada de modo adequado, isto é, como experiência afetiva, cultural e artística, que as pessoas naturalmente amam e à qual deveriam dedicar-se por prazer, não por obrigação.

Vale lembrar também que para este tipo de trabalho de aprendizagem com o cordel, os alunos devem estar bem motivados, pois esse processo de despertar o interesse para o aprender, reveste-se de uma forte relação afetiva. Na educação, essa motivação vem sendo definida como iniciação e manutenção do comportamento, objetivando alcançar uma meta.

Em cada momento deste processo, o professor deverá utilizar a metodologia mais eficaz ou mais enriquecedora e, sobretudo, motivadora. A cada etapa, o educador terá que se mostrar extremamente animado de forma que o faça sentir-se motivado também, uma vez que a motivação se constitui a palavra chave para se ensinar a importância do exercício da leitura literária na vida de novos leitores.

Para isto, também se faz necessário que o professor conheça técnicas para despertar o interesse do aluno na sala de aula, conforme nos afirma Boruchovitch (2001, p.06):

[...] antes de mais nada, é preciso que o professor conheça tais mecanismos psicológicos ligados à motivação do aluno. Para ter êxito na tarefa de motivar adequadamente sua classe, todo professor deverá dominar uma grande variedade de técnicas, e também saber usá-las com flexibilidade e criatividade.

Acreditamos, portanto, que o professor precisa ser criativo para chamar a atenção da turma e mostrar para ela que estudar também pode ser divertido. Para isso, existem várias técnicas metodológicas, as quais, se bem trabalhadas, contribuirão para que os alunos desenvolvam seus próprios critérios de sucesso. Como motivá-los? Estabeleça, então, metas individuais, elas permitirão que os alunos desenvolvam seus próprios critérios de sucesso.

Segundo os PCN (1998, p.144), "[...] a competência do aluno depende, principalmente, do poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido e lido. E a escola não pode garantir esse uso da linguagem fora de seu espaço [...]". É ela o espaço apropriado onde o ensino da literatura deve ser exercitado, levando em conta a fruição da leitura literária, as competências e habilidades a serem desenvolvidas em cada área específica do conhecimento humano. Em outras palavras, um espaço onde opiniões e pontos de vista acerca das diferentes manifestações da linguagem literária sejam pensados, confrontados e respeitados. Entretanto, isso deve ser feito, de maneira que não incorramos em práticas de preconceito linguístico contra a nossa literatura de cordel.

No que diz respeito ao ensino da literatura, suas especificidades e possibilidades de usos da linguagem literária quer sejam eles orais ou escritos, observemos o que nos dizem os PCN (1998, p.26):

O tratamento dado ao texto literário oral ou escrito envolve o exercício do reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Se assim o fizermos, e tomarmos a literatura e seu ensino como sendo práticas de leitura e de interação social humanas isentas de transformações socioculturais, ou se cultivarmos também a crença de que temos uma única língua, e que esta deve ser a única a ser ensinada na escola, estaremos, segundo estes PCN, cometendo práticas de preconceito linguístico.

De acordo com o filólogo, linguística e professor Marcos Bagno (1999), este tipo de preconceito se caracteriza como rejeição às variedades linguísticas de menor prestígio social e:

Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, têm menos acesso à educação formal ou têm a um modelo educacional de qualidade deficitária (Bagno, 1999, apud Beraldo, 2020, p.01).

Essas práticas de preconceito, segundo Bagno, manifestam-se, por exemplo, nas afirmações acerca da imagem negativa que o brasileiro cria de si mesmo ou mesmo sobre a língua que fala. Este preconceito, de certa forma, também está intimamente ligado a outros tipos de preconceitos cuja essência tem origens em fatores de ordem socioeconômico, regional e cultural. Nesta perspectiva, por nossa pesquisa tratar de literatura popular, e ser o poema de cordel o nosso objeto de ensino, dentre os preconceitos aqui mencionados, voltemos nossa atenção para o preconceito cultural.

Contra a literatura de cordel, este tipo de preconceito se dá, em parte, devido às origens, o público alvo e as características desta literatura, uma vez que ela prima pelo uso de variantes mais informais da língua, e que, por isso mesmo, menos privilegiadas pela sociedade letrada.

Um dos fortes indícios que contribuem para este fato, reside, muito provavelmente, no forte uso de regionalismos típicos de áreas mais pobres e carentes da população, a exemplo dos falares regionais e caipiras, manifestados nessa literatura, mas também no fato de ser ela uma espécie de porta voz de cultura de massas e de resistência, como também devido às variantes linguísticas usadas por ela em seus escritos.

Entendemos, com isso, que as consequências deste preconceito calcado na falsa ideia de unidade da língua, resulta, contudo, na atenuação das demais formas de preconceitos a ele relacionadas. cremos que para superarmos esta problemática, cabe à escola e à família, num trabalho colaborativo com as mídias sociais, propagarem a ideia de que na literatura não há espaço para questões de "certo" ou "errado", no que tange aos seus mais diversos usos e manifestações no campo artístico literário. Nesse tipo de atividade, devemos trabalhar o princípio da adequação linguística, ou seja, adequar as diversas manifestações de uso oral da linguagem às mais diversas situações comunicativas em que ela se concretiza e se realiza.

Também entendemos e orientamos que esta proposta de letramento literário, a partir da literatura popular de cordel (a título de sugestão, é claro), também poderá ser desenvolvida na escola com outros anos de ensino e em conjunto com outras disciplinas, a partir de um olhar interdisciplinar com foco na memória e identidade cultural.

A interdisciplinaridade não minimiza, tampouco neutraliza as demais disciplinas curriculares, pelo contrário, supera a justaposição disciplinar. Segundo entendemos, ela rege o princípio do diálogo entre as várias áreas do conhecimento, que tem origem na história da ciência contemporânea, a partir do século XV. De acordo com os PCN (1998, p.34) a interdisciplinaridade:

Não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vistas. [...]. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para atender às questões e aos problemas sociais contemporâneos.

Durante muito tempo e para fins didáticos, o mundo foi bastante fragmentado e, por muito tempo, essa fragmentação atingiu seus objetivos desejados. Entretanto, na contemporaneidade e com a dinamização das informações, esta visão fragmentária do mundo no campo educacional não surte efeitos positivos, uma vez que isso nos impede de entendermos alguns fenômenos sociais ou não, por mais simples que sejam eles.

Nessa perspectiva, buscando entender o conhecimento como um todo complexo (não mais fragmentado) e voltado para a formação do indivíduo, a interdisciplinaridade propõe a capacidade de dialogar com outras ciências. Por isso, consideramos a importância do contato de nossos alunos, através do texto literário, uma vez que a literatura carrega em si o poder de dialogar com textos de outras disciplinas, seguindo o princípio da indissociabilidade do conhecimento. De acordo com os PCN (2000, p.88):

Essa Interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição disciplinar. De fato, será principalmente na possibilidade de relacionar disciplinas em atividades ou projetos de estudos, pesquisa e ação, que a interdisciplinaridade poderá ser uma prática pedagógica e didático-pedagógica adequada aos objetivos de ensino [...].”

Portanto, é viável e importante para o pesquisador considerar também essa prática interdisciplinar como sendo um instrumento fundamental para o trabalho com a literatura de cordel (na perspectiva da comunicação oral no ensino fundamental, assumindo-a também como objeto de pesquisa). De acordo com Goody (2014, p.69) “[...] o trabalho interdisciplinar desenvolvido pelos educadores é de fato um trabalho preventivo. É um trabalho de educar as consciências para o desenvolvimento de suas potencialidades e autoestima como ser psicossocial”.

3.3 O CORDEL: SÍMBOLO DE COMUNICAÇÃO E DE RESISTÊNCIA POPULAR

De acordo com Resende (2005, p.412), “[...] o cordel era considerado ‘o jornal do sertão’. Era por meio dele que as notícias chegavam ao interior do Nordeste. Neste sentido, pode-se dizer que o cordel foi mídia importante na região”. A literatura de cordel transmite aquilo que é cantado/contado e/ou improvisado pelo cordelista numa relação direta e viva entre o poeta e seu público. Por meio dele, o poeta exprime um modo particular de ver, sentir e viver de um povo.

O cordelista como difusor de sua própria arte cria valores para as coisas e para os lugares que narra/descreve em seus versos, despertando no seu público leitor segundo Ruffini (2009, p.51) “expectativas e imagens mentais daquilo que ele anuncia”. Este despertar de imagens, de acordo com esse autor, não só suscita no leitor discussões e questionamentos, mas também o faz refletir sobre o que é anunciado. Isso o faz do cordel um só instante de literatura e um meio de comunicação através do qual o leitor recebe, processa e transmite a informação.

Assim, entendemos que a dinamicidade, diversidade e a atualidades de temas que despertam a atenção do seu público, explorados nos folhetos, o faz não apenas o porta voz da informação, mas também um veículo de comunicação que além de informar, incorpora-se à vida cotidiana do povo nordestino, entrelaçada à imaginação do poeta popular, mantendo o povo informado acerca das notícias e da circulação dos fatos não apenas do passado, mas também na contemporaneidade. Nesta perspectiva, o cordel, como canal de comunicação popular, representa uma forma alternativa de comunicação, que tem resistido ao tempo, mesmo com as mais modernas e constantes inovações tecnológicas no campo da comunicação.

De acordo com Sá (2017, p.142), o cordel é um meio de comunicação e, através dele, os chamados cordelistas expressam com liberdade poética diversas problemáticas sociais denunciando, questionando e expondo suas indignações sobre os fatos numa ação semelhante à prática jornalística. Desse modo, eles assumem um papel cidadão de fiscalização do cotidiano.

Num artigo intitulado “Literatura de cordel: dos tradicionais folhetos aos modernos livros de capa dura”, Lima (2021, p.315-328) discute, de forma didática, como os poetas populares, mediante as dificuldades de custo, precisaram adaptar suas produções cordelísticas para o espaço virtual como suporte de divulgação, conservação e comercialização. Aponta, além das contribuições das universidades, através de pesquisas acadêmicas, os esforços de pesquisadores e de organizadores de antologias como forma de preservar a nossa literatura de cordel.

Após entrevistar poetas populares, como Nelson Barbosa, natural de Princesa Isabel-PB, comerciantes de cordel, leitores e profissionais de outros campos que leem cordéis, Sá (2017) também nos assegura que são várias as vozes que enxergam o cordel como forma de afirmação cultural, de resistência, história e memória dentro do universo da comunicação popular e afirma:

O cordel se renovou esteticamente e semanticamente, e vem se fortalecendo mesmo diante os processos comunicacionais da contemporaneidade transformando-se com o apoio das novas tecnologias. O que culmina em práticas como o cibercordelismo, a peleja virtual, o repente virtual e na ressignificação da poética cordelista junto às novas gerações mediante o seu uso em sala de aula. (Sá, 2017, p.150)

Hoje sua preservação em muito depende de pesquisas acadêmicas, de interesses e esforços de alguns pesquisadores conscientes e organizadores de antologias como forma de preservá-lo e difundi-lo país a fora. Contudo, no cenário artístico nacional, o cordel paraibano tem se destacado tanto pela sua dinamicidade quanto pela sua força de expressão. Diante disso, mais um dos motivos pelos quais devemos realmente levar esta literatura ao ambiente escolar, vez que de acordo com Pinheiro (2014, p.41):

A sala de aula nos parece o espaço bastante adequado para a vivência de leituras de folheto, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos da realização oral. Pesquisas intervencionistas realizadas com folhetos de cordel (com aluno do ensino fundamental e médio) e com sextilhas isoladas (com crianças das primeiras séries do ensino fundamental) mostram que há um espaço para vivenciar os folhetos no espaço escolar, e que eles podem contribuir decididamente para a formação de leitores.

É nesse sentido, que a sala de aula se apresenta e tem se mostrado o espaço apropriado para se trabalhar essa arte, expressão de cunho artístico cultural e de memória coletiva de um povo.

Por isso a nossa pesquisa também objetiva proporcionar aos discentes do 8º ano um ensino de literatura de forma mais dinâmica e produtiva, não desvinculado do contexto da sala de aula, por meio do letramento literário e a partir dos cordéis Juvenal e o Dragão e a História da Princesa da Pedra Fina, ambos de Leandro Gomes de Barros, sobre os quais trataremos mias a frente.

3.4 LEANDRO GOMES DE BARROS: A VOZ DO CORDEL PARAIBANO

*Se eu conversasse com Deus
Iria lhe perguntar:
Por que é que sofremos tanto
Quando viemos pra cá?
Que dívida é essa
Que a gente tem que morrer pra pagar?
(...)
Por que existem uns felizes
E outros que sofrem tanto?
Nascemos do mesmo jeito,
Moramos no mesmo canto.
Quem foi temperar o choro
E acabou salgando o pranto?
(Leandro Gomes Barros)*

Dadas as especificidades e a atualidade do tema, objeto de estudo de nossa pesquisa, apresentamos, neste tópico, o paraibano e poeta cordelista Leandro Gomes de Barros, sua

epopeia nordestina: História de Juvenal e o Dragão, o cordel: História da Princesa da Pedra Fina, e justificamos o porquê da escolha de a obra Juvenal e o Dragão para constituir o corpus de estudo da presente pesquisa.

3.4.1 Sobre o poeta Leandro Gomes de Barros

Imagem 2 - Leandro Gomes de Barros, “pai do cordel no Brasil



Fonte: Globo Rural, 02/01/2011.

O nosso poeta e cordelista Leandro Gomes de Barros nasceu na fazenda Melancia, Município de Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865. Com a morte de seus pais, Jose Gomes de Barros Lima e Adelaide Gomes de Barros Lima (respectivamente pai e mãe), ele passou a viver em companhia de seu tio, o Pe. Vicente Xavier de Farias, o qual, por tradição, após a morte dos pais de Leandro, torna-se o tutor da família e, com isso, passa a ser o responsável direto pela educação do menino. Dessa forma, Leandro passa a viver em companhia de seu tio na cidade de Teixeira-PB, cidade onde viveu até os seus 15 anos de idade. Por volta de 1890, Leandro vai morar em Vitória de Santo Antão-PE de onde, posteriormente, mudou-se para Jaboatão dos Guararapes onde fixou residência até 1906. Em 1907, chega ao Recife onde viveu de aluguel em vários endereços até fixar residência.

Na capital pernambucana, montou uma tipografia a fim de publicar seus folhetos, os quais eram impressos na própria residência ou em tipografias do Recife e da Paraíba, sendo considerado o primeiro a publicar, editar e vender seus poemas, e também considerado o criador da atividade do “folheteiro”.

Na condição de primeiro escritor brasileiro de literatura de Cordel, e de temática diversificada, escreveu sobre política, cangaço, humor e, principalmente, sobre a personagem da sogra (vista, muitas vezes, pelo poeta como a perturbadora da paz doméstica). Escreveu aproximadamente 240 obras. Considerado o maior poeta popular do Brasil de todos os tempos, é autor de vários clássicos e campeão absoluto de vendas, com muitos folhetos em número superior a 3 milhões de exemplares vendidos. Ele compôs obras primas que inspiraram outros grandes autores como, por exemplo, Ariano Suassuna em o Ato da Compadecida, obra inspirada em dois de seus folhetos: "O Dinheiro", também chamado de "O testamento do cachorro" e "O cavalo que defecava dinheiro".

Com a fundação de sua pequena gráfica no ano de 1906, seus folhetos se espalham pelo Nordeste brasileiro, fato que levou o folclorista Câmara Cascudo a considerá-lo o mais lido dos escritores populares. Três anos depois, em 1909, publica seus poemas na seção "Lyra Popular" no jornal "O Rebate de Juazeiro do Norte". De sua fascinação e inspiração por poemas medievais, nasceu o romance "Batalha de Oliveiros contra Ferrabrás", obra inspirada nos romances de cavalaria também conhecidos como Ciclo Carolíngio ou Matéria de França. Conhecido também por Carlos Drummond de Andrade como "o rei da poesia do sertão e do Brasil", Leandro de Barros é hoje o patrono da cadeira número 01 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Dentre um grande universo de obras cordelistas que este poeta escreveu, mencionamos aqui dez de suas obras das quais apenas uma comporá o tema da presente pesquisa. Eis aqui a relação:

O cachorro dos mortos, O cavalo que defecava dinheiro, História de Juvenal e o Dragão, História do Boi Misterioso, Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, Branca de Neve e o Soldado Guerreiro, A Confissão de Antônio Silvino, Os Sofrimentos de Alzira, A Donzela Teodora e A Princesa da Pedra Fina. Dentre as obras aqui citadas, apenas os cordéis História de Juvenal e o Dragão e História da Princesa do Reino da Pedra Fina farão parte deste estudo, sendo que apenas o cordel - Juvenal e o Dragão - será objeto de investigação do presente estudo.

3.4.2 A História de Juvenal e o Dragão

Podemos dizer que a temática central dessa narrativa é a saga de um jovem protagonista, filho de camponês que luta bravamente para libertar a princesa do domínio de um grande dragão devorador de moças jovens e bonitas num povoado distante. Sobre esta obra, podemos elencar alguns importantes motivos para justificar o porquê de sua escolha para compor a sequência básica de leitura.

Ressaltamos que esses são motivos que certamente contribuirão significativamente para envolver os alunos nos momentos de leitura durante a realização das oficinas, e incentivá-los a participarem ativamente de todo o processo de desenvolvimento da presente pesquisa. Como justificativa, podemos destacar alguns temas explorados, ao longo da narrativa da obra investigada, por meio de três estrofes do cordel abordado, conforme a seguir:

- A luta do bem contra o mal: a falsidade e a vilania associados ao mal acabam sendo vencidas pelas boas virtudes.

Quem ler esta história toda
Do jeito que foi passada
Verá que o falso vil
Nunca nos serviu de nada
A honra e a felicidade
Sempre foi recompensada. (BARROS, s/data, p.1)

- A fé em Deus: o poder divino evocado num ato de demonstração de fé no criador supera todas as outras coisas na terra.

Não digo por pabulagem:
Nunca temi o inimigo
Eu junto com meus 3 cães
Só Deus poderá comigo
Enfrento um cento de feras
Não digo que vi perigo. (BARROS, s/d, p.10)

- A lealdade aos princípios familiares: no casamento da princesa, Juvenal envia um cortejo para buscar sua irmã. Com tal ação, os cães percebem que o protagonista se manteve fiel aos princípios familiares. Despedem-se de Juvenal e vão embora.

Os cães vendo a menina
Ficaram de prontidão,
E disseram a Juvenal:
Está finda a missão,
Queríamos ver se a riqueza
Mudava o teu coração. (BARROS, s/d, p.31)

Acreditamos que todos estes elementos somados à simplicidade e à clareza da linguagem, ao tom heroico da narrativa, à bravura do protagonista em combate com o temível dragão e a presença dos cães encantados, contribuem para a dinâmica da narrativa e poderão despertar o interesse dos alunos pela leitura da presente obra. Segue então o resumo da obra.

A narrativa conta a história do jovem Juvenal que, após a morte de seu pai e deixar sua irmã aos cuidados do padrinho, despede-se da família e, na companhia de seus três carneiros, decide sair de casa em busca de novas aventuras. Durante a viagem, encontra um desconhecido - chamado de cocheiro - que lhe propõe uma troca: trocar os carneiros que acompanham Juvenal por seus cães: Rompe-Ferro, Ventania e Provador. Feita a troca, o jovem Juvenal segue sua

viagem em companhia de seus novos companheiros. Em seguida, entre muitos acontecimentos e já em um reinado distante, Juvenal e Rompe-Ferro travam uma batalha contra um Dragão que tem como missão devorar uma princesa, dada como pagamento de uma antiga promessa que o rei (pai da dessa princesa) fez com a fera, em troca da não destruição de sua cidade. Depois de salvar a jovem princesa, Juvenal arranca dois dentes da fera, manda a princesa de volta ao reinado em companhia do cocheiro e, em companhia dos cães, ele prossegue em viagem pelo mundo. Alguns anos depois, e após descobrir em sonho ter sido traído pelo cocheiro, Juvenal vai até o palácio da princesa, e descobre que a ela está prestes a se casar com o cocheiro, que ao saber da chegada de Juvenal ao palácio, vê seu plano cair por terra. No entanto, para desmascarar o cocheiro de seus planos, Juvenal se apresenta ao rei e como prova de que ele matou o dragão, apresenta-lhe os dentes que arrancou e os guardou como prova de seu ato de bravura na luta contra a tão destemida fera. Finalmente, desmascarando o cocheiro e aprovado pelo imperador, casa-se com a princesa. E você como se sairia dessa?

Nesta epopeia paraibana, podemos identificar alguns elementos medievais, éticos e cristãos presentes no imaginário popular nordestino, como a fé em Deus, a lealdade aos princípios familiares e os juramentos feitos ao senhor. Durante a narrativa de Juvenal e o Dragão, a falsidade e a vilania tão associados ao mal, e representados aqui na figura do cocheiro, que acabam sendo vencidos por esses princípios, graças à invocação do herói ao criador e à interferência do divino, manifestadas na presença dos cães em favor de Juvenal no embate contra o dragão.

Este cenário narrativo de Juvenal parece nos lembrar o tema medieval da história de São Jorge (santo oriundo da tradição bizantina russa), um cavaleiro que em nome de Deus também venceu um dragão, símbolo do mal, livrando a princesa e todo o seu povo do terrível domínio da serpente. Nesta perspectiva, tanto o tema quanto a maneira cantada de recitar a poesia épica presentes na narrativa de Juvenal, também nos parecem comprovar um possível parentesco entre o cordel e a canção de gesta.

De acordo com Zumthor (1972), essa canção é um bom exemplo de texto literário medieval no Ocidente, no período compreendido entre os séculos XII e XIV. Segundo ele, memorizar certos temas ou mesmo determinadas formas, muito contribuiu para a continuidade do processo de narração de histórias. Dessa forma, o repertório dos poetas cordelistas nordestinos parece dar continuidade a essa oralidade tão comum à Idade Média.

Ainda sobre esse aspecto, Le Goff (1990, p.442) afirma que, no campo artístico literário, essa oralidade é um traço que permanece ao lado da escrita, uma vez que “a memória é um dos

elementos constitutivos da literatura medieval”, o que nos parece ser também uma característica marcante na nossa literatura de cordel.

Mediante o exposto, podemos perceber como certos valores culturais e artísticos ligados à ética e à moral cristã são tão caros aos poetas da Idade medieval e se fazem tão presentes ainda hoje na cultura popular nordestina e, por conseguinte, na obra de Leandro Gomes de Barros. A presença marcante desses valores em nossa cultura popular corrobora, ainda mais, o porquê dessa nossa proposta de letramento literário a partir da leitura e interpretação do cordel Juvenal e o Dragão com discentes do ensino fundamental.

Na literatura nada acontece por acaso, pois como diz Candido (2004, p.177) “a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado”. Assim também acontece com a sistematização de toda e qualquer pesquisa científica: o pesquisador pensa, pesquisa, planeja e organiza o conhecimento e as etapas da pesquisa de forma sistematizada e objetiva.

3.4.3 A História da Princesa da Pedra Fina

Imagem 3: Capa do cordel “História da Princesa da Pedra Fina”



Fonte: google.com

Semelhante à história de Juvenal e o Dragão, que incansavelmente luta para salvar a princesa das garras de um dragão devorador de moças jovens e bonitas num reino não identificado, a narrativa de “A Princesa da Pedra Fina” gira em torno da história de um jovem camponês chamado José, filho de Umbelina, que bravamente luta para vencer os desafios que lhe são impostos pelo rei, visando tomar-lhe a princesa. Resumindo a história: a narrativa deste cordel conta a história de um trabalhador da roça, pai de três filhos: João, Antônio e José, sendo que José era o caçula da família a quem a mãe tanto amava.

Um certo dia, durante o trabalho na roça, o pai já muito cansado, aconselha os filhos a trabalhar enquanto ele descansa e aguarda a esposa chegar com o almoço do dia. De volta ao trabalho, ele encontra os filhos brincando e falando sobre o que desejavam fazer. Antonio desejou comer muito feijão com breço; João desejava comer banana com casca e José, o caçula, desejava ver as pernas das moças do Reino da Pedra Fina. José, ao contrário dos seus irmãos que desejavam apenas saciar a fome, queria ver as pernas das princesas de um reino próximo.

O pai, ao saber do atrevimento do menino, surra-o e ele foge de casa. No caminho, acha uma pedra preciosa que lhe traz muita encrenca, mas, ao mesmo tempo, leva-o a atender diversas outras coisas. Após vendê-la para o rei daquele lugar, José começa a receber ameaças do rei para que ele lhe traga outras pedras de igual valor. Na interminável procura por outras pedras, José salva uma serpente que luta contra um leão, o que devolve a ela a forma de bela princesa.

Salva por José, ela o ajuda e lhe concede mais pedras. Enriquecido, José passa a viver bem com a princesa até o advento da maldosa cobiça do barbeiro para prejudicar os planos de José. Novamente incentivado por ele (o barbeiro), o rei passa a mandar José para outras missões impossíveis, a fim de "roubar-lhe" a princesa - que o auxilia em tais missões - e suas lindas irmãs resgatadas por José, a cada empreitada que o rei impunha ao destemido e valioso jovem. Finalmente, através das artimanhas mágicas da princesa, morrem o barbeiro, quando é enviado ao inferno, e o rei também. Livre do rei e do barbeiro, a família de José, até então presa, é libertada e seus irmãos Antônio e João se casam com as princesas, irmãs da princesa da Pedra Fina, esposa de José e todos passam a viver felizes para sempre.

Na sequência, apresentamos o percurso metodológico da presente pesquisa e seus devidos desdobramentos.

4. DAS QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A pesquisa científica é um processo sistemático que colabora com a construção do conhecimento humano. Por assim ser, é tarefa do pesquisador construir um percurso metodológico de pesquisa que atenda às demandas de sua área. Por percurso metodológico, entendemos o caminho a ser seguido no campo de pesquisa para alcançarmos os objetivos aos quais nos propomos.

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa e seus respectivos desdobramentos: o tipo de pesquisa, o trabalho de campo, a caracterização do contexto educacional, a seleção e o método de identificação dos participantes, os procedimentos de geração de dados, o relato e a análise dos dados coletados - anterior à aplicação da pesquisa e a proposta mediadora de leitura literária, finalizando-o com a apresentação do caderno pedagógico como uma ferramenta didática de apoio pedagógico para uso do professor na aula de literatura.

Nessa perspectiva, e diante das dificuldades encontradas no cotidiano da sala de aula no que diz respeito ao ensino de literatura no ensino fundamental, a presente proposta de estudo possibilita um novo olhar sobre o tratamento dado à literatura na escola de ensino fundamental (anos finais), uma vez que ela permite ao aluno-leitor vivenciar uma rica experiência com a literatura de cordel, no diz respeito aos mecanismos de inclusão sociocultural e de identidade nordestina.

Para o melhor embasamento teórico científico do percurso metodológico da presente pesquisa, dialogam conosco, neste capítulo, os seguintes teóricos: Malhotra (2006); Minayo (2009); Lakatos, Marconi (2008), Rojo (2009), Cosson (2021) e Bardin (1997).

4.1 O TIPO DE PESQUISA

No que se refere à natureza da vertente metodológica, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter intervencionista. Qualitativa porque, de acordo com Malhotra (2006), diferentemente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa nos proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto em que se insere a problemática pesquisada. Por isso, nesse contexto, ela nos parece ser a mais adequada para este tipo de trabalho.

Corroborando esta ideia, este tipo de pesquisa, segundo Minayo (2009) também se preocupa com “[...] questões muito particulares [...] com um nível que não se pode ou não se

deve ser quantificado. Nesse ponto, sustentam-se as reflexões e as subjetividades que aqui buscamos interpretar.

Ainda sobre este tipo de pesquisa, Godoy (1995, p.58) explica: a pesquisa qualitativa

[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Assim sendo, neste tipo de estudo, a interpretação assume destaque especial. É o momento em que se confrontam, na prática, a teoria, os objetivos, a hipótese e achados da pesquisa com vistas às inferências e as interpretações a fim de se proceder a redação de sínteses interpretativas.

É intervencionista, porque que ela sugere uma intervenção na sala de aula com o objetivo de nos proporcionar um novo olhar sobre o tratamento dado ao ensino do texto literário na aula de literatura. Ela também possibilita ao aluno-leitor vivenciar novas experiências com a leitura através da poesia popular de cordel, visto que seu capítulo prático se propõe a mediar o trabalho com a leitura literária no ensino fundamental.

4.2 O TRABALHO DE CAMPO

É nesse momento que confrontamos tudo que encontramos teoricamente sobre a problemática de estudo que pesquisamos com a realidade vivenciada enquanto pesquisador.

Sobre trabalho de campo, Minayo (2009, p.26) afirma que este tipo de atividade “[...] consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada” anteriormente, melhor dizendo, nesse levar, o pesquisador confronta, na teoria, sua problemática de estudo com a sua vivência profissional.

Nosso objetivo em realizar pesquisa-ação através da geração de dados é indiscutivelmente de fundamental importância, uma vez que essa atividade consiste em levantar o conhecimento prévio dos alunos acerca da temática a ser estudada para melhor podermos sistematizar nossa pesquisa. Este levantamento se deu pelos seguintes instrumentos: conversas informais na sala de aula, observação participante e aplicação de dois questionários semiestruturados, sendo um questionário aplicado anteriormente à aplicação da pesquisa, e um outro posterior à conclusão da pesquisa.

4.3 O CONTEXTO DE APLICAÇÃO DA PESQUISA

Para a aplicação da presente pesquisa, este estudo selecionou um grupo de 20 estudantes do ensino fundamental (anos finais) de uma escola municipal da rede pública de ensino por ser essa a realidade que abarca grande parte dos alunos matriculados na educação básica no Brasil. Dentre os critérios adotados para escolher o *locus* da pesquisa, considerou-se o interesse da comunidade escolar pela presente proposta de mediação e a predisposição dos discentes participantes a colaborar, tanto para responder os questionários quanto das oficinas de leitura. Também se faz importante informar que a direção, supervisão escolar, professores e pais dos alunos convidados também foram informados dos objetivos deste estudo.

A referida pesquisa foi desenvolvida no município de Santa Rita (Cidade dos canaviais), localizado na região metropolitana de João Pessoa, no estado da Paraíba. Atualmente Santa Rita é tida como a quarta maior economia do estado, em virtude do seu distrito industrial. De acordo com dados estatísticos disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), o município possui hoje uma população de 149.910 habitantes.

Sobre a rede municipal de ensino, conforme dados informados pelo Censo Escolar (2023), a cidade conta com 41 escolas e 17 creches públicas municipais para o atendimento escolar de seu público estudantil: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, e EJA (Educação de Jovens e Adultos), num total de 14.279 alunos matriculados, exceto o ensino médio, que fica sob a responsabilidade da rede pública estadual de ensino.

No que diz respeito à instituição de ensino onde a pesquisa foi aplicada, a EMEF e EJA Dr. Flávio Maroja Filho está localizada na zona urbana do município, na Rua Patos s/n, Bairro dos Municípios na cidade supracitada e funciona em três turnos, atendendo a alunos da educação básica (anos iniciais e finais) e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Atualmente, a escola apresenta um corpo discente de 630 alunos, distribuídos em 21 turmas nos turnos manhã, tarde e noite. Seu quadro técnico pedagógico é formado por 32 professores e 27 funcionários. Sua fundação data de 1987 e seu funcionamento se deu através do decreto Lei Nº 10/94 e do ato 01/98.

Além das 09 salas de aula e outros elementos básicos a toda instituição, ela conta com uma quadra poliesportiva descoberta, sala de recurso, sala de informática (ainda em processo de construção) direção, secretaria, sala de professor e uma pequena sala reservada para livros paradidáticos. Também dispõe de alguns recursos tecnológicos que podem ser utilizados pelos docentes para ministrarem as aulas, como por exemplo, data show e uma TV led.

A escolha por essa intuição se deu pelo fato de que pertenço ao seu quadro permanente de professores efetivos no ensino fundamental (língua portuguesa), e também porque a presente pesquisa é voltada para a investigação da prática pedagógica deste pesquisador, o que também é objetivo do PROFLETRAS.

Localizada no Bairro do Município (popularmente conhecido por Tibiri) o que, de certa forma, propicia maior acesso ao público residente no próprio bairro, a instituição atende a um público de origem bem variada: alunos que vêm da rede privada de ensino e principalmente de outros bairros mais distantes (bairros que se limitam com a zona rural do município, onde muitos moradores geralmente trabalham nos plantios de abacaxi e de cana de açúcar). Essa diversidade me fez acreditar na hipótese de que o cordel talvez já fizesse parte do universo de leitura desses discentes, uma vez que o contexto favorece o trabalho com a literatura popular. No entanto, a análise dos dados, conforme discutida mais adiante, mostrou-se contrária a esta hipótese.

Porém, independentemente do local de aplicação da presente pesquisa, é importante esclarecer o seguinte: esta proposta ou outra que venha a surgir, tendo em vista possibilitar ao leitor experiências sobre letramento literário por meio do cordel, também poderá ser aplicada nos mais diferentes contextos escolares.

Conforme podemos observar, durante a escrita da presente dissertação, os elementos que compõem o folheto podem favorecer uma relação de empatia por parte dos leitores, no que diz respeito à aceitação e à leitura de cordéis. Isso porque esta literatura que se espalhou de tal forma pelo país, e que se tornou parte da cultura popular, é hoje uma leitura de deleite e de informação para muitas pessoas pertencentes às mais diferentes classes sociais.

Entretanto, é evidente que por ter suas raízes mais precisamente atreladas ao Nordeste brasileiro (celeiro maior desse gênero), sua aceitação, por parte de alunos-leitores, nesta região, seja maior. Nesse contexto, a escola selecionada para a aplicação da pesquisa também se insere nesta área geográfica do país, fato que não impede que o folheto também possa ser adotado como objeto de estudo e de leitura deleite em outros diferentes contextos.

Portanto, negar ao educando o acesso à literatura de cordel, às vezes, até por julgá-la como menor ou mesmo exótica, seja pela simplicidade do seu material de produção, seja por seu vocabulário simples e sem muitos usos de inversões sintáticas e, principalmente, figuras de linguagem, é talvez perder uma grande oportunidade de poder promovermos, na escola básica, a formação de novos leitores através de textos agradáveis e interessantes de nossa cultura popular, o cordel. Nesse sentido, o que precisamos, no entanto, enquanto educadores, é

pensarmos e executarmos propostas de leitura que despertem no educando o interesse pela leitura literária, sobretudo, termos a sensibilidade para escutá-los, durante o processo de escolha e leitura dos textos trabalhados na aula de literatura.

4.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

No que diz respeito ao nível escolar dos aprendizes selecionados para participar dessa pesquisa, fizemos opção por alunos matriculados em duas turmas de 8º ano do ensino fundamental (turmas A e B) para refutar ou comprovar a hipótese pensada. São jovens entre 13 e 17 anos de idade, dentre os quais 32 são do gênero feminino e 28 do masculino. Deste total, apenas 20 optaram por participar da pesquisa, distribuídos em dois grupos, sendo 08 do gênero feminino e 12 do gênero masculino. Estes discentes foram selecionados a partir de seu interesse e empenho nos encontros de leitura, por serem alunos dessas turmas nas quais leciono e também por ser pretensão minha compreender algumas questões pontuais relacionadas ao ensino da literatura nesta fase da educação básica.

Em sua maioria, são adolescentes oriundos de famílias trabalhadoras e de baixa escolarização residentes nos bairros Tibiri, Marcos Moura e Heitel Santiago. Salientamos que se tratam de adolescentes e jovens carentes de assistência social e de mais atenção, por parte do poder público local, no que diz respeito a atividades não só de incentivo à leitura, mas também de incentivo à cultura, ao esporte e ao lazer.

Mediante a situação descrita, a escolha por esta temática de pesquisa neste nível de ensino se deu de forma amparada no que reza a BNCC (2018), no seu campo de atuação artístico-literário, no que diz respeito ao ensino do cordel como um dos textos literários e priorizados para serem trabalhados nessa fase de ensino.

4.4.1 A seleção e o método de identificação dos participantes de pesquisa

Após cumprir todos os requisitos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o estudo de campo foi autorizado para coleta de dados e intervenção ao problema com os informantes. Assim, dos 60 alunos do 8º ano matriculados na instituição de ensino *lócus* da pesquisa no turno vespertino - turmas A e B - apenas 20 deles aceitaram participar e integrar esse estudo. Estes, formando um grupo único, foram esclarecidos dos objetivos da proposta e se disponibilizaram a colaborar.

Comprendemos que os objetivos da pesquisa e a conscientização do letramento literário, por meio do cordel, talvez só se tornem palpáveis quando primeiramente constatarmos

seu funcionamento através da aplicação prática de oficinas com esse grupo de discentes, fato a ser possibilitado por esta investigação.

Além disso, é importante salientar que os referidos participantes, ao serem informados sobre os objetivos da pesquisa, dispuseram-se a participar pelo fato de não conhecerem a literatura de cordel e acharem importante conhecê-la para melhor significar/ressignificar sua aprendizagem de leitura na sala de aula.

Para admitir a participação desses participantes, foram selecionados alunos com algum nível de alfabetização (domínio do sistema de escrita alfabética e desempenho no tocante à capacidade de leitura e interpretação de textos escritos), mas que geralmente apresentam certa resistência à leitura e apresentam dificuldades de interpretação de textos literários.

Em contrapartida, também foi admitido a participar da presente pesquisa o estudante KV, aluno com o CID F:84.0, diagnosticado com autismo infantil aos 10 anos de idade. O aluno apresenta baixo domínio do sistema de escrita alfabética e dificuldades de leitura e interpretação de textos escritos. Admitimos sua participação, não pelo simples fato da inclusão, mas também porque além de ser um educando assíduo à escola, é bastante participativo nas aulas de língua/literatura e está sempre disponível a fazer as atividades da disciplina e a participar dos eventos escolares, ou seja, sempre procura superar as próprias dificuldades.

Traçando um breve perfil do grupo, este se compõe de 20 integrantes, com idades que variam de 13 a 16 anos, todos residentes no município de Santa Rita-PB. Em conversa informal, todos informaram morar na zona urbana, no bairro em que se localiza a escola e em outros bairros adjacentes. Também admitiram ter estudado a educação infantil e fundamental (anos iniciais) em escola pública. Para preservar a identidade dos participantes, estes foram identificados pelas letras iniciais de seus respectivos nomes e sobrenomes, conforme a explicação a seguir:

- Estudantes MR, MA, EV, AR, AB, DM, NV e AA (gênero feminino);
- Estudantes JR, JRS, KI, KV, JV, LF, MH, MV, PG, RK, TF e VH (gênero masculino).

Também se faz preciso destacar que nos foi possível registrar a experiência dos encontros de leitura com o grupo (mediação) por meio de fotografias das quais algumas foram expostas ao longo do capítulo. Sobre as informações coletadas nos questionários, estas foram apresentadas e discutidas, considerando as respostas dos informantes na íntegra com as

correções gramaticais necessárias (sendo consideradas as respostas mais pertinentes para gerar a discussão²).

4.5 OS PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

No que diz respeito aos procedimentos de geração de dados, utilizamos algumas estratégias como conversas informais durante as aulas, através das quais esclarecemos os objetivos da pesquisa e colhemos algumas impressões sobre a escola e seu ensino; também dois questionários aplicados antes e pós aplicação da pesquisa (apêndices C e D), os quais foram respondidos pelos participantes sobre sua(s) experiência(s) com a leitura, a literatura, a cultura popular, o letramento literário, a literatura de cordel e com as oficinas de leitura no espaço escolar. Ambos os instrumentos são de suma importância para o presente estudo, uma vez que, através deles, diagnosticamos o nível de aprendizagem em que se encontram os sujeitos participantes antes e depois da aplicação da pesquisa.

Didaticamente, no primeiro momento, realizamos aplicação do primeiro questionário-coleta, análise e discussão dos dados coletados anteriormente à proposta de mediação. No segundo momento, para a efetivação da presente proposta mediadora de leitura e melhor atender às necessidades dos participantes da pesquisa, optamos pelo método de aplicação de oficinas pedagógicas sobre leitura literária a partir do cordel Juvenal e o Dragão, obra que constitui nosso corpus de pesquisa. No terceiro e último momento, aplicamos o segundo questionário-coleta, análise e discussão dos dados coletados - posteriormente à proposta de mediação.

4.5.1 A revisão bibliográfica

Também chamada de revisão de literatura, referencial ou fundamentação teórica, a revisão bibliográfica é um processo de levantamento, análise e descrição de dados sobre o que já foi ou vem sendo escrito e/ou publicado a respeito do tema a ser pesquisado numa determinada área do conhecimento.

Este recurso (referencial teórico) necessário à construção e sistematização de toda e qualquer pesquisa científica, é o responsável pela sistematização dos trabalhos acadêmicos (dissertação ou tese).

² Este estudo informa que alguns dos dados fornecidos pelos participantes passaram por algumas correções ortográficas

Em resumo, quando buscamos respostas para um problema de pesquisa, de acordo com Alves Mazzotti (2004, p.171):

Dois aspectos são tradicionalmente associados a revisão da bibliografia pertinente a um problema de pesquisa: a) análise de pesquisas anteriores sobre o mesmo tema e / ou sobre temas correlatos e b) a discussão do referencial teórico. [...]. É importante esclarecer também que toda pesquisa supõe dois tipos de revisão de literatura: a) aquela que o pesquisador necessita para seu próprio consumo[...] e b) aquela que vai, efetivamente, integrar o relatório do estudo.

Compreendemos, assim, que a construção teórica de qualquer pesquisa, não é nada fácil. Não se faz pesquisa sem este aporte teórico e norteador, indispensável à fundamentação e à sistematização do trabalho de pesquisa. Para isso, é necessário ao pesquisador, de acordo com Mazzotti (2004), um profundo conhecimento sobre os conceitos e ideias relacionadas à temática da pesquisa a ser realizada. A revisão bibliográfica é, portanto, de suma importância para auxiliar o pesquisador a focar no seu verdadeiro objeto de investigação e não perder tempo com questões secundárias a sua pesquisa.

4.5.2 A observação participante

Um outro procedimento metodológico, utilizado na geração de dados, foi a observação participante. De acordo com Gil (2006 p. 55), a observação participante consiste “[...] na técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo[...]”, e por meio dela o pesquisador pode assumir, até determinado ponto, o papel de membro do grupo. Ou seja, de acordo com este estudioso, “[...] a pesquisa participante, assim como também a pesquisa-ação, se caracterizam pela interação entre pesquisadores e investigados”.

De acordo com Vianna (2003 p.59), o fato de o pesquisador estar envolvido no processo da pesquisa, sua percepção poderá ser afetada ou mesmo condicionada às condições oferecidas pelo contexto sobre a realidade pesquisada. Vistas desse ângulo, as pesquisas voltadas para a sala de aula exigem do pesquisador um olhar mais atento e criterioso, devendo este registrar ocorrências observadas, uma vez que não lhe será possível lembrar tudo que observou, isto é, ele precisará desenvolver métodos pessoais de registros/anotações sobre sua realidade pesquisada.

Nesse tipo de pesquisa, agora de acordo com Lüdke e André (1986, p.26), a observação direta permite ao pesquisador uma maior proximidade das “perspectivas dos sujeitos observados”, condição que poderá nos revelar questões bastantes pertinentes aos objetivos da pesquisa, e melhor compreender os anseios e expectativas dos sujeitos pesquisados.

Observações estas que serão melhor observadas e investigadas no desenvolvimento das oficinas de leitura.

4.5.3 As oficinas pedagógicas de leitura

Nessa proposta de mediação, a escolha dos cordéis adotados foi feita com base nos motivos já justificados anteriormente no tópico 3.4.2: História de Juvenal e o Dragão. Diante de um imenso acervo de folhetos existentes, optamos por dois cordéis: A Princesa da Pedra Fina e Juvenal e o Dragão. O primeiro - A Princesa da Pedra Fina - foi apresentado aos participantes da pesquisa como leitura e exemplificação do texto cordel durante as oficinas. O segundo - Juvenal e o Dragão - constitui o nosso corpus de trabalho e foi explorado através de uma sequência básica de leitura com os alunos participantes.

O objetivo dessas oficinas foi sistematizar e promover o ensino do letramento literário por meio de uma sequência básica sobre a obra Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros em turmas de 8º ano. Ao final destas atividades, foi realizada também a exposição dos trabalhos produzidos pelos alunos.

Os resultados desta pesquisa foram apresentados em um caderno pedagógico como material de apoio para professores e professoras de literatura, com base no cordel escolhido para a efetivação da presente pesquisa. Para esta efetivação, fizemos opção pelo modelo de sequência básica de Rildo Cosson (2021.p.12), sequenciada em quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. De acordo com este pesquisador:

[...] A proposta que subscrevemos aqui se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. Em outras palavras, ela busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo.

O passo seguinte, refere-se à análise (relato) e discussão dos resultados gerados e interpretados sobre a temática da pesquisa a partir dos instrumentos de geração de dados.

4.6 O RELATO E A ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

De acordo com Pimentel (2001), a análise de dados nos auxilia no processo de interpretação das informações coletadas através dos instrumentos de geração de dados junto aos participantes da pesquisa. Dados esses que, a nosso ver, certamente poderão contribuir para

responder aos nossos questionamentos de pesquisa, corroborando ou refutando os nossos objetivos.

Nesta pesquisa, adotamos o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977). Segundo este pesquisador, esse método se refere a um conjunto de técnicas de análise, as quais nos ajudam a obter os resultados que nos levarão a compreender e a entender a realidade pesquisada.

Assim, o método escolhido se apresenta como viável, porque dele nos valem para que através da análise dos instrumentos respondidos pelos participantes da pesquisa, pudéssemos chegar à compreensão e ao entendimento sobre o processo de formação de leitores críticos e proficientes, por meio da literatura de cordel, e suas contribuições de ensino para promover o letramento literário com os alunos selecionados.

Em resumo, a análise de conteúdo é um método muito importante na pesquisa qualitativa, uma vez que ela não só busca analisar as condições de quem produz o texto (o emissor e seu contexto), mas também de quem recebe os efeitos que ele produz a fim de melhor compreender e interpretar a realidade pesquisada.

4.6.1 A discussão dos dados coletados anterior à mediação

Mesmo cientes dos problemas que perpassam a educação literária, julgamos ser pertinente coletar os informantes selecionados com objetivo de descobrir como a literatura foi apresentada aos estudantes do contexto. As respostas fornecidas passaram por uma análise qualitativa de dados. Para melhor sistematizar as observações dos participantes, o questionário foi montado com perguntas distribuídas em quatro blocos conforme o esquema a seguir:

- Sobre leitura: momento que visa perceber a opinião dos participantes sobre a leitura de forma geral e pessoal (perguntas de caráter mais subjetivo);
- Sobre atividades de leitura na escola: etapa destinada a diagnosticar como ocorreram as experiências de aprendizagem dos envolvidos no que se refere à leitura vivenciada no espaço escolar (em especial a leitura literária);
- Sobre leitura literária na sala de aula: etapa referente a possíveis experiências dos participantes com a leitura literária na sala de aula. Este bloco apresenta o maior número de questões;
- Sobre literatura de cordel: parte do questionário destinado a perceber o que os estudantes conhecem sobre essa literatura, e se a escola proporciona (ou já proporcionou) esses momentos de leitura.

Em relação a estes pontos, é importante frisar que os comentários realizados (sobre as respostas a essas perguntas) foram feitos com base nas informações prestadas pelos participantes, e consideradas as mais relevantes à discussão.

1º BLOCO: LEITURA

Neste primeiro bloco de perguntas, os participantes responderam os seguintes questionamentos

1. Você gosta de ler ou sente prazer em ler?
2. Você acha que a leitura é importante para sua vida?
Sim (.) Não () Por quê?
3. Quando você lê sozinho, o que você gosta de ler?

Iniciando a análise/discussão dos dados, a partir das respostas dadas às questões 1 e 2, 16 alunos dos 20 afirmaram ter prazer em ler e acreditam na importância da leitura. Ao justificarem a opinião na questão 2 sobre a importância da leitura em sua vida, percebe-se que um grupo tenta associar essa importância a fatores como meio de ascensão e participação social, como forma de aprendizado e crescimento pessoal, e como forma de entretenimento. Eis algumas das respostas dadas:

- Estudante MR - Porque vai me ajudar a ser uma cidadã melhor.
- Estudante DM - Porque me ajuda a conhecer coisas novas e amplia meu vocabulário.
- Estudante KI - Porque sem a leitura a gente não chega a lugar nenhum.
- Estudante AB - Porque me interessa muito por literatura.
- Estudante JR - Porque me ajuda na escrita e na melhoria da dicção.
- Estudante PG - Porque quando leio, me sinto bem e em outro mundo.
- Estudante AR - Porque muitas vezes quando estou triste, um bom livro me alegra.
- Estudante NV - Porque é lendo que se aprende.
- Estudante MV - Ler me fortalece a alma.
- Estudante KV - A leitura me ajuda a viver.

Enquanto isso, os demais alunos também consideram a leitura fundamental para a vida, entretanto não apresentaram argumentos coerentemente suficientes que justificassem sua opinião, ou seja, consideram a prática da leitura como algo importante, mas não sabem explicar o porquê de sua importância. Como, por exemplo: porque a leitura é muito importante! (Respostas redundantes, dadas pelos estudantes JRS e TF e que basicamente refletem a opinião de mais 6 dos alunos).

Em contrapartida, ainda considerando as informações prestadas tendo como base as respostas coletadas nas questões 1 e 2, nem todos participantes afirmaram gostar ou sentir prazer em ler. Isso talvez seja reflexo das diferentes experiências de leitura vivenciadas por cada aprendiz ao longo da vida. O que nos parece ser importante pista para uma boa reflexão sobre o ensino de leitura na escola básica, visto que temos consciência de que a forma escolhida para apresentar a literatura ao leitor pode determinar a sua recepção: interesse ou recusa do leitor pelo texto literário.

Isso também nos mostra que, para alguns, vivenciar o texto foi uma experiência significativa, e de certa maneira colaborou com sua formação leitora, para outros, as aulas de leitura podem não ter lhes proporcionado o prazer ou aguçado o interesse esperado, fatores que podem possibilitar o distanciamento entre a literatura e o aluno-leitor ou que também podem levá-lo a negar a importância da leitura para sua vida estudantil e/ou profissional.

No entanto, não é pelo fato de a maioria afirmar gostar ou sentir prazer em ler que a escola deve se dar por satisfeita. Este leitor que ainda está em formação, por isso, poderá oscilar e sua opinião sobre leitura poderá mudar a depender de como o texto é ou venha a ser trabalhado, em sala de aula, nos anos seguintes, e ainda mais em se tratando de um leitor infanto-juvenil. Dessa forma, de posse dessas informações e sabendo que a formação leitora é um direito que deve ser garantido a todos, a escola precisa pensar em estratégias de leitura para atender aos demais estudantes que ainda não adquiriram o gosto/prazer por esta prática. A este respeito, o letramento literário por meio da literatura de cordel se apresenta como sendo uma boa estratégia de leitura como poderemos constatar na execução dessa proposta de mediação de leitura.

Sobre a última questão, desse primeiro bloco, a qual também trata de uma escolha bem pessoal, as respostas foram bem diversificadas. De acordo com as respostas dadas a essa questão, os discentes gostam de ler romances, contos, poesia, além de HQs. Essas produções positivamente favorecem a formação do aluno e, a depender de como sejam trabalhadas nas aulas de leitura, poderão despertar no leitor em formação o interesse pela literatura.

Essas opções por leitura literária, citadas na questão 3 do primeiro bloco, provavelmente são consequência das possibilidades de leitura oferecidas pela escola aos seus alunos. Escolhas estas feitas, na maioria das vezes, pelo professor e lidas de forma alternada na sala de aula ora pelo docente ora pelos alunos. Afirmativa esta que também se confirmou através das respostas assinaladas em 5.1 e 5.2, as quais também serão apresentadas no segundo bloco.

Embora nas opções de textos feitas pelos discentes neste bloco, prevaleçam os textos literários, em nenhum momento, nossos informantes fizeram referências à literatura de cordel, fato que me deixou um pouco apreensivo.

2º BLOCO: ATIVIDADES DE LEITURA NA ESCOLA

Neste segundo bloco de perguntas, os participantes responderam às seguintes questões:

4. Em que grau a escola proporcionou a você momentos de leitura?
 A. () Sempre B. () Às vezes C. () Raramente
5. Quando você vivenciou momentos de leitura na escola, quais tipos de textos geralmente foram mais trabalhados em sala de aula?
 A. () Textos literários – Exemplos: fábulas, contos, parábolas, peças teatrais...
 B. () Textos não-literários – Exemplos: notícias, propagandas, receitas culinárias...
- 5.1. Quem na maioria das vezes escolheu essas leituras?
 A. (...) Professor B. (...) Aluno C. (...) Professor e aluno
- 5.2. Quem na maioria das vezes realizou essas leituras?
 A. (...) Professor B. (...) Aluno C. (...) Professor e aluno
- 5.3. No geral, essas leituras foram tarefas do livro escolar/didático ou houve leitura de outros materiais como pequenas obras em sua forma original? Comente.

Embora seja visível que os dados aqui fornecidos se assemelhem em diversos aspectos, não há uma uniformidade em todas as informações prestadas. As amostras coletadas nos levam a perceber a dimensão da problemática relacionada ao ensino da literatura nessa fase de ensino, uma vez que, de acordo com a discussão feita no primeiro bloco, a maioria dos estudantes gostam ou sentem prazer em exercitar o ato de ler.

Quando interrogados em que grau a escola lhes ofertou momentos de leitura, como bem podemos constatar na questão 4, um grupo de estudantes (13 no total) decidiu assinalar como constante a prática de leitura na sala de aula, enquanto um segundo grupo, embora em menor número, (num total de 4 alunos) afirma que só, às vezes, a escola proporcionou momentos de leitura. Nesse sentido, a coleta de dados nos aponta que a escola proporcionou situações de leitura num nível que varia entre médio e elevado. A esse respeito, somente os alunos NV, AR e JR classificaram como raros esses momentos de leitura. Aparentemente esta realidade nos parece ser um bom cenário, embora possibilitar o contato entre a literatura e o leitor aprendiz seja, na verdade, função primordial da escola³ na aula de literatura.

³ Sobre essa discussão, há aqui dois pontos a serem esclarecidos: 1º- Este estudo compreende que, a depender do gênero literário ou o tamanho em que se enquadra a produção, torna-se desafio para as editoras inserir no livro

No entanto, convém lembrar que nem sempre ofertar muitas possibilidades de leituras garanta que os estudantes leiam de fato, tampouco que os textos despertem no sujeito algum tipo de prazer ou promovam a transformação esperada. Quando se trata de literatura, por exemplo, será que o discente realmente apreciou a obra/o poema e vivenciou a leitura? Será que este momento proporcionou experiências de letramento? Por isso, estas questões devem ser objeto de reflexão para mobilizar o professor/mediador a repensar o trabalho com a literatura, na sala de aula, com o objetivo de redimensionar o ensino de leitura literária na educação básica, anos finais.

Sobre as atividades geralmente propostas, envolvendo leitura na escola (questão 5), em que 18 alunos afirmaram ter trabalhado com textos literários, 11 deles informaram que estas atividades foram sobre questões atreladas ao livro didático, fato que geralmente acontece na maioria das vezes no trabalho com esse tipo de leitura na sala de aula, principalmente nessa fase do ensino.

Neste contexto investigado, constatou-se maior predomínio do trabalho de literatura intermediado pelo uso dos textos e exercícios disponíveis no livro didático. Por trás disso, há portanto, algumas situações que precisam ser levadas em conta. Evidentemente que o livro didático é uma importante ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, em muitos contextos escolares este talvez seja o único suporte a auxiliar o professor no trabalho docente na sala de aula.

Entretanto, quando se trata da literatura, é por demais complicado acreditar que os alunos consigam significativamente apreciar, compreender e tomar gosto pela leitura literária quando esse ensino fica basicamente limitado ao manuseio deste material, até porque muitos desses livros, por exemplo, apresentam, na maioria das vezes, as obras literárias de forma fragmentada.

Neste sentido, o educador precisa se preocupar com esse aspecto e pensar em outras estratégias metodológicas de ensino de leitura que melhor possibilitem ao educando a leitura integral do texto. Neste estudo, e como uma dessas possibilidades de leitura que não as do livro didático, o cordel se apresenta como uma boa opção. O folheto é de fácil acesso, rápido manuseio e, principalmente, possibilita ao seu leitor uma leitura mais dinâmica, prazerosa, rápida e acessível, principalmente pelo fato de sua vasta produção literária, sua variedade de

didático determinados textos de obras literárias na íntegra; 2º - a leitura por meios de fragmentos desses textos não possibilitará ao sujeito leitor a compreensão total da obra, porém deverá ser vista como ponto de partida para despertar/motivar o leitor literário e levá-lo a apreciar o texto em questão, o que também vai depender de como esse texto lhe será apresentado.

títulos, diversidade temática, custo acessível ao público como também os meios de comercialização e divulgação.

Nesta perspectiva, cabe à escola viabilizar aos seus alunos o acesso ao ensino de literatura através de uma maior diversidade de textos, inclusive o cordel que, por suas múltiplas possibilidades de ensino, precisa ser reconhecido e melhor explorado no espaço escolar, na aula de literatura. Também é importante destacarmos que, em muitas situações, o problema talvez não esteja necessariamente na leitura e/ou nas atividades propostas pelo livro didático, mas talvez na forma de abordagem metodológica adotada pelo professor/mediador de leitura para conduzir o ensino da literatura. É preciso, pois, que esse mediador pense e crie outras estratégias de trabalho que não o limitem apenas ao que propõe o livro didático.

Em contrapartida, seguindo na contramão do livro didático, 07 dos estudantes - NV, JV, MH, DM, JR, AR e MR - informaram que, durante sua trajetória estudantil, a instituição escolar, algumas vezes, também proporcionou momentos de leitura tendo como suporte outros materiais de leitura, além do próprio livro didático, como por exemplo, cópias de textos e livros paradidáticos. Porque, ainda que em menor grau, esses dados representam a nosso ver, um certo avanço, pois, com isso, podemos depreender dois pontos positivos: houve a preocupação do educador no que diz respeito a explorar estes materiais, no espaço de sala de aula, e houve também maiores investimentos, no ensino público, pelo fato de tornar possível aos seus discentes um maior acesso a essa literatura.

3º BLOCO: LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA

Neste bloco, nossos participantes se depararam com as seguintes questões:

- 6.** Alguma vez a escola realizou aulas de literatura?
A. () Sim B. (...) Não
- 6.1. Você sente algum interesse pelas aulas de leitura?
A. () Sim B. (...) Não
- 6.2. Geralmente, o aluno tinha a liberdade de escolher e/ou levar algum livro/texto para fazer a leitura?
A. () Sempre B. (...) Às vezes C. (...) Nunca
- 6.3. Depois da leitura, havia algum debate sobre o livro/texto lido?
A. () Sim B. (...) Não
Se havia, comente como eram esses debates.
- 6.4. Essas tarefas eram obrigatórias ou valiam alguma nota?
A. () Sim B. () Não
- 6.5. Realize algum comentário crítico sobre as aulas de leitura literária na escola.

Iniciando a análise/discussão dos dados, a partir das informações coletadas na segunda questão desse bloco (6.1), a qual trata do interesse dos alunos pelas aulas de leitura literária, constatamos que dos 20 discentes apenas um participante declarou não ter interesse algum por esse tipo de aula.

Sobre a questão se a escola realiza ou não aula de literatura, 19 dos alunos foram unânimes em afirmar que sim, apenas 1(um) aluno assinalou que a escola não realiza esse tipo de aula. Também ao serem questionados sobre o fato de o discente poder escolher e/ou levar algum livro/texto para realizar a leitura (questão 6.2), os resultados foram bastantes satisfatórios, e quase todos marcaram como resposta as alternativas “sempre” e “às vezes”, e apenas os estudantes AR, JR e KV assinalaram a opção “nunca”. Isto nos dar pistas de que a literatura proposta (ou imposta) para a sala de aula ainda se constitui, muitas vezes, parte da escolha do professor, fato que tira do aluno a possibilidade de escolha da obra ou do texto a ser lido. Isso também poderá influenciar negativamente o trabalho com a literatura na sala de aula.

Sobre se havia ou não debate acerca dos textos escolhidos para leitura pelos estudantes (questão 6.3), 20 alunos asseguraram que havia debate sobre os referidos textos lidos. Entretanto, não me foi possível diagnosticar com mais clareza e precisão como foram tais situações de debates ou atividades realizadas pós-leitura, uma vez que ao se depararem com essa questão, apenas 6 alunos apresentaram algumas justificativas de maneira não muito clara. Já a maioria (total de 14 participantes) optou por não apresentar justificativas ou afirmou não lembrar como acontecia esse debate. Segue, então, uma pequena demonstração do que disseram os 6 estudantes supracitados sobre essa questão:

- Estudante JR - *Debatíamos como a história podia nos ajudar e fazíamos algumas redações.*
- Estudante PG - *O professor falava sobre o texto lido, sobre o escritor e perguntava o que entendemos sobre o texto.*
- Estudante NV - *A professora fazia pergunta sobre o texto. Estudante DM - Debatíamos sobre os personagens do texto.*
- Estudante MR - *A gente debatia sobre o enredo do livro/texto e dava opinião sobre a história.*
- Estudante KI - *A professora fazia algumas perguntas e a gente respondia.*

Em contrapartida, sobre as respostas fornecidas em 6.5, questão que tratava de como eram trabalhadas as atividades nas aulas de leitura, se obrigatórias, se valiam nota ou não, 14 dos alunos asseguraram a obrigatoriedade dessas atividades de leitura. Nesse sentido, ao comentar criticamente sobre as aulas de leitura (questão 6.6), o estudante PG informou: - *Acho*

que deveria ter mais livros que melhor atendessem aos vários tipos de gostos dos alunos e que não limitasse a leitura a uma nota. Muito plausível o comentário de PG. Isso nos faz refletir sobre uma maior necessidade de o professor escutar as várias vozes presentes no espaço de sala de aula, principalmente nos momentos de escolhas e realização desse tipo de leitura.

No entanto, é importante entender que não estamos, com isso, questionando a capacidade de o professor poder realizar tais escolhas de leitura. O que se questiona é que, durante o processo de aprendizagem da leitura literária ou não, muito importa ao mediador abrir espaços para ouvir e conhecer as preferências e escolhas do grupo de maneira a assegurar ao aluno outras possibilidades de acesso ao mundo da leitura, ou seja, não lhe tirando esse direito de escolha.

Ainda sobre as aulas de leitura literária na escola (questão 6.6), outros participantes além do Estudante PG, também se posicionaram de forma positiva ou não. Alguns se identificaram com as aulas e outros as consideraram um pouco desestimulantes. A verdade é que tais opiniões se mostraram bem diversificadas, influenciadas talvez ou não por outras experiências de leituras anteriores à escola, o que poderá (não sabemos até que ponto), determinar a identificação e/ou empatia do aluno com as aulas de literatura. Todavia, para melhor organizar este momento, optamos por separar algumas dessas respostas que nos chamaram mais atenção em dois pequenos blocos:

- Primeiro Bloco: grupo de informantes que, por algum motivo, identificam-se com as aulas de leitura literária (em maior número):

- Estudante VH – *Eu achava bom até porque ajuda os alunos a pensar nos estudos ao invés de traficar ou praticar coisas ilegais.*
- Estudante MH – *Os alunos mal falavam, mas as aulas eram muito boas.*
- Estudante KI – *Adoro quando o professor traz livros para a gente ler.*
- Estudante MR – *Amei saber um pouco sobre literatura porque até então nunca tinha escutado falar sobre.*
- Estudante EV - *Os alunos, na maioria das vezes, não prestavam atenção, mas as aulas eram muito boas e dinâmicas.*
- Estudante AB - *As leituras realizadas na escola eram muito importantes. Eu esquecia meus problemas.*
- Estudante DM - *A leitura era muito boa e a gente aprendia muito.*

Segundo Bloco: grupo de informantes que, por algum motivo, consideram a aula de leitura literária desestimulante:

- Estudante KV - *Eram aulas difíceis e complicadas.*

- Estudante JR - *As leituras exigidas não pareciam interessantes para crianças e adolescentes.*
- Estudante AR - *Às vezes, a gente tinha que ler em voz alta, o que incomodava/incomoda os alunos tímidos.*
- Estudante RK - *Era meio chatinhas, mas às vezes boas. Poderiam melhorar.*
- Estudante LN - *Geralmente eram aulas de leitura clássica.*

Ao analisar as respostas dadas a este primeiro bloco sobre leitura literária na escola, fica visível o posicionamento dos alunos sobre esse tipo de leitura. O estudante KI afirmou gostar quando o educador entrega o livro, fato que reitera a importância de possibilitar ao aprendiz o contato direto com a obra literária a ser lida/trabalhada. Isso sinaliza que o contato físico entre o texto e o leitor poderá lhe proporcionar maior atração pela prática leitora. A Estudante AB informou ter interesse pelas aulas, porque a faz esquecer os problemas da vida. É muito gratificante perceber que esta aluna busca nos textos literários uma forma de refúgio para esquecer os desafios da vida. Nesse sentido, a literatura pode proporcionar o prazer e aguçar o interesse do aluno por meio de histórias que permitem ao aluno-leitor se desprender do mundo real e, através da imaginação, “viajar” e conhecer outras realidades, além do seu mundo real. Nesse sentido, a escola precisa criar situações de aprendizagem de leitura através de propostas atraentes e motivadoras. Para isto, nossa pesquisa pode contribuir significativamente.

Ainda sobre as respostas fornecidas no primeiro bloco, o estudante VH admitiu que a leitura ajuda os alunos a pensar mais nos estudos do que no tráfico de drogas ou outras coisas ilegais. Entretanto, o motivo de tal comentário não foi informado, tampouco esclarecido pelo informante. Já a estudante MR, no entanto, fez a seguinte afirmativa: - *amei saber um pouco sobre literatura porque até então nunca tinha escutado falar sobre.*

Esta afirmativa da estudante MR nos dá pistas da tamanha importância que tem o ensino de leitura literária na educação básica. Esta leitura deve ser trabalhada, na sala de aula, tendo em vista, principalmente, o despertar do educando para a importância desta prática. Por isso, defendemos que o contato do aprendiz leitor com o texto literário, nessa fase do ensino, é imprescindível. É por esse e outros motivos que a literatura deve ser inserida no currículo de nossas escolas básicas. Finalmente, para fechar este bloco, os alunos MH, EV e DM foram mais concisos e limitaram seus comentários ao fato de que essas aulas de leitura eram boas e dinâmicas.

Retomando ainda a análise/discussão das informações prestadas em 6.6, é possível constatar, nesse segundo bloco, que de acordo com algumas respostas coletadas, os estudantes KV, JR, LN e AR, respectivamente, se sentiam desestimulados nas aulas por alguns motivos

que podem ser constatados em seus próprios discursos: as aulas eram difíceis e complicadas, as leituras exigidas não pareciam interessantes para crianças e adolescentes, geralmente eram aulas de leitura clássica e a leitura em voz alta incomodava/incomoda os alunos tímidos. Fatos esses que são ratificados pelo estudante RK: - *Era meio chatinhas, mas às vezes, boas. Poderiam melhorar.*

Também ressaltamos que além desses, existem ainda dois outros comentários realizados pelos alunos de teor igual ou mesmo equivalente, além de mais três alunos que se abstiveram de comentar.

Feita a análise/discussão desse bloco, é bom atentarmos para o fato de que esses resultados refletem, de certa forma, a vontade dos envolvidos em se deparar com encontros de leitura mais atraentes. O educador que se propõe a formar o aluno-leitor deve promover encontros e atividades de literatura de forma a mediar o aprendizado do educando, despertando-o para a prática leitora, principalmente, permitindo-o participar de situações que favoreçam a construção de sentidos do texto.

No geral, de acordo com a análise das informações prestadas, se faz necessário, portanto, pensar em estratégias diferenciadas de aprendizagem de leitura, como esta pesquisa, com o objetivo de formar alunos leitores e mudar a realidade dos nossos espaços escolares, no que diz respeito ao ensino de literatura na educação básica.

4º BLOCO: LITERATURA DE CORDEL

Este último bloco da pesquisa é formado por questões que pretendem apresentar um diagnóstico acerca da realidade do ensino sobre cordel promovido pela escola nesta fase de ensino.

- | |
|--|
| <p>7. O que você sabe sobre literatura de cordel?</p> <p>8. Você já leu alguma literatura de cordel?</p> <p>A.() Sim B.() Não</p> <p>9. Na escola, em algum momento de sua vida escolar, algum professor já leu para você alguma literatura de cordel?</p> <p>A.() Sempre B.() Raramente C.() Nunca</p> <p>10. Se você já vivenciou a literatura de cordel em algum momento de sua vida escolar, você lembra como isso aconteceu?</p> <p>Comente um pouco sobre essa sua experiência com o cordel.</p> |
|--|

Quando optei em trabalhar com este gênero poético, em sala de aula, com alunos do 8º ano (talvez pelo fato de já conhecer essa literatura desde os meus anos iniciais da educação básica), esta pesquisa inicialmente foi pensada com a hipótese de que os folhetos já fossem parte constante do acervo de obras literárias, oferecidas pela escola, ampliando e fortalecendo o universo de leitura desses alunos. Entretanto, feita a leitura geral dos dados da presente pesquisa, constatamos o inverso: a escola ainda deixa muito a desejar acerca do trabalho com a literatura de cordel.

Ao serem questionados a respeito do que sabem e se já leram obras do cordel (questões 7 e 8), apenas 8 de nossos participantes afirmaram conhecer este gênero – estudantes DM, EV, MR, KV, KI, PG, TF e RK –, enquanto os demais (total de 12) afirmaram não terem tido antes nenhuma outra forma de contato com a literatura popular, ao longo da vida escolar, fato que justifica/explica o desconhecimento da maior parte do grupo acerca dessa literatura.

Sobre a questão 7, os únicos discentes que informaram “dominar” algum tipo de saber sobre os folhetos prestaram as seguintes respostas:

- Estudante PG - *Não sei muita coisa sobre esse tipo de literatura, mas sei que a maioria tem entre 4 e 6 versos por estrofe e mais ou menos 30 páginas.*
- Estudante JR - *Eu conheço muito pouco sobre literatura de cordel. É um pequeno livro nordestino. É muito bom.*
- Estudante LF- *São pequenos livros nordestinos.*

Se prestarmos bem atenção às respostas acima destacadas, podemos constatar que os estudantes apresentam certa insegurança acerca do que sabem sobre o gênero em questão. Mostram saberes muito elementares, o que nos leva a pensar o seguinte: provavelmente não houve vivência da literatura de cordel, na escola, na perspectiva do letramento literário desses discentes. Nessa lógica, se a escola não buscar estratégias que possam dar visibilidade a esse tipo de literatura, há grande possibilidade de, com o tempo, ela se tornar esquecida ou mesmo insignificante à vida de nossos adolescentes leitores.

Tanto é que em resposta à última questão desse quarto e último bloco (questão 10), dos 20 participantes, 10 foram categóricos ao afirmar que não lembram se já vivenciaram a literatura de cordel em algum momento de sua vida escolar.

Ao serem consultados acerca das questões 7 e 8, a maioria dos participantes foi categórica ao afirmar que desconhece e que nunca leu cordel. Levando-se em consideração o contexto investigado, o grande grupo deixou transparecer que na escola algum professor pode ter proporcionado momentos e situações de leitura de cordel a seus alunos, com exceção dos

estudantes PG e BA, os quais, na questão 9, classificaram como raros os momentos de leitura de folhetos na sala de aula.

Corroborando essa situação, ao responderem a questão 10 que trata se o aluno já vivenciou a literatura de cordel, em algum momento de sua vida escolar, 08 participantes foram categóricos ao afirmar que não lembram se já tiveram essa vivência; 04 informaram que nunca vivenciaram; 05 não responderam à questão, e apenas os estudantes JRS, MR e EV fizeram, respectivamente, os seguintes comentários: *Eu vi num site de notícias / Eu vi na escola quando o professor passou uma pesquisa sobre cordel / Vi na escola a primeira vez, quando fazia o 4º ano.*

Com base nessas informações, compreendemos e também lamentamos o fato de que a escola tenha perdido uma grande oportunidade de promover a formação leitora de seus alunos por meio de obras da literatura popular (os folhetos), os quais pela contemporaneidade temática e pela musicalidade de seus versos poderiam/podem lhes proporcionar momentos de prazer, aventura, diversão, informação e muito mais.

Ao concluir esta análise/discussão, é importante ressaltar que os participantes, mesmo com suas limitações, dispuseram-se a participar e a conhecer mais sobre a produção literária em questão, fato proporcionado pela intervenção, conforme podemos notar mais à frente no momento de realização das oficinas de leitura. Mesmo sem muito acesso a essa literatura e pouco conhecimento sobre o folheto, ao se depararem com as questões, a maioria dos envolvidos aparentemente se mostraram interessados e demonstraram acreditar no potencial do cordel como uma literatura favorável e, potencialmente, capaz de facilitar e tornar o processo ensino da leitura escolar mais dinâmico e atraente.

Compreendemos também que esse aspecto, quando incentivado pelo educador, por meio de propostas e/ou estratégias de leitura significativas e envolventes, a literatura de cordel (quando bem apresentada e bem trabalhada na perspectiva do letramento literário), também pode/poderá ser a porta de entrada para promover a formação do leitor nesta fase de ensino da educação básica, o que é objetivo de nossa proposta de mediação de leitura.

Só então após esse momento, acima descrito, a partir do qual pudemos observar a problemática por que passa o ensino da leitura na escola básica, sobretudo, nos anos finais, e após algumas reflexões sobre a prática/ou não da leitura literária (experiências anteriores de nossos participantes com esse tipo de leitura), aplicamos de maneira prática, e em sala de aula, uma proposta de mediação de ensino de leitura com nossos alunos, através de oficinas

pedagógicas num total de cinco oficinas com duração de 2h/a (duas horas/aula), com o objetivo de vivenciar o letramento literário com alunos 8º ano, por meio do cordel.

4.6.2 A proposta mediadora de leitura literária - Oficinas

Imagem 4: Um convite às oficinas de leitura



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Ao elaborar uma proposta didático-pedagógica sobre leitura, é preciso que o professor de língua /literatura leve em conta não apenas os objetivos da leitura e o gênero do texto com o qual irá trabalhar, mas também considere, sobretudo, o perfil do interlocutor pretendido, ou seja, considere esse interlocutor enquanto sujeito ativo reflexivo, capaz de interagir, ler, reconstruir o texto lido e estabelecer conexões com outros textos ou/outros aspectos do conhecimento. É preciso também que ele, na condição de mediador desse processo de trabalho com o texto, e principalmente do texto literário, priorize nessa interação docente/discente os alunos como sujeitos socialmente situados.

Há 21 anos atuando como professor de Linguagem, Código e suas Tecnologias na rede pública municipal de ensino de Santa Rita, cidade *lócus* desta pesquisa, tenho observado, no cotidiano de sala de aula, anos finais, um percentual considerável de alunos com grandes dificuldades de leitura e escrita.

Nesse contexto, ficou evidente a necessidade de se pensar e construir uma proposta de leitura entendida como um processo de produção que se dá numa relação dialógica entre os sujeitos envolvidos no ato de ler: o autor do texto, o leitor e o mediador desse processo a partir de uma sequência básica de leitura com o objetivo de embasar e sistematizar o trabalho com o texto literário na aula de literatura.

Como resposta a esta situação e a partir de uma releitura do PPE escolar, apresentei à direção da escola uma proposta de leitura literária, por meio do cordel, com foco na formação de leitores, a partir da sequência básica de leitura proposta por Rildo Cosson. Feito isso e considerados os propósitos iniciais, tendo em vista o desenvolvimento das atividades propostas por este estudo interventivo, apresentamos a seguir as ações estruturadas para a execução da proposta didática pensada.

Com o objetivo de melhor compreendermos esta proposta de intervenção, apresentamos a seguir o passo a passo da sequência básica de leitura que foi aplicada durante o desenvolvimento das oficinas, levando-se em conta todas as suas etapas. Segue a sequência básica que foi aplicada durante o desenvolvimento das oficinas.

4.6.2.1 A descrição das ações mediadoras de leitura

Sequência Básica sobre “Literatura de cordel na escola: uma proposta de mediação para a formação de leitores em turmas de 8º ano”. Obra abordada: Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros. Duração total da sequência: 10 horas/aula.

1º ENCONTRO (Oficina - I): **MOTIVAÇÃO** - Aproximadamente 2 horas/aula. Obra abordada neste encontro: História da Princesa da Pedra Fina.

1. Foi apresentada a Xilogravura da obra Juvenal e o Dragão, sem revelar o nome da literatura de cordel ou do personagem (Capa do cordel ampliada exposta numa folha isopor com o nome do título e do autor ocultos por uma espécie de tarja), foram realizadas as seguintes perguntas aos participantes para ouvir suas considerações. Numa duração aproximada de 15 minutos:

- A- Vocês sabem o que é uma xilogravura?
- B- Já viram esta xilogravura em algum lugar?
- C- Vocês imaginam quem é essa pessoa ou personagem?
- D- Na sua opinião, essa personagem é herói ou não herói?
- E- Que animal é este ao lado do personagem?

2. Foi informado aos alunos (antes de revelar o nome do personagem ou da história a ser explorada por completo nos próximos encontros) que, nesse momento, seria realizada a leitura de outra obra da literatura de cordel – História da Princesa da Pedra Fina. O objetivo desse

momento foi averiguar se os alunos recordam alguma outra história cordelista com algumas semelhanças com a Princesa da Pedra Fina. Antes da leitura desta obra, procuramos situar os participantes acerca da narrativa (relatar uma breve síntese oral) sem dar margem para a revelação sobre o final da história (duração: aproximadamente 20 minutos).

3. Para a realização da Leitura do cordel “A Princesa da Pedra Fina”, entregamos cópias do texto a cada participante. Feita a leitura da obra, fazemos as seguintes perguntas aos participantes para ouvir também suas considerações (duração: aproximadamente 10 minutos):

A - Algum momento da leitura despertou a atenção de vocês? Por quê?
 B - Você se recorda de alguma outra história que tenha um momento muito parecido com a obra que acabamos de ler? Se você se recorda, qual?

4. Após escutar as considerações dos estudantes sobre a obra lida, retiramos a tarja e revelamos o nome do título e do autor do cordel a ser abordado de forma integral nos próximos encontros. Em seguida, exibimos uma cena do cordel, “História de Juvenal e Dragão”, vídeo disponível em Livre adaptação, de Julierme Galindo do conto homônimo de Leandro Gomes de Barros para audiovisual. A direção do vídeo é de Julierme Galindo e Eliwelton Farias, e está disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfde>. Duração de 36:26. (duração: aproximadamente:38 minutos). Depois da exibição deste vídeo, realizamos a seguinte pergunta aos participantes e ouvimos suas considerações (duração: aproximadamente 7 minutos)..

A - E agora, você já descobriu o nome do personagem da literatura de cordel sobre o qual falaremos nos nossos próximos encontros?

2º ENCONTRO (Oficina - II): INTRODUÇÃO - Aproximadamente 2 horas/aula. Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão.

1. Após a reexibição do vídeo (vídeo primeiro encontro), realizamos as seguintes perguntas aos participantes e ouvimos suas considerações. Vídeo reexibido por solicitação da maioria dos participantes, uma vez que sentiram a necessidade de rever o conteúdo, e também em

atendimento a alguns alunos que não puderem comparecer à oficina motivação (duração: aproximadamente 45 minutos)..

A - O que você sabe sobre Juvenal e o dragão?

B - Você conhece alguma outra história semelhante, envolvendo um outro guerreiro e um dragão /ou uma outra fera parecida?

Sim () Não ()

C - Você já escutou falar sobre o poeta Leandro Gomes de Barros?

Sim () Não ()

2. Realizamos uma breve exposição sobre o autor da literatura proposta por meio de slides.

Observação: falamos sobre a obra Juvenal e o Dragão e de sua importância literária, procurando justificar o motivo da escolha do texto para a pesquisa na sala de aula (não realizar uma síntese para não eliminar o prazer da descoberta dos participantes). Para este momento, seguimos as sugestões de Cosson (2021, p. 60). (duração: aproximadamente 25 minutos).

3. Após este momento, realizamos as seguintes perguntas aos participantes e ouvimos suas considerações:

A - O que você imagina dessa leitura, ou seja, quais as suas primeiras impressões e hipóteses?

B - Você está realmente motivado para conhecer esta obra? Por quê?

Observação: informamos aos alunos que o personagem Juvenal é uma criação de Leandro Gomes de Barros, poeta paraibano de destaque nacional, considerando o pai do cordel nordestino. Em seguida, apresentamos aos participantes uma breve biografia sobre o autor/poeta abordado na pesquisa e suas contribuições literárias para a literatura paraibana e nacional. (Duração: aproximadamente 20 minutos). Depois, entregamos um cordel a cada aluno participante para a leitura integral do texto no nosso próximo encontro.

3º ENCONTRO (Oficina - III): LEITURA - Aproximadamente 2 horas/aula. Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão.

Para este momento, entregamos um cordel a cada aluno participante para a leitura integral do texto.

1º Momento de leitura (aproximadamente 1 hora aula). Iniciamos a leitura oral em voz alta da obra Juvenal e o Dragão.

Observação 1: o cordel é composto de 34 estrofes. Durante a leitura, foram realizadas algumas pausas intencionais, visando executar pequenas propostas de atividades. Estas pausas e atividades auxiliarão na percepção das expectativas dos alunos diante os fatos que se sucederam, ou seja, a construção de sentidos feita pelos aprendizes no decorrer da leitura.

Observação 2: procurar respeitar, na leitura, o ritmo imposto e característico do cordel.

1. Realizamos a leitura das páginas 1 até a 19.

Neste primeiro momento, por meio de uma pequena ficha previamente formulada, realizamos as seguintes perguntas aos participantes:

A - O que você sabe sobre Juvenal e o Dragão?
B - O que você acha que Juvenal e seus cães aprontarão com o dragão.

2. Solicitamos que os estudantes escrevessem suas expectativas na ficha e, em seguida, abrimos espaço para um breve debate visando à socialização das inferências construídas.

- Ouvimos as expectativas dos alunos antes de prosseguir com a leitura do cordel.
- Recolhemos as fichas preenchidas.
- Prosseguimos com a leitura até o final do primeiro episódio.

2º Momento de leitura (aproximadamente 1 hora /aula). Prosseguimos com a leitura oral e em voz alta da obra abordada.

1. Realizamos a leitura das páginas 20 até a 31.

Observação 1: Por ser um trecho mais curto, realizamos apenas a leitura e procuramos perceber o interesse (recepção / aceitação do texto) e as expectativas dos estudantes.

2. Após o momento descrito, realizamos a seguinte pergunta aos participantes para ouvir suas considerações:

A-Vocês já perceberam do que trata essa obra, ou seja, qual é o seu tema (mote)?

Observação 2: Tratou-se de perceber se os alunos conseguiam associar o personagem Juvenal e as suas aventuras às ações de um herói, bem como os fatos que ocorrem na narrativa carregados de elementos que até então conduzem a isso.

3. Por meio de uma pequena ficha previamente formulada, realizamos as seguintes perguntas aos participantes e ouvimos com atenção suas considerações a respeito do que lhes foi perguntado.

A- O que você acha que acontecerá com Juvenal e a princesa?
 B -Você concorda com essa atitude vil do cocheiro? Por quê?
 C - E agora, como você acha que Juvenal será tratado no reinado da princesa?

4º ENCONTRO (Oficina - IV): INTERPRETAÇÃO - Aproximadamente 2 horas/aula. Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão.

Observações:

Após a realização das etapas anteriores (motivação, introdução e leitura) e as sugestões de atividades referentes a essas etapas, foram propostas aos participantes, nesta oficina, duas atividades como forma de participarem da construção de sentidos para a leitura da obra abordada.

“A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento pareça a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (Cosson, 2021, p. 65).

“Esse trabalho requer uma condução organizada e sem imposições. Não se pode supor que exista uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena” (Cosson, 2021, p. 66). Mas é preciso abrir espaço para a compreensão individual ou até mesmo para construções (pós-leitura) de novos textos como consequência da(s) leitura(s).

A - PRIMEIRA ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO:

Propor aos participantes que desenhem em uma folha ofício ou em uma cartolina (cor branca) uma cena da narrativa da obra abordada (pode ser o fato que mais chamou a atenção do discente).

Observação: Após a confecção dos desenhos, os participantes que desejaram, puderam explicar o seu desenho para os demais colegas (a cena retratada e os motivos de sua escolha, ou seja, informar o (s) motivo (s) que os levou a escolher a cena retratada).

Duração dessa atividade: aproximadamente 1 hora/aula para a produção e socialização do desenho.

B - SEGUNDA ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO:

Pedir para os alunos imaginarem e escreverem um pequeno texto em versos ou em prosa apresentando/sugerindo um novo/possível final para a narrativa do cordel Juvenal e o Dragão. Em seguida, identificar qual cena da obra está sendo descrita.

Observação: Este pequeno texto pode ser redigido no formato da literatura de cordel ou em prosa. Após a construção dos textos, os participantes que desejarem, poderão socializá-los com seus colegas.

Duração dessa atividade: aproximadamente 1 hora/aula para produção e socialização do texto.

5 ° ENCONTRO: (Oficina - V): CULMINÂNCIA- Aproximadamente 2 horas/aula

O objetivo deste último momento (Culminância) foi convidar e mobilizar os nossos alunos participantes das oficinas de leitura a socializarem suas produções. Ou seja, convidar aqueles participantes que se sentissem à vontade para compartilhar os textos (em prosa ou em verso) produzidos, durante as oficinas - momento INTERPRETAÇÃO (Oficina IV).

Neste contexto, convidamos os participantes presentes a se preparem para iniciar o momento da socialização, para refletir sobre as oficinas anteriores, tirar dúvidas (caso tenham), revisar os trabalhos a serem apresentados e descontrair um pouco.

Para realizarmos este último encontro de leituras, releituras e de partilha de conhecimento e experiências, dividimos didaticamente a nossa oficina em dois momentos. No primeiro momento, recapitulamos os momentos anteriores (oficina I, II, III e IV), esclarecemos algumas dúvidas, dialogamos um pouco sobre a importância da nossa pesquisa e os momentos em que estivemos juntos. No segundo momento, compartilhamos as produções (desenhos e poemas construídos ao longo da Oficina Interpretação).

4.6.2.2. Os objetivos dos encontros de leitura

O principal objetivo desses encontros é possibilitar aos nossos aprendizes vivências de leitura com cordéis como possibilidades de combate aos problemas que permeiam o ensino da leitura na aula de língua/literatura. Todavia, também levamos em conta os objetivos de ensino de leitura propostos pelos PCNs de língua portuguesa (3º e 4º ciclos do ensino fundamental) os quais, ainda que “indiretamente”, poderão ser alcançados graças à proposta do letramento literário, ou seja, dependendo da proposta de trabalho do educador com o texto literário, espera-se, ao longo desse processo, que o aluno alcance os objetivos de ensino propostos para o eixo de leitura.

Mas também sabemos que para se promover o letramento literário, precisamos explorar ao máximo as possibilidades de leitura da obra literária abordada. Nessa perspectiva, o espaço da sala de aula é o mais apropriado para o educador mediar esse processo de trabalho, cujo sucesso vai depender de sua metodologia de trabalho.

Por ser nosso maior objetivo formar um leitor que sinta prazer e interesse pela prática da leitura literária como meio de transformação pessoal e social, e também por acreditarmos ser de fundamental importância a leitura integral da obra para a efetivação do letramento na aula de literatura, selecionamos o cordel História de Juvenal e o Dragão para a aplicação prática da pesquisa, com vista a um novo olhar para o ensino da Literatura, pois, atitudes como selecionar obras atraentes, propor atividades interessantes, abrir espaço para debates com o grupo sobre a leitura realizada, e não impor interpretações, podem ser fatores decisivos para o sucesso do educador que pretende trabalhar com a leitura de textos e/ou obras literárias. Isso porque é na base do diálogo que a leitura flui, e possibilita ao aluno-leitor construir sentidos para o texto, uma vez que cada leitor possui conhecimentos prévios, resultados de sua experiência de mundo (suas leituras anteriores) e, ao se deparar com uma nova leitura, ele aciona esses saberes para construir sua interpretação mediante o texto a ser lido.

Portanto, considerando o exposto e a sequência de leitura em questão, esperamos que no final desse estudo, cada um de nossos participantes, mediante os objetivos que permeiam o ensino de leitura na sala de aula, (Brasil, 1998, p. 50-51), esteja habilitado para:

- ler, de forma autônoma, textos de diferentes gêneros e temas, apoiando-se em seus conhecimentos prévios;
- ser receptivo a textos que rompam com suas expectativas através de leituras interessantes e desafiadoras;
- trocar impressões com outros leitores sobre os textos lidos, posicionar-se de forma crítica; e
- compreender a leitura literária em suas mais diferentes dimensões.

4.6.2.3 A metodologia adotada nos encontros de leitura

Todos os informantes da pesquisa foram convidados a participar dos encontros de leitura, conforme anteriormente já descritos. Para esse momento, foi elaborada uma sequência básica de leitura para iniciar os alunos no processo de experiências de letramento literário por meio do cordel *Histórias de Juvenal e o Dragão*, de Leandro Gomes de Barros, grande poeta paraibano. Para a construção da presente proposta metodológica, seguimos o modelo de sequência básica sugerido por Rildo Cosson (2021), com o intuito de alcançarmos os objetivos da pesquisa. Sobre a sequência básica adotada, este autor propõe que a organização do trabalho com o texto literário, seja sistematizada por meio de quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação é o momento em que o mediador deve despertar o interesse do aluno e prepará-lo para mergulhar no texto e suas tramas narrativas. Sobre esta etapa, Cosson (2021, p. 54) defende a ideia de que o sucesso inicial do encontro entre a literatura e o leitor depende de uma boa motivação. Como justificativa de seu posicionamento, ele considera também que “[...] as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir” (Cosson, 2021, p. 55). Em outras palavras, independentemente do percurso a ser percorrido nesse momento de motivação para a leitura de um texto ou de uma obra, esse caminho tem que se relacionar com a obra a ser trabalhada no espaço escolar.

No nosso caso, a proposta didática elaborada para nortear a mediação, foi motivada essencialmente por meio da contação oral e leitura completa da obra *História da Princesa da Pedra Fina*, também do cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros. Juazeiro do Norte, tipografia São Francisco, s.d., e da exibição de uma cena do filme sobre a obra abordada: vídeo disponível em livre adaptação, de Julierme Galdino do conto homônimo de Leandro Gomes de Barros para audiovisual. Direção de Julierme Galdino e Eliwelton Farias, disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfDE>. Duração de 36:26. Tais procedimentos foram feitos com o objetivo de gerar discussões e motivar os estudantes para a leitura do cordel objeto de leitura da presente pesquisa.

A segunda etapa corresponde à introdução, momento em que se apresenta o autor e a obra selecionada para leitura. De acordo com Cosson (2021), mesmo sendo uma atividade simples, este momento requer do professor mediador objetividade e alguns cuidados, como por exemplo, evitar apresentações longas sobre a vida do autor. “[...] Aliás, não custa lembrar que a leitura [...] pretende reconstituir [...] aquilo que está dito para o leitor” (Cosson, 2021, p. 60). Um outro cuidado diz respeito à apresentação da obra a ser trabalhada. Assim, é importante que

o professor/mediador explique para os alunos e justifique a sua escolha, mas de forma a evitar fazer uma síntese da obra “[...] pela razão óbvia de que, assim, se elimina o prazer da descoberta” (Cosson, 2021, p. 60). É, portanto, nesta etapa, que a literatura é apresentada fisicamente aos estudantes. Nela, cabe ao docente despertar a atenção dos discentes para a apreciar a capa, os demais elementos paratextuais que constituem a produção e “[...] levantar hipótese sobre o desenvolvimento do texto e incentivar os alunos a comprová-las ou recusá-las depois de finalizada a leitura do livro” (Cosson, 2021, p. 60).

No nosso caso, de acordo com a sequência didática elaborada e aplicada com os participantes, esse momento introdutório foi reservado à apresentação física do cordel adotado, à discussão acerca da xilogravura que ilustra o folheto, à apresentação do personagem Juvenal (espaço aberto para cada participante relatar o que sabe ou já ouviu sobre esse herói, e o que espera da obra) e uma breve exposição biográfica sobre a vida e obra de Leandro Gomes de Barros. Nesse momento, todos os participantes também foram esclarecidos sobre outras obras e possíveis contribuições deste poeta para a literatura paraibana.

Nesta pesquisa, reservamos esse momento à apreciação integral da obra (leitura realizada em voz alta pelo mediador e respeitando o ritmo imposto pelo gênero). No decorrer do processo, houve também momentos em que alguns discentes assumiram a leitura como também algumas pausas necessárias para esclarecimento de algumas dúvidas dos alunos sobre a narrativa. E para uma maior organização do processo de leitura, julgamos também pertinente aplicar pequenas propostas de atividades (previamente pensadas e elaboradas), com o objetivo de tornar mais significativa a aprendizagem de nossos discentes sobre a obra, objeto de leitura. Por meio delas, ficou mais evidente o horizonte de expectativas de leitura de nossos aprendizes acerca do cordel em questão.

A quarta e última etapa da sequência é denominada de interpretação. Segundo o autor, “[...] a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento [...] possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (Cosson, 2021, p. 65). Para interpretar, o leitor aciona seus saberes anteriormente formulados a partir de sua interação com o mundo. Nessa etapa, este pesquisador defende a necessidade de a escola criar/oferecer momentos de leitura que possibilitem aos seus educandos não apenas “compartilharem a interpretação”, mas também “ampliarem os sentidos construídos individualmente” diante o texto lido, porque:

a razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. Esse

trabalho requer uma condução organizada, mas sem imposições. Não cabe, por exemplo, supor que existe uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena (Cosson, 2021, p. 66).

Ainda de acordo com esse mesmo autor, no processo do letramento literário, as atividades de interpretação de textos/obras literárias devem se basear no princípio de registro da leitura. O que pode variar, tendo em vista a presença de alguns fatores como: o texto proposto, a idade e o nível escolar em que se encontram os alunos. Nessa etapa, o professor pode/deve propor várias atividades aos estudantes, como por exemplo, produzir um desenho que retrate/simbolize uma cena da obra que está sendo trabalhada na aula, um encontro com o protagonista da obra ou mesmo a produção de um pequeno texto imaginando outro final para o desfecho da obra. Sugestões essas que aplicamos no momento de interpretação da obra abordada.

Nesse sentido, considerando a sequência elaborada para aplicação com os discentes nas oficinas de leitura, duas atividades foram planejadas para o momento da interpretação. A primeira: produzir um desenho que retrate uma passagem do folheto abordado e com a qual o estudante mais se identificou. E a segunda: narrar um pequeno texto em formato de cordel ou em prosa, contando como seria um encontro entre o aluno e o personagem Juvenal, como seria esse encontro, onde seria e o que ele diria a Juvenal. As duas propostas estimulam a imaginação do aluno e permitem-no criar outras possibilidades de leitura para a narrativa, tornando-o também criador/ co-autor do texto.

4.6.2.4 O período de elaboração e de aplicação da sequência básica de leitura

Elaborada em meados de setembro/outubro de 2023, essa sequência didática foi planejada para ser aplicada com os estudantes em quatro encontros presenciais, com duração de 2 horas/aula cada oficina, totalizando 8 horas/aula. Entretanto, como alguns fatores interferiram no andamento das oficinas, não sendo possível cumprir os quatro momentos (motivação, introdução, leitura e interpretação) dentro do período previsto, tivemos de planejar um quinto encontro, o qual denominamos de CULMINÂNCIA, totalizando assim 05 oficinas.

Com isso, as oficinas ocorreram nos dias 18, 25 e 27 de outubro, e 01 e 10 de novembro de 2023, no período da tarde, nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental e EJA Dr. Flávio Maroja Filho, em Santa Rita -PB. Os dois primeiros encontros foram realizados na sala de recurso (sala climatizada, com tv e mesas para a realização das atividades), já o terceiro e quarto encontros, na própria sala de aula, a qual não dispõe de uma boa acomodação para o trabalho com a leitura; e o quinto e último encontro na sala de aula do quinto ano, que

nos foi cedida pela professora da turma Aline Pontes, para que pudéssemos fazer o encerramento num espaço mais tranquilo e aconchegante.

4.7 O CADERNO PEDAGÓGICO: UMA FERRAMENTA DIDÁTICA

Nosso caderno pedagógico é uma ferramenta didática de utilidade prática para uso do professor de literatura na sala de aula. Ele não substitui o livro didático, mas poderá ser consultado e utilizado pelo professor para auxiliá-lo no planejamento didático pedagógico escolar, com o objetivo de dar um melhor direcionamento didático às aulas de sua disciplina, como também oferecer ao aluno possibilidades de melhor rendimento de aprendizagem, no diz respeito ao ensino de literatura, principalmente quando a escola conta com poucos recursos didáticos disponíveis e favoráveis à pesquisa com literatura na sala de aula.

Por isso, é importante pensá-lo como mais um recurso pedagógico que facilita e ao mesmo tempo favorecerá o protagonismo docente na tomada de decisões para a construção e execução do planejamento didático pedagógico, observando-se, contudo, o contexto real de sua atuação docente em atendimento aos anseios da comunidade discente.

Faz-se também importante destacar que esse instrumento poderá auxiliar o docente na execução de suas aulas e até mesmo suprir a lacuna deixada pelo livro didático (principal recurso didático pedagógico, utilizado pelo professor e pelos alunos, na sala de aula) – o que diz respeito ao tema da presente pesquisa.

Com a produção desse material, pensado e elaborado a partir das oficinas de leituras com os discentes do 8º ano da EMEF e EJA Dr. Flávio Maroja Filho, pretendemos subsidiar a ação docente dos professores de linguagem da rede pública municipal de ensino da cidade de Santa Rita – PB, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem da leitura literária para a formação de leitores através do cordel paraibano, de Leandro Gomes de Barros, a partir das estratégias metodológicas aqui defendidas e do referencial teórico que embasaram e sustentam a presente pesquisa.

Nesta perspectiva, conscientizar-se sobre qual é a real função da prática pedagógica do professor de literatura é fator fundamental e determinante para a formação do/a leitor/leitora que queremos e formamos. Toda essa prática deverá ser permeada por aquilo em que acreditamos, pelo que queremos, pelas leituras que fazemos, que tipo de leitores (as) somos e sobretudo, que tipo de leitores pretendemos formar na aula de literatura. Uma outra questão que aqui colocamos, é o como adquirir essa consciência.

Há, portanto, lugar na escola para todas e quaisquer manifestações culturais, sim. E os alunos podem e devem enquanto protagonistas refletir e usufruir de tudo isso, principalmente da literatura popular aqui representada pela literatura de cordel como bem atestam os resultados do presente estudo. E, como bem afirma Antonio Cândido (1989, p. 17): “[...] a literatura popular brasileira apresenta-se como um significativo condicionante da inclusão social, à medida que também é caminho para concretização da humanização do indivíduo. E humaniza porque nos faz vivenciar diferentes realidades e situações”.

Nela vislumbramos a importância da abordagem da leitura literária, no espaço escolar, como ponto de partida para o desenvolvimento das habilidades e competências inerentes à formação de um leitor proficiente, mediante os desafios do processo da leitura e da escrita literária na aula de literatura.

5 DA PESQUISA EM AÇÃO

No capítulo, apresentamos o relato e a discussão das oficinas, a discussão dos dados coletados - posterior à aplicação da pesquisa, a proposta de mediação de leitura e as conquistas e contribuições dos alunos do 8º ano sobre formação de leitores, a partir dos relatos e discussões dos dados que corroboram a hipótese da dissertação, por meio das oficinas de leitura.

5.1 O RELATO DE EXPERIÊNCIA: DISCUSSÃO DAS OFICINAS E DOS DADOS OBTIDOS

Com o objetivo de ser o mais didático possível, procedemos ao relato descritivo das ações, buscando sempre relacioná-lo às discussões, aos posicionamentos críticos e comentários dos envolvidos no presente estudo.

5.1.1 Oficina I - Iniciação à leitura literária

A leitura é um ato de escolha, seja uma escolha diletante seja uma escolha motivada pelas razões pedagógicas e acadêmicas que fazem parte da atividade de quem trabalha com o ensino. Essa escolha pode ser de um tema, de um autor, de um livro, de um texto, mas quase sempre é melhor que essa escolha comece pelo texto (Pinheiro, 2003, p. 47).

1º ENCONTRO (Motivação): Aproximadamente 2 horas/aula

HORÁRIO: 13h10 min às 14h40min.

Aulas 1 e 2: Obra abordada neste encontro: História da Princesa da Pedra Fina

Objetivos desta oficina:

- *Motivar e incentivar os alunos a participarem da pesquisa sobre formação de leitores;
- *Realizar a leitura integral do cordel: História da Princesa da Pedra Fina, de Leandro Gomes de Barros;
- *Apresentar aos discentes participantes da pesquisa o formato e características do cordel como capa, xilogravura, rimas e tipos de versos;
- *Averiguar se os alunos recordam alguma outra história cordelista com algumas semelhanças com a Princesa da Pedra Fina.

Imagem 5: Um convite à leitura



Fonte: Arquivo do autor (2023)

O primeiro dos cinco encontros previstos para o cumprimento da mediação - aplicação da oficina de leitura, norteadada pela sequência básica elaborada - iniciou por volta das 13h e 10 min. do dia 18 de outubro de 2023. Nesta oficina, esperávamos a presença de todos os participantes da pesquisa: JR, JRS, KI, KV, JV, LF, MH, MV, PG, RK, TF e VH (meninos/alunos) e MR, MA, EV, AR, AB, DM, NV e AA (meninas/alunas). Entretanto, este momento contou com a presença de 17 participantes, porque os estudantes KV, TF e JRS não compareceram ao encontro, mas se comprometeram em cumprir as demais etapas planejadas: da introdução à interpretação.

Inicialmente, foi apresentada aos participantes a xilogravura que ilustra a capa do folheto proposto para o trabalho (cópia do cordel ampliada exposta numa folha isopor). Como forma de estimular a curiosidade dos aprendizes, o título do cordel abordado e o nome do autor foram ocultados, de forma intencional por uma tarja. Para darmos início a essa discussão, todos os envolvidos foram convidados a refletir sobre as seguintes questões:

- Você sabe o que é uma xilogravura?
- Já viu esta xilogravura em algum lugar?
- Você imagina quem é essa pessoa ou personagem?
- Na sua opinião, essa personagem é herói ou não herói?
- Que animal é este ao lado do personagem?

Ao se depararem com a primeira dessas questões, os alunos ficaram apreensivos, tentando respondê-las. Apenas os estudantes EV, MR e RK afirmaram já conhecer uma xilogravura, mas

não souberam defini-la de forma precisa. No entanto, esse resultado já era previsto por esta pesquisa, uma vez que praticamente quase todos os alunos, na primeira coleta de dados, alegaram não conhecer literatura de cordel. Havendo uma estreita relação entre este gênero e a xilogravura (uma espécie de imagem artística que geralmente é adotada pela literatura de cordel para ilustrar as capas dos folhetos), julgamos pertinente apresentarmos um pequeno texto explicativo, exposto numa cartolina, sobre a conceituação e o processo de construção de uma xilogravura, ilustrando-o com alguns exemplos de capas de outros folhetos, inclusive com a xilogravura da obra *História da Princesa da Pedra Fina*, cordel adotado para introduzir essas oficinas, com o objetivo de esclarecer a dúvida de nossos aprendizes.

Porém, ainda durante a explicação, alguns participantes admitiram já ter visto tais imagens, mas informaram não saber que esses desenhos eram xilogravuras, ou seja, até tinham conhecimento sobre a sua existência, mas desconheciam a técnica usada para produzi-la.

Retomando a imagem que ilustra a capa do folheto proposto para leitura completa, todos os envolvidos/estudantes afirmaram nunca ter visto a referida xilogravura, mas é importante relatar uma situação muito interessante que ocorreu. Percebemos nas inferências que os educandos, aos poucos, fizeram sobre o personagem da capa do cordel abordado. Nesse ínterim, foi gerado um pequeno debate em que os aprendizes foram convidados a expor o que pensavam sobre a imagem (xilogravura em questão).

Neste momento, o educador responsável por conduzir o aprendiz no avanço da leitura precisa considerar a bagagem de experiências anteriores trazidas pelo estudante, para, a partir do que ele já conhece, dar sequência à leitura. Mas também é fundamental partir para o desconhecido para que o educando possa ampliar seus horizontes de leitura porque

[...] crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (Cosson, 2014, p. 35).

Nesse momento de exposição oral, o estudante RK relatou que, em sua opinião, o personagem da imagem se tratava de um guerreiro. Já o estudante KI disse acreditar que o personagem se tratava de um caçador, porque estava acompanhado por cães. Na opinião dos estudantes MR, MA, DM JV, EV, MH, VH, AB e PG, o personagem em questão parece ser um herói em busca de aventuras. No que diz respeito à imagem do animal que aparece ao lado do personagem na capa do cordel, duas hipóteses foram levantadas: um grupo defendeu a ideia de que se tratava de um cavalo e dois cachorros, e um outro que afirmou se tratar de um dragão.

Houve também, como sempre há na sala de aula, alguém que preferiu não expor sua opinião por motivo pessoal.

É importante frisar que esse momento pré-leitura permitiu que os participantes vivenciassem uma experiência de leitura e de construção de sentidos para o texto abordado e que só as etapas e a leitura posteriores irão confirmar ou negar essas inferências aqui levantadas.

Dando sequência à descrição do primeiro encontro, antes de se revelar o nome da obra a ser lida de forma integral na oficina, os participantes também foram convidados a ouvir o relato de uma outra história: História da Princesa da Pedra Fina. Esta obra, como bem já foi informado anteriormente, também faz parte do universo cordelista de Leandro Gomes de Barros. O objetivo desse momento foi averiguar se os alunos conheciam ou conseguiam perceber/relacionar diferenças e/ou possíveis semelhanças desse cordel com outra história cordelista, no caso, Juvenal e o Dragão.

Entretanto, antes da leitura do cordel, escolhido para a motivação, procuramos situar os participantes acerca dessa obra (através de uma breve síntese oral) sem dar margem para a revelação sobre o final da história. Para este momento, Cosson (2021, p.54) defende que o sucesso inicial do encontro entre literatura e leitor depende de boa motivação. Considera também que “[...] as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir”.

Para a realização desse momento de leitura, foram entregues a cada um dos participantes, cópias do texto para uma leitura integral da obra. Durante a leitura dessa obra, vários estudantes interromperam a leitura, alegando lembrarem de alguma história muito semelhante. É como se eles já tivessem vivenciado alguma forma de experiência de leitura com o texto adotado para a motivação. Passado este momento, os leitores (educandos) tiveram de responder alguns questionamentos.

Primeiro questionamento: “algum momento da leitura despertou a atenção de vocês e por que?” Segundo questionamento: “vocês se recordam de alguma outra história que tenha um momento muito parecido com a obra que acabamos de ler? Se vocês recordam, qual?”

Sobre o primeiro questionamento, os estudantes EV, AR, DM, AB, PG, MR, KI e VH, por exemplo, informaram se sentiram despertados pela leitura do cordel adotado para a motivação e estarem dispostos a permanecer nas oficinas. O estudante MH falou que não se sentiu motivado, porém não apresentou justificativa para sua não motivação. Já os demais participantes não se manifestaram a respeito da questão. No que diz respeito ao segundo questionamento, os participantes EV, KI e MH afirmaram que não têm lembrança de uma outra

história parecida, enquanto que os estudantes: MR, RK, PG, JR, TF e AA afirmaram ter uma vaga lembrança de outra história parecida envolvendo rei e princesa, mas não lembravam o título. Os demais estudantes participantes AB, MV, JV, DM e MA optaram por não falar. Somente o estudante RK revelou que a narrativa do cordel se assemelha a uma outra narrativa, envolvendo uma princesa e um dragão, mas não lembrou o exato título da obra.

Após escutar as considerações dos estudantes sobre a obra lida, foi retirada a tarja que ocultava o título da obra a ser lida nos próximos encontros, e revelados o título e o autor do cordel. Em seguida, foi exibida para todos os participantes uma cena do cordel, “História de Juvenal e o Dragão”, vídeo disponível em Livre adaptação, de Julierme Galindo do conto homônimo de Leandro Gomes de Barros para audiovisual. Direção Julierme Galindo e Eliwelton Farias, disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfde> com duração de 36:26.

Depois da exibição do vídeo, foram feitas as seguintes perguntas aos participantes:

- A) E agora, vocês já descobriram o nome do personagem da literatura de cordel sobre o qual falaremos nos nossos próximos encontros?
- B) O que você acha que Juvenal e seus cães aprontarão com o Dragão?

Indagados sobre a primeira questão acima, todos os estudantes foram unânimes em afirmar que nos próximos encontros trabalharíamos o cordel exibido no vídeo supracitado. Compreende-se, então, que tal contribuição (a exibição do vídeo) foi muito significativa, pois foi possível notar que os alunos se mostraram motivados a participarem dos próximos encontros de leitura aguçados pela pergunta motivadora: “o que você acha que Juvenal e seus cães aprontarão com o dragão?”, questão que abriu nosso segundo encontro de leitura (Oficina II: INTRODUÇÃO), pois, como nos diz Cagliari (2005, p.160): “[...] de tudo que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação”.

Objetivo principal dessa primeira oficina foi motivar os participantes/discentes para participarem do segundo dia de oficina (Oficina II-INTRODUÇÃO). Duração total desse encontro (Oficina I - MOTIVAÇÃO), aproximadamente 90 min. (2h /aula) para leitura, exibição do vídeo e considerações finais deste primeiro encontro.

5.1.2 Oficina II - Introdução à leitura da obra abordada na pesquisa

A apresentação física da obra é também o momento que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos para textuais que introduzem uma obra. Nesse caso o professor realiza coletivamente uma leitura do livro (Cosson, 2022, p.60).

2 ° ENCONTRO (Introdução): Aproximadamente 2 horas/aula

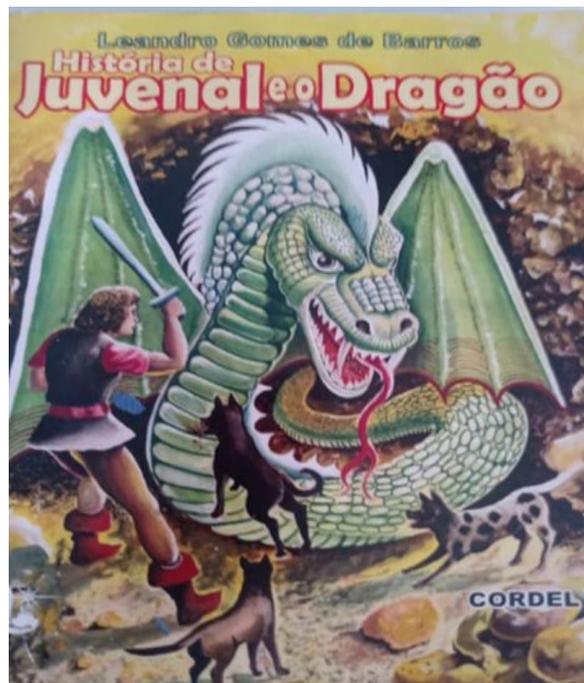
HORÁRIO: 15h:15h30min às 17h:00

Aulas 3 e 4: Obra para estudo neste encontro: História de Juvenal e o Dragão

Objetivos desta oficina:

- *Apresentar aos participantes Leandro Gomes de Barros, através de uma minibiografia do autor;
- *Apresentar aos discentes participantes da pesquisa a obra – História Juvenal e o Dragão; e
- *Averiguar se os alunos conhecem ou conseguem perceber/relacionar diferenças e/ou possíveis semelhanças entre o cordel História da Princesa da Pedra Fina e o cordel Juvenal e o Dragão, obra abordada nesse encontro.

Imagem 6: Capa do cordel “História de Juvenal e o Dragão”



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Seguindo a proposta da sequência básica elaborada, iniciamos o nosso 2º dia de oficina no dia 20 de outubro, aproximadamente às 13h na própria sala de aula da referida escola. Participaram desse momento todos os participantes (total de 20), que ansiosos esperavam pela leitura do texto (leitura essa que seria feita no nosso próximo encontro). Durante este momento,

retomando a leitura do vídeo exibido no momento motivação ao estudo da obra, os alunos tiveram de responder oralmente e também de forma escrita, as perguntas feitas pelo pesquisador sobre a obra a ser trabalhada, respeitando-se e ouvindo as opiniões de cada um dos participantes.

A introdução é o momento de apresentação do autor e da obra selecionada para leitura. De acordo com Cosson (2021), este momento demanda alguns cuidados por parte do docente. O primeiro destes é evitar apresentações longas sobre a vida do autor. Assim, recomenda-se nesta etapa objetividade. “Aliás, não custa lembrar que a leitura não pretende reconstituir a intenção do autor ao escrever aquela obra, mas aquilo que está dito para o leitor” (Cosson, 2021, p.60).

Para esse primeiro momento, no segundo dia de oficinas, planejamos as seguintes perguntas:

- O que você sabe sobre Juvenal?
- Você conhece alguma outra história semelhante envolvendo um outro guerreiro e um dragão ou uma outra fera parecida?

Foi muito gratificante presenciar como os participantes aguardavam e respondiam estas questões, uma vez que iniciamos os questionamentos indagando o que eles sabiam a respeito de Juvenal e se eles conheciam alguma outra história semelhante, envolvendo um outro guerreiro e um dragão, ou uma outra fera parecida. Ao serem questionados sobre o que sabiam sobre o personagem Juvenal e o Dragão, de modo geral, embora tendo respondido à questão, a maioria afirmou não conhecer a verdadeira história de Juvenal, a não ser alguns fatos devido terem assistido ao vídeo mencionado anteriormente. Outros se omitiram (total de cinco participantes) e não responderam à questão. Dentre as respostas dadas à primeira questão, selecionamos apenas algumas por julgarmos serem mais pertinentes e coerentes com a narrativa. Vejamos:

- Estudante MV - *Ele salvou uma menina das garras de um dragão;*
- Estudante PG - *Acho que uma pessoa que não gosta de uma vida sem emoções, pois saiu de casa para ter mais aventuras;*
- Estudante RK - *Que Juvenal é um homem que saiu de casa, andou bastante, tem três cachorros, enfrentou um dragão e se casou com uma princesa;*
- Estudante AB - *Herói que matou um dragão, salvou a princesa e se casou com ela;*
- Estudante EV - *Juvenal é um herói;*
- Estudante KI - *Ele é um camponês.*

Perguntados sobre a segunda questão, 08 (oito) dos participantes informaram ter conhecimento de outra história semelhante à de Juvenal e o Dragão, mas não deram maiores informações sobre qual seria. Outros 05 (cinco) responderam não conhecer, e apenas o estudante RK conseguiu fazer inferências entre a narrativa de Juvenal e a história de São Jorge⁴.

Neste momento, conforme já havia previsto e planejado, fizemos uma pequena pausa para apresentarmos aos discentes da pesquisa, de forma oralizada e explicativa, uma pequena síntese sobre a vida e a história de São Jorge, correlacionando algumas possíveis semelhanças entre a vida dos dois heróis/guerreiros. No segundo momento desse encontro, nossos estudantes se depararam com os seguintes questionamentos:

- O que vocês imaginam dessa leitura, ou seja, quais as suas primeiras impressões e hipóteses?
- Você está realmente motivado para conhecer esta obra? Por quê?

Em resposta dada às primeiras impressões e hipóteses no que diz respeito ao cordel abordado, os estudantes RK, AB e MV, após terem participado atentamente dos dois dias de oficina e estarem mais atentos às leituras, até se arriscaram em dizer que Juvenal tinha uma irmã e que ele saiu de casa após a morte do seu pai na companhia três de carneiros, os quais, após uma longa caminhada em busca de aventura, foram trocados por três cachorros valentes. Este momento é de grande importância para o processo de leitura da obra. Pois, de acordo com Cosson (2021, p.60), “[...] não se pode deixar de levantar hipóteses sobre o desenvolvimento do texto e incentivar os alunos a comprová-las ou recusá-las depois de finalizada a leitura do livro”.

Nesse sentido, dentre outras respostas dadas a esta questão, destacamos as seguintes:

- Estudante PG - *Esse livro é um gênero que eu gosto muito, mas chato em momentos que não precisa;*
- Estudante MR- *É uma história clichê com um final feliz;*
- Estudante KI - *Parece uma história cheia de reviravoltas, é um grande plot twist.*

⁴ Segundo a lenda, São Jorge é um santo guerreiro da Idade Média e cavaleiro que em nome de Deus vence o dragão, símbolo do mal e liberta a princesa e seu povo do domínio da serpente gigante. Tal referência mitológica se aproxima da obra Juvenal e o Dragão.

Entretanto, a maioria não se manifestou a respeito, preferindo ficar no silêncio, mas, de forma geral, é notável que os estudantes que se identificaram com a leitura de Juvenal e o Dragão acreditam se tratar de uma história muito envolvente e interessante. A figura lendária do dragão e a presença do herói Juvenal com seus cães somadas à imagem do cocheiro fazem dessa história uma narrativa atraente aos olhos de nossos jovens participantes.

Quando perguntados se se sentiam motivados para conhecer a narrativa /história de Juvenal e o Dragão, todos os participantes foram categóricos em dizer que estavam motivados e ansiosos para conhecer esta grande e expressiva obra da literatura de cordel, de autoria de Leandro Gomes de Barros.

Para finalizar este encontro e após importantes momentos de reflexão e de diálogo sobre o cordel a ser abordado no próximo encontro (momento de leitura), procuramos esclarecer a importância da obra e seu autor. Os aprendizes foram esclarecidos de alguns aspectos que merecem ser pontuados e aproveitamos a ocasião para informar aos alunos que o personagem Juvenal é uma criação de Leandro Gomes de Barros, poeta paraibano de destaque nacional, considerado o pai do cordel nordestino e, em seguida, apresentamos também aos participantes uma breve biografia (em forma de resumo) do autor/poeta abordado na pesquisa, suas contribuições literárias para promover o letramento literário e, principalmente, para o engrandecimento da literatura cordelista no cenário nacional e paraibano.

Para fechar este momento, a pedido dos participantes, reavemos o vídeo já visto anteriormente como uma forma de revisar e reforçar possíveis dúvidas ou mesmo satisfazer alguma curiosidade dos alunos.

Sentindo-se mais do que satisfeito, oicineiro (mediador de leitura) realizou os agradecimentos, reforçou o convite para o próximo encontro (Oficina III - LEITURA) e por volta das 14h 30 min. finalizou os trabalhos programados para o 2º dia de oficina. Estimativa total desta oficina: aproximadamente 90 min (2h/aula) para apresentação da obra, leitura, reexibição o vídeo e considerações finais deste segundo encontro (Oficina II - INTRODUÇÃO).

5.1.3 Oficina III - Lendo e formando leitores

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita (Brasil, 2000, p. 42).

3 ° ENCONTRO (Leitura): Aproximadamente 2 horas/aula
HORÁRIO: 15h e 30 min. às 17h:00

Aulas 5 e 6: Obra para leitura integral neste encontro: História de Juvenal e o Dragão

Objetivos desta oficina:

*Apresentar aos discentes participantes da pesquisa a obra –Juvenal e o Dragão, obra abordada nessa pesquisa (pequena síntese oral);

*Leitura em voz alta do cordel: História de Juvenal e o Dragão.

Retomando a apresentação de nossas oficinas, iniciamos o 3º dia de oficina por volta das 15h e 30 min. do dia 25 de outubro do corrente ano. Quando os participantes da pesquisa chegaram à instituição de ensino, foram convidados a se dirigirem até a sala reservada ao atendimento especializado. Contando com a presença dos 20 informantes, iniciamos a oficina com o objetivo de realizarmos a primeira etapa correspondente à leitura apresentado o cordel a ser abordado na oficina.

Cosson (2021) percebe o acompanhamento da leitura como essencial na proposta de letramento literário. Sobre este momento, ele explica que “[...] o professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura” (Cosson, 2014, p. 62).

Imagem 7: Antenados na leitura



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Numa ficha previamente formulada e entregue, os alunos participantes foram “desafiados” a escrever suas expectativas sobre os momentos de leitura nesse 3º dia de oficina.

Para este momento, entregamos o cordel a cada aluno participante para a leitura integral do texto. Neste 1º Momento (aproximadamente 1h/ aula), realizada a acolhida dos participantes, prosseguimos com a leitura em voz alta do cordel História de Juvenal e o Dragão. Muito motivado pelo que vivenciou no segundo dia, o estudante PG solicitou espaço para realizar a leitura. Inicialmente, aceitamos o pedido do educando, pois este estudo acredita ser uma atitude não aconselhável inibir toda e qualquer tentativa de participação do aprendiz, durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, principalmente nos momentos de leitura. Para Krug (2014, p.3):

A leitura [...] proporciona ao leitor, o contato com o seu significado seguindo seu conhecimento de mundo, possibilitando assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificada mente, ao interagir com o texto. O leitor realiza o processo de maneira ativa, enriquecendo a leitura que contribuirá com seu saber, que se propõe fazer.

Nesse sentido, é fundamental que a escola promova experiências significativas de leitura tanto do cordel quanto de outras formas literárias. Não se trata de impor como obrigação a leitura e a realização de tarefas nem deixar o ato de ler à deriva, sem direcionamento.

Durante a leitura, foram realizadas algumas pausas intencionais, visando executar pequenas propostas de atividades. Estas pausas e atividades tiveram o objetivo de auxiliar os leitores (educandos) na percepção das expectativas diante os fatos que se sucediam na construção de sentidos feita pelos aprendizes no decorrer da leitura.

Neste primeiro momento, foi realizada a leitura do cordel, abordado da página 1 até a 19. Buscamos respeitar na leitura o ritmo imposto e característico do cordel. Durante a realização da leitura, por meio de uma pequena ficha previamente formulada, foi feita aos participantes a seguinte pergunta:

•O que você sabe sobre Juvenal e Dragão?

Feito isso, os estudantes escreveram suas expectativas na ficha e, em seguida, abrimos espaço para um breve debate visando à socialização das inferências construídas. Antes de prosseguir com a leitura, oicineiro ouviu as expectativas dos alunos que se dispuserem a compartilhar suas respostas /anotações a respeito da questão levantada. Em seguida, recolhemos as fichas de leitura dos participantes e o icineiro continuou a leitura, sempre fazendo as pausas necessárias para esclarecer algumas possíveis dúvidas dos estudantes até a página anteriormente estipulada.

Foram aproximadamente 45 min. (1h/aula) para esta primeira parte: leitura, considerações finais e término do 1º momento de leitura do terceiro dia de oficina (Oficina III-LEITURA).

No 2º momento de leitura (aproximadamente 1h /aula), prosseguimos com a leitura oral e em voz alta da obra Juvenal e o Dragão das páginas 20 até a página 31. Por ser um trecho mais curto foi realizada apenas a leitura, mas com a preocupação de procurar perceber o interesse (recepção /aceitação do texto) e as expectativas dos estudantes e sempre buscando manter o diálogo com eles, encarregando-os de responder a algumas questões, previamente formuladas, durante a elaboração dessa sequência didática.

Lidas as duas primeiras páginas desse bloco (páginas 20 a 31), oicineiro lançou aos participantes a seguinte pergunta:

- Vocês já perceberam do que trata essa obra, ou seja, qual é o seu tema (mote)?

Em resposta a este desafio, três participantes se dispuseram a responder, mas somente a estudante MA e os estudantes MH e KV apresentaram objetivamente as seguintes proposições:

- Estudante MA - *Trata-se da história de um rapaz que procura uma aventura e acaba se apaixonando por uma princesa depois de salvá-la;*
- Estudante MH - *A história de um herói (Juvenal) que salvou uma princesa;*
- Estudante KV - *É a história de um homem de bom coração: fiel, bondoso e inimigo do mal.*

A cada pergunta feita, aproveitávamos a situação para ouvir e refletirmos um pouco sobre as respostas pensadas. Foi surpreendente percebermos, a partir das respostas acima dadas pelos estudantes MA, MH e KV, como eles estavam atentos às leituras realizadas nesses momentos de oficinas e, também, como sempre se dispunham a “desatar os nós” e tentar cada um, de seu jeito e dentro de suas possibilidades, responder às questões-problema levantadas.

Após o momento descrito, prosseguimos com a apreciação do cordel. Para perceber se os alunos conseguem associar o personagem Juvenal e as suas aventuras às ações de um herói, e se os fatos que ocorrem na narrativa, até então carregados de elementos, conduzem a isso, decidimos, por meio de uma pequena ficha, previamente formulada, realizar aos participantes as seguintes perguntas:

- O que você acha que acontecerá com Juvenal e a princesa?
- Você concorda com essa atitude vil do cocheiro? Por quê?

Acreditamos que a sequência didática elaborada e aplicada foi feliz ao desafiar os aprendizes por meio de perguntas, pois possibilitou maior interesse à leitura do folheto. Quando convidados a responder aos questionamentos descritos acima, todos apresentaram suas opiniões cada um dentro de suas limitações e inferências textuais que fizeram durante a leitura da obra. Dentre as respostas apresentadas, elencamos apenas aquelas que mais se aproximam do sentido do texto. Sobre a primeira questão, responderam:

- Estudante MA – Eu acho que casados governarão o reinado como rei e rainha;
- Estudante MV – *Eu acho que eles casarão e viverão uma vida feliz;*
- Estudante EV – *Eles se casarão como toda história clichê que todo mundo gostaria de viver;*
- Estudante PG – *Ele vai acabar como a maioria dos contos de fadas, felizes para sempre. Eu não gosto muito desses finais dos contos, mas...;*
- Estudante JV – *Acho que Juvenal irá ser um cavaleiro justiceiro;*
- Estudante JR – *Eles parecem apaixonados. Acho que irão namorar e se casarem.*

Além destes, outros 06 alunos manifestaram suas respostas, as quais se resumiram em “se casarão e serão felizes para sempre” e outros 08 optaram por não falar. É importante reiterar que, mesmo na simplicidade dessas respostas, este momento favoreceu a participação na construção de sentidos para o texto, pois todos foram convidados a imaginar possíveis desfechos para o “herói” - o processo do letramento literário também se evidencia nessas situações.

Dando sequência à leitura do texto e ainda em atendimento a essas três questões supracitadas, a maioria dos participantes respondeu não concordar com a atitude do cocheiro em ameaçar a princesa com o objetivo de casar com ela e assumir a posição de Juvenal, porém dentre as respostas dadas, selecionamos aquelas que apresentaram justificativas mais coerentes. Seguem o que disseram os estudantes:

- Estudante DM – *Discordo dele, pois é egoísta e só pensa em dinheiro.*
- Estudante PG - *Eu acho que ele (João Grilo) vai pegar um animal para assustar os bandidos. Assim, eles nunca mais voltarão para lá.*
- Estudante NV- *Não concordo. Ele foi trair a princesa e com todos;*
- Estudante MR - *Ele queria se apossar de uma fama que não era dele. Não concordo com isso;*

- Estudante JR - *Não concordo, pois todos devem ser justos e ele não foi. Assim podemos ganhar mais. Ser justo é sempre bom;*
- Estudante MA - *Não concordo. Ele tentou forçar a princesa a mentir para o reino, ameaçando-a de morte;*
- Estudante KV - *Ele foi mentiroso, desonesto e ganancioso. Não concordo!*

Podemos assim dizer que a discussão gerada sobre essa questão foi bastante positiva, uma vez que propiciou uma maior interação entre a literatura e as experiências de vida de cada um de seus leitores. Neste momento, nossos discentes tiveram a grande oportunidade de refletir sobre suas próprias atitudes. Essas vivências são as práticas sociais de letramento literário por meio do cordel a serviço da formação do sujeito-leitor.

Ainda com relação à leitura da obra em questão, todos os participantes foram chamados a responder a última pergunta desse momento e indagados a respeito de como Juvenal seria tratado no reinado da princesa: a maioria (treze dos participantes) foi categórica em assegurar que, no reinado da princesa, Juvenal seria tratado como “herói” e como “rei”. Ainda atentos aos rumos que tomava a leitura, os quais já se encaminhavam para o final da narrativa, e ansiosos para saber o que realmente poderia acontecer aos protagonistas da história do cordel abordado, os alunos foram incumbidos de responder a última questão do momento leitura:

- E agora, como você acha que Juvenal será tratado no reinado da princesa?

Tamanha e diversa foi a variedade das respostas dadas a essa questão. Nosso grande Juvenal recebeu até alcunha de mentiroso por um dos participantes (alcunha essa não justificada ou esclarecida pelo estudante). Outros preferiram não opinar ou não apresentaram argumentos suficientes que justificassem de forma coerente suas respostas. Eis, a seguir, uma breve seleção das principais respostas fornecidas pelos educandos:

- Estudante EV - *Eu acho que ele vai virar rei e certamente será um ótimo rei por sua bravura e coragem;*
- Estudante JV - *Eu acho que ele será tratado com respeito;*
- Estudante MR - *Ele vai se casar com a princesa e será o “rei do reino”;*
- Estudante PG - *Ele vai ser tratado como um grande mentiroso e provavelmente será preso pelo cocheiro, seu antagonista;*
- Estudante NV - *Ele irá ser muito prestigiado por todos no reinado imperial;*
- Estudante JR - *Eu acho que ele será tratado como o próximo rei. Será bem tratado por todos no reinado e principalmente pelo rei, pai da princesa;*
- Estudante TF - *Ele será visto como “herói” ou o grande “salvador”;*
- Estudante JRS - *Ele será tratado respeitosamente no reinado da princesa.*

Concluídas essas inferências, prosseguimos com a apreciação da leitura da obra em análise até o final. O importante é que, o que se sucedeu até aqui: leitura, inferências, diálogos, discordâncias de pontos de vista, dúvidas, comentários, silêncios, questionamentos, tudo foi considerado e pontuado, porque esse conjunto de coisas proporcionou aos participantes (alunos e oficinairo) uma grande e significativa experiência de letramento literário por meio do cordel paraibano de Leandro Gomes de Barros.

Retomando tudo que foi dito até aqui: graças à sua sabedoria e esperteza, Juvenal ao matar o dragão se consagra como o guerreiro que consegue defender a princesa do terrível perigo imposto pelo domínio da serpente. Conforme nos mostrou a leitura, só após desmascarar a falsidade do desonesto cocheiro, conquistar a confiança do rei e ganhar o respeito do povo, Juvenal juntamente com seus fiéis escudeiros - Rompe-Ferro, Ventania e Provedor conseguiu restabelecer a paz no reinado da princesa e a tomou por esposa.

Assim, como nos momentos anteriores, terminado esse 3º dia de oficina e concluída a leitura da narrativa, os estudantes concluíram a leitura, relataram suas impressões no papel e posteriormente tiveram a oportunidade de socializá-las com o grupo. Com o fechamento do texto, outra vez, os alunos foram desafiados a refletir sobre um possível fato a ser revelado na história: todos os participantes da oficina foram convidados a refletir sobre a seguinte questão: para vocês, qual seria o ensinamento (lição de moral) que Juvenal nos ensina ao mandar buscar a sua irmã para seu casamento com a filha do rei?

Depois das leituras, foi proposto o momento de diálogo para exposição (oral e coletiva) das inferências levantadas, e se comparada à atividade de mesmo teor proposta no primeiro dia, esta contou com maior nível de interação entre os informantes presentes. Toda essa contextualização feita durante a leitura do cordel auxilia no desenvolvimento do gosto pela leitura.

Sobre esse desenvolvimento, alguns estudiosos brasileiros também se preocuparam com a questão da necessidade da escola em formar um aluno capaz de sentir o prazer em ler. Geraldini (2011, p. 97-98) salienta que se deve criar no educando o gosto pela leitura da seguinte forma:

Com 'leitura-fruição do texto' estou pretendendo recuperar de nossa experiência uma forma de interlocução praticamente ausente das aulas de língua/literatura: o ler por ler, gratuitamente. E o gratuitamente aqui não quer dizer que tal leitura não tenha um resultado [...]. Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer – me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto no "incentivo à leitura"

Desta forma, o ensino da temática em foco deve mostrar a apreciação do texto como prática essencial. Se a leitura for capaz de transmitir uma sensação prazerosa ao discente, este certamente buscará por vontade própria se inserir no universo dos textos literários.

Feito isso, todos os que se fizeram presentes nesse 3º dia de oficina foram convidados a participar do próximo encontro (Oficina IV - INTERPRETAÇÃO). Estimativa total desta oficina: aproximadamente 45 min (1h/aula) para esta segunda parte: leitura, considerações finais e segundo momento de leitura (Oficina III - LEITURA), fechando o terceiro encontro com 2hs/aula.

5.1.4 Oficina IV - Um momento de releitura da obra

Ser leitor de literatura na escola é mais que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos (Cosson, 2020, p. 120).

4º ENCONTRO (Interpretação): Aproximadamente 2 horas/aula

HORÁRIO: 13h e 10 min às 14h e 40min

Aulas 7 e 8. Obra abordada neste encontro: História de Juvenal e o Dragão

Objetivos desta oficina:

- *Propor aos participantes que retratem/desenhem em uma folha ofício ou numa cartolina (cor branca) uma cena da narrativa de Juvenal e o Dragão, que mais lhe chamou atenção;
- *Pedir para os participantes imaginarem e escreverem um pequeno texto no formato de cordel ou em prosa apresentando /sugerindo um novo/possível final para a narrativa do cordel Juvenal e o Dragão.

Imagem 8: Lendo e produzindo sentidos



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Contando com a presença de 17 discentes (os Estudantes VH, AR e DM não compareceram ao encontro devido a problemas de saúde, secundo relataram seus pais), o 4º dia da oficina se iniciou por volta das 13h e 10 min. do dia 10 de novembro de 2023. Conforme já adiantado, a preocupação central deste encontro foi abrir espaço para os educandos expressarem suas vivências de interpretação de leitura do cordel, respeitando a sequência básica construída com base na proposta de Cosson (2021).

Esta etapa foi previamente pensada com o objetivo de deixar os envolvidos mais à vontade para que eles pudessem, de forma livre e prazerosa, compartilhar suas experiências de leitura literária por meio do cordel História de Juvenal e o Dragão em práticas sociais de letramento literário, ou seja, foi uma forma de proporcionar e garantir a esses leitores possibilidades de interpretações para a obra abordada por meio de atividades previamente elaboradas.

Entretanto, antes de iniciar o relato propriamente dito, é necessário acrescentar que este momento foi pensado e organizado sem aquelas velhas práticas de imposições de leituras, que geralmente permeiam o ensino da leitura na aula de linguagem, independentemente da fase de ensino em que se encontram os alunos. Para isso, procuramos mediar esse momento construído pelos envolvidos durante todo o processo de vivência, na perspectiva da orientação de Rildo Cosson (2021, p. 66):

Não se pode supor que existe uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena. [...]. Se for para haver limites, que eles sejam buscados na coerência da leitura e não nos preconceitos que rondam o letramento literário na escola. Só assim termos de fato uma comunidade, e seus leitores poderão, tanto no presente quanto no futuro, usar a força que ele proporciona para melhor ler o mundo e a si mesmos.

De acordo com este pesquisador, durante o processo de leitura e interpretação, se faz preciso ouvir as considerações dos educandos e, se necessário, propor intervenções, desde que estas não sejam de caráter punitivo/impositivo para não subtraírem do leitor o direito a possíveis descobertas no ato da leitura. Além disso, é importante respeitar a compreensão individual e até mesmo abrir espaço para a elaboração de novos textos. Textos que venham surgir como consequência da leitura /pós-leitura.

Feita esta acolhida, todos os aprendizes presentes receberam novamente uma cópia do cordel, pois como já dito anteriormente, até porque foi opção nossa deixá-los na escola até o término do processo das oficinas (embora o oficinheiro tenha emprestado algumas cópias a alguns dos participantes para leitura em casa), para não correr o risco de extravio das obras.

Após a realização das etapas anteriores (motivação, introdução e leitura) e as sugestões de atividades referentes a estas etapas, foram propostas aos participantes, nesta oficina, duas

atividades como forma de participarem da construção de sentidos para a leitura da obra abordada. Com base na premissa defendida por Cosson (2021, p.65-66.), “[...] a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura [...]. Esse trabalho requer uma condução organizada e sem imposições”. Por isso, é preciso abrir espaço para a compreensão individual ou até mesmo para construções (pós-leitura) de novos textos como consequência da(s) leitura(s) que os estudantes se depararam com duas atividades de interpretação a serem realizadas, nesse 4º dia de oficina.

Na primeira atividade (momento interpretação), foi proposto aos participantes que desenhassem em uma folha ofício ou em uma cartolina (cor branca) uma cena da narrativa da obra abordada (poderia ser o fato que mais chamou a atenção do/da discente). Logo abaixo da produção, explicasse o momento da história que ele/ela ilustrou. Em seguida e após a confecção dos desenhos, os participantes que desejaram, puderam explicar o seu desenho para os demais colegas (a cena retratada e os motivos de sua escolha)

Para a realização desta atividade, os estudantes se mostraram bastante receptivos e, em atendimento às orientações doicineiro, prontamente se organizaram no espaço da sala de aula e esperaram que o mediador distribuísse as tarefas para iniciarem os trabalhos. Recebidos os comandos, todos ocuparam seus postos e deram início a nossa primeira atividade descrita anteriormente.

Entretanto, como o tempo foi insuficiente para construir e expor os desenhos dentro do previsto (tendo em vista que ainda faltava realizar a segunda atividade proposta para este momento), oicineiro, em comum acordo com os participantes, achou por bem escolher um outro encontro para que os estudantes pudessem expor seus trabalhos com mais tranquilidade. Como todos concordaram com a proposta, abriu-se espaço para a criação de uma quinta oficina, o que não estava previsto.

Antes de desenvolver a atividade solicitada, os alunos RK e PG questionaram que não sabiam desenhar e por isso não estavam se sentindo confortáveis para a executá-la. Nesse momento, o mediador pediu a palavra e esclareceu aos estudantes que ficassem tranquilos, porque a atividade solicitada não seria computada como nota, mas como um momento de interação deles (leitores) com a obra escolhida para leitura completa e, que para isso, eles deixassem fluir a imaginação sem aquela velha preocupação de certo ou errado. Tranquilizados e confiantes, iniciaram as atividades com muita serenidade. Nesse momento, os 17 participantes presentes deram “asas à imaginação” e conseguiram expressar o que sentiam em relação ao

texto lido conforme lhes fora solicitado. Esta primeira atividade teve a duração de aproximadamente 1 hora/aula (45 min.) para a produção e a socialização do desenho.

Todavia, passado este momento, e tendo em vista o curto espaço de tempo para o cumprimento das duas atividades planejadas para este 4º encontro (conforme o acordado no momento anterior), os estudantes tiveram seus desenhos recolhidos e guardados numa pasta para isso reservada e prosseguiram a última atividade.

Na segunda atividade (momento interpretação), os estudantes foram convidados a imaginar como seria um possível encontro com o protagonista da narrativa: o que aconteceria neste encontro, onde seria e o que eles diriam para Juvenal. Em seguida, escreveriam uma pequena história contando essa sua nova experiência de leitura/interpretação, observando as seguintes recomendações: deixando-se levar pela imaginação, escrever um texto em verso ou em prosa, atentando para a caligrafia, para a ortografia e outros aspectos da estrutura textual, não esquecendo de atribuir um título ao texto. Para esse momento, os participantes contaram com um tempo de aproximadamente 45 minutos para realizar a proposta. Para este momento, 17 alunos se fizeram presentes. Finalizada esta relação das produções em prosa e constatado por meio da lista de frequência que os alunos JR, AB e MR se fizeram ausentes por motivo de saúde.

Segue o registro desses dois momentos em que os participantes realizaram as duas atividades propostas para este 4º dia de oficina, sendo a primeira um desenho e a segunda um texto em prosa ou em verso estilo cordel.

Imagem 9: Mãos à obra!



Fonte: arquivo do autor (2023)

A duração da segunda atividade descrita foi de aproximadamente 45 minutos (1h/aula). Os discentes que desejaram socializar suas construções textuais foram convidados pelo oficinairo a socializarem suas produções com os colegas no próximo encontro, momento em que fizemos a culminância da pesquisa, no dia 10 de novembro, na sala do 5º ano, a partir das 13hs do corrente ano.

Importante acrescentar o seguinte: esta atividade fez os educandos se situarem como personagens das novas histórias, fato que aproximou, ainda mais, a literatura e o leitor, impulsionando-lhe a imaginação e o prazer estático de escrever.

Concluída, às 14h e 40 min., esta oficina teve a duração de 1h/aula (45 min) para produção da primeira atividade (texto imagem/desenho), e aproximadamente 1h/aula (45 min) para segunda atividade (texto em prosa ou verso), totalizando 2hs/aula (90 min.) para o encerramento da oficina IV (Interpretação), considerações finais e término do 4º encontro.

Concluídas as atividades das oficinas (motivação, introdução, leitura e interpretação) segundo Cosson, e não havendo nada mais a tratar sobre este momento, os discentes também foram convidados a explicar sua produção, o motivo da escolha e interesse por tal passagem num 5º dia de oficina (Oficina Culminância).

Entretanto, apenas alguns dos voluntários se dispuseram a participar da socialização. Outros, porém, fizeram opção por não participarem desse momento, preferindo escutar os colegas que se apresentavam, o que também é objetivo nosso neste estudo: ESCUTAR.

Na sequência, o último momento oficina (Oficina V), reservado à socialização das produções textuais dos participantes (aqueles que se sentirem à vontade para socializar) sem nenhuma imposição da parte do professor mediador da leitura.

5.1.5 Oficina V - Vivenciando a leitura: momento de culminância

Ouvir. Talvez esteja aí uma questão metodológica da maior importância para quem deseja trabalhar com a poesia popular (texto literário). Abrir os ouvidos para os ritmos, para as falas, para os versos que viajam de boca em boca na experiência do povo. Pode haver aí muita beleza a que não damos atenção (Pinheiro, 2004, p. 106).

5º ENCONTRO: Culminância: Aproximadamente 2 horas/aula

HORÁRIO: 15h:30 min. às 17h:00

Aulas 9 e 10. Obra abordada neste encontro: História de Juvenal e o Dragão (Releitura).

Objetivo desta oficina:

*Convidar e incentivar os alunos a socializarem os textos produzidos durante as oficinas - momento INTERPRETAÇÃO

Imagem 10: Compartilhando experiências de leitura



Fonte: arquivo do autor (2023)

De acordo com Pinheiro (2004), uma questão metodológica para quem trabalha ou pretende trabalhar com a poesia popular e, sobretudo, em sala de aula, é com relação ao ouvir. É importante “ouvir, é preciso estar de ouvidos bem abertos”.

Para este tipo de trabalho é preciso também se ter “uma atitude humilde” e nada de preconceito. A este respeito Pinheiro (2004, p.107) afirma: “[...] E ouvi-las pressupõe uma atitude humilde, nada preconceituosa com a cultura do povo. A atitude preconceituosa nos faz deixar de saborear tantas belezas”.

Foi pensando nisso, que buscamos sistematizar e promover o ensino do letramento literário por meio de uma sequência básica de leitura literária sobre a obra Juvenal e o Dragão. Entretanto, o objetivo deste momento foi convidar e incentivar os alunos participantes a socializarem os textos produzidos durante as oficinas - momento INTERPRETAÇÃO.

Conforme adiantado, a preocupação central deste encontro foi abrir espaço para os educandos apresentarem/compartilharem as vivências/experiências de interpretação da leitura do cordel abordado no tempo oficina, respeitando a sequência básica construída com base na proposta de Cosson (2021). Através da experiência do letramento literário, vivenciado por meio do cordel História de Juvenal e o Dragão, reunimo-nos, mais uma vez, discentes e oficinairo,

para compartilharmos as leituras e interpretações construídas ao longo dos quatro momentos de oficinas.

Por meio da literatura de cordel, o docente pode encontrar um terreno fértil para atrair o educando ao mundo da leitura, pois a atmosfera contagiante proporcionada pelos folhetos pode abrir um leque de possibilidades ao ensino.

Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação de não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta produção. (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 106)

Para Pinheiro, este gênero pode fomentar o prazer estético de maneira atrelada à formação crítica do leitor. Trata-se, pois, de uma produção significativa que deve compor o repertório de leitura proposto ao aprendiz.

Para realizarmos este último encontro de leituras, de releituras e de partilha de conhecimento e experiências, dividimos didaticamente a nossa oficina em dois momentos. No primeiro momento, recapitulamos os momentos anteriores (oficina I, II, III e IV), esclarecemos algumas dúvidas, dialogamos um pouco sobre a importância de nossa pesquisa dos momentos em que estivemos juntos. No segundo momento, compartilhamos as produções (desenhos e poemas construídos no momento Oficina Interpretação).

Contando com a presença de 14 alunos, uma vez que os estudantes MR, KV, JRS, TF, AB e MA faltaram por motivo de estarem cumprindo agenda de uma outra atividade da escola previamente agendada, o nosso último encontro se iniciou por volta das 15h e 30 min. do dia 17 de novembro de 2023.

Anunciado anteriormente (no término da oficina IV), para este momento intitulado compartilhando experiências de leitura, convidamos os discentes a expor e compartilhar suas produções e o motivo de suas escolhas.

Refletindo sobre o todo, é preciso ação para a mudança acontecer. Não adianta ficar só nos discursos. Assim, decidiram dividir com oicineiro o prazer e a satisfação de poderem ter participado não apenas dos momentos das oficinas, mas de todas as demais etapas da pesquisa, desde a apresentação do projeto, feita pelo icineiro, aplicação do questionário anterior à intervenção, a assinatura do TALES, a aplicação do questionário posterior à intervenção até esse momento final mais leve e descontraído. Os participantes contaram com um tempo de aproximadamente 2h/aula (90 min.) para realização da proposta de culminância. Entretanto, só alguns voluntários se dispuseram a socializar a obra por meio de suas produções (desenhos/textos), defendendo suas escolhas e os motivos que os levaram a fazê-las.

A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (Cosson, 2021, p. 66)

No processo do letramento literário, de acordo com Cosson (2021, p. 66), as atividades de interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura, ou seja, o seu registro: momento em que os alunos puderam então compartilhar suas produções conforme as imagens a seguir.

Imagem 11: Socializando a leitura



Fonte: arquivo do autor (2023)

Imagem 12: Socializando a leitura



Fonte: arquivo do autor (2023)

Mais uma vez, tornou-se possível perceber a satisfação dos aprendizes pelo simples motivo de terem a oportunidade de viajar pelo campo da imaginação e, de maneira prazerosa, compartilharem sua produção. Ao conduzirem o trabalho dessa forma, deram início a uma espécie de “capítulo extra”, não permitindo o fechamento da obra e, por conseguinte, não dando espaço para o fechamento da narrativa.

Imagem 13: O cordel pede voz



Fonte: Arquivo do autor (2023)

“O cordel é vida”, falou o estudante L.F (imagem acima). Assim, a História de Juvenal e o Dragão permaneceu aberta à imaginação e faz parte do repertório dos textos os quais marcaram significativamente a vida de todos os discentes envolvidos nesse processo. As possibilidades de leitura e interpretação traduziram-se no que chamamos de letramento literário. É importante também reiterar, que este momento favoreceu a participação na construção de sentidos para o texto. Todos os participantes imaginaram possíveis desfechos para o “herói”. da obra abordada. Este momento nos proporcionou uma experiência significativa de letramento literário, por meio do cordel, com o objetivo de recapitular os melhores momentos da narrativa “juvenaliana”. Pode-se dizer, então, que a discussão gerada foi muito positiva, pois conduziu a uma interação entre a literatura e a experiência de vida tanto dos alunos quanto do oficinairo. Nesse sentido, os discentes puderam refletir sobre suas próprias atitudes: as práticas sociais de letramento literário, por meio do cordel a serviço da formação literária do sujeito.

Imagem 14: Todos pelo cordel



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Esta finalização teve como objetivo deixar os envolvidos mais à vontade, tanto é que expressaram em sorrisos o que não conseguiram expressar em palavras. Transmitiram de forma muito espontânea e prazerosa o que fizeram de melhor. Ainda contagiados pelo construtivo momento, para finalizar o encontro, estudantes e oficinairo se posicionaram para a última foto do dia.

Imagem 15: Despedida do grupo



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Confesso que a experiência foi marcante e intermediada por eventos de letramento literário. Em outras palavras, foi uma forma de iniciar nossos jovens leitores na literatura de cordel e na construção de novas interpretações para a obra abordada por meio das atividades previamente pensadas e elaboradas com foco na formação do leitor. No entanto, por questões outras, só expusemos aqui algumas das produções.

Outras serão expostas no tópico seguinte como forma de ilustrar e justificar como e por que a literatura popular pode e deve ser vivenciada no cotidiano da sala no ensino fundamental. As imagens, a seguir, são aquelas produções mais representativas para nosso estudo, das quais cinco dessas produções são desenhos feitos pelos discentes AA, PG, RK, MV e JR e outras, no total de quatro, são textos escritos em forma de poema estilo cordel pelos estudantes KI, LF, JV e NV, mas todas executadas conforme a proposta de orientação para os dois momentos da oficina INTERPRETAÇÃO.

5.2 A DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS POSTERIOR À MEDIAÇÃO

Mesmo já sendo visível o sucesso da proposta do letramento literário, por meio do cordel abordado, tendo vista especialmente as observações registradas e aos resultados obtidos, durante a aplicação das oficinas de leitura, optamos por realizar mais uma nova rodada de perguntas, como forma de possibilitar a cada participante o direito de opinar sobre as experiências vivenciadas. Esta etapa, no entanto, ocorreu logo após o fechamento do último encontro de mediação e contou com a colaboração de 14 dos 20 informantes.

Deste momento, participaram apenas os estudantes EV, LF, VH, AB, RK, JV, DM, NV, JR, MV, AA, MH, PG e KY, vez que os estudantes TF, MR, KV e JRS (ausências já justificadas anteriormente) e as estudantes AR e MA (ausentes por motivo de saúde) faltaram ao último dia da oficina, deixando-nos impossibilitados de aplicar-lhes o questionário posteriormente.

Iniciadas as atividades desse nosso último encontro, todos os presentes foram convidados a prestar esclarecimentos sobre as seguintes questões:

1. Você gostou de participar dessa oficina de leitura?

A. () Sim B. () Não

2. De qual momento das oficinas você mais gostou? Por quê?

3. De qual momento você menos gostou? Por quê?

4. Você acha que as aulas de literatura na escola ficariam mais interessantes se o professor utilizasse estratégias de ensino iguais ou parecidas com as que foram adotadas nos nossos encontros?

A. () Sim B. () Não

5. Você acha que a escolha de uma obra da literatura de cordel tornou ainda mais interessante o nosso trabalho?

A. () Sim B. () Não

6.A oficina de leitura realizada deixou você interessado em ler ou pesquisar mais sobre literatura de cordel?

A. () Sim B. () Não

7.Você acha importante trabalhar literatura de cordel na escola? Por quê?

A. () Sim B. () Não

8.Atribua uma nota de 0 a 10 considerando os seguintes fatores: Professor-pesquisador:

Aluno participante: _____

Momentos de leitura: _____

Atividades realizadas: _____

Materiais utilizados: _____

Estrutura escolar: _____

De modo geral, a análise/discussão desses dados reforçou a importância metodológica desta pesquisa para o sucesso da formação de leitores atrelada ao letramento literário e ao cordel. As respostas obtidas com base na experiência de mundo dos alunos (experiência de leituras anteriores vivenciadas por cada um deles) somadas a essa nova experiência de leitura literária, por meio do cordel, foram bastante positivas. Além disso, também possibilitaram aos estudantes envolvidos o desenvolvimento dos objetivos do ensino de leitura conforme apregoam a BNCC (2018) e os PCN de Língua Portuguesa (1998), ciclos III e IV descritos anteriormente no tópico objetivos dos encontros de leitura.

Levando-se em conta as respostas dadas às perguntas objetivas (questões 1 e 4), todos os alunos afirmaram ter gostado de participar dos encontros de leitura como também acreditam que, no espaço escolar, as aulas de literatura ficariam mais dinâmicas e produtivas se o professor usasse de estratégias metodológicas de ensino iguais ou parecidas às estratégias vivenciadas durante os momentos de oficinas.

O pesquisador também ficou muito satisfeito com as opções de respostas dadas às questões 5 e 6, pois mesmo se tratando de um gênero pouco familiar ao universo de leitura dos nossos discentes (conforme o que responderam ao questionário anterior à mediação), todos eles foram unânimes em dizer que a seleção de uma obra de cordel tornou nosso trabalho ainda mais interessante. Isso nos faz acreditar, ainda mais, na força ficcional da literatura de cordel a serviço do letramento literário, como meio de atrair e engajar nossos alunos nas práticas de leitura no espaço escolar. Neste sentido, a experiência com essa literatura foi muito exitosa, pois despertou nos jovens aprendizes forte interesse pela leitura literária nas aulas de literatura.

Com relação às questões subjetivas (perguntas de caráter mais pessoal), os discentes se mostraram receptíveis praticamente a todos os momentos das oficinas. Ao serem questionados sobre qual momento da oficina mais gostaram (questão 2), cada um dos participantes expôs seu ponto de vista, conforme os relatos a seguir:

- Estudante AB - *Eu gostei do momento em que a princesa conta a verdade para o seu pai.*
- Estudante DM - *Eu gostei do momento de criação e exposição dos desenhos.*
- Estudante LF - *Gostei de todos os momentos.*
- Estudante RK - *Gostei de tudo porque foi tudo muito bom.*
- Estudante VH - *Da leitura do cordel porque é muito interessante.*
- Estudante JV - *Da leitura do texto porque torna a história emocionante.*
- Estudante JR - *Gostei dos momentos de leitura porque eram divertidos.*
- Estudante AA - *Gostei dos momentos de leitura porque assim podemos ver a criatividade de cada um.*
- Estudante PG - *Gostei das vezes em que paramos para conversar sobre nossas produções.*
- Estudante NV - *Gostei dos momentos de desenhos, pois foram bem divertidos.*
- Estudante MV - *Gostei dos debates e dos desenhos.*
- Estudante EV - *Gostei de assistir ao vídeo da história de Juvenal e o Dragão.*
- Estudante KY - *Gostei mais da briga de Juvenal com o cocheiro.*
- Estudante MH - *Me senti bem nos momentos de leitura.*

Por meio destes relatos é notória a identificação dos participantes com praticamente toda a história da obra abordada. A narrativa do cordel escolhido, a abordagem que lhe foi dada, as ações do personagem Juvenal, as estratégias adotadas no estudo da obra, tudo contribuiu significativamente para tais justificativas. Queremos então acreditar que a apreciação do texto ficou mais atraente graças às situações que nos foram proporcionadas pela sequência básica segundo Cosson (2021), construída e aplicada para o ensino de leitura sobre formação de leitores através do letramento literário.

Conforme podemos perceber na descrição da mediação, a oficina não se limitou a questões de decodificação sobre a obra estudada, mas proporcionou aos participantes diversos momentos: motivação, introdução, leitura e interpretação da obra. Assim, acreditamos que a soma desses momentos tornou os leitores mais receptíveis ao texto, ideia essa defendida pelos criadores/propagadores da estética da recepção⁵ do texto literário.

⁵ Estética da recepção: considera que a literatura se realiza por meio da leitura, da experiência literária e de vida do receptor. Ou seja, confere ao leitor a função prioritária da literatura no momento culminância. Isso só mostra que durante o processo de leitura e construção de sentidos do texto, o esforço e a participação do aprendiz são muito importantes. Envolver-se com as leituras e as atividades num trabalho como este são atitudes do leitor as

Sobre a questão 3, apenas o estudante PG comentou, de forma breve, sobre o momento que menos gostou: “Do momento em que apresentamos nossos trabalhos porque sou muito tímido”. Entretanto, mesmo não se identificando com esse momento, ele não se opôs a realizar as atividades e compartilhou tranquilamente suas produções.

No que diz respeito à questão em que os alunos foram convidados a responder sobre a importância e o porquê de trabalhar literatura de cordel na escola (questão 7), todos foram unânimes em dizer que a escola deve estar sempre receptível a esse tipo de trabalho, porque além de estimular o interesse do aluno pela leitura, o cordel é cultura, ajuda a descobrir novos talentos e ainda é desconhecido por muitas de nossas escolas

De modo geral e fora essa pequena discordância do estudante PG, quanto ao momento que menos gostou (questão 3), consideramos a intervenção/mediação como um fator extremamente positivo para a consolidação dos objetivos da pesquisa. Tal fato é constatado no momento de os alunos se auto avaliarem e ao atribuírem notas ao pesquisador, momentos de leitura, atividades realizadas, materiais utilizados, a estrutura escolar e *do lócus* da pesquisa, considerando para isso os fatores que influenciaram no andamento dos encontros de leitura (questão 8): nenhum dos participantes atribuiu pontuação negativa aos itens acima descritos. Isto só mostra, de forma clara, que o percurso metodológico adotado atendeu de fato às expectativas e as necessidades dos participantes do presente estudo.

Em síntese, a análise/discussão desses dados reforçou a importância metodológica deste estudo para o sucesso da formação de leitores atrelada ao letramento literário e ao cordel. As respostas obtidas com base na experiência de mundo dos alunos (experiência de leituras anteriores e vivenciadas por cada um deles) somada a esta nova experiência da leitura literária através do cordel foram bastante positivas.

Além disso, também possibilitamos aos estudantes envolvidos o desenvolvimento dos objetivos do ensino de leitura conforme apregoam a BNCC (Brasil, 2018) e os PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1998), ciclos III e IV descritos anteriormente no tópico objetivos dos encontros de leitura.

Ficou evidente uma forte identificação dos participantes com praticamente toda a história da obra abordada. A narrativa do cordel escolhido, a abordagem que lhe foi dada, as ações do personagem Juvenal, as estratégias adotadas no estudo da obra e, principalmente, a estética da recepção: considera que a literatura se realiza por meio da leitura, da experiência

quais devem necessariamente serem observadas e levadas em consideração pelo mediador de leitura, independentemente de ser o texto literário ou não.

literária e de vida do recepto, ou seja, confere ao leitor a função prioritária da literatura, alegria e satisfação de todos eles por terem participado desse estudo. Tudo isto contribuiu significativamente para tais justificativas.

Também queremos acreditar que a apreciação do texto ficou mais atraente graças às situações que nos foram proporcionadas pela sequência básica construída e aplicada para o ensino de leitura sobre formação de leitores por meio do letramento literário.

Além disso, queremos dizer a vocês professores de linguagem (língua /literatura), que o sucesso de um trabalho como este requer tempo, leitura, pesquisa, dedicação, foco e, principalmente, interação entre professor e aluno para se chegar à construção do coletivo (produto final).

5.3 AS CONQUISTAS E CONTRIBUIÇÕES DO 8º ANO PARA O APRIMORAMENTO DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Não exporemos aqui todas produções dos participantes. Limitar-nos-emos apenas àquelas produções mais representativas para o momento. Eis uma breve síntese de alguns dos mais representativos e possíveis encontros registrados pelos educandos com o protagonista Juvenal. O registro destes encontros deu-se de duas maneiras: em prosa e verso. Nessa primeira relação, apresentamos uma síntese dos textos escritos em prosa e seus respectivos autores.

Expomos, a seguir, algumas cenas da narrativa História de Juvenal e o Dragão, que o primeiro grupo de estudantes (AA, PG, RK, MV e JR) conseguiu retratar com muito estilo, conforme lhe fora proposto no primeiro momento da oficina INTERPRETAÇÃO.

Imagem 16: Desenho da estudante AA



Fonte: Arquivo do autor (2023)

A estudante AA fez opção pela primeira cena da obra abordada (Imagem 16), ilustrando o momento em que o protagonista da narrativa (Juvenal), logo após a morte do pai e dividir com a irmã os bens deixados de herança, despede-se dela e, juntamente ao que lhe restou da partilha (três carneiros), deixa a casa paterna e começa sua peregrinação pelo mundo, a fim de aventuras.

Imagem 17: Desenho do estudante PG



Fonte: Arquivo do autor (2023)

O estudante PG optou por descrever uma outra passagem da obra (Imagem 17): o exato momento em que ocorre o encontro de Juvenal com outros personagens da ação narrativa, a princesa e o falso cocheiro, que a conduzia para ser devorada pelo dragão. Esta cena é o ponto de partida para o desenrolar dos fatos de toda a sequência narrativa de Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros.

Imagem 18: Desenho do estudante RK



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Após compreender os esclarecimentos dados pelo oficineiro, o referido educando RK conseguiu desenvolver a atividade com muita maestria, ilustrando por meio de uma bela imagem o momento em que o dragão sai da caverna (Imagem 18) na tentativa de capturar a princesa. Imagem que mais parece completar a cena retratada pelo estudante MV (imagem 19) em que ele mostra o dragão desejando capturar a princesa no momento em que chega Juvenal para iniciar o combate contra a famosa e temível serpente.

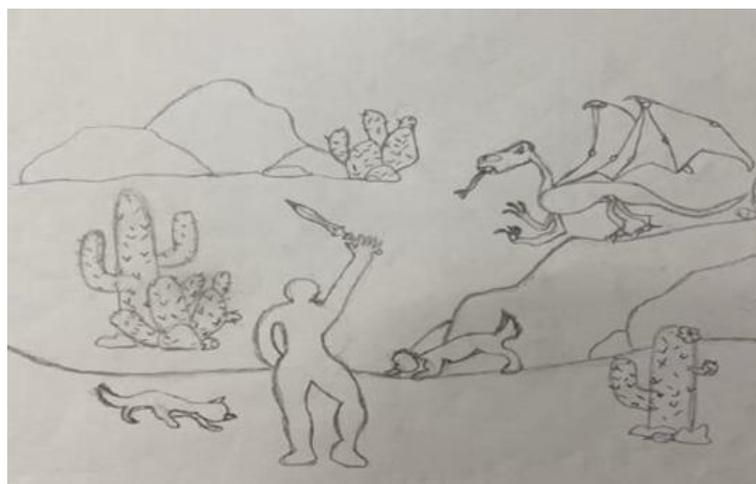
Imagem 19: Desenho do estudante MV



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Já o estudante MV preferiu narrar o protagonista da narrativa cordelística em ação, mostrando Juvenal empunhando a espada (Imagem 19) para salvar a princesa - com quem se casará anos depois - das garras da temível serpente, o dragão devorador de moças bonitas daquele reinado distante.

Imagem 20: Desenho do estudante JR.



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Na sequência, o estudante JV (Imagem 20) escolheu a cena em que aparecem os personagens já em ação, com destaque para Juvenal levantando a espada em companhia de seus escudeiros - Rompe Ferro, Ventania e Provedor - todos em posição para o enfrentamento com dragão, que também se já posiciona para entrar em ação.

Esta foi a descrição da primeira parte da exposição dos trabalhos realizados, na oficina IV (interpretação). Chega ao fim todas as cenas representadas acima (imagens 16 a 20:) pela ordem em que se apresentam: Juvenal deixa sua irmã e sai à procura de aventuras (estudante AA); Juvenal conhece a princesa e o cocheiro (estudante PG); o dragão saindo da fumaça (estudante RK); o dragão desejando a princesa (estudante MV), e Juvenal lutando contra a serpente (estudante JR) representam, pela ordem em que aparecem os fatos, os momentos que mais despertaram atenção de nossos jovens aprendizes. Todas essas imagens apresentam os fatos na ordem em que eles aparecem no espaço narrativo da obra escolhida para a abordagem. É positivo também reiterar que nesta atividade, através de desenhos, os participantes contaram com um tempo de aproximadamente 45 minutos (1h/aula) para sua realização.

Encerrado este primeiro momento, apresentou-se a última proposta de interpretação, solicitando aos alunos que imaginassem e escrevessem um pequeno texto em versos ou em prosa, apresentando/sugerindo um novo e possível final para a narrativa do cordel História de Juvenal e o Dragão. Este pequeno texto, entretanto, poderia ser redigido no formato da literatura de cordel ou em prosa, respeitando-se as escolhas e as habilidades de cada um, conforme esclarecido na proposta. Construídos os textos, os participantes que desejaram, puderam socializá-los com seus colegas. Para esse momento, 17 dos participantes se fizeram presentes.

Seque agora uma síntese do que eles conseguiram produzir, a partir da proposta anteriormente descrita. Nesta segunda atividade:

A estudante AA imaginou um encontro seu com Juvenal em uma praia. Lá, tomaram sorvete, contemplaram o mar e conversaram bastante. Ela também fez várias perguntas ao jovem, as quais foram respondidas prontamente.

A estudante EV também relatou que se encontrou com Juvenal no sertão da Paraíba. Foi convidada por ele para conhecer o seu palácio, conversaram sobre alguns problemas do reinado e virou amiga da família.

Os estudantes VH, RK e PG narraram um encontro com o herói numa praia, onde conversaram sobre como Juvenal lutou e derrotou o dragão. Pediram ao personagem para juntos tirarem algumas fotos. Postaram as imagens nas redes sociais e as fotografias tiveram muitas curtidas.

Os estudantes TF, JRS e MV, de modo geral, contaram que conheceram Juvenal na barbearia, conversaram bastante sobre a luta contra o dragão e pediram para ele não fazer a princesa sofrer após o casamento.

As estudantes AR e DM narraram um encontro seu com o personagem no topo de um penhasco. Perguntaram-lhe se poderiam abraçá-lo e depois conversaram durante toda a tarde sobre como é ser herói.

O estudante KV relatou ter encontrado Juvenal na hora que em ele matava o dragão. Falou ser ele um homem gentil e bondoso, fez-lhe algumas perguntas e se despediram.

Finalizada esta relação das produções em prosa, seguiremos com sequência expositiva deste último tópico referente ao que foi produzido na oficina interpretação, com destaque para os textos redigidos em versos (estilo cordel), nos quais, os estudantes KI, LF, JV e a estudante NV respectivamente conseguiram, com bastante habilidade poética, registrar os momentos da narrativa que mais lhes pareceram significativos para a sua participação no presente estudo.

Título: Eu e Juvenal
(Estudante KI)

1. Juvenal era um jovem
Muito bravo e destemido
Enfrentou um dragão
E um cocheiro atrevido
2. Tivemos um encontro
No reino da aventura
Foi um dia maravilhoso
Lá falamos de literatura
3. Lhe perguntei em seguida
Se ele não teve medo
De enfrentar o dragão
Pondo em risco sua vida.

Fonte: Arquivo do pesquisador (2023)

Título: O encontro com Juvenal
(Estudante LF)

1. Quando olhei pra Juvenal
E ele olhou para mim
Pensei logo de imediato
Ser ele uma pessoa ruim
2. Mas logo desconfiei
Quando ele me olhou
E sério me perguntou
- O que você pensa de mim?
3. Meu querido Juvenal,
De onde vem sua bravura
Ele sério, me respondeu:
- A vida me fez assim.

Fonte: Arquivo do pesquisador (2023)

Título: Juvenal e seu companheiro
(Estudante JV)

1. Se eu falar com Juvenal
Vou pedir pra me treinar
Para ser seu guarda costa
E com ele trabalhar.

2. Ao chegar no seu reinado
A ele pude perguntar
Se isso lhe era possível
Ele me botou pra treinar.

3. E foi assim que a gente
Ficou se conhecendo
Fui nomeado de imediato
E hoje, sou sua patente.

Fonte: Arquivo do pesquisador (2023)

Título: No castelo com Juvenal
(Estudante NV)

1. No castelo com Juvenal
Eu estava a conversar
Perguntei quantas missões
Ele teve que enfrentar.

2. Mas sem me dar reposta
Ele veio me apresentar
Uma bela e jovem princesa
Com quem ele ria se casar

3. Uma moça admirável
Muito fácil de lidar
Os dois me convidaram
Pra o casamento ficar.
E eu que não sou boba
Aceitei desde já.

Fonte: Arquivo do pesquisador (2023)

É importante registrar que, por meio destas experiências, foi possível percebermos a satisfação dos aprendizes por terem tido a oportunidade de viajar pelo mundo da imaginação e, de forma mais livre e prazerosa, construírem seus textos, atribuindo novos sentidos/significados ao texto abordado, não permitindo o “fechamento” da narrativa cordelística.

Desta forma, o texto abordado permanece aberto às muitas outras possibilidades de leitura e interpretação e passa a integrar o repertório literário de cada um dos/das estudantes envolvidos/das, graças à vivência do letramento literário, por meio do cordel paraibano, de Leandro Gomes de Barros. A duração da tarefa descrita foi de aproximadamente 45 minutos (1h/aula), e os discentes que desejaram socializar suas construções textuais fizeram com muita maestria.

Esta atividade fez nossos educandos se situarem como personagens das novas histórias, levando-os a viver situações de leitura muito significativas para promover o letramento literário. Uns, porém, fizeram opção por não participarem desse momento, preferindo escutar os colegas que se apresentavam, o que também é objetivo nosso, neste estudo: ESCUTAR.

6 DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresentamos a síntese geral acerca do estudo: os resultados obtidos e os efeitos da pesquisa na escola, nas aulas literatura, na vida dos alunos e na prática do professor-pesquisador. As limitações da pesquisa, suas possibilidades de aprofundamento futuro, suas conquistas e contribuições para promover o letramento literário no ensino fundamental no que diz respeito à temática pesquisa após a aplicação da pesquisa.

Os modelos discursivos que perpassam as relações entre os sujeitos do ato comunicativo expandem seu campo de atuação no ritmo do crescimento das necessidades humanas e suas relações socioculturais. Neste campo, estes modelos discursivos, agora organizados sob diferentes formas de manifestações da linguagem, estão cotidianamente presentes nas relações do homem com seus semelhantes e com o mundo que o cerca. No ambiente escolar, não é e nem poderia ser diferente. Estas práticas de linguagem artísticas assinalam o dia a dia dos nossos alunos no espaço da sala de aula.

Como reflexo de tudo isso, no seu campo da linguagem artística, a BNCC enquanto documento oficial orienta que o ensino da leitura deverá focar nos estudos sobre os mais diferentes gêneros textuais com ênfase na oralidade, na leitura literária e na produção textual. Mas ainda assim, nos perguntamos: a) Quais gêneros textuais devemos trabalhar na sala de aula? b) Que critérios devemos utilizar ao fazermos a escolha destes gêneros?

As respostas para esses questionamentos tão frequentes, no cotidiano escolar, encontram-se nos PCN de Linguagem, Código e suas Tecnologias (1998, p.24), onde vemos que

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de forma de pensamentos mais elaborados e abstratos, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para uma melhor participação (*dos alunos*, grifo nosso) numa sociedade letrada.

Foi então nesta perspectiva e mediante as dificuldades de aprendizagem sobre o ensino da leitura e, principalmente, diante do desestímulo dos alunos na aula de literatura, no tocante à prática da leitura do texto literário, que em comum acordo com os participantes e o orientador da presente pesquisa, planejamos e desenvolvemos as oficinas pedagógicas sobre leitura e interpretação, por meio do cordel e atreladas às práticas do letramento literário, com o objetivo de combater os desafios enfrentados pela escola, no que diz respeito à formação do leitor proficiente em turmas do 8º ano do ensino fundamental.

A recepção, a empatia pela história, as leituras realizadas e a participação espontânea dos nossos alunos participantes na execução dessas oficinas (situações motivadas pelo planejamento prévio e elaboração da sequência básica de leitura), entre outros fatores não previstos nesse processo, também corroboraram significativamente para reiterar o sucesso das atividades desenvolvidas e da hipótese da pesquisa: a sequência didática básica realizada mostrou que o cordel, quando bem interpretado, constitui uma excelente estratégia de leitura literária e contribui significativamente para a formação do leitor crítico e reflexivo, por meio da promoção do letramento literário na educação básica.

Isto mostra que planejar uma boa aula de literatura, a partir de uma sequência básica, com vistas ao letramento literário, exige do professor/mediador, além de uma boa formação acadêmica, disponibilidade e acesso a materiais adequados e um vasto e diversificado acervo de leituras que favoreçam o sucesso da temática a ser trabalhada. Tudo isso contribui para o sucesso de uma boa aula de literatura e, por conseguinte, uma maior participação dos discentes na aula de forma mais ativa e produtiva.

Mas para que isso se torne realidade na escola pública municipal, faz-se preciso, primeiramente, compreendermos enquanto escola o verdadeiro significado e importância da leitura literária no espaço escolar, espaço este onde professor e alunos possam, em conjunto, articular teoria e prática na execução do planejamento pedagógico e na construção de novas estratégias de leitura e escrita do texto literário na aula de literatura.

Como sugestão de material favorável à construção de uma boa proposta metodológica de leitura com o objetivo de sensibilizar o aluno-leitor, os folhetos de cordel se apresentam como excelente e eficiente estratégia de leitura literária de fácil acesso para o ensino de literatura no espaço escolar. Acessível em questão de linguagem, em diversidade temática, em preço de custo e de fácil localização, principalmente aqui no Nordeste, celeiro nacional dessa literatura ímpar. Além disso, a descoberta do mundo através dessa literatura mostrará ao discente outras vias de acesso ao conhecimento e ao mundo da leitura por meio do letramento literário, possibilitando assim a formação de um leitor proficiente.

Foi pensando em tudo isso que desenvolvemos o presente estudo com o objetivo de promover a formação de leitores em turmas de 8º ano, por meio do letramento literário, a partir do cordel paraibano de Leandro Gomes de Barros, buscando despertar nos estudantes a sensibilidade artística, a imaginação, a criatividade, o gosto pelo texto literário e o pensamento crítico, através das oficinas pedagógicas de leitura, respaldada na obra História de Juvenal e o Dragão.

Nessa perspectiva, a importância da presente pesquisa se justificou por mostrar aos alunos a relevância da literatura popular para a formação de leitores críticos/reflexivos no ensino fundamental por meio do letramento literário. Além disso, ela também poderá servir de base teórico-científica para embasar outras pesquisas e futuras discussões metodológicas acerca do tema abordado.

Durante a pesquisa de campo e planejamento das atividades, observamos, vivenciamos e compartilhamos significativas experiências com a literatura de cordel através de métodos investigativos e da observação participante enquanto possibilidades estratégicas de leitura para a tomada de ações interventivas na aula de literatura. Pesquisador e discentes puderam e tiveram a oportunidade de apropriar-se da literatura popular aqui representada pela poesia de cordel, como mecanismos de transformação interpessoal, inclusão social e coletiva.

A custo de muitos esforços e de um planejamento pedagógico sistemático e coletivo, vários foram os fatores que contribuíram para a materialização deste trabalho de pesquisa: o convívio direto do pesquisador, desde a infância com essa literatura, a dinâmica da sala de aula, as dificuldades de leitura dos alunos na aula de literatura, as ricas e válidas contribuições da banca examinadora e, principalmente das sistemáticas, valiosas e assertivas orientações do meu orientador Dr^o Sávio Roberto Fonseca de Freitas.

Reconhecidas as contribuições dessa literatura, e evidenciadas as progressivas experiências de leituras e interação dos alunos participantes, ao longo do presente estudo, recomendamos a voz do cordel de Leandro Gomes de Barros como objeto de pesquisa, arte, memória cultural, símbolo representativo da cultura paraibana, da poesia popular nordestina, e dos saberes socioculturais do século XXI, a serviço da formação de leitores proficientes no chão de escola pública.

Tanto a experiência prática quanto os estudos teóricos que embasaram a pesquisa me fazem acreditar que a escola precisa oferecer ao aluno outras possibilidades de leitura a partir de uma maior diversidade de gêneros textuais, a exemplo do cordel, se se pretende ter uma educação literária de qualidade. Do contrário, direcionar o ensino da literatura a partir da fragmentação do texto literário e, através de estratégias ultrapassadas de leitura, acabam por fazer o educando criar aversão ao ensino de literatura e limitar a construção de sentidos do texto, no que diz respeito à ressignificação de sentidos da obra artística.

Mas temos consciência do quanto é problemático pensar e planejar uma aula de literatura, com qualidade, quando o professor além de cumprir uma longa e cansativa carga de trabalho, ainda enfrenta, na maioria das vezes, salas de aula superlotadas e em condições

desfavoráveis (pedagogicamente falando) ao bom desenvolvimento da aprendizagem de nossos educandos e sem as mínimas condições de uso e funcionamento.

Ainda assim e acreditando na ideia de que o letramento literário, por meio do cordel, é possível e pode possibilitar ao principiante leitor um caminho possível para superação da problemática em discussão, sobretudo, em contextos de sala de aula na escola pública, o presente estudo concorda com o fato de que o estudante, sob circunstância alguma, poderá ser privado de conhecer outros gêneros ficcionais e, principalmente, do direito à literatura, porque de acordo com Lajolo (1983, p.106),

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer a sua cidadania precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque precisa ler muitos.

Por fim, ainda nesta perspectiva e também corroborando a ideia defendida por Lajolo, Zilberman (2008, p.17), ao elucidar a discussão sobre a ambivalência da linguagem literária, assim caracteriza a literatura e seu ensino como:

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior, mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e a incorporar novas experiências.

Com isso, compreendemos que, através da literatura popular, o aluno também poderá valorizar a prática da leitura e da escrita literária na escola, uma vez que educar para o exercício da leitura é também responsabilidade da escola.

Nossa proposta de mediação de leitura para promover a formação de leitores teve como objetivo geral promover a formação de leitores em turmas de 8ºano por meio do letramento literário a partir do cordel paraibano, de Leandro Gomes de Barros.

Porque levar a poesia de cordel para sala de aula, não visa formar poetas, e sim leitores. O letramento literário não se limita apenas ao estudo de determinadas práticas sociais de leitura e nem se restringe ao universo dos textos valorizados pela tradição canônica, ou seja, o cânone não deve ser o único suporte textual quando se pretende trabalhar a literatura, no espaço escolar, com vistas à formação do leitor.

Por isso, a nossa proposta de leitura se propôs a apresentar aos alunos do 8º ano, o cordel e suas possíveis contribuições literárias para promover a formação de leitores no ensino

fundamental (anos finais); despertar no aluno a sensibilidade artística, a imaginação, a criatividade, o gosto pelo texto literário e o pensamento crítico através da literatura de cordel; como também desenvolver oficinas de leitura com cordel, a fim de que o aluno pudesse aprimorar as competências e habilidades de leitura e interpretação do texto literário a partir da obra Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros, por meio do letramento literário.

Com relação aos efeitos da pesquisa na escola, pudemos perceber o quanto a cultura popular pode mediar o processo de leitura, na sala de aula da rede pública de ensino valorizando assim a experiência do discente com vista à emancipação desses sujeitos, por meio do letramento literário.

Elaborada a partir de uma pesquisa bibliográfica, regulada na análise qualitativa dos principais conceitos relacionados ao objeto de estudo, os resultados obtidos apontaram para significativos avanços na sala de aula como, por exemplo, maior assiduidade do aluno às aulas de língua/literatura, mais interesse e participação nas atividades de leitura e produção de textos e, principalmente maior desenvoltura das habilidades de escuta, fala e escrita. Seus resultados constataram que explorar as potencialidades do cordel atreladas a práticas sociais de letramento trata-se de um meio interessante e eficaz para promover o letramento literário

Partindo do princípio de que a pesquisa qualitativa pode contribuir para a melhoria da qualificação profissional, por meio dela, enquanto professor pesquisador, pude ter uma atitude mais reflexiva e crítica sobre minha prática docente na sala de aula, o que me motivou a buscar outras estratégias de leitura para promover o letramento de forma a participar mais efetivamente do processo de emancipação dos alunos.

Embora tendo a consciência de que os resultados da presente pesquisa se referem ao contexto em que ela foi aplicada, esperamos que o presente trabalho possa servir de instrumento de apoio para outros educadores de língua/literatura, pesquisadores na área de Letras e a todos aqueles que de alguma forma acreditam no poder de humanização da literatura. Como produto final do presente estudo, elaboramos o caderno pedagógico por meio das oficinas de leitura e a partir das contribuições da poesia popular para o ensino da literatura no ensino fundamental.

Constatados os resultados positivos da presente pesquisa e cientes das suas limitações, acreditamos ser possível sua aplicação no ensino médio com o objetivo de também promover o letramento literário por meio da cultura e da literatura popular.

Enfim, é praticando a literatura, no cotidiano escolar, que se alcança o letramento literário. Mas sem esquecer, é claro, a importante função do professor de literatura como um provocador, provedor e mediador da autonomia do educando diante dos múltiplos sentidos do

texto literário e da singularidade da literatura popular, enquanto instrumento de transformação social e interpessoal desse sujeito leitor.

REFERÊNCIAS

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

ALVES, José Hélder Pinheiro. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. *In*: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). **Memórias da Borborema 4** – Discutindo a literatura e seu ensino. São Paulo: Parábola, 2013, p. 3-49.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1981.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Novais. **Cultura Popular no Brasil**. 2. ed. São Paulo, 1995.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: edições 70, 1977.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto; ROVAI, Célia Fagundes. **Gêneros do discurso na escola: rediscutindo princípios e práticas**. São Paulo: FTD, 2012.

BARROS, Leandro Gomes de. **História de Juvenal e o Dragão**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco; João Martins de Athayde, 1974.

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental de Língua Portuguesa**. MEC Secretaria da educação fundamental. Brasília: 1998-2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 20 set. 2022

BRUM, Maísa Helena; FUZER, Cristiane. Representações de Letramento na BNCC para o Ensino Fundamental nos Componentes Curriculares de Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

In. Revista Horizontes de Linguística Aplicada vol. 18, nº 1, dezembro de 2019, p. 161-84, doi:10.26512/ rhla. v18i1.23513.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e direitos humanos. *In: FESTER, A. C. Ribeiro (org.). Direitos humanos e...* São Paulo: Comissão Justiça e Paz, Editora Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. *In. Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASCUDO, Antonio. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2012.

COLLOMER, Teresa. **Andar entre livro: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandro. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. As práticas de leitura literária. *In: Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Josivânia da Silva Santos. **Leitura literária: estratégia para formar leitores de folhetos de cordel**. 2018. 171 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2018.

COSTA, Roberta Guerreiro. **A leitura literária na formação de leitores críticos: uma proposta de intervenção**. 2018. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Letramentos) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

CURRAN, Mark. **Retrato do Brasil em Cordel**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ESTEBAN, Maria Paz Sandin. **Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: ARTMED, 2010

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. *In: CORTEZ, Helena Negamine Brandão. Ensinar com textos*. Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Editora 34, 2007.

FERREIRA, Cláudia Gonçalves. **Blog literário na escola: um convite à leitura de livros literários nos anos finais do Ensino Fundamental**. Dissertações de Mestrado - Letras (PROFLETRAS), UFPE, 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**. São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2002.

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 26 ed. RJ: Paz e Terra, 2002.
- GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. 7. Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2006.
- GODOY A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, mar- abr., p. 57-63, 1995
- GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão/Vanguarda e subdesenvolvimento**. Rio: José Olympio, 1980.
- KERSBAUM, Karin Milena de Medeiros. **Memórias de leitura: uma investigação sobre o processo de formação de leitores nos anos finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (mestrado profissional), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, 2018.
- KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1995.
- KRUG, Flavia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. **Revista de Educação do Ideau**, Getúlio Vargas - RS, v. 10, n. 22, p.1-13, jul/dez 2015. Semestral. Disponível em: http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277_1.pdf. Acesso em: 15 ago. 2017.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1983.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória: tradução Bernardo Leitão**. Campinas, São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LIMA, Stélio Torquato. **No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel et al. (organizadores)**. Macapá: UNIFAP, p. 488p, 2021.
- LUDKE.M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 1986.
- MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortex, 2012.

- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: vozes, 2009.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**. São Paulo: Birut, 2012.
- NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento literário e cordel: um novo olhar para o ensino de literatura**. Recife, 2018. 176 f.: il.
- NEGREIROS, Eliana Costa da Cruz de. Cordel: leitura e escrita. *In: Programa Mídias na Educação*. São Paulo: NEC/USP-CEAD/UFPE, 2016.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, n. 9, p.16-29, dec. 2006.ISSN2237 -1184. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709/21773>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- PIMENTEL, Alessandra. **O método da análise documental**. Seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de pesquisa*, n.114, p.179-195, novembro,2001.
- PINHEIRO, Helder. **Pesquisa com literatura**. Campina Grande: Bagagem,2004.
- ROJO, Roxane Helena R; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. Anos finais do ensino fundamental regular (org.).
- SÁ, Giovanni. **História, resistência e memória na comunicação popular: um estudo da literatura de cordel na Paraíba**. *Vozes & Diálogo*, v. 17, p. 141-151, 2018.
- SANTOS, Claudia Jacinto de Medeiros. **A literatura popular na sala de aula: uma proposta para o ensino de leitura literária**. Currais Novos: UFRN, 2016.
- SANTOS, Antonio Teodoro dos. **História da Princesa da Pedra Fina**. Rio: Luzeiro, 2015.
- SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Códigos e linguagens**. São Paulo: SEE, 2010.
- SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teorias do problema no contexto brasileiro. *In Revista brasileira de educação*. São Paulo: UEC, vol. 14 n. 40 jan. /abr. 2009.
- SILVA NETO, Francisca Faustino da. **A formação do leitor literário no 9º ano do ensino fundamental: uma proposta de leitura intertextual a partir do cordel e do Auto da Compadecida**. 2018. 77f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS), Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil. 2018.
- SILVA, Ivan Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. *In: PG Letras 30 Anos*, 2006. **Anais do PG - Letras 30 anos**, 2006. Disponível em: http://www.pgletras.com.br/Anais30Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2_Ivanda.pdf. Acesso em: 25 nov. 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Ed. Contexto: São Paulo, 2006.

SOBRINHO, M., P. **A Princesa do Reino da Pedra Fina**. São Paulo: Editora Prelúdio, 1957.

SOUZA, Maria Genilda de. **O ensino de estratégias de leitura a partir de gêneros multimodais**. Mamanguape: UFPB-PB, 2018.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

SUASSUNA, Ariano. Coletânea de Poesia popular Brasileira. **Revista Deca**, Recife, 1962.

SUASSUNA, Lúvia. **Ensino de língua portuguesa**: uma abordagem pragmática. Campinas: Papyrus, 1995.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Revista Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 11, n° 1, p. 49-60, janeiro/abril 2008. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3065/Modelos_de_Letramento_Liter_rio.pdf. Acesso em: 29 nov. 2016.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**: Revista do Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 11-22, 2008.

ZUNTHOR, Paul. **Ensaio de poétique médiévale**: Paris: Editions Du Seuil, 1972.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

(A ser utilizado pelos alunos menores de idade)

(Elaborado de acordo com as Resoluções N° 466/12 e 510/2016 do CNS)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada **“LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO”**, desenvolvida por **JOSÉ CLOVIS DOS SANTOS**, aluno regularmente matriculado no Curso de **MESTRADO em LETRAS do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PROLETRAS** do **CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS DE EDUCAÇÃO-CCAE**, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof.º. **Dr. SÁVIO ROBERTO FONSECA DE FREITAS**.

O presente estudo tem como **objetivo geral**: Promover a formação de leitores em turmas de 8ºanos por meio do letramento literário a partir do cordel paraibano, de Leandro Gomes de Barros. E consequentemente como **Objetivos Específicos**: Apresentar aos alunos participantes da pesquisa, o Cordel e suas possíveis contribuições literárias para o Ensino da Literatura no ensino fundamental (anos finais) na PB; Despertar a sensibilidade artística, a imaginação, a criatividade e o pensamento crítico dos discentes do 8º ano através da literatura de cordel; e Desenvolver oficinas de leitura com cordel, afim de que o aluno possa aprimorar as competências e habilidades de leitura e interpretação do texto literário a partir da obra Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros, por meio do Letramento Literário.

Justifica-se o presente estudo por se tratar de uma pesquisa que irá contribuir com as discussões a respeito da formação de jovens leitores nas aulas de língua/literatura no Ensino Fundamental II a partir da literatura de cordel. E também, pelo fato de que ao considerarmos a fala e as experiências dos alunos, é considerá-los sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, como sujeitos que podem contribuir para a construção do conhecimento. Assim, acreditamos que a presente pesquisa possa, através dessa literatura de cordel, promover a formação de leitores por meio do letramento literário a partir da obra de Leandro Gomes de Barros. O estudo será realizado com os alunos do 8º ano (total de 16 alunos) da EMEF Dr. Flávio Maroja Filho, na cidade de Santa Rita -PB.

Esperamos também, convencer os alunos participantes desta pesquisa sobre a relevância de se promover o letramento literário no ensino fundamental e por meio do cordel, fazê-los compreender a importância do ensino de literatura no espaço escolar a partir da leitura e interpretação de textos de nossa literatura popular.

Para este estudo adotaremos o (s) seguinte (s) procedimento (s): o uso de questionários semiestruturados, de observação participante e atividade de proposta didática.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (o) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Quanto aos riscos, afirmamos que a pesquisa, inevitavelmente, vai expor os sujeitos que dela participarem a um risco, ainda que mínimo, a exemplo da resistência à participação nas atividades propostas devido à heterogeneidade de perfil dos alunos que compõem a turma. Assim, certamente, alguns se sentirão mais confortáveis para fazerem as atividades; outros, nem tanto. Todavia, levando em consideração o princípio ético do respeito, todos os alunos poderão escolher participar ou não da pesquisa ou mesmo sair dela quando decidir, por escolha própria.

Assim, levando-se em conta que se trata de uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização, existem potenciais riscos de ocorrer ansiedade e/ou constrangimento ao responder ao questionário, de modo que as providências e cautelas para minimizar ou evitar os eventuais riscos consistem em oferecer ao participante a opção de interromper o preenchimento do instrumento de coleta de dados a qualquer momento antes de concluir a pesquisa. Os discentes não serão obrigados a participar e nem tampouco a fornecerem seus dados pessoais. Aqueles discentes que realmente quiserem participar, terão seus dados preservados e também poderão desistir da pesquisa a qualquer momento desde que comuniquem com antecedência ao professor pesquisador. Na realização do questionário semiestruturado, serão fornecidas informações pessoais sobre o estado de saúde e seus fatores contextuais, que possivelmente acontecerão entre 15 a 30 minutos. Esse tempo de resposta poderá ocasionar sensação de estresse pelo participante. Caso ocorra, esta situação será minimizada com a desistência do participante em responder ao questionário, sem nenhum ônus a ele. Em casos de eventuais danos diretos/indiretos e imediatos/tardios aos participantes, os mesmos terão direito à prestação de assistência integral gratuita, assegurada pelo pesquisador responsável e por tempo necessário ao participante da pesquisa.

No que tange aos seus benefícios sociais aos participantes, este projeto contribuirá para promover o letramento literário e a inserção social dos participantes da pesquisa no mundo da leitura e da escrita literária, através de práticas de letramentos, proporcionando-lhes uma nova maneira de ver, ler e entender o mundo através da literatura de cordel. Em relação à escola, a presente pesquisa também poderá incentivá-la à necessidade de investigar a própria prática docente, refletir, propor e implementar ações pedagógicas sobre sua cultura escolar e cultura local, como também adequar e fortalecer o PPE (Projeto Político Escolar) da escola em que atua este professor pesquisador.

Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este Termo de **Assentimento Livre e Esclarecido** encontra-se impresso em duas vias, sendo que **uma via será arquivada pelo pesquisador responsável**, e a outra será fornecida a você.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes das Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos, justificativa, risco e benefício do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo Assentimento Livre e Esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador responsável, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Santa Rita -PB, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) aluno(a) menor

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o

Pesquisador Responsável: Professor José Clovis dos Santos

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Coronel Joca Velho, 500, ap.608, Bloco H, Alto do Mateus – João Pessoa-PB - CEP: 58.090220 - Fones: (83) 9 8629 4954 - Gmail: clovis40linguaportuguesa@gmail.com

O CEP e a CONEP:

“Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba, endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, sala 14-Cidade Universitária, Campus I- Bairro Castelo Branco CEP:58.051-900 - João Pessoa-PB telefone: (083) 3216-7308, e E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br”

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa,

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa

Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

(A ser utilizado pelos pais/responsáveis pelos alunos menores de idade)

(Elaborado de acordo com as Resoluções N° 466/12 e 510/2016 do CNS)

O (A) seu (sua) filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “**LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO**”, desenvolvida por JOSÉ CLOVIS DOS SANTOS, aluno regularmente matriculado no Curso de **MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**, do **CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE** da Universidade Federal da Paraíba (PPGG/UFPB), sob a orientação do Prof. Dr.º SÁVIO ROBERTO FONSECA DE FREITAS.

O presente estudo tem como **objetivo geral**: Promover a formação de leitores em turmas de 8ºanos por meio do letramento literário a partir do cordel paraibano, de Leandro Gomes de Barros., e como **objetivos específicos**: Apresentar aos alunos participantes da pesquisa, o Cordel e suas possíveis contribuições literárias para o Ensino da Literatura no ensino fundamental (anos finais); Despertar a sensibilidade artística, a imaginação, a criatividade e o pensamento crítico dos discentes do 8º ano através da literatura de cordel; e Desenvolver oficinas de leitura com cordel, afim de que o aluno possa aprimorar as competências e habilidades de leitura e interpretação do texto literário a partir da obra Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros, por meio do Letramento Literário.

Justifica-se o presente estudo por se tratar de uma pesquisa que irá contribuir com as discussões a respeito da formação de jovens leitores nas aulas de língua/literatura no Ensino Fundamental II a partir da literatura de cordel. E também, pelo fato de que ao considerarmos a fala e as experiências dos alunos é também considerá-los sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem, ou seja, como sujeitos que podem contribuir para a construção do conhecimento. Assim, acreditamos que a presente pesquisa possa, através dessa literatura de cordel, promover a formação de leitores por meio do letramento literário a partir da obra de Leandro Gomes de Barros.

Esperamos também, convencer os alunos participantes desta pesquisa sobre relevância de se promover o letramento literário no ensino fundamental e por meio do cordel, fazê-los compreender a importância do ensino de literatura no espaço escolar a partir da leitura e interpretação de textos de nossa literatura popular paraibana.

Quanto à metodologia, optamos pela pesquisa-ação, sendo seus dados coletados por meio de questionários aplicados com os alunos participantes da pesquisa com o objetivo de identificar como esses sujeitos lidam com o texto literário na aula de literatura. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, de caráter explicativo e intervencionista, vez que sugere uma intervenção didático-pedagógica na sala de aula, com o objetivo de proporcionar aos nossos discentes um novo olhar sobre o ensino de literatura a partir do cordel paraibano. Para este fim e como forma de comprovar o sucesso do método pensado,

optamos pelo cordel Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros a partir do qual elaboramos uma sequência básica de leitura com base na sugestão de Rildo Cosson (2014), com foco no letramento literário para ser aplicada com os alunos do 8º ano (total de 16 alunos) da EMEF Dr. Flávio Maroja Filho, na cidade de Santa Rita -PB. Os alunos participantes serão submetidos a dois questionários semiestruturados, os quais serão posteriormente analisados sobre critérios qualitativos. Quanto ao método de análise, adotaremos o método proposto por Bardin (1977), o qual por meio dos resultados obtidos na pesquisa, nos ajuda a compreender e a entender melhor a realidade pesquisada.

Assim sendo, e elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica regulada em uma análise qualitativa dos principais conceitos relacionadas ao objeto de estudo, acreditamos que a presente pesquisa possa, através da Literatura de Cordel, promover a formação de leitores por meio do letramento literário.

Quanto aos riscos, afirmamos que a pesquisa, inevitavelmente, vai expor os sujeitos que dela participarem a um risco, ainda que mínimo, a exemplo da resistência à participação nas atividades propostas devido à heterogeneidade de perfil dos alunos que compõem a turma. Assim, certamente, alguns se sentirão mais confortáveis para fazerem as atividades; outros, nem tanto. Todavia, levando em consideração o princípio ético do respeito, todos os alunos poderão escolher participar ou não da pesquisa ou mesmo sair dela quando decidirem, por escolha própria.

Assim, levando-se em conta que se trata de uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização, existem potenciais riscos de ocorrer ansiedade e/ou constrangimento ao responder ao questionário, de modo que as providências e cautelas para minimizar ou evitar os eventuais riscos consistem em oferecer ao participante a opção de interromper o preenchimento do instrumento de coleta de dados a qualquer momento antes de concluir a pesquisa. Os discentes não serão obrigados a participar e nem tampouco a fornecerem seus dados pessoais. Aqueles discentes que realmente quiserem participar, terão seus dados preservados e também poderão desistir da pesquisa a qualquer momento desde que comunique com antecedência ao professor pesquisador. Na realização do questionário semiestruturado, serão fornecidas informações pessoais sobre o estado de saúde e seus fatores contextuais, que possivelmente acontecerão entre 15 a 30 minutos. Esse tempo de resposta poderá ocasionar sensação de estresse pelo participante. Caso ocorra, esta situação será minimizada com a desistência do participante em responder ao questionário, sem nenhum ônus a ele. Em casos de eventuais danos diretos/indiretos e imediatos/tardios aos participantes, os mesmos terão direito à prestação de assistência integral gratuita, assegurada pelo pesquisador responsável e por um tempo necessário ao participante da pesquisa.

No que tange aos seus benefícios sociais, este projeto contribuirá para promover o letramento literário e a inserção social dos participantes da pesquisa no mundo da leitura e da escrita literária, através de práticas de letramentos, proporcionando-lhes uma nova maneira de ver, ler e entender o mundo através da literatura de cordel. Em relação à escola, a presente pesquisa também poderá incentivá-la à necessidade de investigar a própria prática docente, refletir, propor e implementar ações pedagógicas sobre sua cultura escolar e cultura local, como também adequar e fortalecer o PPE (Projeto Político Escolar) da escola em que atua este professor pesquisador.

A participação do seu (sua) filho (a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): o uso de questionário semiestruturado, de observação participante e de oficinas de leitura.

Caso o seu (sua) filho (a) decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento dele desistir, nenhum prejuízo lhe será atribuído, sendo importante o esclarecimento de que os riscos da participação do (a) seu (sua) filho (a) são considerados mínimos, limitado à possibilidade de eventual desconforto psicológico ao responder o questionário. E para que isso não venha a ocorrer, será escolhido um local privado sem a presença de pessoas alheias ao estudo, enquanto que, em contrapartida, os benefícios obtidos com este trabalho serão importantíssimos e traduzidos em esclarecimentos para a população estudada. Apesar disso, seu (sua) filho (a) terá assegurado (a) o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados deste estudo estarão à sua disposição quando finalizado. O nome do (a) seu (sua) filho (a) ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resoluções nº. 466/2012 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do (a) seu (sua) filho (a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu (sua) filho (a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pelo pesquisador responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

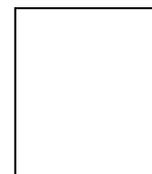
Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu/minha filho (a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de imagem dos mesmos nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma via deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável, e como se trata de um documento elaborado em quatro páginas, a primeira, a segunda e a terceira deverão ser rubricadas tanto pelo pesquisador responsável quanto por mim e a última assinada por ambos.

Santa Rita-PB, ____ de _____ de 2023.

Pesquisador Responsável

Responsável pelo (a) Participante da Pesquisa



Testemunha

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o pesquisador responsável, o CEP e a CONEP:

Pesquisador Responsável: Prof. **José Clovis dos Santos**.

Endereço: Rua Coronel Joca Velho, 500, Alto do Mateus, bloco H, apto. 608, João Pessoa-PB. 58.090.220

E-mail: clovis40linguaportuguesa@gmail.com

Telefone: (83) 9 8629-4954.

“Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba, endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, sala 14 -Cidade Universitária, Campus I- Bairro Castelo Branco CEP:58.051-900 - João Pessoa-PB telefone: (083) 3216-7308, e E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br”

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO DE APLICAÇÃO COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA – ETAPA ANTERIOR À REALIZAÇÃO DA OFICINA DE LEITURA DE ACORDO COM A SEQUÊNCIA BÁSICA DE LEITURA PORPOSTA POR RILDO COSSON.

EMEF E EJA DR. FLÁVIO MAROJA FILHO

LITERATURA

Título do trabalho da pesquisa “LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO”

Pesquisador responsável: José Clovis dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Savio Roberto Fonseca de Freitas

Estimado (a) aluno (a) participante,

Estou desenvolvendo uma pesquisa, no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, com o objetivo de diagnosticar as experiências de aprendizagem vivenciadas pelos estudantes no que diz respeito ao trabalho com a literatura de cordel em sala de aula. Por isso, peço a sua colaboração respondendo às questões apresentadas a seguir. Gostaria de esclarecer que dados seus pessoais não serão divulgados ou publicados. Obrigado pela participação!

1º BLOCO: LEITURA

Neste primeiro bloco de perguntas, os participantes responderam os seguintes questionamentos:

1.. Você gosta ou sente prazer em ler?

A. () Sim B.() Não

2. Você acha que a leitura é importante para a sua vida?

A. () Sim B.() Não

Por quê?

3. Quando você lê sozinho, o que gosta de ler?

2º BLOCO: LEITURA NA ESCOLA

Neste bloco de perguntas, os participantes responderam às seguintes questões:

4. Em que grau a escola proporcionou a você momentos de leitura?

A.() Sempre B.() Às vezes C () Raramente

5. Quando você vivenciou momentos de leitura na escola, quais tipos de textos geralmente foram mais trabalhados em sala de aula?

A.() Textos literários – Exemplos: fábulas, contos, parábolas, peças teatrais...

B.() Textos não-literários – Exemplos: notícias, propagandas...

5.1. Quem na maior parte das vezes escolheu essas leituras?

A.() Professor B.() Aluno C.() Professor e aluno

5.2. Quem na maior parte das vezes realizou essas leituras?

A.() Professor B.() Aluno C. () Professor e aluno

3º BLOCO: LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA

Neste bloco, nossos participantes se depararam com as seguintes questões:

6. Alguma vez a escola realizou aula de literatura?

A.() Sim B. () Não

6.1 Você sente algum interesse pelas aulas de leitura?

A () B ()

6.2. Geralmente, o aluno tinha a liberdade de escolher e/ou levar algum livro/texto para fazer a leitura

6.2. Depois da leitura, havia algum debate sobre o livro/texto lido?

A () B ()

Se havia, comente como eram esses debates.

6.4. Essas tarefas eram obrigatórias ou valiam alguma nota?

A ()

B ()

6.5. Realize algum comentário crítico sobre as aulas de leitura literária na escola.

C) SOBRE LITERATURA DE CORDEL

Este último bloco da pesquisa é formado por questões que pretendem apresenta um diagnóstico acerca da realidade do ensino sobre cordel promovido pela escola nesta fase ensino.

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE APLICAÇÃO COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA – ETAPA POSTERIOR À REALIZAÇÃO DA OFICINA DE LEITURA DE CORDEL DE ACORDO COM A SEQUÊNCIA BÁSICA DE LEITURA PROPOSTA POR RILDO COSSON.

EMEF e EJA Dr. FLÁVIO MAROJA FILHO
LITERATURA

Título do trabalho da pesquisa “LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO”

Pesquisador responsável: José Clovis dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Savio Roberto Fonseca de Freitas

Estimado (a) aluno (a) participante,

Considerando seu envolvimento durante os encontros de leitura promovidos por esta pesquisa, peço a gentileza de sua colaboração para responder às questões apresentadas neste questionário. Gostaria de esclarecer também que seus dados pessoais não serão divulgados ou publicados. Obrigado pela participação!

1. Você gostou de participar dessa oficina de leitura?

A.() Sim

B.() Não

2. De qual momento das oficinas você mais gostou? Por quê?

3. De qual momento você menos gostou? Por quê?

4. Você acha que as aulas de literatura na escola ficariam mais interessantes se o professor futilizasse estratégias de ensino iguais ou parecidas com as que foram adotadas nos nossos encontros?

A.() Sim

B.() Não

5. Você acha que a escolha de uma obra da literatura de cordel tornou ainda mais interessante o nosso trabalho?

A.() Sim

B.() Não

6. A oficina de leitura realizada deixou você interessado em ler ou pesquisar mais sobre literatura de cordel?

A.() Sim

B.() Não

7. Você acha importante trabalhar literatura de cordel na escola? Por quê?

A. () Sim

B. () Não

8. Atribua uma nota de 0 a 10 considerando os seguintes fatores:

Professor-pesquisador: __

Aluno-participante: _____

Momentos de leitura: __

Atividades realizadas: __

Materiais utilizados: _____

Estrutura escolar: _____

APÊNDICE E - SEQUÊNCIA DIDÁTICA ELABORADA-PROPOSTA DE MEDIAÇÃO

Literatura de cordel na escola: uma proposta de mediação para a formação de leitores em turmas de 8º ano

Pesquisador responsável: José Clovis dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Obra abordada: Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros.

Duração total da sequência: 10 horas/aula.

1º ENCONTRO (Oficina- I): MOTIVAÇÃO- Aprox. 2 horas/aula

Obra abordada neste encontro: História da Princesa do Reino da Pedra Fina

1. Na apresentação da Xilogravura da obra Juvenal e o Dragão, e sem revelar o nome da literatura de cordel ou do personagem (Capa do cordel ampliada exposta numa folha isopor com o nome do título e do autor ocultos por uma espécie de tarja), realizar as seguintes perguntas aos participantes e ouvir suas considerações:

A- Vocês sabem o que é uma xilogravura?

B- Já viram esta xilogravura em algum lugar?

C- Vocês imaginam quem é essa pessoa ou personagem?

D- Na sua opinião, essa personagem é herói ou não Herói?

E- Que animal é este ao lado do personagem?

Duração: aproximadamente 15 minutos

2. Informar aos alunos (antes de revelar o nome do personagem ou da história a ser explorada por completo nos próximos encontros,) que nesse momento será realizada a leitura de outra obra da literatura de cordel – História da Princesa do Reino da Pedra Fina.

O objetivo desse momento é averiguar se os alunos recordam alguma outra história cordelista com algumas semelhanças com a Princesa da Pedra Fina.

3. Antes da leitura desta obra, procurar situar os participantes acerca da narrativa (relatar uma breve síntese oral) sem dar margem para a revelação sobre o final da história.

Duração: aproximadamente 20 minutos.

4. Para a realização da Leitura do cordel A Princesa da Pedra Fina, entregar cópias do texto a cada participante. Feita a leitura da obra, fazer as seguintes perguntas aos participantes e ouvir também suas considerações:

A- Algum momento da leitura despertou a atenção de vocês? Por quê?

B- Você se recorda de alguma outra história que tenha um momento muito parecido com a obra que acabamos de ler? Se você se recorda, qual?

Duração: aproximadamente 10 minutos.

5. Após escutar as considerações dos estudantes sobre a obra lida, retirar a tarja e revelar o nome do título e do autor do cordel a ser abordado de forma integral nos próximos encontros. Em seguida, exibir uma cena do cordel, “História de Juvenal e Dragão”, vídeo disponível em Livre adaptação, de Julierme Galindo do conto homônimo de Leandro Gomes de Barros para audiovisual. A direção do vídeo é de Julierme Galindo e Eliwelton Farias, e está disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfDE>. Duração de 36:26.

Duração: aproximadamente:38 minutos.

Depois da exibição deste vídeo, realizar a seguinte pergunta aos participantes e ouvir suas considerações.

A-E agora, você já descobriu o nome do personagem da literatura de cordel sobre o qual falaremos nos nossos próximos encontros?

B-O que você acha que Juvenal e seus cães aprontarão com o DRAGÃO?

Duração: aproximadamente: 7 minutos.

Estimativa total desta primeira oficina: aproximadamente 2 horas/aula para o primeiro encontro (Oficina I: MOTIVAÇÃO), considerações finais e término do 1º encontro.

2º ENCONTRO (Oficina- II): INTRODUÇÃO- Aprox. 2 horas/aula

Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão

1. Após a exibição do vídeo (vide primeiro encontro) realizar as seguintes perguntas aos participantes e ouvir suas considerações. Vídeo exibido por solicitação da maioria dos participantes vez que sentiram a necessidade de rever o conteúdo, e também em atendimento a alguns alunos que não puderam comparecer à oficina motivação.

A-O que você sabe sobre Juvenal e o dragão?

B-Você conhece alguma outra história semelhante, envolvendo um outro guerreiro e um dragão /ou uma outra fera parecida?

Sim () Não ()

C-Você já escutou falar sobre o poeta Leandro Gomes de Barros?

Sim () Não ()

Duração: aproximadamente 45 minutos

2. Realizar uma breve exposição sobre o autor da literatura proposta por meio de slides. Observação: Falar sobre a obra Juvenal e o Dragão e de sua importância literária procurando justificar o motivo da escolha do texto para nossa pesquisa na sala de aula (não realizar uma síntese para não eliminar o prazer da descoberta dos participantes). Para este momento, seguir as sugestões de Cosson (2021, p. 60).

Duração: aproximadamente 25 minutos

3. Após este momento, realizar as seguintes perguntas aos participantes e ouvir suas considerações:

A-O que você imagina dessa leitura, ou seja, quais as suas primeiras impressões e hipóteses?

B-Você está realmente motivado para conhecer esta obra? Por quê?

Observação: Informar aos alunos para perceberem que o personagem Juvenal é uma criação de Leandro Gomes de Barros, poeta paraibano de destaque nacional considerando o pai do cordel nordestino. Em seguida, apresentar aos participantes uma breve biografia sobre o autor/poeta abordado na pesquisa e suas contribuições literárias para a literatura paraibana e nacional.

Duração: aproximadamente 20 minutos.

Estimativa total desta oficina: aproximadamente 2 horas/aula para o segundo encontro (Oficina II: INTRODUÇÃO), considerações finais e término do 2º encontro. Em seguida, entregar um cordel a cada aluno participante para a leitura integral do texto no nosso próximo encontro.

3º ENCONTRO (Oficina- II): INTRODUÇÃO- Aprox. 2 horas/aula

Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão

Para este momento, entregar um cordel a cada aluno participante para a leitura integral do texto.

1º Momento de leitura (aprox. 1 hora aula). Iniciar a leitura oral em voz alta da obra Juvenal e o Dragão.

Observação 1: O cordel é composto de 34 estrofes. Durante a leitura, serão realizadas algumas pausas intencionais visando executar pequenas propostas de atividades. Estas pausas e atividades auxiliarão na percepção das expectativas dos alunos diante os fatos que se sucederão, ou seja, a construção de sentidos feita pelos aprendizes no decorrer da leitura.

Observação 2: Procurar respeitar na leitura o ritmo imposto e característico do cordel.

1. Realizar a leitura das páginas 1 até a 19.

Neste primeiro momento, por meio de uma pequena ficha previamente formulada, realizar as seguintes perguntas aos participantes:

A-O que você sabe sobre Juvenal e o Dragão?

B-O que você acha que Juvenal e seus cães aprontarão com o dragão

2. Solicitar que os estudantes escrevam suas expectativas na ficha e, em seguida, abrir espaço para um breve debate visando à socialização das inferências construídas.

- Ouvir as expectativas dos alunos antes de prosseguir com a leitura do cordel.
- Recolher as fichas preenchidas.
- Prosseguir com a leitura até o final do primeiro episódio.

Duração: aproximadamente 1 hora/aula para esta primeira parte da LEITURA, Considerações finais e término do 1º momento da leitura.

2º Momento de leitura (aproximadamente 1 hora /aula). Prosseguir com a leitura oral e em voz alta da obra Juvenal e o Dragão.

1. Realizar a leitura das páginas 20 até a 31.

Observação1: Por ser um trecho mais curto realizar apenas a leitura e procurar perceber o interesse (recepção / aceitação do texto) e as expectativas dos estudantes.

2. Após o momento descrito, realizar a seguinte pergunta aos participantes e ouvir suas considerações.

A-Vocês já perceberam do que trata essa obra, ou seja, qual é o seu tema (mote)?

Observação: Perceber se os alunos conseguem associar o personagem Juvenal e as suas aventuras às ações de um herói, bem como os fatos que ocorrem na narrativa carregados de elementos que até então conduzem a isso.

3. Por meio de uma pequena ficha previamente formulada, realizar a seguinte pergunta aos participantes:

A- O que você acha que acontecerá com Juvenal e a princesa?

4. Você concorda com essa atitude vil do cocheiro? Por quê?

5. E agora, como você acha que Juvenal será tratado no reinado da princesa?

Duração: aproximadamente 1 hora/aula para esta segunda parte da LEITURA, Considerações finais e término do 2º momento da leitura.

Estimativa total desta oficina: aproximadamente 2 horas/aula para o terceiro encontro (Oficina III- LEITURA), considerações finais e término do 3º encontro.

4º ENCONTRO (Oficina- IV): INTERPRETAÇÃO- Aprox. 2 horas/aula

Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão

Observações:

Após a realização das etapas anteriores (motivação, introdução e leitura) e as sugestões de atividades referentes a essas etapas, serão/foram propostas aos participantes, nesta oficina, duas atividades como forma de participarem da construção de sentidos para a leitura da obra abordada.

“A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento pareça a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (COSSON, 2021, p. 65).

“Esse trabalho requer uma condução organizada e sem imposições. Não se pode supor que exista uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena” (COSSON, 2021, p. 66). Entretanto, é preciso abrir espaço para a compreensão individual ou até mesmo para construções (pós-leitura) de novos textos como consequência da (s) leitura (s).

A-Primeira atividade de interpretação: propor aos participantes que desenhem em uma folha ofício ou em uma cartolina (cor branca) uma cena da narrativa da obra abordada (pode ser o fato que mais chamou a atenção do discente).

Observação: Após a confecção dos desenhos, os participantes que desejarem poderão explicar o seu desenho para os demais colegas (a cena retratada e os motivos de sua escolha, ou seja, informar o (s) motivo (s) que os levou a escolher a cena retratada).

Duração dessa atividade: aproximadamente 1 hora/aula para a produção e socialização do desenho.

B- Segunda atividade de interpretação: Pedir para os alunos imaginarem e escreverem um pequeno texto em versos ou em prosa apresentando/sugerindo um novo/possível final para a narrativa do cordel Juvenal e o Dragão.

Observação: Este pequeno texto poderá ser redigido no formato da literatura de cordel ou em prosa. Após a construção dos textos, os participantes que desejarem, poderão socializar com seus colegas a sua produção.

Duração dessa atividade: aproximadamente 1 hora/aula para produção e socialização do texto.

Estimativa desta oficina: aproximadamente 2 horas/aula para o quarto encontro (Oficina IV- INTERPRETAÇÃO), considerações finais e término do 4º encontro.

5 ° ENCONTRO: (Oficina- V): CULMINÂNCIA- Aprox. 2 horas/aula

Em suma: O objetivo das oficinas é sistematizar e promover o ensino do letramento literário por meio da sequência básica de leitura literária elaborada sobre a obra História de Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros em turmas de 8º ano.

No entanto, o objetivo deste último momento (Culminância) é convidar e mobilizar os nossos alunos participantes das oficinas de leitura a socializarem suas produções. Ou seja, convidar aqueles participantes que se sentirem à vontade para compartilhar os textos (em prosa ou verso) produzidos durante as oficinas-momento INTERPRETAÇÃO (Oficina IV).

APÊNDICE F-ATIVIDADES PROPOSTAS NA OFICINA DE LEITURA

Literatura de cordel na escola: uma proposta de mediação para a formação de leitores em turmas de 8º ano

Pesquisador responsável: José Clovis dos Santos

Orientador: Prof.º Drº Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Identificação do participante: _____ Idade: _____ Turma: _____

Leitura da Obra: Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros

Proposta de atividades-Momento: LEITURA

1º MOMENTO

1º. O que você sabe sobre Juvenal e o Dragão?

2º O que você acha que Juvenal com seus cães aprontará com o dragão?

3º Você está realmente motivado para conhecer esta obra? Por quê?

2º MOMENTO

1º. O que você acha que acontecerá com JUVENAL e a princesa?

2º. Você concorda com a atitude do cocheiro? Por quê?

3º. E agora, como você acha que Juvenal será tratado no reinado da princesa?

Santa Rita, ____/____/____.

APÊNDICE G - ATIVIDADES DE LEITURA PROPOSTAS PARA A OFICINA INTERPRETAÇÃO (TOTAL DE 02).

PRIMEIRA ATIVIDADE:

Literatura de cordel na escola: uma proposta de mediação para a formação de leitores em turmas de 8º ano

Pesquisador responsável: José Clovis dos Santos

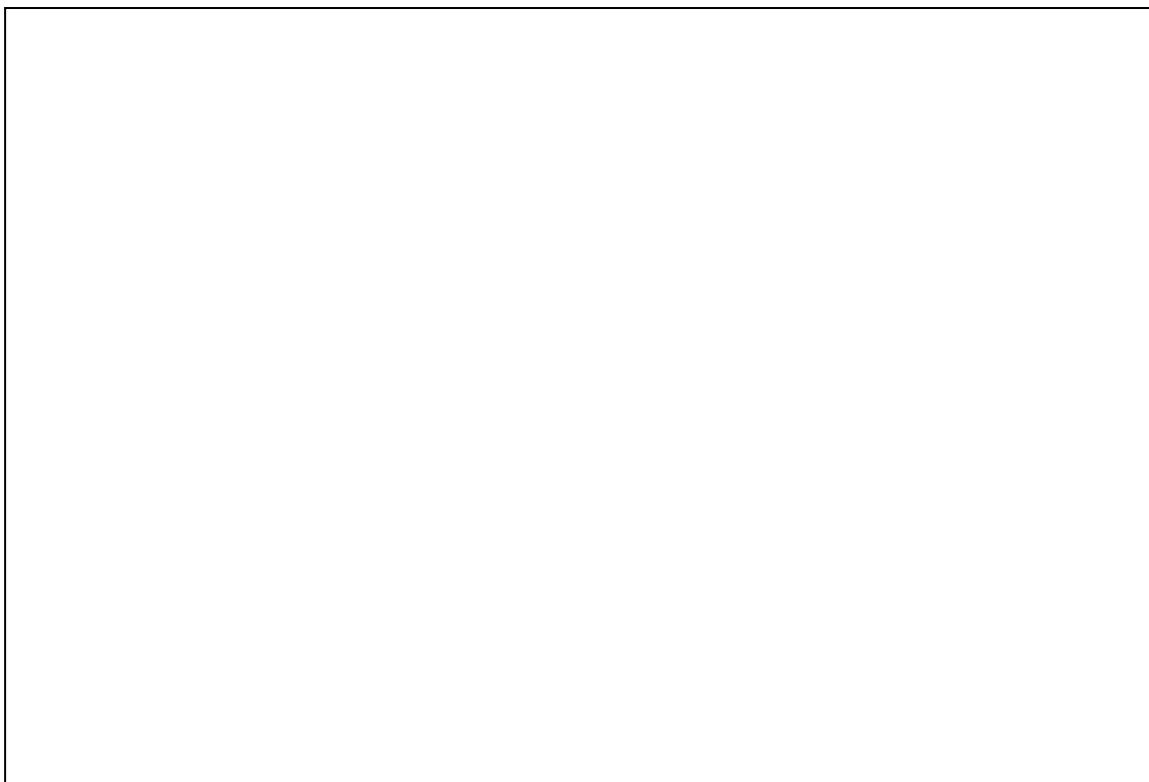
Orientador: Prof. dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Identificação do participante: _____ Idade: _____ Turma: _____

Leitura da Obra: Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros.

Primeira proposta (atividade-1) Momento: INTERPRETAÇÃO

1º Após a leitura da obra JUVENAL E O DRAGÃO, retrate uma cena da história por meio de uma ilustração (desenho). Observação: abaixo do desenho explique o momento da história que você ilustrou.



Literatura de cordel na escola: uma proposta de mediação para a formação de leitores em turmas de 8º ano

Pesquisador responsável: José Clovis dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Identificação do participante: _____ Idade: _____ Turma: _____

Leitura da obra: Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros.

Segunda proposta (atividade- 2) Momento: INTERPRETAÇÃO

APÊNDICE H - TERMO DE ANUÊNCIA



LUGAR DE DESENVOLVIMENTO

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA RITA

EMEF Dr. FLÁVIO MAROJA FILHO INEP:25099353

RUA PATOS S/N BAIRRO TIBIRI-PB /CEP 58.302-390

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada: **“LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO”**, a ser desenvolvida pelo aluno **JOSÉ CLOVIS DOS SANTOS**, do **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PROLETRAS** do **CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS DE EDUCAÇÃO-CCAE**, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do **Profº. Dr. SÁVIO ROBERTO FONSECA DE FREITAS**.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso em verificar seu desenvolvimento para que se possa cumprir os requisitos das Resoluções 466/12, 510/16 e da Norma Operacional 001/13, todas do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantia de tal segurança e bem-estar.

Igualmente informamos que para ter acesso à coleta de dados nesta instituição, fica condicionada à apresentação à direção da mesma, da **CERTIDÃO DE APROVAÇÃO (PARECER CONSUBSTANCIADO) DO PRESENTE PROJETO (PROTOCOLO DE PESQUISA), PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA QUE ANALISOU E APROVOU O MESMO**. Tudo como preconiza as Resoluções 466/12, Resolução 510/16 e a Norma Operacional 001/13, todas do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Santa Rita -PB, 03 de julho de 2023.

Maria das Graças Guedes
Gestora Administrativa
Mat.: 8343
CPF:504.456.774-49

APÊNDICE I - CADERNO PEDAGÓGICO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA-UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO-CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -PROFLETRAS**

**LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE
LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES EM TURMAS DE 8º ANO**

CADERNO PEDAGÓGICO

**CONTRIBUIÇÕES DA POESIA POPULAR PARA O ENSINO DE LITERATURA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

JOSÉ CLOVIS DOS SANTOS

MAMANGUAPE -PB

2024

JOSÉ CLOVIS DOS SANTOS

CADERNO PEDAGÓGICO

**CONTRIBUIÇÕES DA POESIA POPULAR PARA O ENSINO DE LITERATURA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Produto de Mestrado Profissional apresentado à Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, em conformidade com a área de concentração Linguagens e Letramento e com a linha de pesquisa Estudos Literários, do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Orientador: Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas

MAMANGUAPE-PB

2024

Figura 1: Desenho do estudante PG



Fonte: Arquivo do pesquisador

Abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância. Porém, há que se pensar de que modo efetivá-la tendo em vista a formação de leitores

(Marinho, Pinheiro. O cordel no cotidiano escolar, 2012, p.13).

SUMÁRIO

1 DA APRESENTAÇÃO	5
2 DO POETA LEANDRO GOMES DE BARROS	7
3 DA LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA	9
3.1 CORDEL: QUE LITERATURA É ESTA?.....	9
3.2 O CORDEL: SÍMBOLO DE COMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA POPULAR.....	14
3.3 HISTÓRIA DE JUVENAL E O DRAGÃO.....	17
3.4 HISTÓRIA DA PRINCESA DO REINO DA PEDRA FINA.....	19
4 SUPERANDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	21
5 DA PROPOSTA MEDIADORA DE LEITURA LITERÁRIA	24
5.1 DESCRIÇÃO DAS AÇÕES MEDIADORAS DE LEITURA	24
5.2. ATIVIDADE DIAGNÓSTICA INICIAL.....	29
5.3. OFICINAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA LITERÁRIA (MEDIACÃO)	33
5.3.1 Objetivo das oficinas de leitura.....	34
5.3.2 Metodologia adotada nas oficinas de leitura.....	35
5.3.3 Aplicação das oficinas de leitura.....	38
Oficina I – Iniciação à leitura literária.....	39
Oficina II –Introdução à leitura da obra.....	43
Oficina III – Lendo e formando leitores.....	46
Oficina IV – Um momento de releitura.....	48
Oficina V –Vivenciando a leitura literária	50
5.4 ATIVIDADE DIAGNÓSTICA FINAL.....	53
6 DAS CONTRIBUIÇÕES DO 8º ANO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	53
7 DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
8 SOBRE O AUTOR	64
9 SOBRE O ORIENTADOR	65
REFERÊNCIAS	66

1 DA APRESENTAÇÃO

Prezado (a) professor (a),

O nosso compromisso em sala de aula é reafirmado com ações que favoreçam mais oportunidades aqueles que mais precisam, professores e alunos. Por isto, o presente caderno pedagógico se apresenta como uma ferramenta didático-pedagógica de grande importância para auxiliar você, professor de literatura, no trabalho com o texto literário na sala de aula. Também possibilita ao aluno melhor desempenho de aprendizagem no que diz respeito ao ensino da literatura, principalmente quando a escola conta com poucos recursos didáticos disponíveis e favoráveis à pesquisa com a poesia popular no espaço escolar.

Por isso, é importante pensá-lo como mais um recurso pedagógico que facilita e ao mesmo tempo favorecerá o protagonismo docente na tomada de decisões para a construção e execução do planejamento didático pedagógico, observando-se, contudo, o contexto real de sua atuação docente em atendimento aos anseios da comunidade discente.

Faz-se ainda importante destacar que esse recurso também poderá suprir, em algumas situações, a lacuna deixada pelo livro didático (principal recurso didático pedagógico utilizado pelo professor e pelos alunos na aula de literatura) no que diz respeito ao tema do presente estudo.

Com a produção desse material, pensado e elaborado a partir das oficinas de leitura com discentes do 8º ano da EMEF e EJA Dr. Flávio Maroja Filho, pretendemos subsidiar a ação docente dos professores de literatura da Rede Pública Municipal de Ensino da cidade de Santa Rita –PB (anos finais) no que tange ao ensino e aprendizagem da leitura por meio do letramento literário a partir das estratégias metodológicas aqui defendidas e do referencial teórico que embasaram e sustentam o presente estudo.

Nesta perspectiva, conscientizar-se sobre qual é a real função da prática pedagógica do professor de literatura é fator fundamental e determinante para a formação do (a) leitor/leitora que queremos e formamos. Toda essa prática deverá ser permeada por aquilo em que acreditamos, pelo que queremos, pelas leituras que fazemos, que tipo de leitores (as) somos e sobretudo, que tipo de leitores(as) pretendemos formar na prática diária do nosso cotidiano escolar. Uma outra questão, que aqui se coloca, é o como se adquirir essa consciência.

Mas acreditamos que há na escola espaços para todas e quaisquer manifestações culturais, sim. E havendo, nossos alunos devem e podem, enquanto protagonistas de sua própria aprendizagem, usufruir desses espaços e, principalmente da poesia popular nordestina aqui

representada pela Literatura de Cordel como bem atestam os resultados do presente estudo. Porque como bem afirma Antônio Cândido (1989, p. 17),

[...] a literatura popular brasileira apresenta-se como um significativo condicionante da inclusão social, à medida que também é caminho para concretização da humanização do indivíduo. E humaniza porque nos faz vivenciar diferentes realidades e situações.

Nela, vislumbramos a importância da abordagem da leitura literária no espaço escolar como ponto de partida para o desenvolvimento das habilidades e competências de leitura inerentes à formação de um leitor proficiente mediante os desafios do processo da leitura e da escrita literária na aula de literatura.

Professores (as), o presente caderno está constituído por cinco oficinas pedagógicas, por meio das quais nos foi possível estabelecer um diálogo com textos da literatura de cordel na sala de aula, a fim de promovermos a formação de leitores com alunos do 8º ano do ensino fundamental, por meio do letramento literário, a partir do cordel paraibano, de Leandro Gomes de Barros.

Esperamos que o presente material também possa contribuir significativamente como suporte pedagógico para outras ações interventivas que visem possibilitar o ensino e a difusão da cultura popular no espaço escolar, e principalmente da literatura de cordel, atreladas ao letramento literário.

Não temos dúvidas, portanto, de que esta literatura tem potencial para proporcionar aos nossos educandos da educação básica experiências inesquecíveis com o imaginário popular, tornando possível não só a construção do pensamento crítico, como também a formação de novos e proficientes leitores.

2 DO POETA LEANDRO GOMES DE BARROS

Imagem 1 - Leandro Gomes de Barros, “pai do cordel no Brasil



Fonte: Globo Rural, 02/01/2011.

O nosso poeta e cordelista Leandro Gomes de Barros nasceu na fazenda Melancia, Município de Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865. Com a morte de seus pais, Jose Gomes de Barros Lima e Adelaide Gomes de Barros Lima (respectivamente pai e mãe), ele passou a viver em companhia de seu tio, o Pe. Vicente Xavier de Farias, o qual, por tradição, após a morte dos pais de Leandro, torna-se o tutor da família e, com isso, passa a ser o responsável direto pela educação do menino. Dessa forma, Leandro passa a viver em companhia de seu tio na cidade de Teixeira-PB, cidade onde viveu até os seus 15 anos de idade. Por volta de 1890, Leandro vai morar em Vitória de Santo Antão-PE de onde, posteriormente, mudou-se para Jaboatão dos Guararapes onde fixou residência até 1906. Em 1907, chega ao Recife onde viveu de aluguel em vários endereços até fixar residência.

Na capital pernambucana, montou uma tipografia a fim de publicar seus folhetos, os quais eram impressos na própria residência ou em tipografias do Recife e da Paraíba, sendo considerado o primeiro a publicar, editar e vender seus poemas, e também considerado o criador da atividade do “folheteiro”.

Na condição de primeiro escritor brasileiro de literatura de Cordel, e de temática diversificada, escreveu sobre política, cangaço, humor e, principalmente, sobre a personagem da sogra (vista, muitas vezes, pelo poeta como a perturbadora da paz doméstica). Escreveu aproximadamente 240 obras. Considerado o maior poeta popular do Brasil de todos os tempos, é autor de vários clássicos e campeão absoluto de vendas, com muitos folhetos em número superior a 3 milhões de exemplares vendidos. Ele compôs obras primas que inspiraram outros grandes autores como, por exemplo, Ariano Suassuna em o Ato da Compadecida, obra inspirada em dois de seus folhetos: "O Dinheiro", também chamado de "O testamento do cachorro" e "O cavalo que defecava dinheiro".

Com a fundação de sua pequena gráfica no ano de 1906, seus folhetos se espalham pelo Nordeste brasileiro, fato que levou o folclorista Câmara Cascudo a considerá-lo o mais lido dos escritores populares. Três anos depois, em 1909, publica seus poemas na seção "Lyra Popular" no jornal "O Rebate de Juazeiro do Norte". De sua fascinação e inspiração por poemas medievais, nasceu o romance "Batalha de Oliveiros contra Ferrabrás", obra inspirada nos romances de cavalaria também conhecidos como Ciclo Carolíngio ou Matéria de França. Conhecido também por Carlos Drummond de Andrade como "o rei da poesia do sertão e do Brasil", Leandro de Barros é hoje o patrono da cadeira número 01 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Dentre um grande universo de obras cordelistas que este poeta escreveu, mencionamos aqui dez de suas obras das quais apenas uma comporá o tema da presente pesquisa. Eis aqui a relação:

O cachorro dos mortos, O cavalo que defecava dinheiro, História de Juvenal e o Dragão, História do Boi Misterioso, Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, Branca de Neve e o Soldado Guerreiro, A Confissão de Antônio Silvino, Os Sofrimentos de Alzira, A Donzela Teodora e A Princesa da Pedra Fina. Dentre as obras aqui citadas, apenas os cordéis História de Juvenal e o Dragão e História da Princesa do Reino da Pedra Fina integram a presente pesquisa, sendo que apenas o cordel - Juvenal e o Dragão – constitui nosso objeto de investigação.

3 DA LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura – e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral (PINHEIRO, 2007, p.39)

Diante dos mais novos desafios e dificuldades por que passa o ensino da literatura e frente às novas mudanças sociais, que impulsionaram o surgimento de novos suportes textuais e metodologias inovadoras de ensino da linguagem, queremos apresentar nesse tópico sobre o trabalho com a literatura na sala de aula, um texto da esfera artístico-literária – o cordel e suas contribuições para o ensino do letramento literário no 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais.

3.1 CORDEL: QUE LITERATURA É ESTA?

O cordel, conhecido hoje como literatura popular em verso, é o registro escrito da cultura do povo humilde do Nordeste do Brasil, arraigada em seu processo formativo. No meu modo de ver, este tipo de literatura é um dos principais documentos da cultura brasileira, mesmo sendo da cosmovisão do homem comum. Por meio dele “pode-se conhecer as raízes culturais de muitos brasileiros” (Curran, 2011, p. 13-14).

Assim, apresentamos neste tópico acerca do trabalho com poesia popular, o cordel e suas possibilidades de ensino de literatura no espaço de sala de aula, pois sabemos que na cultura popular brasileira, o ato de contar histórias foi e ainda é muito presente entre nós. Histórias essas que se caracterizam como narrativas reais ou mesmo imaginárias. Como suporte textual que é, o cordel registra essas narrativas em forma de versos, as quais são levadas ao povo e a outras localidades como informação, conhecimento, deleite ou reflexão. Esta poesia popular, “[...] põe em questão diferentes aspectos da sociedade e pode funcionar, como qualquer outra literatura, como instrumento de deleite e reflexão” (Pinheiro, 2012, p.83)

Neste sentido, a diversidade temática, ofertada e abordada pelo cordel, possibilita ao sujeito leitor ter acesso a uma infinidade de histórias, realizar viagens fantásticas, informar-se acerca de temas político-sociais, conhecer figuras lendárias do folclore brasileiro dentre tantos outros mais.

Segundo Negreiros (2016, p.01), essa literatura:

Sugere a interação entre a arte e o professor, a escola, o aluno e a cultura popular de diferentes épocas até a contemporaneidade, possibilitando também o contato da linguagem popular com os acontecimentos reais de uma região. Este contato com elementos mais próximos da realidade do aluno e dos professores pode contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois o vocabulário usado na Literatura de Cordel é ou pode ser mais semelhante à linguagem cotidiana do aluno, tornando a compreensão dos textos mais fácil.

É nesta perspectiva que justificamos e direcionamos a nossa escolha pelo cordel como objeto de investigação literária no ensino fundamental e suas contribuições pedagógicas para promover o letramento literário, em turmas de 8º ano, numa escola pública no município de Santa Rita - PB.

Como sabemos, o surgimento dessa literatura está ligado à divulgação de histórias tradicionais, isto é, de narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando-as e transmitindo-as de geração em geração. São os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras, de viagens, como também de conquistas marítimas.

Segundo Luiz da Câmara Cascudo (1939), estes folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e logo depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No Nordeste brasileiro, sua forte presença tem raízes lusitanas. Aqui, no Brasil, inicialmente, muitos autores desses folhetos eram também cantadores e improvisadores de versos, que em suas viagens pelas fazendas, vilarejos ou pequenas cidades sertanejas, faziam a divulgação de seus próprios folhetos, nome pelo qual o povo se refere à literatura de cordel até os atuais.

Com o tempo e a criação de empresas particulares, houve então uma mudança no seu sistema de divulgação. Assim, as obras passaram a ser vendidas por folheteiros, ou revendedores empregados por eles. Dessa forma, os autores de folhetos poderiam ficar mais tempo em um mesmo lugar, divulgando suas produções folhetinescas.

A verdade é que atualmente o poeta popular ainda continua sendo o representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida, não lhe havendo limites de temas a serem explorados/cantados. Todavia, entre as expressões de cunho popular, a poesia, em especial, o cordel, ocupa ainda entre nós um lugar de destaque tanto pela sua diversidade de temas, quanto pela sua dinamicidade, musicalidade e força de expressão. Cremos residir aqui mais um dos motivos pelos quais devemos levar o cordel à sala de aula, na perspectiva de promover o letramento literário.

Entretanto, também adquirimos consciência de que ensinar literatura, em escola pública, ainda é hoje um grande desafio para muitos professores da educação básica, e, ainda mais, quando se trata do tema formação de leitores e letramento literário. Tema este que tem me causado muita inquietação, ao longo de duas décadas de experiência em sala de aula, no ensino fundamental, na rede pública municipal de ensino de Santa Rita -PB, cidade lócus da presente pesquisa.

Neste trabalho com a poesia popular, visamos desenvolver atividades de leitura (oral e/ou escrita) a partir de textos da nossa literatura popular no ensino fundamental, através de oficinas de leitura de cordéis, com enfoque no letramento literário, a partir do cordel paraibano. Dessa forma, pretendemos com isso, possibilitar ao aluno-leitor um maior contato com uma grande diversidade temática como bem afirma o grande literato e dramaturgo Ariano Suassuna (1962, p.01): "[...] a literatura popular em versos do Nordeste brasileiro pode ser classificada conforme os seguintes ciclos: o heroico, o maravilhoso, o religioso ou moral, o satírico e o histórico". Trabalhar com literatura de cordel, na sala de aula, não significa apenas ler ou reler em voz alta, mas também, brincar e degustar os versos, sem aquela velha “preocupação acadêmica” com a forma estrutural dos poemas.

Assim, com o passar do tempo e o andamento das atividades de leituras propostas, os alunos mesmos se encarregarão desta descoberta. Eles perceberão gradativamente, por exemplo, a rima e a métrica. O que está em jogo aqui, além do contato com o texto, é a oralidade do aluno, a partir de sua vivência com a leitura de cordéis. Nesse sentido, Pinheiro (2004, p.105) afirma: “[...] nada de imposição. Para quem pensa em trabalhar a cultura popular na escola a partir da experiência oral da criança, isso nos parece de fundamental importância”. Ou seja, uma questão metodológica para quem deseja trabalhar com a poesia popular na sala de aula é saber ouvir. Eis aí uma questão de grande importância.

Sobre essa experiência com a literatura popular, o grande poeta Manoel Bandeira (1990, p.33-34) afirma:

O meu primeiro contato com a poesia sob a forma de versos terá sido provavelmente em contos de fadas, em histórias de carochinhas [...]. Aos versos dos contos de carochinhas devo juntar algumas cantigas de roda, algumas das quais sempre me encantaram, como ‘Roseira, da - me uma rosa’ e ‘O anel que tu me deste’ [...], falo destas porque as utilizei em poemas [...], enfim versos de toda a sorte que me ensinava meu pai.

Embora nossa tradição escolar tenha, por muito tempo, negado os valores e a importância desta literatura no currículo escolar, percebemos claramente neste depoimento do poeta Bandeira o quanto é importante a experiência com a literatura popular. Assim como essa literatura foi um fator decisivo na carreira literária de um grande escritor filho da aristocracia,

como o poeta Bandeira, poderá também ser fator importante no processo de letramento literário de nossos jovens leitores.

Entretanto, acreditamos que um outro fator indispensável ao sucesso deste tipo de atividade deve ser considerado. De acordo com Pinheiro (2004, p.106), uma questão metodológica para quem pesquisa ou pretende trabalhar com a poesia popular na sala de aula, é com relação ao ouvir:

Ouvir! Talvez esteja aí, uma questão metodológica de maior importância para quem deseja trabalhar com a poesia popular. Abrir os ouvidos para os ritmos, para as falas, para os versos que viajam de boca em boca na experiência do povo. Pode haver aí muita beleza a que não damos muita atenção.

Para este tipo de trabalho, é preciso, no entanto, se ter “uma atitude humilde”, nada de preconceito. A este respeito, Pinheiro (2004, p.107) também nos orienta: “[...] e ouvi-la pressupõe uma atitude humilde, nada preconceituosa com a cultura do povo. Atitudes preconceituosas nos fazem deixar de saborear tantas belezas”.

Compreendemos, com isso, que quando trabalhamos com a poesia popular, em sala de aula, a humildade é de fundamental importância. Valores como estes devem ser despertados em nossos alunos. Devemos, portanto, fazer com que eles entendam que o conhecimento científico se faz com diálogo e, diálogo com outras áreas ou outras formas do conhecimento. Neste processo, a competência leitora do aluno em muito depende de o poder fazer e de ser ouvido, e de diálogo com o outro que o produziu. Sendo assim, cabe à escola garantir esse uso da linguagem, do novo e dos mais diferentes gêneros textuais em seu Projeto Político Escolar.

Nessa lógica, o cordel, na condição de texto literário e de fácil acessibilidade ao nosso sujeito leitor, deverá ter seu espaço reservado no ensino da literatura. Segundo os PCN (1999, p.145), através dessa literatura podemos: “[...] recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial”.

Assim, o trabalho com a poesia popular de cordel, na aula de literatura, é também mais uma importante e grande oportunidade para se trabalhar, por exemplo, a interdisciplinaridade proposta pelos PCN (1999, p.88): "o conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo o conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos [...]".

Desta forma, as outras áreas do conhecimento poderão ser trabalhadas de “forma harmônica”, respeitando-se as especificidades de cada uma delas, bem como as diferenças e semelhanças entre língua oral e língua escrita, conforme propõe este mesmo documento (1999,

p.145): "Articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus diálogos sociais, contextuais e linguísticos".

Mediante o exposto, fica mais do que evidente a urgência e a importância de se desenvolver na escola um trabalho com a literatura popular de cordel, a qual antes de qualquer coisa nos exige "uma atitude humilde e a arte de saber ouvir", pois trabalhar com esta literatura é estar aberto às novas experiências a cada leitura que se faz de um texto.

Corroborando esta mesma ideia, é também sobre esta poesia, em sala de aula, a que Moisés (2012, p.06) também se refere:

Refiro-me à poesia em sala de aula, que é onde ela precisa estar, mas onde deve, acima de tudo, ser tratada de modo adequado, isto é, como experiência afetiva, cultural e artística, que as pessoas naturalmente amam e à qual deveriam dedicar-se por prazer, não por obrigação.

Vale lembrar também que para este tipo de trabalho de aprendizagem com o cordel, os alunos devem estar bem motivados, pois esse processo de despertar o interesse para o aprender, reveste-se de uma forte relação afetiva. Na educação, essa motivação vem sendo definida como iniciação e manutenção do comportamento, objetivando alcançar uma meta.

Em cada momento deste processo, o professor deverá utilizar a metodologia mais eficaz ou mais enriquecedora e, sobretudo, motivadora. A cada etapa, o educador terá que se mostrar extremamente animado de forma que o faça sentir-se motivado também, uma vez que a motivação se constitui a palavra chave para se ensinar a importância do exercício da leitura literária na vida de novos leitores.

Para isto, também se faz necessário que o professor conheça técnicas para despertar o interesse do aluno na sala de aula, conforme nos afirma Boruchovitch (2001, p.06):

[...] antes de mais nada, é preciso que o professor conheça tais mecanismos psicológicos ligados à motivação do aluno. Para ter êxito na tarefa de motivar adequadamente sua classe, todo professor deverá dominar uma grande variedade de técnicas, e também saber usá-las com flexibilidade e criatividade.

Acreditamos, portanto, que o professor precisa ser criativo para chamar a atenção da turma e mostrar para ela que estudar também pode ser divertido. Para isso, existem várias técnicas metodológicas, as quais, se bem trabalhadas, contribuirão para que os alunos desenvolvam seus próprios critérios de sucesso. Como motivá-los? Estabeleça, então, metas individuais, elas permitirão que os alunos desenvolvam seus próprios critérios de sucesso.

Segundo os PCN (1998, p.144), "[...] a competência do aluno depende, principalmente, do poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido e lido. E a escola não pode garantir esse uso da linguagem fora de seu espaço [...]". É ela o espaço apropriado onde o ensino

da literatura deve ser exercitado, levando em conta a fruição da leitura literária, as competências e habilidades a serem desenvolvidas em cada área específica do conhecimento humano. Em outras palavras, um espaço onde opiniões e pontos de vista acerca das diferentes manifestações da linguagem literária sejam pensados, confrontados e respeitados.

3.2 CORDEL: SÍMBOLO DE COMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA POPULAR

De acordo com Resende (2005, p.412), “[...] o cordel era considerado ‘o jornal do sertão’. Era por meio dele que as notícias chegavam ao interior do Nordeste. Neste sentido, pode-se dizer que o cordel foi mídia importante na região”. A literatura de cordel transmite aquilo que é cantado/contado e/ou improvisado pelo cordelista numa relação direta e viva entre o poeta e seu público. Por meio dele, o poeta exprime um modo particular de ver, sentir e viver de um povo.

O cordelista como difusor de sua própria arte cria valores para as coisas e para os lugares que narra/descreve em seus versos, despertando no seu público leitor segundo Ruffini (2009, p.51) “expectativas e imagens mentais daquilo que ele anuncia”. Este despertar de imagens, de acordo com esse autor, não só suscita no leitor discussões e questionamentos, mas também o faz refletir sobre o que é anunciado. Isso o faz do cordel um só instante de literatura e um meio de comunicação através do qual o leitor recebe, processa e transmite a informação.

Assim, entendemos que a dinamicidade, diversidade e a atualidades de temas que despertam a atenção do seu público, explorados nos folhetos, o faz não apenas o porta voz da informação, mas também um veículo de comunicação que além de informar, incorpora-se à vida cotidiana do povo nordestino, entrelaçada à imaginação do poeta popular, mantendo o povo informado acerca das notícias e da circulação dos fatos não apenas do passado, mas também na contemporaneidade. Nesta perspectiva, o cordel, como canal de comunicação popular, representa uma forma alternativa de comunicação, que tem resistido ao tempo, mesmo com as mais modernas e constantes inovações tecnológicas no campo da comunicação.

De acordo com Sá (2017, p.142), o cordel é um meio de comunicação e, através dele, os chamados cordelistas expressam com liberdade poética diversas problemáticas sociais denunciando, questionando e expondo suas indignações sobre os fatos numa ação semelhante à prática jornalística. Desse modo, eles assumem um papel cidadão de fiscalização do cotidiano.

Num artigo intitulado “Literatura de cordel: dos tradicionais folhetos aos modernos livros de capa dura”, Lima (2021, p.315-328) discute, de forma didática, como os poetas

populares, mediante as dificuldades de custo, precisaram adaptar suas produções cordelísticas para o espaço virtual como suporte de divulgação, conservação e comercialização. Aponta, além das contribuições das universidades, através de pesquisas acadêmicas, os esforços de pesquisadores e de organizadores de antologias como forma de preservar a nossa literatura de cordel.

Após entrevistar poetas populares, como Nelson Barbosa, natural de Princesa Isabel-PB, comerciantes de cordel, leitores e profissionais de outros campos que leem cordéis, Sá (2017) também nos assegura que são várias as vozes que enxergam o cordel como forma de afirmação cultural, de resistência, história e memória dentro do universo da comunicação popular e afirma:

O cordel se renovou esteticamente e semanticamente, e vem se fortalecendo mesmo diante os processos comunicacionais da contemporaneidade transformando-se com o apoio das novas tecnologias. O que culmina em práticas como o cibercordelismo, a peleja virtual, o repente virtual e na ressignificação da poética cordelista junto às novas gerações mediante o seu uso em sala de aula. (Sá, 2017, p.150)

Hoje, sua preservação em muito depende de pesquisas acadêmicas, de interesses e esforços de alguns pesquisadores conscientes e organizadores de antologias como forma de preservá-lo e difundi-lo país a fora. Contudo, no cenário artístico nacional, o cordel paraibano tem se destacado tanto pela sua dinamicidade quanto pela sua força de expressão. Diante disso, mais um dos motivos pelos quais devemos realmente levar esta literatura ao ambiente escolar, vez que de acordo com Pinheiro (2014, p.41):

A sala de aula nos parece o espaço bastante adequado para a vivência de leituras de folheto, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos da realização oral. Pesquisas intervencionistas realizadas com folhetos de cordel (com aluno do ensino fundamental e médio) e com sextilhas isoladas (com crianças das primeiras séries do ensino fundamental) mostram que há um espaço para vivenciar os folhetos no espaço escolar, e que eles podem contribuir decididamente para a formação de leitores.

Compreendemos, assim, que a sala de aula se apresenta e tem se mostrado o espaço apropriado para se trabalhar essa arte, expressão de cunho artístico cultural e da memória coletiva de um povo.

Por isso, também é viável e necessário que o pesquisador também considere a prática interdisciplinar como sendo um instrumento essencial ao trabalho com a literatura no ensino fundamental, assumindo-a também como objeto de pesquisa.

Esta prática interdisciplinar não minimiza e nem neutraliza as demais disciplinas curriculares. Pelo contrário, supera a justaposição disciplinar, pois segundo entendemos, a interdisciplinaridade rege o princípio do diálogo entre as várias áreas do conhecimento e tem

suas origens na história da ciência contemporânea a partir do século XV. De acordo com os PCN (1998, p. 34), ela:

Não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vistas. [...]. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para atender às questões e aos problemas sociais contemporâneos.

Durante muito tempo, o mundo foi bastante fragmentado. Por algum tempo, esta fragmentação conseguiu os objetivos desejados. Entretanto, na contemporaneidade e com a dinamização da informação, esta visão fragmentária do mundo, principalmente, no campo educacional, não nos serve mais, uma vez que isso nos impede de entendermos alguns fenômenos, sociais ou não, por mais simples que sejam eles.

Buscando então entender o conhecimento como um todo complexo (e não mais como partes ou fragmentações), e voltada para a formação do indivíduo, a interdisciplinaridade propõe a capacidade de dialogar com outras ciências. Por isso, consideramos a importância do contato de nossos alunos, através do texto literário vez que a literatura carrega em si o poder de dialogar com textos de outras disciplinas, seguindo o princípio da indissociabilidade do conhecimento, pois de acordo com os PCN (2000, p. 88):

A Interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição disciplinar. De fato, será principalmente na possibilidade de relacionar disciplinas em atividades ou projetos de estudos, pesquisa e ação, que a interdisciplinaridade poderá ser uma prática pedagógica e didático-pedagógica adequada aos objetivos de ensino[...].

De acordo com Gody (1995, p.69) “[...] o trabalho interdisciplinar desenvolvido pelos educadores é de fato um trabalho preventivo. É um trabalho de educar as consciências para o desenvolvimento de suas potencialidades e autoestima como ser psicossocial”.

Nesta perspectiva, a pesquisa com literatura de cordel em sala de aula também poderá ser feita de forma interdisciplinar com o objetivo de proporcionar aos discentes um ensino de literatura de forma mais dinâmica e produtiva utilizando o cordel como instrumento de comunicação e de socialização do conhecimento entre as disciplinas envolvidas por meio da sequência básica de leitura.

Para a nossa pesquisa (da qual resultou este caderno pedagógico), elaboramos essa sequência básica de leitura a partir dos cordéis História de Juvenal e o Dragão e a História da Princesa do Reino da Pedra Fina com o objetivo de promover o letramento literário com alunos do 8º ano, mas que também poderá aplicada com outras séries de ensino.

Apresentamos a seguir o resumo dos dois cordéis utilizados na elaboração da sequência básica de leitura.

3.3 A HISTÓRIA DE JUVENAL E O DRAGÃO

Podemos dizer que a temática central dessa narrativa é a saga de um jovem protagonista, filho de camponês que luta bravamente para libertar a princesa do domínio de um grande dragão devorador de moças jovens e bonitas num povoado distante.

Sobre esta obra, podemos elencar alguns importantes motivos para justificar o porquê de sua escolha para compor a sequência básica de leitura. Motivos que certamente contribuirão significativamente para envolver os alunos nos momentos de leitura durante a realização das oficinas, e incentivá-los a participarem ativamente de todo o processo de desenvolvimento da presente pesquisa. Como justificativa, podemos destacar alguns temas explorados, ao longo da narrativa da obra investigada, por meio de três estrofes do cordel abordado, conforme a seguir:

- A luta do bem contra o mal: a falsidade e a vilania associados ao mal acabam sendo vencidas pelas boas virtudes.

Quem ler esta história toda
Do jeito que foi passada
Verá que o falso vil
Nunca nos serviu de nada
A honra e a felicidade
Sempre foi recompensada. (Barros, s/data, p.1)

- A fé em Deus: o poder divino evocado num ato de demonstração de fé no criador supera todas as outras coisas na terra.

Não digo por pabulagem:
Nunca temi o inimigo
Eu junto com meus 3 cães
Só Deus poderá comigo
Enfrento um cento de feras
Não digo que vi perigo. (Barros, s/d, p.10)

- A lealdade aos princípios familiares: no casamento da princesa, Juvenal envia um cortejo para buscar sua irmã. Com tal ação, os cães percebem que o protagonista se manteve fiel aos princípios familiares. Despedem-se de Juvenal e vão embora.

Os cães vendo a menina
 Ficaram de prontidão,
 E disseram a Juvenal:
 Está finda a missão,
 Queríamos ver se a riqueza
 Mudava o teu coração. (Barros, s/d, p.31)

Acreditamos que todos estes elementos somados à simplicidade e à clareza da linguagem, ao tom heroico da narrativa, à bravura do protagonista em combate com o temível dragão e a presença dos cães encantados, contribuem para a dinâmica da narrativa e poderão despertar o interesse dos alunos pela leitura da presente obra. Segue então o resumo da obra.

A narrativa conta a história do jovem Juvenal que, após a morte de seu pai e deixar sua irmã aos cuidados do padrinho, despede-se da família e, na companhia de seus três carneiros, decide sair de casa em busca de novas aventuras. Durante a viagem, encontra um desconhecido - chamado de cocheiro - que lhe propõe uma troca: trocar os carneiros que acompanham Juvenal por seus cães: Rompe-Ferro, Ventania e Provador. Feita a troca, o jovem Juvenal segue sua viagem em companhia de seus novos companheiros. Em seguida, entre muitos acontecimentos e já em um reinado distante, Juvenal e Rompe-Ferro travam uma batalha contra um Dragão que tem como missão devorar uma princesa, dada como pagamento de uma antiga promessa que o rei (pai da dessa princesa) fez com a fera, em troca da não destruição de sua cidade. Depois de salvar a jovem princesa, Juvenal arranca dois dentes da fera, manda a princesa de volta ao reinado em companhia do cocheiro e, em companhia dos cães, ele prossegue em viagem pelo mundo. Alguns anos depois, e após descobrir em sonho ter sido traído pelo cocheiro, Juvenal vai até o palácio da princesa, e descobre que a ela está prestes a se casar com o cocheiro, que ao saber da chegada de Juvenal ao palácio, vê seu plano cair por terra. No entanto, para desmascarar o cocheiro de seus planos, Juvenal se apresenta ao rei e como prova de que ele matou o dragão, apresenta-lhe os dentes que arrancou e os guardou como prova de seu ato de bravura na luta contra a tão destemida fera. Finalmente, desmascarando o cocheiro e aprovado pelo imperador, casa-se com a princesa. E você como se sairia dessa?

Na sequência, apresentamos também o resumo do cordel: História da Princesa do Reino da Pedra Fina, também de autoria de Leandro Gomes de Barros.

3.4 A HISTÓRIA DA PRINCESA DO REINO DA PEDRA FINA

Imagem 2: Capa do cordel “História da Princesa da Pedra Fina”



Fonte: google.com

Semelhante à história de Juvenal e o Dragão, que incansavelmente luta para salvar a princesa das garras de um dragão devorador de moças jovens e bonitas num reino não identificado, a narrativa de “A Princesa da Pedra Fina” gira em torno da história de um jovem camponês chamado José, filho de Umbelina, que bravamente luta para vencer os desafios que lhe são impostos pelo rei, visando tomar-lhe a princesa. Segue uma síntese da obra.

A narrativa deste cordel conta a história de um trabalhador da roça, pai de três filhos: João, Antônio e José, sendo que José era o caçula da família a quem a mãe tanto amava. Um certo dia, durante o trabalho na roça, o pai já muito cansado, aconselha os filhos a trabalhar enquanto ele descansa e aguarda a esposa chegar com o almoço do dia. De volta ao trabalho, ele encontra os filhos brincando e falando sobre o que desejavam fazer. Antonio desejou comer

muito feijão com bredo; João desejava comer banana com casca e José, o caçula, desejava ver as pernas das moças do Reino da Pedra Fina. José, ao contrário dos seus irmãos que desejavam apenas saciar a fome, queria ver as pernas das princesas de um reino próximo.

O pai, ao saber do atrevimento do menino, surra-o e ele foge de casa. No caminho, acha uma pedra preciosa que lhe traz muita encrenca, mas, ao mesmo tempo, leva-o a atender diversas outras coisas. Após vendê-la para o rei daquele lugar, José começa a receber ameaças do rei para que ele lhe traga outras pedras de igual valor. Na interminável procura por outras pedras, José salva uma serpente que luta contra um leão, o que devolve a ela a forma de bela princesa.

Salva por José, ela o ajuda e lhe concede mais pedras. Enriquecido, José passa a viver bem com a princesa até o advento da maldosa cobiça do barbeiro para prejudicar os planos de José. Novamente incentivado por ele (o barbeiro), o rei passa a mandar José para outras missões impossíveis, a fim de "roubar-lhe" a princesa - que o auxilia em tais missões - e suas lindas irmãs resgatadas por José, a cada empreitada que o rei impunha ao destemido e valioso jovem. Finalmente, através das artimanhas mágicas da princesa, morrem o barbeiro, quando é enviado ao inferno, e o rei também. Livre do rei e do barbeiro, a família de José, até então presa, é libertada e seus irmãos Antônio e João se casam com as princesas, irmãs da princesa da Pedra Fina, esposa de José e todos passam a viver felizes para sempre.

Professores (as), para este trabalho, por exemplo, utilizamos os cordéis supracitados, por questões pessoais, mas isso não lhes impedem que utilizem outros cordéis ou mesmo outros textos literários, fazendo as adaptações que julgar necessárias, de acordo com a turma/série a ser trabalhada. Mas de maneira que não incorramos no erro do preconceito linguístico contra a nossa literatura, é claro.

4 SUPERANDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

No que diz respeito ao ensino da literatura, suas especificidades e possibilidades de usos da linguagem literária quer sejam eles orais ou escritos, observemos o que nos dizem os PCN (1998, p.26):

O tratamento dado ao texto literário oral ou escrito envolve o exercício do reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Se assim o fizermos, e tomarmos a literatura e seu ensino como sendo práticas de leitura e de interação social humanas isentas de transformações socioculturais, ou se cultivarmos também a crença de que temos uma única língua, e que esta deve ser a única a ser ensinada na escola, estaremos, segundo estes PCN, cometendo práticas de preconceito linguístico.

De acordo com o filólogo, linguística e professor Marcos Bagno (1999), este tipo de preconceito se caracteriza como rejeição às variedades linguísticas de menor prestígio social e:

Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, têm menos acesso à educação formal ou têm a um modelo educacional de qualidade deficitária (Bagno, 1999, apud Beraldo, 2020, p.01).

Essas práticas de preconceito, segundo Bagno, manifestam-se, por exemplo, nas afirmações acerca da imagem negativa que o brasileiro cria de si mesmo ou mesmo sobre a língua que fala. Este preconceito, de certa forma, também está intimamente ligado a outros tipos de preconceitos cuja essência tem origens em fatores de ordem socioeconômico, regional e cultural. Nesta perspectiva, por nossa pesquisa tratar de literatura popular, e ser o poema de cordel o nosso objeto de ensino, dentre os preconceitos aqui mencionados, voltemos nossa atenção para o preconceito cultural.

Contra a literatura de cordel, este tipo de preconceito se dá, em parte, devido às origens, o público alvo e as características desta literatura, uma vez que ela prima pelo uso de variantes mais informais da língua, e que, por isso mesmo, menos privilegiadas pela sociedade letrada.

Um dos fortes indícios que contribuem para este fato, reside, muito provavelmente, no forte uso de regionalismos típicos de áreas mais pobres e carentes da população, a exemplo dos falares regionais e caipiras, manifestados nessa literatura, mas também no fato de ser ela uma espécie de porta voz de cultura de massas e de resistência, como também devido às variantes linguísticas usadas por ela em seus escritos.

Entendemos, com isso, que as consequências deste preconceito calcado na falsa ideia de unidade da língua, resulta, contudo, na atenuação das demais formas de preconceitos a ele relacionadas. cremos que para superarmos esta problemática, cabe à escola e à família, num trabalho colaborativo com as mídias sociais, propagarem a ideia de que na literatura não há espaço para questões de "certo" ou "errado", no que tange aos seus mais diversos usos e manifestações no campo artístico literário. Nesse tipo de atividade, devemos trabalhar o princípio da adequação linguística, ou seja, adequar as diversas manifestações de uso oral da linguagem às mais diversas situações comunicativas em que ela se concretiza e se realiza.

Também entendemos e orientamos que esta proposta de letramento literário, a partir da literatura popular de cordel (a título de sugestão, é claro), também poderá ser desenvolvida na escola com outros anos de ensino e em conjunto com outras disciplinas, a partir de um olhar interdisciplinar com foco não apenas na leitura, mas também no cordel enquanto veículo de memória e identidade cultural de nosso povo.

Na sequência, a proposta pedagógica de leitura, o percurso metodológico do presente estudo, e seus devidos desdobramentos.

5 DA PROPOSTA MEDIADORA DE LEITURA LITERÁRIA

Imagem 3: Um convite às oficinas de leitura



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Ao elaborar uma proposta didático-pedagógica sobre leitura, é preciso que o professor de língua /literatura leve em conta não apenas os objetivos da leitura e o gênero do texto com o qual irá trabalhar, mas também considere, sobretudo, o perfil do interlocutor pretendido, ou seja, considere esse interlocutor enquanto sujeito ativo reflexivo, capaz de interagir, ler, reconstruir o texto lido e estabelecer conexões com outros textos ou/outros aspectos do conhecimento. É preciso também que ele, na condição de mediador desse processo de trabalho com o texto, e principalmente do texto literário, priorize nessa interação docente/discente os alunos como sujeitos socialmente situados.

Há 21 anos atuando como professor de Linguagem, Código e suas Tecnologias na rede pública municipal de ensino de Santa Rita, cidade *lócus* desta pesquisa, tenho observado, no cotidiano de sala de aula, anos finais, um percentual considerável de alunos com grandes dificuldades de leitura e escrita.

Nesse contexto, ficou evidente a necessidade de se pensar e construir uma proposta de leitura entendida como um processo de produção que se dá numa relação dialógica entre os sujeitos envolvidos no ato de ler: o autor do texto, o leitor e o mediador desse processo. Tendo em vista o desenvolvimento das atividades propostas, apresentamos a seguir as ações mediadoras de leitura para a execução de nossa proposta.

5.1 DESCRIÇÃO DAS AÇÕES MEDIADORAS DE LEITURA

Sequência Básica sobre “Literatura de cordel na escola: uma proposta de mediação para a formação de leitores em turmas de 8º ano”. Obra abordada: Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros. Duração total da sequência: 10 horas/aula.

1º ENCONTRO (Oficina - I): **MOTIVAÇÃO** - Aproximadamente 2 horas/aula. Obra abordada neste encontro: História da Princesa da Pedra Fina.

1. Foi apresentada a Xilogravura da obra Juvenal e o Dragão, sem revelar o nome da literatura de cordel ou do personagem (Capa do cordel ampliada exposta numa folha isopor com o nome do título e do autor ocultos por uma espécie de tarja), foram realizadas as seguintes perguntas aos participantes para ouvir suas considerações. Numa duração aproximada de 15 minutos:

- A- Vocês sabem o que é uma xilogravura?
- B- Já viram esta xilogravura em algum lugar?
- C- Vocês imaginam quem é essa pessoa ou personagem?
- D- Na sua opinião, essa personagem é herói ou não herói?
- E- Que animal é este ao lado do personagem?

2. Foi informado aos alunos (antes de revelar o nome do personagem ou da história a ser explorada por completo nos próximos encontros) que, nesse momento, seria realizada a leitura de outra obra da literatura de cordel – História da Princesa da Pedra Fina. O objetivo desse momento foi averiguar se os alunos recordam alguma outra história cordelista com algumas semelhanças com a Princesa da Pedra Fina.

3. Antes da leitura desta obra, procuramos situar os participantes acerca da narrativa (relatar uma breve síntese oral) sem dar margem para a revelação sobre o final da história (duração: aproximadamente 20 minutos).

4. Para a realização da Leitura do cordel “A Princesa da Pedra Fina”, entregamos cópias do texto a cada participante. Feita a leitura da obra, fazemos as seguintes perguntas aos participantes para ouvir também suas considerações (duração: aproximadamente 10 minutos):

A - Algum momento da leitura despertou a atenção de vocês? Por quê?

B - Você se recorda de alguma outra história que tenha um momento muito parecido com a obra que acabamos de ler? Se você se recorda, qual?

5. Após escutar as considerações dos estudantes sobre a obra lida, retiramos a tarja e revelamos o nome do título e do autor do cordel a ser abordado de forma integral nos próximos encontros. Em seguida, exibimos uma cena do cordel, “História de Juvenal e Dragão”, vídeo disponível em Livre adaptação, de Julierme Galindo do conto homônimo de Leandro Gomes de Barros para audiovisual. A direção do vídeo é de Julierme Galindo e Eliwelton Farias, e está disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfDE>. Duração de 36:26. (duração: aproximadamente:38 minutos). Depois da exibição deste vídeo, realizamos a seguinte pergunta aos participantes e ouvimos suas considerações (duração: aproximadamente 7 minutos)..

A - E agora, você já descobriu o nome do personagem da literatura de cordel sobre o qual falaremos nos nossos próximos encontros?

2º ENCONTRO (Oficina - II): INTRODUÇÃO - Aproximadamente 2 horas/aula. Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão.

1. Após a reexibição do vídeo (vídeo primeiro encontro), realizamos as seguintes perguntas aos participantes e ouvimos suas considerações. Vídeo reexibido por solicitação da maioria dos participantes, uma vez que sentiram a necessidade de rever o conteúdo, e também em atendimento a alguns alunos que não puderam comparecer à oficina motivação (duração: aproximadamente 45 minutos).

A - O que você sabe sobre Juvenal e o dragão?

B - Você conhece alguma outra história semelhante, envolvendo um outro guerreiro e um dragão /ou uma outra fera parecida?

Sim () Não ()

C - Você já escutou falar sobre o poeta Leandro Gomes de Barros?

Sim () Não ()

2. Realizamos uma breve exposição sobre o autor da literatura proposta por meio de slides.

Observação: falamos sobre a obra Juvenal e o Dragão e de sua importância literária, procurando justificar o motivo da escolha do texto para a pesquisa na sala de aula (não realizar uma síntese para não eliminar o prazer da descoberta dos participantes). Para este momento, seguimos as sugestões de Cosson (2021, p. 60). (Duração: aproximadamente 25 minutos).

3. Após este momento, realizamos as seguintes perguntas aos participantes e ouvimos suas considerações:

A - O que você imagina dessa leitura, ou seja, quais as suas primeiras impressões e hipóteses?
 B - Você está realmente motivado para conhecer esta obra? Por quê?

Observação: informamos aos alunos que o personagem Juvenal é uma criação de Leandro Gomes de Barros, poeta paraibano de destaque nacional, considerando o pai do cordel nordestino. Em seguida, apresentamos aos participantes uma breve biografia sobre o autor/poeta abordado na pesquisa e suas contribuições literárias para a literatura paraibana e nacional. (Duração: aproximadamente 20 minutos). Depois, entregamos um cordel a cada aluno participante para a leitura integral do texto no nosso próximo encontro.

3º ENCONTRO (Oficina - III): LEITURA - Aproximadamente 2 horas/aula. Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão.

Para este momento, entregamos um cordel a cada aluno participante para a leitura integral do texto.

1º Momento de leitura (aproximadamente 1 hora aula). Iniciamos a leitura oral em voz alta da obra Juvenal e o Dragão.

Observação 1: o cordel é composto de 34 estrofes. Durante a leitura, foram realizadas algumas pausas intencionais, visando executar pequenas propostas de atividades. Estas pausas e atividades auxiliarão na percepção das expectativas dos alunos diante os fatos que se sucederam, ou seja, a construção de sentidos feita pelos aprendizes no decorrer da leitura.

Observação 2: procurar respeitar, na leitura, o ritmo imposto e característico do cordel.

1. Realizamos a leitura das páginas 1 até a 19.

Neste primeiro momento, por meio de uma pequena ficha previamente formulada, realizamos as seguintes perguntas aos participantes:

A - O que você sabe sobre Juvenal e o Dragão?
 B - O que você acha que Juvenal e seus cães aprontarão com o dragão.

2. Solicitamos que os estudantes escrevessem suas expectativas na ficha e, em seguida, abrimos espaço para um breve debate visando à socialização das inferências construídas.

- Ouvimos as expectativas dos alunos antes de prosseguir com a leitura do cordel.
- Recolhemos as fichas preenchidas.
- Prosseguimos com a leitura até o final do primeiro episódio.

2º Momento de leitura (aproximadamente 1 hora / aula). Prosseguimos com a leitura oral e em voz alta da obra abordada.

1. Realizamos a leitura das páginas 20 até a 31.

Observação 1: Por ser um trecho mais curto, realizamos apenas a leitura e procuramos perceber o interesse (recepção / aceitação do texto) e as expectativas dos estudantes.

2. Após o momento descrito, realizamos a seguinte pergunta aos participantes para ouvir suas considerações:

A- Vocês já perceberam do que trata essa obra, ou seja, qual é o seu tema (mote)?

Observação 2: Tratou-se de perceber se os alunos conseguiam associar o personagem Juvenal e as suas aventuras às ações de um herói, bem como os fatos que ocorrem na narrativa carregados de elementos que até então conduzem a isso.

3. Por meio de uma pequena ficha previamente formulada, realizamos as seguintes perguntas aos participantes e ouvimos com atenção suas considerações a respeito do que lhes foi perguntado.

A- O que você acha que acontecerá com Juvenal e a princesa?
 B - Você concorda com essa atitude vil do cocheiro? Por quê?

C - E agora, como você acha que Juvenal será tratado no reinado da princesa?

4º ENCONTRO (Oficina - IV): INTERPRETAÇÃO - Aproximadamente 2 horas/aula. Obra abordada nesse encontro: História de Juvenal e o Dragão.

Observações:

Após a realização das etapas anteriores (motivação, introdução e leitura) e as sugestões de atividades referentes a essas etapas, foram propostas aos participantes, nesta oficina, duas atividades como forma de participarem da construção de sentidos para a leitura da obra abordada.

Professor (a), “A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento pareça a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (Cosson, 2021, p. 65).

“Esse trabalho requer uma condução organizada e sem imposições. Não se pode supor que exista uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena” (Cosson, 2021, p. 66). Mas é preciso abrir espaço para a compreensão individual ou até mesmo para construções (pós-leitura) de novos textos como consequência da (s) leitura (s).

A - PRIMEIRA ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO:

Propor aos participantes que desenhem em uma folha ofício ou em uma cartolina (cor branca) uma cena da narrativa da obra abordada (pode ser o fato que mais chamou a atenção do discente).

Observação: Após a confecção dos desenhos, os participantes que desejaram, puderam explicar o seu desenho para os demais colegas (a cena retratada e os motivos de sua escolha, ou seja, informar o (s) motivo (s) que os levou a escolher a cena retratada).

Duração dessa atividade: aproximadamente 1 hora/aula para a produção e socialização do desenho.

B - SEGUNDA ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO:

Pedir para os alunos imaginarem e escreverem um pequeno texto em versos ou em prosa apresentando/sugerindo um novo/possível final para a narrativa do cordel Juvenal e o Dragão. Em seguida, identificar qual cena da obra está sendo descrita.

Observação: Este pequeno texto pode ser redigido no formato da literatura de cordel ou em prosa. Após a construção dos textos, os participantes que desejarem, poderão socializá-los com seus colegas.

Duração dessa atividade: aproximadamente 1 hora/aula para produção e socialização do texto.

5 ° ENCONTRO: (Oficina - V): CULMINÂNCIA- Aproximadamente 2 horas/aula

O objetivo dessas oficinas foi planejar e sistematizar atividades de leitura para promover o ensino do letramento literário por meio de uma sequência básica de leitura literária elaborada sobre a obra História de Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros para turmas de 8º ano.

Contudo, para a realização da presente proposta didática, selecionamos um grupo de **20** estudantes de uma escola pública por ser essa a realidade que abarca grande parte dos alunos matriculados na educação básica no Brasil. A escola escolhida foi a EMEF e EJA Dr. Flávio Maroja Filho na cidade de Santa Rita -PB.

Dentre os critérios adotados para escolher o *locus* da pesquisa, considerou-se o interesse da comunidade escolar pela presente proposta e a predisposição dos discentes participantes em colaborar, tanto nas entrevistas individuais quanto nas atividades de mediação. Também se faz importante informar que a direção, supervisão escolar, professores e pais dos alunos convidados a participar, também foram informados dos objetivos da presente pesquisa.

Didaticamente, para a uma melhor construção e efetivação das ações da referida proposta pedagógica da qual resultou a confecção do presente caderno pedagógico, achamos mais conveniente desenvolvermos nosso trabalho em três tempos: atividade diagnóstica inicial (anterior à mediação), atividade de mediação de leitura (oficinas) e atividade diagnóstica final (posterior à mediação)

5.2 ATIVIDADE DIAGNÓSTICA INICIAL

Professor(a), no que se refere à construção e aplicação desse procedimento didático, sugerimos que previamente seja realizada na turma uma espécie de atividade diagnóstica com o objetivo de averiguar se os alunos têm ou já tiveram na sua vida escolar algum contato direto com texto literário, com a cultura popular, em especial a literatura de cordel, ou mesmo sobre suas preferências de leitura. Dessa forma, nos será possível não apenas identificar a problemática a ser pesquisada, mas também com base nas pistas deixadas pelos alunos,

podermos traçar algumas estratégias práticas para melhor planejarmos e conduzirmos com mais clareza as etapas de estudo com a intenção de transformar a realidade em que se inserem o aluno e o objeto investigado.

Além disso, e para facilitar o trabalho didático pedagógico a ser feito, é interessante que seja realizado um momento de interação com os pais, com os alunos, ou responsáveis pelos alunos. Para estreitar os laços entre família e escola ou o (a) professor (a) e a família, sugerimos um momento de troca de contatos e de experiências na escola seja através de uma reunião, de um café literário, da simulação de uma entrevista, ou mesmo de um bate papo com alunos, seja na sala de aula ou mesmo nos corredores da escola sobre o seu tema de interesse.

É importante também que convidemos os pais dos estudantes como uma maneira de valorizarmos a oportunidade de um convívio mais afetivo entre família e escola até para desmistificar a velha visão dos pais de que a escola só os convida para se fazerem presentes quando os filhos estão com dificuldade de aprendizagem ou estão se comportando mal.

Por isso, antes de aplicarmos as atividades mediadoras, ou seja, das oficinas didático-pedagógicas, é aconselhável que você professor/pesquisador aplique também uma atividade diagnóstica com o objetivo de sondar e colher algumas pistas/deixas sobre o espaço, condições, preferências de leitura dos investigados e a realidade a ser pesquisada.

Mesmo cientes dos problemas que perpassam a educação literária, julgamos ser pertinente questionar os informantes selecionados com objetivo de descobrir como a literatura foi apresentada aos estudantes do contexto investigado.

Foi pensando em tudo isso que nós achamos por bem realizarmos uma avaliação diagnóstica sobre nosso objeto de estudo. Desse modo, todos os informantes foram convidados a responder um questionário nos moldes semiestruturados com perguntas previamente formuladas. As respostas fornecidas nessa diagnose passaram por uma análise qualitativa de dados e, para melhor sistematizar as observações dos participantes, o referido questionário foi montado com variadas perguntas distribuídas em quatro pequenos blocos conforme o esquema a seguir:

- Sobre leitura: momento que visa perceber a opinião dos participantes sobre a leitura de forma geral e pessoal (perguntas de caráter mais subjetivo);
- Sobre leitura na escola: etapa destinada a diagnosticar como ocorreram as experiências de aprendizagem dos envolvidos no que se refere à leitura vivenciada no espaço escolar (em especial a leitura literária);

- Sobre leitura literária na sala de aula: etapa referente a possíveis experiências dos participantes com a leitura literária na sala de aula. Este bloco apresenta o maior número de questões;

- Sobre literatura de cordel: parte destinada a perceber o que os estudantes conhecem sobre essa literatura, e se a escola proporciona (ou já proporcionou) esses momentos de leitura.

Sobre estes pontos, é importante frisar que os comentários realizados (sobre as respostas a essas perguntas) foram feitos com base nas informações prestadas pelos participantes conforme explicado anteriormente na abertura deste tópico. Vejamos:

1º BLOCO: LEITURA

Neste primeiro bloco de perguntas, os participantes responderam os seguintes questionamentos:

- 1.Você gosta de ler ou sente prazer em ler?
- 2.Você acha que a leitura é importante para sua vida? Sim () Não () Por quê?
- 3.Quando você lê sozinho, o que você gosta de ler?

2º BLOCO: LEITURA NA ESCOLA

Neste segundo bloco de perguntas, os participantes responderam às seguintes questões:

4. Em que grau a escola proporcionou a você momentos de leitura?
 A. () Sempre B.() Às vezes C. () Raramente
- 5.Quando você vivenciou momentos de leitura na escola, quais tipos de textos geralmente foram mais trabalhados em sala de aula?
 A.() Textos literários – Exemplos: fábulas, contos, parábolas, peças teatrais...
 B.() Textos não-literários – Exemplos: notícias, propagandas, receitas culinárias...
- 5.1. Quem na maioria das vezes escolheu essas leituras?

A.() Professor B.() Aluno C.() Professor e aluno

5.2. Quem na maioria das vezes realizou essas leituras?

A.() Professor B.() Aluno C.() Professor

e aluno.

5.3. No geral, essas leituras foram tarefas do livro escolar/didático ou houve leitura de outros materiais como pequenas obras em sua forma original? Comente.

3º BLOCO: LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA

Neste bloco, nossos participantes se depararam com as seguintes questões:

6. Alguma vez a escola realizou aulas de literatura?

A.() Sim B.() Não

6.1. Você sente algum interesse pelas aulas de leitura?

A.() Sim B.() Não

6.2. Geralmente, o aluno tinha a liberdade de escolher e/ou levar algum livro/texto para fazer a leitura?

A.() Sempre B.() Às vezes C.() Nunca

6.3. Depois da leitura, havia algum debate sobre o livro/texto lido?

A.() Sim B.() Não

Se havia, comente como eram esses debates.

6.4. Essas tarefas eram obrigatórias ou valiam alguma nota?

A.() Sim B.() Não

6.5. Realize algum comentário crítico sobre as aulas de leitura literária na escola

4º BLOCO: LITERATURA DE CORDEL

Este último bloco da pesquisa é formado por questões que pretendem apresentar um diagnóstico acerca da realidade do ensino sobre cordel, promovido pela escola nesta fase de ensino.

7. O que você sabe sobre literatura de cordel?

8. Você já leu alguma literatura de cordel?

A. () Sim

B. () Não

9. E na escola, em algum momento de sua vida escolar, algum professor já leu para você alguma literatura de cordel?

A. () Sempre

B. () Raramente

C. () Nunca

10. Se você já vivenciou a literatura de cordel em algum momento de sua vida escolar, você lembra como isso aconteceu? Comente um pouco sobre essa sua experiência com o cordel.

Só então após esse momento acima descrito, a partir do qual pudemos observar a problemática porque passa o ensino da leitura na escola básica, sobretudo nos anos finais, e após algumas reflexões sobre a prática/ou não da leitura literária (experiências anteriores de nossos participantes com esse tipo de leitura), aplicamos de maneira prática, e em sala de aula, uma proposta de mediação de ensino de leitura através de oficinas pedagógicas, num total de cinco oficinas com duração de 2h/a (duas horas/aula), com o objetivo de vivenciar o letramento literário com alunos 8º ano, por meio do cordel.

5.3 OFICINAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA LITERÁRIA (MEDIÇÃO)

Caro educador e cara educadora, para esta etapa, como desdobramento da proposta pedagógica, foram ofertados aos nossos participantes alguns encontros denominados - Oficinas de Leitura como atividades de mediação literária. Estes encontros só foram possíveis graças ao empenho de todos os envolvidos no processo: pesquisador, estudantes e comunidade escolar,

através dessas oficinas propostas e também desenvolvidas com um folheto de cordel (já descrito anteriormente na íntegra em práticas sociais de letramento literário com o público seccionado).

Para esse momento, elaborarmos uma sequência básica de leitura, vez que todo o planejamento se fez necessário para a execução da presente proposta, a fim de promover um trabalho significativo de leitura literária no espaço escolar.

Entretanto, queremos esclarecer que a presente proposta (norte para vivenciar experiências de letramento literário na sala de aula com a obra selecionada), mesmo tendo sido pensada para turmas de 8º ano, também poderá ser trabalhada futuramente com outros anos/séries dessa fase de ensino, cabendo ao educador fazer as adaptações que julgar pertinentes e necessárias para melhor atender às necessidades de seus estudantes.

5.3.1 Objetivo das oficinas de leitura

O principal objetivo dessas oficinas foi possibilitar aos nossos aprendizes vivências de leitura com cordéis como possibilidades de combate aos problemas que permeiam o ensino da leitura na aula de língua/literatura. Todavia, também levamos em conta os objetivos de ensino de leitura propostos pelos PCN de língua portuguesa (3º e 4º ciclos do ensino fundamental) os quais, ainda que “indiretamente”, poderão ser alcançados graças à proposta do letramento literário. Ou seja, dependendo da proposta de trabalho do educador com o texto literário, espera-se, ao longo desse processo, que o aluno alcance os objetivos de ensino propostos para este eixo de leitura.

Atitudes como selecionar obras atraentes, propor atividades interessantes, abrir espaço para debates com o grupo sobre a leitura realizada, e não impor interpretações, poderão ser fatores decisivos para o sucesso do educador que pretende trabalhar com a leitura de textos e/ou obras literárias. Porque é na base do diálogo que a leitura flui, e possibilita ao aluno-leitor construir sentidos para o texto vez que cada leitor possui conhecimentos prévios resultados de sua experiência de mundo (suas leituras anteriores) e, ao se deparar com uma nova leitura, ele aciona esses saberes para construir sua interpretação mediante o texto a ser lido.

Foi pensando nisso, caro (a) professor/professora, que para este momento, selecionamos o cordel História de Juvenal e o Dragão para a aplicação prática da oficina de leitura com vista a um novo olhar para o ensino da literatura. Portanto, considerando o exposto e a sequência de leitura em questão, acreditamos que no final desse estudo, cada um (a) dos (as) nossos (as)

participantes, mediante os objetivos que permeiam o ensino de leitura na sala de aula (Brasil, 1998, p. 50-51), esteja habilitado (a) para:

- ler, de forma autônoma, textos de diferentes gêneros e temas, apoiando-se em seus conhecimentos prévios;
- ser receptivo a textos que rompam com suas expectativas através de leituras interessantes e desafiadoras;
- trocar impressões com outros leitores sobre os textos lidos, se posicionar de forma crítica; e
- compreender a leitura literária em suas mais diferentes dimensões.

5.3.2 Metodologia adotada nas oficinas de leitura

Professor (a), nesta etapa é importante ouvir/escutar cada um dos participantes com a finalidade de não apenas apreciar o que cada pessoa terá a dizer ou contribuir com o processo de leitura, bem como com o intuito de constatar e registrar, se possível for, possíveis relatos sobre cultura popular e, em especial, sobre a literatura de cordel e suas manifestações ou contribuições na vida particular dos alunos envolvidos nas atividades de leitura, e até mesmo de pessoas da comunidade onde vivem estes alunos.

Após este momento, é aconselhável pedir aos participantes que registrem por escrito esses relatos ou registrem em fotos este momento como forma de valorizar o conhecimento para futuras discussões sobre o tema na sala de aula. É importante também convidar todos os participantes das oficinas de leitura a participar dos encontros conforme anteriormente descritos. Para esse momento, elaborar uma sequência básica de leitura para direcionar o processo e os desdobramentos de todas as suas etapas.

No nosso caso, para iniciar os alunos no processo de experiências de letramento literário por meio do cordel “A histórias de Juvenal e o Dragão”, de Leandro Gomes de Barros, pensamos e criamos uma proposta metodológica de leitura a partir do modelo de sequência básica sugerido por Rildo Cosson (2021), com o intuito de alcançarmos os objetivos da pesquisa. Sobre a sequência básica adotada, este autor propõe que a organização do trabalho com o texto literário seja sistematizada por meio de quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Professores (as), na intenção de facilitar seu trabalho de leitura com os alunos na sala de aula, tendo em vista a escassez de material que o professor enfrenta no cotidiano escolar,

principalmente na escola pública, achamos por bem, embora não nos seja aconselhável, descrever aqui, ainda que de forma resumida, os quatro passos da sequência de leitura de acordo com Cosson.

A motivação é momento em que mediador deve despertar o interesse do aluno e prepará-lo para mergulhar no texto e suas tramas narrativas. Sobre esta etapa, Cosson (2021) defende a ideia de que o sucesso inicial do encontro entre a literatura e o leitor depende de uma boa motivação. Como justificativa de seu posicionamento, ele considera também que “[...] as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir” (Cosson, 2021, p. 55).

Em outras palavras, independentemente do percurso a ser percorrido nesse momento de motivação para a leitura de um texto ou de uma obra, esse caminho tem que se relacionar com a obra a ser trabalhada no espaço escolar. No nosso caso, a proposta didática elaborada para nortear a mediação, foi motivada essencialmente por meio da contação oral e leitura completa da obra “História da Princesa do Reino da Pedra Fina”, do cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros. Juazeiro do Norte, tipografia São Francisco, s.d., e da exibição de uma cena do filme sobre a obra abordada Juvenal e o Dragão: vídeo disponível em livre adaptação, de Julierme Galdino do conto homônimo de Leandro Gomes de Barros para áudio visual. Direção de Julierme Galdino e Eliwelton Farias disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfde>. Duração de 36:26. Tais procedimentos foram feitos com o objetivo de gerar discussões e motivar os estudantes para a leitura do cordel objeto de leitura da pesquisa.

A segunda etapa corresponde à introdução, momento em que se apresenta o autor e a obra selecionada para leitura. De acordo com Cosson (2021), mesmo sendo uma atividade simples, este momento requer do professor mediador objetividade e alguns cuidados, como por exemplo, evitar apresentações longas sobre a vida do autor. “Aliás, não custa lembrar que a leitura [...] pretende reconstituir [...] aquilo que está dito para o leitor” (Cosson, 2021, p. 60). Um outro cuidado diz respeito à apresentação da obra: é preciso que o professor fale do texto e justifique a sua escolha, mas de forma a evitar fazer uma síntese da obra “[...] pela razão óbvia de que, assim, se elimina o prazer da descoberta” (Cosson, 2021, p. 60).

É, portanto nesta etapa, que a literatura é apresentada fisicamente aos estudantes. Nela, cabe ao docente despertar a atenção dos discentes para a apreciar a capa, os demais elementos paratextuais que constituem a produção e “[...] levantar hipótese sobre o desenvolvimento do texto e incentivar os alunos a comprová-las ou recusá-las depois de finalizada a leitura do livro” (Cosson, 2021, p. 60).

No nosso caso, de acordo com a sequência didática elaborada e aplicada com os participantes, esse momento introdução foi reservado à apresentação física do cordel adotado, à discussão acerca da xilogravura que ilustra o folheto, à apresentação do personagem Juvenal (espaço aberto para cada participante relatar o que sabe ou já ouviu sobre esse herói, e o que espera da obra) e à uma breve exposição biográfica sobre a vida e obra de Leandro Gomes de Barros. Nesse momento, todos os participantes também foram esclarecidos sobre outras obras e possíveis contribuições deste poeta para a literatura paraibana.

A terceira etapa corresponde à leitura. De acordo com Cosson (2021), o acompanhamento da leitura é por demais essencial na proposta de letramento literário. Entretanto, “[...] o professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, e sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura” (Cosson, 2021, p. 62). Na nossa pesquisa, reservamos esse momento à apreciação integral da obra (leitura realizada em voz alta pelo mediador e respeitando o ritmo imposto pelo gênero). No decorrer do processo, houve também momentos em que alguns discentes assumiram a leitura, como também houve algumas pausas necessárias para esclarecimento de algumas dúvidas dos alunos sobre a narrativa.

Para este momento, professor, orientamos aplicar pequenas atividades (previamente pensadas e elaboradas), com o objetivo de tornar mais significativa a aprendizagem dos discentes sobre a obra, objeto de leitura. Por meio delas, há de ficar mais evidente o horizonte de expectativas de leitura de seus alunos.

A quarta e última etapa da sequência é denominada de interpretação. Segundo o autor supracitado (2021, p. 65), “[...] a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isto, por mais pessoal e íntimo que esse momento [...] possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social”. Para interpretar, o leitor aciona seus saberes anteriormente formulados a partir de sua interação com o mundo. Nessa etapa, Cosson defende que a escola crie/ofereça momentos de leitura que possibilitem aos seus educandos não apenas “compartilharem a interpretação”, mas também “ampliarem os sentidos construídos individualmente diante o texto lido, porque:

A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. Esse trabalho requer uma condução organizada, mas sem imposições. Não cabe, por exemplo, supor que existe uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena. (Cosson, 2021, p.65).

Ainda de acordo com esse mesmo autor, no processo do letramento literário, as atividades de interpretação de textos/obras literárias devem se basear no princípio de registro da leitura. O que pode variar tendo em vista a presença de alguns fatores como: o texto proposto, a idade e o nível escolar em que se encontram os alunos.

Nessa etapa, o professor pode/deve propor várias atividades aos estudantes, como por exemplo, produzir um desenho que retrate/simbolize uma cena da obra que está sendo trabalhada na aula, um encontro com o protagonista da obra ou mesmo a produção de um pequeno texto imaginando outro final para o desfecho da obra. Sugestões essas que nós aplicamos no momento interpretação da obra abordada.

5.3.3 Aplicação das oficinas de leitura

Elaborada em meados de setembro/outubro de 2023, a referida proposta, que aqui chamamos de sequência básica de leitura foi planejada para ser aplicada na sala de aula com os estudantes selecionados durante quatro encontros presenciais, denominados de Oficinas Pedagógicas de Leitura Literária, num total 10 horas/aula. Entretanto, como alguns fatores interferiram no andamento das oficinas, não sendo possível cumprir todas as atividades nos quatro momentos (motivação, introdução, leitura e interpretação) e dentro do período previsto. Tivemos que planejar um quinto encontro (momento culminância), o qual denominamos de vivenciando a leitura.

Com isso, as oficinas ocorreram nos dias 18, 25 e 27 de outubro, e 01 e 10 de novembro do corrente ano, no período da tarde nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Flávio Maroja Filho. Os dois primeiros encontros foram realizados na sala de recurso (sala climatizada, com tv e mesas para a realização das atividades), já o terceiro e quarto encontros, na própria sala de aula, sem boa acomodação para este tipo de trabalho com a leitura, e o quinto e último encontro aconteceu na sala de aula do quinto ano, que nos foi cedida pela professora Aline Pessoa de Pontes (professora da turma), para que pudéssemos realizar o encerramento num espaço mais tranquilo e aconchegante.

Diante de um imenso acervo de folhetos existentes, optamos por dois cordéis: A Princesa da Pedra Fina e Juvenal e o Dragão. O primeiro - A Princesa da Pedra Fina - foi apresentado aos participantes da pesquisa como leitura e exemplificação do texto cordel durante as oficinas para mostrar aos estudantes a estrutura do cordel. O segundo – A história de Juvenal e o Dragão - constituiu o nosso corpus de trabalho

Professores, o objetivo desse momento foi sistematizar e promover o ensino do letramento literário por meio de uma sequência básica de leitura sobre a obra adotada em turmas de 8º ano. Ao final foi realizada também a exposição dos trabalhos produzidos pelos alunos no momento culminância (5ª oficina) e, como resultado disso, lhes apresentamos o presente caderno pedagógico como material de apoio que poderá ser utilizado por outros professores e professoras de língua /literatura da rede municipal de ensino de Santa Rita - PB. O passo seguinte se refere à análise (relato) e discussão das ações de leitura realizadas pelos participantes durante as oficinas a partir do cordel adotado pelo presente estudo.

Oficina I - Iniciação à leitura literária

1º ENCONTRO (Motivação): Aproximadamente 2 horas/aula

HORÁRIO: 13h10 min às 14h40min.

Aulas 1 e 2: Obra abordada neste encontro: História da Princesa da Pedra Fina

Objetivos desta oficina:

- *Motivar e incentivar os alunos a participarem da pesquisa sobre formação de leitores;
- *Realizar a leitura integral do cordel: História da Princesa da Pedra Fina, de Leandro Gomes de Barros;
- *Apresentar aos discentes participantes da pesquisa o formato e características do cordel como capa, xilogravura, rimas e tipos de versos;
- *Averiguar se os alunos recordam alguma outra história cordelista com algumas semelhanças com a Princesa da Pedra Fina.

Imagem 4: Um convite à leitura



Fonte: Arquivo do autor (2023)

O primeiro dos cinco encontros previstos para o cumprimento da mediação - aplicação da oficina de leitura, norteadada pela sequência básica elaborada - iniciou por volta das 13h e 10 min. do dia 18 de outubro de 2023. Nesta oficina, esperávamos a presença de todos os participantes da pesquisa: JR, JRS, KI, KV, JV, LF, MH, MV, PG, RK, TF e VH (meninos/alunos) e MR, MA, EV, AR, AB, DM, NV e AA (meninas/alunas). Entretanto, este momento contou com a presença de 17 participantes, porque os estudantes KV, TF e JRS não compareceram ao encontro, mas se comprometeram em cumprir as demais etapas planejadas: da introdução à interpretação.

Inicialmente, foi apresentada aos participantes a xilogravura que ilustra a capa do folheto proposto para o trabalho (cópia do cordel ampliada exposta numa folha isopor). Como forma de estimular a curiosidade dos aprendizes, o título do cordel abordado e o nome do autor foram ocultados, de forma intencional por uma tarja. Para darmos início a essa discussão, todos os envolvidos foram convidados a refletir sobre as seguintes questões:

- Você sabe o que é uma xilogravura?
- Já viu esta xilogravura em algum lugar?
- Você imagina quem é essa pessoa ou personagem?
- Na sua opinião, essa personagem é herói ou não herói?
- Que animal é este ao lado do personagem?

Ao se depararem com a primeira dessas questões, os alunos ficaram apreensivos, tentando respondê-las. Apenas os estudantes EV, MR e RK afirmaram já conhecer uma xilogravura, mas não souberam defini-la de forma precisa. No entanto, esse resultado já era previsto por esta pesquisa, uma vez que praticamente quase todos os alunos, na primeira coleta de dados, alegaram não conhecer literatura de cordel. Havendo uma estreita relação entre este gênero e a xilogravura (uma espécie de imagem artística que geralmente é adotada pela literatura de cordel para ilustrar as capas dos folhetos), julgamos pertinente apresentarmos um pequeno texto explicativo, exposto numa cartolina, sobre a conceituação e o processo de construção de uma xilogravura, ilustrando-o com alguns exemplos de capas de outros folhetos, inclusive com a xilogravura da obra História da Princesa da Pedra Fina, cordel adotado para introduzir essas oficinas, com o objetivo de esclarecer a dúvida de nossos aprendizes.

Porém, ainda durante a explicação, alguns participantes admitiram já ter visto tais imagens, mas informaram não saber que esses desenhos eram xilogravuras, ou seja, até tinham conhecimento sobre a sua existência, mas desconheciam a técnica usada para produzi-la.

Retomando a imagem que ilustra a capa do folheto proposto para leitura completa, todos os envolvidos/estudantes afirmaram nunca ter visto a referida xilogravura, mas é importante relatar uma situação muito interessante que ocorreu. Percebemos nas inferências que os educandos, aos poucos, fizeram sobre o personagem da capa do cordel abordado. Nesse ínterim, foi gerado um pequeno debate em que os aprendizes foram convidados a expor o que pensavam sobre a imagem (xilogravura em questão).

Neste momento, o educador responsável por conduzir o aprendiz no avanço da leitura precisa considerar a bagagem de experiências anteriores trazidas pelo estudante, para, a partir do que ele já conhece, dar sequência à leitura. Mas também é fundamental partir para o desconhecido para que o educando possa ampliar seus horizontes de leitura porque

[...] crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (Cosson, 2014, p. 35).

Nesse momento de exposição oral, o estudante RK relatou que, em sua opinião, o personagem da imagem se tratava de um guerreiro. Já o estudante KI disse acreditar que o personagem se tratava de um caçador, porque estava acompanhado por cães. Na opinião dos estudantes MR, MA, DM JV, EV, MH, VH, AB e PG, o personagem em questão parece ser um herói em busca de aventuras. No que diz respeito à imagem do animal que aparece ao lado do personagem na capa do cordel, duas hipóteses foram levantadas: um grupo defendeu a ideia de que se tratava de um cavalo e dois cachorros, e um outro que afirmou se tratar de um dragão. Houve também, como sempre há na sala de aula, alguém que preferiu não expor sua opinião por motivo pessoal.

É importante frisar que esse momento pré-leitura permitiu que os participantes vivenciassem uma experiência de leitura e de construção de sentidos para o texto abordado e que só as etapas e a leitura posteriores irão confirmar ou negar essas inferências aqui levantadas.

Dando sequência à descrição do primeiro encontro, antes de se revelar o nome da obra a ser lida de forma integral na oficina, os participantes também foram convidados a ouvir o relato de uma outra história: História da Princesa da Pedra Fina. Esta obra, como bem já foi informado anteriormente, também faz parte do universo cordelista de Leandro Gomes de Barros. O objetivo desse momento foi averiguar se os alunos conheciam ou conseguiam perceber/relacionar diferenças e/ou possíveis semelhanças desse cordel com outra história cordelista, no caso, Juvenal e o Dragão.

Entretanto, antes da leitura do cordel, escolhido para a motivação, procuramos situar os participantes acerca dessa obra (através de uma breve síntese oral) sem dar margem para a revelação sobre o final da história. Para este momento, Cosson (2021, p.54) defende que o sucesso inicial do encontro entre literatura e leitor depende de boa motivação. Considera também que “[...] as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir”.

Para a realização desse momento de leitura, foram entregues a cada um dos participantes, cópias do texto para uma leitura integral da obra. Durante a leitura dessa obra, vários estudantes interromperam a leitura, alegando lembrarem de alguma história muito semelhante. É como se eles já tivessem vivenciado alguma forma de experiência de leitura com o texto adotado para a motivação. Passado este momento, os leitores (educandos) tiveram de responder alguns questionamentos.

Primeiro questionamento: “algum momento da leitura despertou a atenção de vocês e por que?” Segundo questionamento: “vocês se recordam de alguma outra história que tenha um momento muito parecido com a obra que acabamos de ler? Se vocês recordam, qual?”

Sobre o primeiro questionamento, os estudantes EV, AR, DM, AB, PG, MR, KI e VH, por exemplo, informaram se sentiram despertados pela leitura do cordel adotado para a motivação e estarem dispostos a permanecer nas oficinas. O estudante MH falou que não se sentiu motivado, porém não apresentou justificativa para sua não motivação. Já os demais participantes não se manifestaram a respeito da questão. No que diz respeito ao segundo questionamento, os participantes EV, KI e MH afirmaram que não têm lembrança de uma outra história parecida, enquanto que os estudantes: MR, RK, PG, JR, TF e AA afirmaram ter uma vaga lembrança de outra história parecida envolvendo rei e princesa, mas não lembravam o título. Os demais estudantes participantes AB, MV, JV, DM e MA optaram por não falar. Somente o estudante RK revelou que a narrativa do cordel se assemelha a uma outra narrativa, envolvendo uma princesa e um dragão, mas não lembrou o exato título da obra.

Após escutar as considerações dos estudantes sobre a obra lida, foi retirada a tarja que ocultava o título da obra a ser lida nos próximos encontros, e revelados o título e o autor do cordel. Em seguida, foi exibida para todos os participantes uma cena do cordel, “História de Juvenal e o Dragão”, vídeo disponível em Livre adaptação, de Julierme Galindo do conto homônimo de Leandro Gomes de Barros para audiovisual. Direção Julierme Galindo e Eliwelton Farias, disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfde> com duração de 36:26.

Depois da exibição do vídeo, foram feitas as seguintes perguntas aos participantes:

- A) E agora, vocês já descobriram o nome do personagem da literatura de cordel sobre o qual falaremos nos nossos próximos encontros?
- B) O que você acha que Juvenal e seus cães aprontarão com o Dragão?

Indagados sobre a primeira questão acima, todos os estudantes foram unânimes em afirmar que nos próximos encontros trabalharíamos o cordel exibido no vídeo supracitado. Compreende-se, então, que tal contribuição (a exibição do vídeo) foi muito significativa, pois foi possível notar que os alunos se mostraram motivados a participarem dos próximos encontros de leitura aguçados pela pergunta motivadora: “o que você acha que Juvenal e seus cães aprontarão com o dragão?”, questão que abriu nosso segundo encontro de leitura (Oficina II: INTRODUÇÃO), pois, como nos diz Cagliari (2005, p.160): “[...] de tudo que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação”.

Objetivo principal dessa primeira oficina foi motivar os participantes/discentes para participarem do segundo dia de oficina (Oficina II-INTRODUÇÃO). Duração total desse encontro (Oficina I - MOTIVAÇÃO), aproximadamente 90 min. (2h /aula) para leitura, exibição do vídeo e considerações finais deste primeiro encontro.

Oficina II - Introdução à leitura da obra

2 ° ENCONTRO (Introdução): Aproximadamente 2 horas/aula

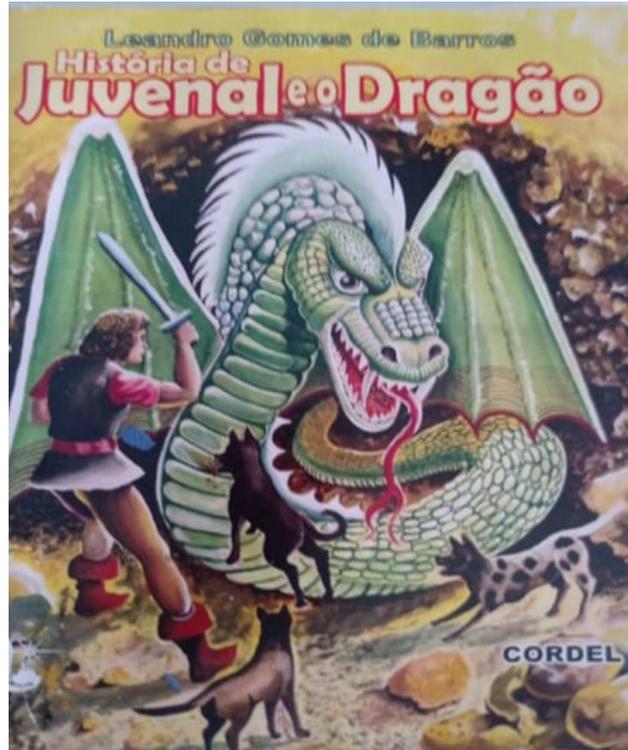
HORÁRIO: 15h:15h30min às 17h:00

Aulas 3 e 4: Obra para estudo neste encontro: História de Juvenal e o Dragão

Objetivos desta oficina:

- *Apresentar aos participantes Leandro Gomes de Barros, através de uma minibiografia do autor;
- *Apresentar aos discentes participantes da pesquisa a obra – História Juvenal e o Dragão; e
- *Averiguar se os alunos conhecem ou conseguem perceber/relacionar diferenças e/ou possíveis semelhanças entre o cordel História da Princesa da Pedra Fina e o cordel Juvenal e o Dragão, obra abordada nesse encontro.

Imagem 5: Capa do cordel “História de Juvenal e o Dragão”



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Professores, não muito diferente do que foi feito na oficina I, neste momento, também é importante ao professor, mediador da leitura, estar motivado para estimular a turma e conduzi-la de forma motivadora para melhor conhecer texto/obra a ser trabalhados. Apresente a obra de forma estimulante, deixando o aluno curioso e disposto a ler a obra, dissecando-a, analisando-a e vir à tona interpretações significativas.

Foi seguindo a proposta da sequência básica elaborada, que no 2º dia de oficina, retomamos a leitura do vídeo exigido no momento motivação (no primeiro encontro) para reforçar a leitura e iniciarmos a leitura do cordel a ser trabalhado nesse segundo dia de oficina. Passado esse tempo, os alunos tiveram que responder oralmente e também de forma escrita, as seguintes perguntas feitas por este pesquisador sobre a obra a ser trabalhada, respeitando-se e ouvindo-se as opiniões de cada um deles. Para esse primeiro momento, segundo dia de oficina, planejamos o seguinte roteiro:

- O que você sabe sobre Juvenal?
- Você conhece alguma outra história semelhante envolvendo um outro guerreiro e um dragão ou uma outra fera parecida?

Para você que é professor, oficinairo, professor pesquisador ou mediador de leitura, uma outra questão de grande importância para este momento é que se realize junto com a turma uma breve pesquisa biográfica do(a) autor(a) da obra em estudo, para situar os estudantes sobre a importância, vida e obra de quem a escreveu.

Nesta perspectiva e conforme já havia previsto e planejado, foi assim que fizemos uma pequena pausa para apresentar aos discentes de forma oralizada e explicativa, uma pequena síntese sobre a vida e obra de Leandro Gomes de Barros e refletirmos um pouco sobre as questões supracitadas. Depois, num segundo momento, nossos estudantes se depararam com os seguintes questionamentos:

- O que vocês imaginam dessa leitura, ou seja, quais as suas primeiras impressões e hipóteses?
- Você está realmente motivado para conhecer esta obra? Por que?

Para finalizar este encontro de introdução aos estudos da obra objeto desse estudo, e após importantes momentos de reflexão e de diálogo sobre o cordel a ser abordado no próximo encontro (momento de leitura), procuramos esclarecer a importância da obra e de seu autor.

É imprescindível ao professor neste momento esclarecer seus alunos a respeito do autor e obra, características marcantes desse autor, estilo de escrita, sua temática preferida e suas origens.

Em nosso trabalho, todos os aprendizes foram esclarecidos de alguns aspectos que mereciam ser pontuados e aproveitamos a ocasião para informar aos alunos que o personagem Juvenal é uma criação de Leandro Gomes de Barros, poeta paraibano de destaque nacional, considerado o pai do cordel nordestino. Em seguida, apresentamos também aos participantes uma breve biografia (em forma de resumo) do autor/poeta abordado na pesquisa, suas contribuições literárias para promover o letramento literário e, principalmente, para o engrandecimento da literatura cordelista no cenário nacional e paraibano.

Tempo utilizado nesta oficina :2h/a.

Recursos necessários: Espaço apropriado à leitura, cordéis, textos xerocopiados e TV. **Método avaliativo:** Por meio da participação nas conversas, da escuta, da resolução das atividades propostas por meio da oralidade, e relato de experiências.

Oficina III - Lendo e formando leitores

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita (Brasil, 2000, p. 42).

3 ° ENCONTRO (Leitura): Aproximadamente 2 horas/aula
HORÁRIO: 15h e 30 min. às 17h:00

Aulas 5 e 6: Obra para leitura integral neste encontro: História de Juvenal e o Dragão

Objetivos desta oficina:

- *Apresentar aos discentes participantes da pesquisa a obra –Juvenal e o Dragão, obra abordada nessa pesquisa (pequena síntese oral);
- *Leitura em voz alta do cordel: História de Juvenal e o Dragão.

Imagem 6: Antenados na leitura



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Senhor (a) professor (a), muita atenção para este momento. Não que ele seja o mais importante, mas porque é exatamente nesse instante em que o aluno precisa de um maior acompanhamento nesse trabalho, vez que a leitura exige maiores cuidados e uma atenção mais cuidadosa. Mas cuidado para não inibir o aluno numa leitura vigilante.

Para este momento procure acolher e acompanhar o aluno de forma acolhedora e tranquila num ambiente acolhedor e convidativo à leitura. Foi pensando e prevendo tudo isso, que ficamos atentos a estes cuidados e recomendações.

Feito isso, entregou-se o cordel a cada aluno participante para a leitura integral do texto. No 1º Momento (aprox. 1h/ aula), realizada a acolhida dos participantes, prosseguiu-se com a leitura em voz alta do cordel História de Juvenal e o Dragão. Muito motivados pelo que vivenciaram no segundo dia de oficina, alguns estudantes solicitaram espaço para realizar a leitura. Inicialmente aceitamos o pedido dos educandos, pois este estudo acredita ser uma atitude não aconselhável inibir toda e qualquer tentativa de participação do aprendiz durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, principalmente nos momentos de leitura.

Durante a leitura, foram realizadas algumas pausas intencionais visando executar pequenas propostas de atividades. Estas pausas e atividades tiveram o objetivo de auxiliar os leitores (educandos) na percepção das expectativas diante os fatos que se sucediam, ou seja, na construção de sentidos feita pelos aprendizes no decorrer da leitura.

No nosso caso, neste primeiro momento, por se tratar da leitura completa de uma obra, realizamos a leitura do cordel abordado em dois momentos. *No primeiro momento*, fizemos a leitura das páginas 1 até a 19, buscando-se respeitar na leitura o ritmo imposto e característico do cordel. No percurso de realização da leitura, por meio de uma pequena ficha previamente formulada, foi feita aos participantes a seguinte pergunta:

<p>•O que você sabe sobre Juvenal e Dragão?</p>

No 2º momento de leitura (aproximadamente 1h /aula), prosseguimos com a leitura oral e em voz alta da obra Juvenal e o Dragão e desta feita das páginas 20 até a página 31. Por ser um trecho mais curto, foi realizada apenas a leitura, mas com a preocupação de procurar perceber o interesse (recepção /aceitação do texto) e as expectativas dos estudantes e sempre buscando manter o diálogo com eles, encarregando-os de responder a algumas questões previamente formuladas durante a elaboração dessa sequência didática.

Professor (a), são estes os cuidados a que nos referimos ao iniciar esta oficina. Fazer o um cuidadoso acompanhamento dos alunos durante todo esse processo de leitura, mas sem vigilância e sem correções desnecessárias e punitivas.

Lidas as primeiras páginas desse bloco (páginas 20 a 31), oicineiro lançou aos participantes envolvidos a seguinte pergunta:

<p>•Vocês já perceberam do que trata essa obra, ou seja, qual é o seu tema (mote)?</p>
--

Após o momento descrito, prosseguiu-se com a apreciação do cordel. Para perceber se os alunos conseguiam associar o personagem Juvenal e as suas aventuras às ações de um herói, e se os fatos que ocorrem na narrativa, até então carregados de elementos, conduziam a isso, decidimos por meio de uma pequena ficha também previamente formulada, realizar aos participantes as seguintes perguntas:

- O que você acha que acontecerá com Juvenal e a princesa?
- Você concorda com essa atitude vil do cocheiro? Por quê?
- E agora, como você acha que Juvenal será tratado no reinado da princesa?

Nesta etapa, senhor professor, todos estes e outros cuidados são de suma importância para o acompanhamento da leitura, mas se por acaso surgir algum imprevisto, o professor mediador da leitura deve estar aberto a buscar outros caminhos para sanar o impasse.

Foi assim, como nos momentos anteriores, que terminamos esse 3º dia de oficina. Concluída a leitura da narrativa, os estudantes fecharam a literatura, relataram suas impressões no papel (ficha preparada para isto) para, posteriormente, socializá-las com o grupo na próxima oficina.

Tempo utilizado nessa oficina de leitura :2h/a.

Recursos necessários: Local apropriado à leitura, cordéis, textos xerocopiados.

Método avaliativo: Por meio da participação nas conversas, da leitura, da escuta, da resolução das atividades propostas por meio da oralidade, e relato de experiências.

Oficina IV- Um momento de releitura

4º ENCONTRO (Interpretação): Aprox. 2 horas/aula

HORÁRIO: 13h:10 min às 14h:40min

Aulas 7 e 8. Obra abordada neste encontro: História de Juvenal e o Dragão

Objetivos desta oficina:

*Propor aos participantes que retratem/desenhem em uma folha ofício ou numa cartolina (cor branca) uma cena da narrativa de Juvenal e o Dragão, que mais lhe chamou atenção;

*Pedir para os participantes imaginarem e escreverem um pequeno texto no formato de cordel ou em prosa apresentando /sugerindo um novo/possível final para a narrativa do cordel Juvenal e o Dragão.

Imagem 7: Lendo e produzindo sentidos



Fonte: Arquivo do pesquisador

Senhor (a) professor (a), dando continuidade a sequência didática elaborada para o estudo desta obra: *História de Juvenal e o Dragão*, esta etapa foi previamente pensada com o objetivo de deixar os envolvidos mais à vontade para que pudessem de forma livre e prazerosa compartilhar suas experiências de leitura literária por meio do cordel escolhido em práticas sociais de letramento literário. Ou seja, foi uma forma de proporcionar e garantir a esses leitores possibilidades de interpretações para a obra abordada por meio de atividades previamente elaboradas.

Entretanto, professor (a), antes de iniciar o relato propriamente dito, é necessário acrescentar que este momento seja pensado e organizado sem aquelas velhas práticas de imposições de leituras, que geralmente permeiam o ensino da leitura na aula de Língua Portuguesa/Literatura independentemente da fase de ensino em que se encontram os alunos.

Para isso, procuremos, por exemplo, mediar esse momento construído pelos envolvidos durante todo o processo de vivência, na perspectiva da orientação de Rildo Cosson (2021, p. 66), que assim nos orienta:

Não se pode supor que existe uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena. [...]. Se for para haver limites, que eles sejam buscados na coerência da leitura e não nos preconceitos que rondam o letramento literário na escola. Só assim teremos de fato uma comunidade, e seus leitores poderão, tanto no presente quanto no futuro, usar a força que ele proporciona para melhor ler o mundo e a si mesmos.

Nesta oficina, nossos estudantes se depararam com duas atividades de interpretação a serem realizadas, nesse 4º dia de leitura.

Como primeira atividade da oficina (momento interpretação), foi proposto aos participantes:

1. Desenhar em uma folha ofício ou em uma cartolina (cor branca) uma cena da narrativa da obra abordada (poderia ser o fato que mais chamou a atenção do/da discente). E abaixo da produção, explicasse o momento da história que ele/ela ilustrou.

É aconselhável para este momento que o professor incentive os alunos que desejarem expor e explicar seus trabalhos para os demais colegas (a cena retratada e os motivos de sua escolha, ou seja, informar o (s) motivo (s) que os levou a escolher a cena retratada).

Como segunda atividade para este momento (interpretação), solicitar aos estudantes a:

2. Imaginar como seria um possível encontro com o protagonista da narrativa: o que aconteceria nesse encontro, onde seria e o que eles diriam para Juvenal. Em seguida, **ESCREVER** uma pequena história contando essa sua nova experiência de leitura/interpretação. Mas para isto, orientá-los a observar as seguintes recomendações: deixando-se levar pela imaginação, **escreva um texto em verso ou em prosa**, atentando para a caligrafia, para a ortografia e outros aspectos da estrutura textual, não esquecendo de atribuir um título ao texto.

Foi assim que fizemos com nossos alunos nessa oficina. E assim professor (a), não havendo nada mais a tratar sobre o 4º dia de oficina, os discentes foram convidados a explicar sua produção, o motivo da escolha e interesse por tal passagem no quinto encontro de leitura, que o denominamos de **vivenciando de leitura**.

Tempo utilizado nessa oficina interpretação: 2h/a.

Recursos necessários: Local apropriado à leitura, cordéis, textos xerocopiados, papel ofício e lápis de cor.

Método avaliativo: por meio da participação nas conversas, resolução das atividades propostas por meio da oralidade e/ou da escrita e de relato de experiências.

Oficina V- Vivenciando a leitura literária

Ouvir. Talvez esteja aí uma questão metodológica da maior importância para quem deseja trabalhar com a poesia popular (texto literário). Abrir os ouvidos para os ritmos, para as falas, para os versos que viajam de boca em boca na experiência do povo. Pode haver aí muita beleza a que não damos atenção (PINHEIRO 2004, p. 106).

5 ° ENCONTRO: Culminância: Aprox. 2 horas/aula

HORÁRIO: 15h:30 min às 17h:00

Aulas 9 e 10. Obra abordada neste encontro: História de Juvenal e o Dragão (Releitura).

Objetivo desta oficina:

*Convidar e incentivar os alunos a socializarem os textos produzidos durante as oficinas- momento INTERPRETAÇÃO.

Imagem 8: Socializando a leitura



Fonte: Arquivo do pesquisador

Imagem 9: O cordel pede voz



Fonte: Arquivo do pesquisador

Senhor(a) professor(a), para este último encontro de partilha do conhecimento e experiências, aconselhamos dialogar com os participantes com o objetivo de ver a melhor maneira de compartilharmos esta etapa, pois trata-se de um momento de socialização dos

trabalhos construídos ao longo das oficinas e como sabemos, nem todos os participantes estarão dispostos e encorajados para participar desse momento por timidez ou mesmo por outras questões de ordem pessoal, preferindo apenas ouvir aqueles colegas que se dispõem a se apresentar.

Por isso é muito importante que nessa hora o professor mediador da leitura deixe os alunos ficarem à vontade para que a socialização dos trabalhos aconteça de forma livre e tranquila.

Para esta etapa, achamos por bem dividirmos didaticamente este momento em dois tempos (mas isto vai depender de como o mediador vai coordenar este momento). No primeiro momento, recapitulamos os momentos anteriores (Oficinas I à IV), esclarecemos algumas dúvidas, dialogamos um pouco sobre a importância de nossa pesquisa, as leituras realizadas, as dificuldades encontradas ao longo do processo, os anseios e angústias nos momentos de leitura, ou seja, sobre os momentos em que estivemos juntos. No segundo momento, compartilhamos as nossas produções (desenhos e poemas construídos no momento Oficina Interpretação).

Anunciado anteriormente (no término da oficina 4) para este momento intitulado **Vivenciando a leitura**, convidamos os discentes a expor e compartilhar suas produções e os motivos de suas escolhas.

No entanto, eles não se contiveram somente nisso e foram mis além. Decidiram dividir com esteicineiro o prazer e a satisfação de poderem ter participado não apenas dos momentos das oficinas, mas de todas as demais etapas da pesquisa desde a apresentação do projeto, a aplicação do questionário anterior à intervenção, a assinatura do TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), a aplicação do questionário posterior à intervenção até esse momento final, mais leve e descontraído.

Foi muito gratificante, professores! Momento inesquecível ver os alunos dialogarem, lerem e dividirem experiências. Foi indescritível. E, conforme já falado anteriormente, voluntariamente alguns se dispuseram a socializar a obra por meio de suas produções (desenhos/textos), explicando suas escolhas e os motivos que os levaram a fazê-las. Outros, porém, decidiram escutar os corajosos apresentadores.

A experiência foi marcante e intermediada por eventos de letramento literário. Em outras palavras, foi uma forma de iniciar nossos jovens leitores na literatura de cordel e na construção de novas interpretações para a obra abordada por meio das atividades aqui descritas e, previamente pensadas com foco na formação de leitores.

Tempo utilizado nessa oficina:2h/a.

Recursos Necessários: Local apropriado à leitura, cordéis, textos xerocopiados, TNT e fita adesiva.

Método avaliativo: Por meio da participação nas conversas, a roda de conversa sobre as atividades propostas por meio da oralidade e da escrita, e da socialização dos trabalhos realizados

5.4 ATIVIDADE DIAGNÓSTICA FINAL

Professor (a), no que se refere à realização desse procedimento didático, sugerimos que logo após o evento de vivência com a leitura do (s) cordel (eis) se aplique uma atividade diagnóstica final com o objetivo de avaliar o resultado das mediações didáticas pedagógicas realizadas ao longo do desenvolvimento das etapas das oficinas, a fim de se medir o grau de aprendizagem de nossos aprendizes antes, durante e pós intervenção (mediação).

Para isso, aconselhamos você professor (a), a planejar um momento para que os alunos compartilhem o conhecimento e as experiências adquiridos por meio, por exemplo, de oficinas leitura. Para este momento, você também poderá criar um canal nas redes sociais no Youtube ou Instagram (ou outros meios de divulgação a que eles tiverem acesso) com o objetivo de estimular os estudantes a pesquisar e alimentar a plataforma escolhida com posts, fotos e textos divulgando sua produção a partir de suas leituras na aula de literatura.

No entanto, o (a) professor (a) (mediador desse trabalho) também poderá fazer algumas adaptações necessárias e junto com a turma pensar outras formas mais viáveis de avaliar, divulgar e aferir os resultados obtido.

No nosso caso, mesmo já sendo visível o sucesso da proposta do letramento literário por meio do cordel abordado, tendo vista especialmente as observações registradas e aos resultados obtidos durante a aplicação das oficinas de leitura (não fizemos uso desses recursos), mas decidimos realizar mais um questionário como forma de possibilitar a cada participante o direito de opinar sobre as experiências de leitura vivenciadas.

Concluídas as atividades de socialização dos trabalhos, todos os presentes foram convidados a prestar esclarecimentos por meio de um questionário previamente pensado e elaborado sobre as seguintes questões:

1. Você gostou de participar das oficinas de leitura?

A. () Sim

B. () Não

Feito isso, professores (as), ficou evidente uma forte identificação dos participantes com praticamente toda a história da obra abordada. A narrativa do cordel escolhido, a abordagem que lhe foi dada, as ações do personagem Juvenal, as estratégias adotadas no estudo da obra, e principalmente a alegria e satisfação de todos eles por terem participado desse estudo. Tudo isto contribuiu significativamente para tais justificativas.

Também queremos acreditar que a apreciação do texto ficou mais atraente graças às situações que nos foram proporcionadas pela sequência básica construída e aplicada para o ensino de leitura sobre formação de leitores por meio do letramento literário. Queremos dizer a vocês professores de Linguagem (língua /literatura), que o sucesso de um trabalho como este requer tempo, leitura, pesquisa, dedicação, foco e principalmente interação ente professor e aluno para se chegar à construção do coletivo (produto final).

Na sequência, apresentaremos algumas das produções que foram socializadas no tempo “vivenciando a leitura” por alguns de nossos participantes por compreendermos ser este momento de grande importância e de alegria para nossos jovens aprendizes.

5.3 DAS CONTRIBUIÇÕES DO 8ºANO PARA O APRIMORAMENTO DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o Cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de fervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistindo em meio ao rolo compressor da cultura de massa (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 128).

Caros professores, este capítulo foi criado para mostrar algumas das produções textuais, resultados de nossos encontros de leitura (oficinas). Seu objetivo é justamente convidá-lo (a) a dividir conosco algumas das produções de nossos estudantes do 8ª ano da EMEF e EJA Dr. Flávio Maroja Filho na cidade de Santa Rita –PB, a partir da leitura completa da obra Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros na perspectiva do letramento literário por meio da sequência básica sobre leitura, de Rildo Cosson (2021).

Exporemos a seguir, como forma de exemplificação e ilustração, alguns trabalhos realizados pelos alunos durante nossa oficina de leitura: Um momento de releitura (interpretação da obra). No entanto, para preservar a identidade dos participantes, estes foram identificados pelas letras iniciais de seus respectivos nomes e sobrenomes, conforme mostramos a seguir.

Neste primeiro momento da amostra, apresentamos o que foi produzido pelos estudantes AA, PG, RK, MV, JR e MH com base na obra abordada com destaque para alguns trabalhos em desenho cuja proposta era a seguinte: Após a leitura da obra JUVENAL E O DRAGÃO, escolha uma cena da história e retrate-a por meio de uma ilustração (desenho), os quais seguem numerados de 10 a 15. Observação: abaixo do desenho, explique o momento da história que você ilustrou.

Imagem 10: Desenho da estudante AA



Fonte: Arquivo do autor (2023)

A estudante AA fez opção pela primeira cena da obra abordada (Imagem 16), ilustrando o momento em que o protagonista da narrativa (Juvenal), logo após a morte do pai e dividir com a irmã os bens deixados de herança, despede-se dela e, juntamente ao que lhe restou da partilha (três carneiros), deixa a casa paterna e começa sua peregrinação pelo mundo, a fim de aventuras.

Imagem 11: Desenho do estudante PG



Fonte: Arquivo do autor (2023)

O estudante PG optou por descrever uma outra passagem da obra (Imagem 17): o exato momento em que ocorre o encontro de Juvenal com outros personagens da ação narrativa, a princesa e o falso cocheiro, que a conduzia para ser devorada pelo dragão. Esta cena é o ponto de partida para o desenrolar dos fatos de toda a sequência narrativa de Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros.

Imagem 12: Desenho do estudante RK



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Nesta cena, o educando RK conseguiu desenvolver a atividade com muita maestria, ilustrando por meio de uma bela imagem o momento em que o dragão sai da caverna (Imagem

12) na tentativa de capturar a princesa. Imagem que mais parece completar a cena retratada pelo estudante MV (imagem 13) em que ele mostra o dragão desejando capturar a princesa no momento em que chega Juvenal para iniciar o combate contra a famosa e temível serpente.

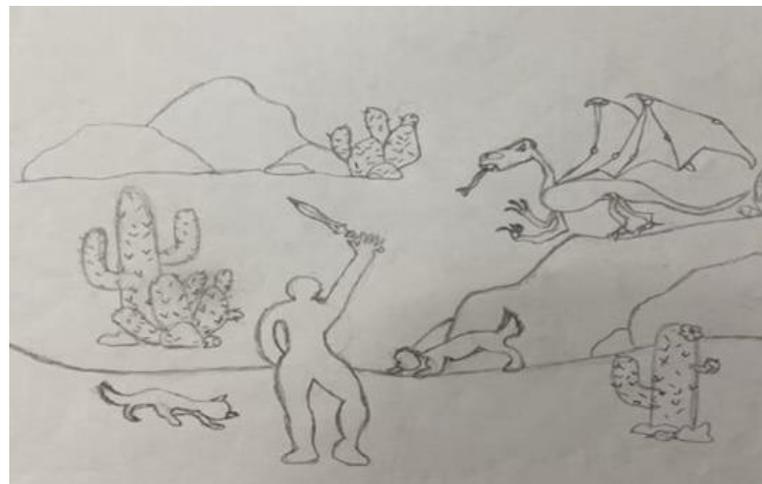
Imagem 13: Desenho do estudante MV



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Dando continuidade a essa sequência narrativa descritiva, o estudante MV preferiu narrar o protagonista da narrativa cordelística em ação, mostrando Juvenal empunhando a espada (Imagem 13) para salvar a princesa - com quem se casará anos depois - das garras da temível serpente, o dragão devorador de moças bonitas daquele reinado distante.

Imagem 14: Desenho do estudante JR.



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Na sequência, o estudante JV (Imagem 14) escolheu a cena em que aparecem os personagens já em ação, com destaque para Juvenal levantando a espada em companhia de seus escudeiros - Rompe Ferro, Ventania e Provedor - todos em posição para o enfrentamento com dragão, que também se já posiciona para entrar em ação.

Imagem 15: Desenho do estudante MH



Fonte: Arquivo do pesquisador

Aqui a primeira parte da narrativa parece chegar ao fim. A cena descrita na imagem acima (Figura 15), pelo estudante MH, mostra o resultado da luta entre o protagonista Juvenal e o terrível dragão. Batalha já retratada na imagem anterior (Figura 14) pelo estudante JR, luta em que parecem o guerreiro Juvenal acompanhado pelos seus anjos de guarda Rompe Ferro, Ventania e Provedor, esbravejando contra o temível dragão.

Professor (a), como observamos, as cenas representadas acima (imagens 10 a 15) pela ordem em que se apresentam: Juvenal deixa sua irmã e sai à procura de aventuras (da Estudante AA); Juvenal conhece a princesa e o cocheiro (Estudante PG); O dragão saindo da fumaça (Estudante RK); O dragão desejando a princesa (Estudante MV), Juvenal lutando contra a serpente (Estudante JR) e O dragão morto (Estudante MH) representam os momentos que mais despertaram atenção de nossos jovens aprendizes. Estas imagens buscam apresentar os fatos na ordem em que eles aparecem no espaço narrativo da obra abordada.

A seguir, apresentamos o segundo momento da oficina interpretação, ilustrando-o com a produção de alguns textos (poemas), também produzidos na oficina pelos estudantes KI, LF, JV e NV sobre o cordel abordado em **Um momento de releitura** (interpretação da obra), cuja proposta foi a seguinte: Imagine como seria um encontro entre o personagem JUVENAL e

VOCÊ. O que aconteceria nesse encontro? Onde seria? O que você diria para Juvenal? Depois escreva uma pequena história contando essa sua nova experiência de leitura. Para executar a proposta, reconsidere as seguintes RECOMENDAÇÕES: dê um título a sua história; seu texto precisa ser redigido (escrito) no formato Literatura de Cordel ou em prosa; atenção à caligrafia, ortografia e outros aspectos estruturais do texto; deixe se levar por sua imaginação e mãos à obra!

Professores, na execução dessas atividades, é possível percebermos a satisfação dos aprendizes por terem tido a oportunidade de viajar pelo mundo da imaginação e, de forma mais livre e prazerosa, construírem seus textos atribuindo novos sentidos/significados ao texto abordado, não permitindo o “fechamento” da narrativa cordelista. Vejam como se expressam os estudantes KI, LF, JV e NV nos textos/poemas a seguir:

Título: Eu e Juvenal
(Autor KI)

1. Juvenal era um jovem
Muito bravo e destemido
Enfrentou um dragão
E um cocheiro atrevido

2. Tivemos um encontro
No reino da aventura
Foi um dia maravilhoso
Lá falamos de literatura

3. Lhe perguntei em seguida
Se ele não teve medo
De enfrentar o dragão
Pondo em risco sua vida.

Fonte: Arquivo do pesquisador (2023)

Título: O encontro com Juvenal
(Autor LF)

1. Quando olhei pra Juvenal
E ele olhou para mim
Pensei logo de imediato
Ser ele uma pessoa ruim

2. Mas logo desconfiei
Quando ele me olhou
E sério me perguntou
- O que você pensa de mim?

3. Meu querido Juvenal,

De onde vem sua bravura
 Ele sério, me respondeu:
 -A vida me fez assim.

Fonte: Arquivo do pesquisador (2023)

Título: Juvenal e seu companheiro
 (Autor JV)

1.Se eu falar com Juvenal
 Vou pedir pra me treinar
 Para ser seu guarda costa
 E com ele trabalhar.

2.Ao chegar no seu reinado
 A ele pude perguntar
 Se isso lhe era possível
 Ele me botou pra treinar.

3.E foi assim que a gente
 Ficou se conhecendo
 Fui nomeado de imediato
 E hoje, sou sua patente.

Fonte: Arquivo do pesquisador

Título: No castelo com Juvenal
 (Autora NV)

1.No castelo com Juvenal
 Eu estava a conversar
 Perguntei quantas missões
 Ele teve que enfrentar.

2.Mas sem me dar reposta
 Ele veio me apresentar
 Uma bela e jovem princesa
 Com quem ele ria se casar

3.Uma moça admirável
 Muito fácil de lidar
 Os dois me convidaram
 Para no casamento ficar.
 E eu que não sou boba
 Aceitei desde já.

Fonte: Arquivo do pesquisador (2023)

Assim, caros professores e professoras, o texto abordado permanece aberto às muitas outras possibilidades de leitura e interpretação e passa a integrar o repertório literário de cada

um dos (as) estudantes envolvidos (as) graças à vivência do letramento literário por meio do cordel paraibano, de Leandro Gomes de Barros.

A partir disso, acreditamos ser preciso e possível abriremos as portas da escola para o conhecimento e para a literatura. Lá é preciso que nossos jovens passem a ser agentes de seu processo de ensino e aprendizagem, vivenciando novas experiências com texto poético. Porque é através da arte literária que nos tornamos mais sensíveis e enxergamos o mundo numa perspectiva mais humanizada. Literatura é arte, e sendo arte, ela forma, transforma, humaniza e sensibiliza o homem. É humanizando as ações de nossos alunos, que humanizaremos nossas escolhas, nossas escolas e, por consequência, a nossa sociedade.

7 DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagem 16: Encerramento das atividades do grupo



Fonte: Arquivo do pesquisador

Professores, por letramentos, entendemos os mais diversos usos que o leitor (aluno) fará da leitura e da escrita como mecanismos de práticas sociais para vivenciar diferentes modos de participação e de interação social, seja na família, na escola, no trabalho, em suas atividades cotidianas ou em outros ambientes coletivos por onde circula. Com base nisso, construímos nossa proposta de mediação de leitura por meio de oficinas pedagógicas para formação de jovens leitores a partir da literatura popular de cordel, com foco no letramento literário.

De acordo com Cosson (2021, p.67), entende-se por letramento literário, “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Portanto, se trabalhar com o cordel enquanto texto literário na aula de literatura significa ampliar as experiências individuais, coletivas e subjetivas dos alunos e proporcionar-lhes novas possibilidades de ver, ler e entender o mundo em que vivem.

Por literatura de cordel, entendemos um texto literário e popular, escrito em versos frequentemente de forma rimada, originado de relatos orais e depois impressos em folhetos, considerada uma das mais belas e importantes manifestações da cultura popular brasileira. Nesse trabalho a elegemos como possibilidades pedagógicas de grande valor sociocultural, possível de ser utilizada como objeto de ensino de leitura na aula de literatura com vistas a promover o letramento literário do público discente selecionado.

Com ela, trazemos ao palco das discussões sobre leitura literária, o espaço da sala de aula e algumas reflexões didático-pedagógicas sobre a importância e a função da literatura de cordel como fator importante para promover o letramento literário de jovens leitores, tendo em vista a “fruição de fatores múltiplos do texto literário”, como já nos disse Bragatto (1995.)

Foi então, nesta perspectiva e mediante as dificuldades de aprendizagem sobre o ensino de leitura e do desestímulo dos alunos na aula de literatura, principalmente no tocante à prática da leitura do texto literário, que em comum acordo com os participantes e o orientador da presente pesquisa, planejamos e desenvolvemos as oficinas pedagógicas sobre leitura e interpretação, por meio do cordel, atreladas às práticas do letramento literário com vistas à formação do leitor proficiente.

Nossa proposta de mediação de leitura para esta fase de ensino teve dentre outros objetivos averiguar se e como a poesia popular pode mediar o processo de leitura na educação básica (anos finais) na rede pública de ensino da cidade de Santa Rita -PB, valorizando a experiência do discente com vista a emancipação desses sujeitos, por meio do letramento literário.

Os resultados apontaram para alguns pequenos, mas significativos avanços como maior assiduidade às aulas de literatura, mais concentração e participação na aula de leitura e produção textual e, principalmente, mais desenvoltura das habilidades de escuta, fala e escrita do texto.

Pois, é praticando a literatura no cotidiano escolar que se alcança o letramento literário. Mas sem esquecer, é claro, a importante função do professor de literatura como um provocador, provedor e mediador da autonomia do educando, diante dos múltiplos sentidos do texto literário e da singularidade da literatura popular enquanto instrumento de transformação social e interpessoal desse sujeito leitor.

Por fim, foi pensando em tudo isso que desenvolvemos o presente caderno pedagógico como uma ferramenta didático-pedagógica de grande utilidade para auxiliar você, professor de literatura, na sala de aula, com o objetivo de facilitar o ensino da leitura literária e também oferecer aos alunos outras possibilidades de aprendizagem no que diz respeito ao ensino de literatura, principalmente quando a escola conta com poucos recursos didáticos disponíveis e favoráveis à pesquisa com a poesia popular no espaço escolar.

8 SOBRE O AUTOR

Imagem17: Professor pesquisador



Fonte: Currículo Lattes

Mestre em Letras pelo PROFLETRAS, Campus IV - UFPB - Mamanguape – PB e Mestre em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Educação do CECAP (2020). Especialista em Supervisão e Orientação Educacional com ênfase em Educação Especial pela Faculdade de Ciências Educacionais e Empresariais de Natal (2019) e especialista em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (2006). Graduado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1998), com formação em: Educação em Direitos Humanos pela UFPB (2019). Atualmente é professor efetivo de Linguagem, Código e suas Tecnologias, da educação básica, na Rede Pública Municipal de Ensino das cidades de Santa Rita-PB e de Bayeux-PB desde o ano de 2002. E-mail: clovis40linguaportuguesa@gmail.com

9 SOBRE O ORIENTADOR

Imagem 18: Sávio Roberto Fonseca de Freitas



Fonte: Currículo Lattes

Professor Associado 2 de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV-Mamanguape) e do PPG-UFPB (Campus I-João Pessoa). Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Recife (2001), Especialista em Literatura Brasileira (2003) e Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (2006). Doutor no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, Campus I - CCHLA, João Pessoa, na área Literatura e Cultura, linha de pesquisa Memória e Produção Cultural. Desenvolveu Estágio de Pós-Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no PPGL-UFPB (2014-2016), no PPGLEV -UFRJ (2018-2019) e no PPGLL-UFAL (2019-2020). No PPGL-UFPB, orienta pesquisas na Área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, Linha de pesquisa Estudos Africanos e Afro-brasileiros. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, Literatura Afro-brasileira e Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: mimese, poesia, ficção, estudo das representações culturais e de gênero nas literaturas de língua portuguesa. É de nosso interesse pesquisas sobre literaturas africanas de língua portuguesa e literatura afro-brasileira, principalmente, a produção literária de autoria feminina. Líder do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), cadastrado no CNPq e certificado pela UFPB. É membro das seguintes associações: ABRALIC, ABRAPLIP e AFROLIC. E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manoel. **Itinerário de Pasárgada** .4 ed. Recife: Nova Fronteira,1990.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.
- BORUCHOVITCH, et al. **A motivação do aluno**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRAGATTO FILHO Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental de Língua Portuguesa**. MEC Secretaria da educação fundamental. Brasília: 1998-2000.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.
- CASCUDO, Antonio. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2021.
- CURRAN, Mark. **Retrato do Brasil em Cordel**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- GALDINO, Julierme & FARIAS, Eliwelton. **Do conto homônimo de Leandro Gomes de Barros para audiovisual**. Direção Julierme Galindo e Eliwelton Farias disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfde> com duração de 36:26.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortex, 2012.
- LIMA, Josefina Ferreira Gomes de. Literatura de cordel: dos folhetos tradicionais aos modernos livros de capa dura. *In: No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel* / Stélio Torquato Lima et al. (organizadores) - Macapá: UNIFAP, 2021.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**. São Paulo: Birut, 2012.
- NEGREIROS, Eliana Costa da Cruz de. Cordel: leitura e escrita. *In Programa Mídias na Educação*. São Paulo: NEC/USP-CEAD/UFPE, 2016.
- PINHEIRO, Helder. **Pesquisa com literatura**. Campina Grande: Bagagem,2004.
- RESENDE, Viviane de Melo. **Literatura de cordel: uma visão etnográfica ao gênero** Universidade de Brasília,2005.
- RUFFINI, Suseny Maia Teles. **O espaço urbano na literatura de cordel: o olhar de Cuíca de Santo Amaro**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2009. p. 149. Disponível em:<http://www.posgeo.ufba.br/disserta%C3%A7oes/O%20ESPACO%20URBANO%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-SUSENY%20RUFFINI.pdf> Acesso:10/06/2010.

SÁ, Giovanni Alves Duarte de. História, resistência e memória na comunicação popular: um estúdio da literatura de cordel na Paraíba. **Vozes & Diálogos**. Itajaí, v.17, n.01, jan/jun.2018.

SANTOS, Claudia Jacinto de Medeiros. **A literatura popular na sala de aula**: uma proposta para o ensino de leitura literária. Currais Novos: UFRN, 2016.

SOBRINHO, M., P. **A Princesa do Reino da Pedra Fina**. São Paulo: Editora Prelúdio, 1957.

SUASSUNA, Ariano. Coletânea de Poesia popular Brasileira. **Revista Deca**, Recife, 1962.

YOUTUBE. **História de Juvenal e o Dragão**. Duração 36m26s.vídeo disponível em Livre adaptação, de Julierme Galindo, disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfde> com duração de 36:26

ANEXO A

MATERIAIS USADOS NAS OFICINAS DE LEITURA

BARROS, Leandro Gomes de. **História de Juvenal e o Dragão**. São Paulo: Luzeiro, 2011.

YOUTUBE. **História de Juvenal e o Dragão**. Duração 36m26s.vídeo disponível em Livre adaptação, de Julierme Galindo, disponível em <https://youtu.be/rIsyDEvbfde> com duração de 36:26.

BARROS, Leandro Gomes de. **História da Princesa da Pedra Fina**. São Paulo: Luzeiro, 1990.